

OTIMVD

PAULO

DIÁRIO DA CORTE

FRANCIS

FRANCIS

CRÔNICAS DO MAIOR POLEMISTA DA IMPRENSA BRASILEIRA

 **TRÊS
ESTRELAS**

APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE NELSON DE SÁ

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Paulo Francis
Diário da corte

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO Nelson de Sá
POSFÁCIO Luiz Felipe Pondé

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Francis, Paulo, 1930-1997.

Diário da corte / Paulo Francis; organização e apresentação Nelson de Sá;
posfácio Luiz Felipe Pondé. - São Paulo: Três Estrelas, 2012.

2ª reimpr. da 1º ed. de 2012.

ISBN 978-85-65339-02-5

1. Artigos jornalísticos - Coletâneas 2. Crônicas 3. Francis, Paulo, 1930-1997
4. Jornais - Seções, colunas etc. I. Sá, Nelson de. II. Pondé, Luiz Felipe. III. Título.

12-01176 CDD-070.442

Índice para catálogo sistemático:

1. Artigos jornalísticos: Coletâneas 070.442

1. Coletâneas: Artigos jornalísticos 070-442

Este livro segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Editora TRÊS ESTRELAS

Al. Barão de Limeira, 401,6ª andar

CEP 01202-900, São Paulo, SP

Tel.: (11) 3224-2186/2187/2197

Texto da Contra-capa

Paulo Francis iniciou sua carreira jornalística como crítico de teatro no final dos anos 1950. Enveredou pelo comentário político na década de 1960, quando atuou na *Última Hora* e ajudou a criar *O Pasquim*, marco da imprensa alternativa. A independência intelectual e a ferocidade crítica de seus comentários levaram-no a ser preso quatro vezes pela ditadura militar. Mudou-se para Nova York em 1971 e, quatro anos depois, passou a escrever para a *Folha de S. Paulo*, sobre os mais variados assuntos: da hegemonia mundial dos EUA ao cinema de Coppola e Woody Allen, da crise do comunismo ao assassinato de John Lennon, dos impasses da redemocratização brasileira à ascensão de Lula no cenário político. Este livro traz os artigos que fizeram de Francis o polemista mais audacioso da história recente da imprensa brasileira.

POSFÁCIO DE LUIZ FELIPE PONDÉ

Texto das orelhas

“Aos cinquenta anos, sofro do que se chama *accidie*, um desinteresse por praticamente todos os temas a que dedico minha atenção. Um ceticismo natural, ou que ao menos data dos meus oito anos de idade, se tornou compulsivo e obsessivo. Não acredito em nada, não espero nada, de religião (isso há muito tempo), política, filosofia etc.” Assim Paulo Francis descreveu a si mesmo em 1980.

Ainda que desinteressado “por todos os temas”, não houve assunto relevante que não passasse por sua pena ao longo de quinze anos de trabalho na *Folha de S. Paulo*, de 1975 a 1990: da política americana no pós-Watergate à literatura de John Updike, da emergência da Aids ao cinema de Woody Allen, da derrocada da URSS ao assassinato de John Lennon.

O ceticismo “compulsivo e obsessivo”, por outro lado, transformou Francis no mais audacioso polemista do país na segunda metade do século XX. Sua opinião independente desafiou os ditames ideológicos, desbaratou lugares-comuns da crítica e gerou várias controvérsias, envolvendo a nata da política e da cultura do país, como Roberto Campos, José Guilherme Merquior, Caetano Veloso, e Luiz Inácio Lula da Silva.

Suas posições políticas não deixaram o leitor aquietar-se no consenso. Francis fez um trajeto inesperado: pouco a pouco abandonou seu passado

marxista e nacionalista, desenvolveu uma suspeita generalizada pelas ideologias e por fim desembocou no conservadorismo.

Organizado pelo jornalista Nelson de Sá, este livro abarca as diversas dimensões do trabalho de Francis: como crítico erudito da cultura, analista atento da história mundial e americana, implacável observador da política brasileira e satirista impiedoso. São artigos que conservam impressionante vitalidade e interesse.

PAULO FRANCIS (1930-1997), jornalista e escritor, trabalhou em vários jornais, entre eles, Última Hora, O Pasquim, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, onde assinou a coluna “Diário da corte”. É autor de Cabeça de papel, Cabeça de negro, O afeto que se encerra, Filhas do segundo sexo e Carne viva (editora Francis).

NELSON DE SÁ é jornalista da Folha de S. Paulo. Foi crítico de teatro e editor da “Ilustrada”. Em 1987, trabalhou ao lado de Francis em Nova York.

FRANCIS EM DOIS ATOS

Nelson de Sá

Em 1977, dois anos depois de Paulo Francis estreiar como correspondente da *Folha de S.Paulo* em Nova York, o embaixador dos Estados Unidos foi recebido em um almoço no jornal. No final da refeição, abriu o jogo: um artigo do jornalista - naturalmente, vertido para o inglês - havia chegado às mãos de Jimmy Carter, alvo preferencial de Francis à época, e o presidente americano solicitara ao diplomata que transmitisse à *Folha* seu desagrado com o que lera.

Ouviu como resposta que a *Folha* não tiraria um articulista que conseguia provocar uma reação da Casa Branca. Francis foi informado do episódio, mostrou-se preocupado, mas recebeu orientação para prosseguir. E o consulado americano passou a recolher diariamente, de madrugada, cada nova edição na alameda Barão de Limeira, sede do jornal, para enviar os textos aos Estados Unidos.

Francis havia começado na *Folha* como colaborador, escrevendo, por exemplo, sobre Pelé no Cosmos ou sobre a CIA desvendada pelo jornalista Seymour Hersh. Mas a cobertura que marcou de fato sua entrada no jornal foi a que fez em Madri, como enviado especial, da longa agonia do ditador Francisco Franco, em 1975. Antes que terminasse o trabalho, ele recebeu uma ligação de Cláudio Abramo, então diretor de redação, e foi contratado. Retornou a Nova York, e os meses e anos seguintes confirmaram que seu principal papel seria o de registrar os impasses do império americano num “Diário da corte”, título que passou a usar eventualmente em sua coluna na “Ilustrada”, a partir do final dos anos 1970 e sobretudo nos anos 1980. “Se dei uma contribuição ao jornalismo brasileiro, foi a de desmistificar os EUA”, resumiria em 1983.

*

Paulo Francis pisara pela primeira vez em Manhattan duas décadas antes, em 1954, para morar com o pai, funcionário da Esso, num apartamento na rua 55, lado oeste, a poucas quadras do coração da

Broadway. Aos 23 anos, era apenas um apaixonado do teatro. Estava distante do jornalismo; seu horizonte era o palco, e seu objetivo, ser ator.

Fora um jovem tímido de classe média no Rio, estudante de colégios internos católicos, muito ligado à mãe. Entrou na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas pouco a frequentou. Aproximou-se do palco pelas mãos de Paschoal Carlos Magno, protagonista do teatro brasileiro moderno por três décadas - e o homem que, ao aceitar o jovem Franz Paulo Trannin da Matta Heilborn como ator no Teatro do Estudante do Brasil, mudou seu nome para Paulo Francis. “Nome de bailarino de teatro de revista”, segundo o próprio jornalista. Interpretou o frei Lourenço de *Romeu e Julieta* e outros pequenos papéis, em tumês pelo Norte e Nordeste. Depois de farras e bebedeiras nas madrugadas de Manaus a Recife, acabou dispensado por Paschoal.

Foi ator em outras companhias cariocas, chegando a ser indicado como revelação por *Romeu e Janete*, de Jean Anouilh, e partiu para Manhattan. Via todas as peças que conseguia e esperava o *New York Times* nas bancas para ler as críticas e checar se elas correspondiam a suas preferências; fez até mesmo um curso com o crítico Eric Bentley, na Universidade de Nova York.

Ao retornar ao Rio, dois anos depois, buscou a sorte como diretor no estatal Teatro Nacional de Comédia. Encenou desde George Bernard Shaw até Millôr Fernandes, mas só ganhou algum reconhecimento em setembro de 1957, ao dirigir *Pedro Mico*, de Antonio Callado, numa montagem sobre favelados com cenários de Oscar Niemeyer.

*

No mesmo ano, passou a escrever uma coluna de críticas e notas sobre produções teatrais no *Diário Carioca*, não muito diferente, na forma, do que faria depois na *Folha*. Não deixaria mais o jornalismo, “a segunda mais antiga profissão”, dizia.

Na coluna, atacava as revistas decadentes da praça Tiradentes e exaltava Cacilda Becker. Tinha por referência, de início, o teatro americano de Tennessee Williams e Elia Kazan. Mais tarde, mudou de direção: abriu campanha nacionalista por Gianfrancesco Guarnieri e Flávio Rangel e abraçou Brecht. “Teatro político é o que eu quero”, afirmou.

Em episódio escandaloso, escreveu em outubro de 1958 uma coluna na qual ofendia Tônia Carrero e “seus colegas de palco”, com frases como “nunca dormimos juntos, que eu me lembre”. Em resposta, foi agredido por Paulo Autran, com uma cusparada, e depois por Adolfo Celi. Francis dizia que a briga com o diretor italiano, que envolveu socos, terminou empatada; outros garantiam que ele apanhou de Celi. A disputa se tornou lendária no teatro brasileiro.

Aqui e ali, nas colunas quase diárias, Francis abordava a obra de George Orwell e Norman Mailer, escritores que seguiriam como referências para ele por várias décadas. Cansado, descreveu o crítico no Brasil como “um estoico”. Nos últimos anos no *Diário Carioca*, tratou de política cultural, saudou o Centro Popular de Cultura (CPC) e elogiou o modo como Fidel Castro fazia “a afirmação da liberdade na arte”.

Aos poucos, personagens como João Goulart e Kruschev ganharam sua atenção. Em 1962, trocou de vez o teatro pela política e mudou-se do *Diário Carioca* para o jornal *Última Hora*. “Samuel Wainer me deu uma coluna de TV e eu comecei a comentar programas políticos. Usei métodos para criticar políticos como fazia com os atores.” Guiava-se pelo governador Leonel Brizola, não pelo presidente Goulart, que até recebia do jornalista alguns ataques eventuais, a ponto de o janguista Wainer demitir Francis, para em seguida recontratá-lo. Com o golpe militar, passou três anos desempregado.

Foi preso quatro vezes pela ditadura no final da década de 1960, época em que trabalhava para revistas e para o jornal *Correio da Manhã*, além de colaborar com a *Tribuna da Imprensa* e o alternativo *O Pasquim*. Neste último, disputando atenções com os amigos Millôr Fernandes, Henfil e outros, ele passou a adotar a dicção mais coloquial e o humor que o caracterizariam. Começou também a ganhar expressão fora do Rio e junto aos leitores mais jovens. Em 1971, recebeu uma bolsa da Fundação Ford, com duração prevista de quinze meses, e seguiu outra vez para Nova York.

*

Quatro anos depois, estreou na *Folha de S.Paulo*, onde ficaria durante uma década e meia, período em que seu personagem ganhou projeção nacional e ajudou a moldar uma geração, assim como o país democrático que emergiria do regime militar.

No pouco espaço que então dedicava ao Brasil, no fim dos anos 1970, Francis defendia o líder metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, que fora condenado à prisão, algo “digno da Alemanha nazista”, segundo os sindicalistas americanos ouvidos pelo jornalista. No entanto, ele já não vivia o engajamento da juventude. Não propunha a estatização da TV como antes, por exemplo. Dizia ser este seu ideal para sociedades civilizadas, como a britânica, mas não para o restante dos países. Foi a lição que tirou de Watergate, escândalo revelado por um jornal e sustentado por TVs privadas. Em teatro, porém, continuou irredutível. Preferia o palco londrino, subvencionado pelo Estado, o que permitia aos grandes atores não se prostituir em Hollywood. Até o fim, tratou o teatro como exceção, batendo-se, entre outras causas, pelo Oficina a partir de 1980, contra a tentativa de tomada do espaço por Silvio Santos.

Além da crítica à sociedade americana, o socialismo era seu tema obsessivo. Questionava a burocracia soviética, mas via qualidades em Mao Tsé-tung. Apontava a aceitação de facções internas pelo Partido Comunista chinês, diferentemente do que fizera o PC russo após a revolução, como explicação para a sobrevivência do país sem “vastas burocracias”.

De outro lado, ainda no fim da década de 1970 começou a ler e a citar neoconservadores, como Daniel Bell, que proclamavam a vitória do capitalismo e a prosperidade que esse sistema permitiria - embora só para as “nações líderes”, acrescentava Francis. Também registrou sua “suspeita crescente de qualquer Estado”. No entanto, nas memórias *O afeto que se encerra*, lançadas em 1980 e seu livro mais bem recebido, afirmou: “Aos cinquenta anos, politicamente, continuo, de coração, na esquerda”.

No ano seguinte, tornou-se colaborador da Rede Globo, como comentarista internacional. Em 1971, havia publicado no *Pasquim* um ataque furioso a Roberto Marinho, intitulado “Um homem chamado porcaria”, no qual dizia ser “caso de polícia que [seu poder] continue e em expansão”. Em 1981, escreveu que “a Globo está reaprendendo a fazer jornalismo a sério”.

*

Sua lenta travessia entre os dois extremos políticos ainda tomaria anos. Cada vez mais voltado para os temas brasileiros, o polemista cruzou a primeira metade da década de 1980 entre ataques - e até mesmo embates ruidosos - contra José Guilherme Merquior e Antonio Cândido, contra

Chico Buarque e Caetano Veloso, sem distinguir a cor política do adversário da vez. Parte dos confrontos se devia, antes de tudo, à recepção negativa dos dois romances nos quais ele tanto apostou, *Cabeça de papel* (1977) e *Cabeça de negro* (1979).

Para marcar a virada de Francis, a melhor referência é Roberto Campos, seu alvo por dez anos, não faltando sequer insultos. Até que, em fevereiro de 1985, tudo mudou, na coluna “O guerreiro Roberto Campos”. Dizendo que o economista “melhora horrores, em pessoa”, ele se desculpou: “Escrevi coisas brutais sobre Campos. São erradas. Retiro-as”. E acrescentou: “Cheguei à conclusão de que capitalismo num país rico é opcional. Num país pobre, no tipo de economia inter-relacionada de hoje, a suposta saída que se propõe no Brasil de o Estado assumir e administrar leva à perpetuação do atraso”.

Daí por diante, escrevendo sobre o governo Sarney no Brasil ou as reformas de Gorbachev na Rússia, encarnou outro personagem. O novo Francis passou a atacar seguidamente a Petrobras. Tratou Lula e o Partido dos Trabalhadores (PT) com crescente repulsa. De início simpático a Fernando Henrique, com o tempo também o repudiou, dizendo não ver nele “uma pessoa séria”. Terminou próximo de Fernando Collor, “alto, bonito e branco, branco ocidental. E outra imagem do Brasil, com que fui criado, francamente”. Não o abandonou nem depois do sequestro da poupança e da invasão da *Folha* pela Polícia Federal, dois meses após a posse - eventos que criticou de imediato, para voltar em seguida a defender o presidente.

A campanha de 1989, que o aproximou de Collor e estimulou ataques em série a Lula, já o havia distanciado do jornal. Francis foi questionado pelo primeiro *ombudsman*, Caio Túlio Costa, e respondeu furiosamente, iniciando uma escalada de confrontos que terminou por envolver o diretor de redação, Otávio Frias Filho. Em 1990, que seria seu último ano na *Folha*, escreveu que “o mundo acaba, não com uma explosão, mas com um gemido”, citando T. S. Eliot. No final daquele ano, recebeu uma proposta para sair e decidiu deixar a *Folha*.

Dois meses antes de deixar a *Folha*, descreveu na coluna um episódio de desentendimento com um garçom negro em Nova York, a quem chamou repetidamente de “crioulo”: “Pensei logo numa chibata. Ando pensando muito em chibata”. Não foram muito diferentes os anos seguintes, quando passou a colaborar nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*.

Francis morreu em fevereiro de 1997, de ataque cardíaco, em meio a um processo movido por diretores da Petrobras que ele acusara de ter contas na Suíça. Era casado com a jornalista Sônia Nolasco. Não deixou filhos.

*

Uma nota curta, no meio de um “Diário da corte”, em 1987: “Soube que este jornal instituiu um concurso para meu assistente aqui, em Nova York. O lema é ‘trabalhe com Francis’. Aviso desde já aos candidatos que, entre três e seis da tarde, ladro e morde”.

Francis não latia nem mordia. Fui um de seus assistentes, precedido por José Arbex e seguido por Renata Lo Prete, Fernando Rodrigues, Zeca Camargo, Maria Ester Martinho, Marcelo Calliari e Vitor Paolozzi. Ele era carinhoso, quase paternal. Abria seu apartamento, pagava almoços e jantares em restaurantes caros, chamava para passeios a pé até as livrarias preferidas, introduzia autores.

Era solitário. Ligava de madrugada e começava a falar. Falava sem parar por uma hora, discorria sobre o mundo, o Brasil, como se estivesse testando o que escreveria depois. Por suas contas, publicava nove textos por semana em praticamente todos os cadernos da *Folha*, sobre variados assuntos. Em quinze anos de jornal, produziu mais de 8 mil artigos. No escritório que mantinha no prédio em que morava, na rua 46 com a Segunda avenida, ele escrevia diretamente no telex, relia uma vez apenas - ou nenhuma - e enviava.

Na seleção dos artigos desta coletânea, todos publicados pela *Folha de S.Paulo*, o primeiro critério foi tentar ser fiel às diferentes fases de Francis, não impor um olhar nem uma interpretação ao leitor. O segundo foi sublinhar sua trajetória política, da esquerda para a direita. Outro foi reproduzir as polêmicas mais célebres em que se envolveu.

Em 1977, o jornalista escreveu que o único epitáfio que desejava era o seguinte: “Paulo Francis, 1930-etc., não era um chato”. O objetivo deste livro é lembrar que, ao menos nesse tópico, ele estava certo.

TELEVISÃO, O GRANDE ELEITOR AMERICANO

Referindo-se à escolha de convencionais democratas em Iowa, dia 19, Roger Mudd, um dos comentaristas da CBS, declarou: “O importante não é quem ganhe, em números. É quem a imprensa interprete como vencedor”.

É bastante rara essa candura em televisão e se substituirmos imprensa por televisão exclusivamente estaremos mais próximos da realidade. A TV é o principal eleitor americano. E Mudd, o segundo homem da CBS, uma peça-chave desse processo.

Consideremos: cerca de 60 milhões de americanos veem o “jornal das sete”, o jornal nacional, como diríamos no Brasil, com a diferença de que, nos EUA, é internacional, ganhando manchete o que for importante, ponto. São 23 minutos de notícias, sete de comerciais, nas três cadeias, CBS, NBC e ABC, que, no horário “nobre”, de sete às onze da noite, dominam 91% da audiência. Isso exclui mais umas duas horas de noticiário, espalhado pelo dia (o último é à uma da manhã).

É estimado que 70% dos americanos sabem o que se passa no mundo pela TV. A CBS lidera em todas as pesquisas, por 1 ou 2%. Ainda assim, serve de base. Um minuto de comercial custa 80 mil dólares.

É um poder temido, vigiado e exercido, pelos que o possuem, com extrema cautela, TV, nos EUA, ao contrário da imprensa, precisa de licença para funcionar. Nunca ficou esclarecido se o noticiário de TV está coberto pela primeira emenda da Constituição, que garante à imprensa total liberdade e impede até o Congresso de fazer leis que estabeleçam a censura prévia.

O poder, porém, se faz sentir, nos mínimos detalhes. O ar de tédio de Walter Cronkite, da CBS, quando anunciava as baixas do Vietnã do Norte, durante a guerra, afirmando, em seguida, que as estatísticas eram de Saigon, valia mil editoriais.

Se Cronkite emitisse opiniões diretamente, notou o presidente Lyndon Johnson, seria o homem mais influente dos EUA. Cronkite, editor e locutor do “jornal das sete”, em 1971, obteve, numa pesquisa, 70% da confiança do

público americano, contra 40% do segundo colocado, Richard Nixon, isso, bem entendido, quando Watergate nem existia.

Não é glamouroso ou engomalinado como os locutores da TV brasileira. Escreve (ou reescreve) o que diz. É um respeitável senhor de sessenta anos, que ganha 500 mil dólares ao ano, fora preferência na compra de ações da CBS (*stock options*) e outros truques legais de driblar o fisco.

A TV derrubou Richard Nixon. Se Watergate ficasse circunscrito à chamada imprensa nacional, *New York Times*, *Washington Post*, *Wall Street Journal*, *The Times* e *Newsweek* (o resto, em imprensa, acreditem, não conta), teria havido uma séria crise política, principalmente porque a Justiça Federal (ou melhor, o juiz John Sirica) resolveu ir ao fundo da questão e o Congresso deu um certo respaldo a Sirica, mas crise superável.

A TV, porém, cobria diariamente, em cerca de quinze minutos (uma eternidade, no vídeo), todos os lados do escândalo. Certo, era noticiário objetivo, como dizem os professores de jornalismo. Mas a simples visibilidade constante da equipe de Nixon e do próprio presidente encurralado é que levava a verdade a todos os cantos dos EUA, a gente que jamais lia o *Times* ou o *Post*, considerando-os excessivamente difíceis. E havia a arma letal do videoteipe. Nixon declarava, em Washington: “Eu jamais disse que respeitaria a neutralidade do Camboja”. Pausa. Em seguida, vinha o videoteipe de Nixon, com a mesma cara, o olhar furtivo de quem foi pilhado em flagrante, declarando: “Juro solenemente que respeitaremos a neutralidade do Camboja”. Ler sobre essas coisas não se compara nem de leve a vê-las.

E houve aquela tarde memorável de 1974, em Key Biscayne, num dos palácios de recreação do presidente. A equipe de Nixon tentou usar a TV (todo mundo tenta). Colocou-o contra o céu azul e o mar manso da Flórida, um fundo de filme da Metro. Entrevista ao vivo. Perguntas suaves, de início. Até que Dan Rather, o repórter da CBS na Casa Branca, perguntou alto e bom som: “Como é que o sr. se sente sabendo que 66% dos americanos acham que o sr. não tem hombridade moral para exercer a Presidência dos EUA?”. Câmeras sobre Nixon, que tremeu, titubeou, enfiou a mão nervosamente no bolso, tentou sorrir, perdeu, em síntese, o rebolado.

Naqueles tempos, de Watergate, a audiência de entrevistas presidenciais era de 100 milhões de espectadores. E 100 milhões de americanos viram as investigações do Senado, em que John Dean, durante

seis horas, sem interrupção comercial, descreveu o que era a vida na Casa Branca de Nixon.

Lembro que um amigo brasileiro me telefonou. Segurei o telefone, balbuciei algumas incoerências polidas e bati-lhe com o telefone na cara. Afinal, era o julgamento de Luís XVI, em cores, ao vivo, fenômeno jamais visto na história.

Lyndon Johnson também disse que, se a Segunda Guerra tivesse sido coberta em TV, nunca teria terminado. Na do Vietnã, o fator decisivo, na repulsa crescente do povo americano, foi que, toda noite, as violências perpetradas pelos EUA entravam em todos os lares, e com a desvantagem de que o Vietcongue não permitia aos câmeras que cobrissem a cena do outro lado.

Em 1972, as TVs mostraram o candidato favorito Edmund Muskie chorando nas neves de New Hampshire, ao comentar um editorial de um jornaleco local que lhe insultara a esposa. Homem não chora. No dia seguinte, a candidatura Muskie estava encerrada.

O interessante e profundamente irônico nessa história é que CBS, NBC e ABC abriram departamentos de jornalismo justamente para não ofender as autoridades, ou seja, para se livrar da pecha de meros balcões de secos e molhados, de produtores de enlatados idiotas, de comediotas de Lucille Bali, de “novelas” e coisas assim. Os jornais seriam prova de classe, de serviço público. Nunca foram destinados a ganhar dinheiro. Ganham. E custam caro. O programa de Cronkite sai por 18 milhões de dólares ao ano, rendendo no bruto 48 milhões. E daí, também, a ideia de cobrir as convenções políticas de martelada a martelada, ou seja, tudo que acontece (em 1972, cerca de 36 horas de TV, no último dia indo até as seis da manhã).

Da mesma forma, as três grandes cadeias abrem espaços para lançamentos de foguetes e outros eventos extraordinários. Isso começou com o assassinato de Kennedy, em 1963, em que estiveram no ar três dias, noites inclusive.

Assim imaginavam os proprietários.

Quando comissões do Congresso se queixassem da banalidade ou violência da maioria dos programas, desfilariam todas aquelas horas (em que, efetivamente, perdem dinheiro) de “serviço público”. Foram bem-sucedidas. Demais. O “serviço público” se converteu na maior arma política do século.

E, pouco a pouco, a TV deixa de ser parasitária. Sempre visada pelos políticos, em geral dava as notícias mais escandalosas, apoiando-se no *New York Times* ou no *Washington Post*, os dois jornais mais fortes e intocáveis do país. Hoje, já iniciam as notícias. Um exemplo é a atividade de Daniel Schorr, da CBS, que descobriu vários dos segredos mais vergonhosos da CIA. E Nixon jogou, sem sucesso, o FBI sobre Schorr.

Os meios políticos e outros se preocupam muito com o tema. Já existe a lei do “tempo igual”, que garante o direito de resposta a candidatos quando atacados por outros candidatos.

As TVs a combatem como idiota, lembrando que cobrem tudo que for notícia, enquanto o “tempo igual” as obriga a dar direito de resposta ao candidato vegetariano (há sempre um) à Presidência, se Ronald Reagan, candidato sério, disser que carne é bom para a saúde. Em verdade, isso não passa de desconversa.

A força da TV vem do noticiário, do que seleciona para noticiar. A simples escolha de uma notícia é uma decisão editorial, em TV mais forte que qualquer editorial explícito. Só o Congresso pode conter a TV e, assim mesmo, correndo o risco de ser coibido pela Corte Suprema, por violar a primeira emenda.

O governo Nixon se queixava amargamente que tinha as TVs contra ele. Nixon, como todo chefe de governo, de Washington ao Nepal, não gosta de ser criticado. As esquerdas acusam as TVs de *pró-establishment*, de não tomarem conhecimento das reivindicações de minorias. Ninguém gosta das TVs, exceto os 60 milhões de americanos que veem o “jornal das sete”.

Uma nota pessoal: sempre achei que a TV deveria ser estatal. Meu modelo: a BBC. Hoje, minha opinião é que deve ser estatal em sociedades civilizadas, Inglaterra, Suécia, Dinamarca e Holanda, por exemplo. No resto, é preferível a iniciativa privada. Se a TV fosse estatal nos EUA, Richard Nixon teria continuado no poder e os EUA estariam celebrando o bicentenário em estado de semiditadura, na melhor das hipóteses.

20.01.1976

A VEZ DA ARTE NO CASO WATERGATE

Platão considerava que a arte era um empecilho ao bom funcionamento da República, opinião adotada por todos os totalitários que estabelecem censura, ainda que não tenham o estilo de Platão.

Gerald Ford, provavelmente, nem sabe quem é Platão e está longe de ser totalitário, mas aprende, no momento, a lição, a duras penas, na própria carne.

Robert Redford e Dustin Hoffman foram duas das muitas vedetes que fizeram campanha por George McGovern, em 1972. Perderam e não gostaram. Agora, aparecem no filme (produção de Redford) *All the President's Men*,^[1] baseado no livro de Bob Woodward e Carl Bernstein, os dois repórteres do *Washington Post* que projetaram nacionalmente a conspiração de Watergate. Este correspondente viu uma sessão especial (o filme estreará dentro de quatro dias), reservada a jornalistas, num enorme cinema da Broadway. Os jornalistas saíam pelo ladrão. É um bom *thriller*, com algumas conotações políticas, se bem que não reproduz o livro todo, estacando antes de caracterizada a responsabilidade de Richard Nixon, que fica apenas (fortemente) insinuada.

Os jornalistas riram, particularmente, de uma cena em que o então deputado Gerald Ford “lança” o nome de Richard Nixon na convenção republicana de 1972. Ford exhibe a mesma cara compenetrada e o entusiasmo artificial, à *la* professora primária em aula de cívica, hoje familiar a todo americano.

O filme em cartaz, milhões de pessoas compararão a sinceridade do presidente ao apresentar programas ao país e a sinceridade com que chama Nixon de “grande estadista” - isso é injusto, talvez, pois na convenção, em agosto de 1972, Watergate era apenas uma “insistência” jornalística de Woodward e Bernstein. A vida, porém, é cruel. O público se lembrará de que Ford perdoou Nixon, no escuro. O filme poderá ter uma renda igual à de *Tubarão*, influirá no voto de muita gente.

O filme não explica Watergate, digo, o começo da história, a invasão de sede democrata por ex-agentes da CIA, a serviço de Nixon. De resto, a

maioria dos comentaristas também não explica, preferindo concentrar-se nas ramificações do assalto, que mostraram existir no gabinete de Nixon o potencial de uma ditadura, alicerçada em vasta e abrangente corrupção.

Existe, porém, uma fonte, no episódio inicial, que merece análise.

INFLUÊNCIA MARCANTE

Toda a vida política de Nixon sofreu influência de Howard Hughes, o bilionário que vive escondido do mundo. Em 1960, Drew Pearson, o colunista, descobriu que Hughes “emprestara” 200 mil dólares a Donald Nixon, irmão de Richard, contra um colateral de 13 mil dólares, para que Donald abrisse uma cadeia de hambúrgueres com o nome elegante de Nixonburgers. Pearson denunciou, Nixon perdeu a eleição (para Kennedy), sem que se soubesse quanto o ataque de Pearson havia pesado.

Em 1972, Nixon recebeu de Howard Hughes 100 mil dólares, via o mafioso cubano Bebe Rebozo, confidente de Nixon. Soube-se disso durante a investigação de Watergate, em 1973. Nixon, claro, “sabia” antes, em 1972, na campanha. E era, então, o chefe (burocrático) do Partido Democrata um certo Larry O’Brien, velho profissional político e irlandês ligado à família Kennedy. O’Brien, entre campanhas, fora relações-públicas de Howard Hughes (embora, à maneira dos empregados de Hughes, não conhecesse sequer o patrão). Nixon temia que O’Brien tivesse documentos que provassem o suborno que apanhara de Hughes. Daí o assalto à sede democrata, em Washington, no escritório de O’Brien, à cata de comprovantes (que não existiam. O’Brien ignorava a “transação”). Não foi, portanto, um “acidente” ou “excesso de zelo”.

Mais tarde, a conspiração se expandiu tanto que o fio da meada foi esquecido.

Se não bastasse o filme de Redford, desde 31 de março está em todas as livrarias o último livro de Woodward e Bernstein, *The Final Days*,^[2] os últimos dias do governo Nixon. O preço entre o catálogo de editora e do lançamento pulou de 8 dólares e 95 a 10 e 95, mostrando a lei da oferta e procura em pleno funcionamento. Antes, *Newsweek* publicara excertos, a revista se esgotando em duas horas, nos EUA. A obra completa deverá

vender 1 milhão de exemplares, em “capa dura”, e ninguém sabe quantos milhões na edição de bolso. Watergate continua muito vivo.

PÉSSIMA NOTÍCIA

Para Ford (e, em última análise, o Partido Republicano) não poderia haver pior notícia. Mais grave do que lermos sobre Nixon bêbado, louco, imprecando contra judeus, italianos, porto-riquenhos, negros etc., tentando falsificar provas e procurando refúgio da realidade num mundo de fantasias ou sob a parragem de adulação de alguns lacaios, e o próprio Partido Republicano, que, executando um ou outro líder (John Anderson, de Illinois), continuou dando o benefício da dúvida ao presidente, quando o país inteiro já lhe exigia a cabeça. De março de 1973 a agosto de 1974, os EUA funcionaram praticamente sem governo, ou melhor, conduzidos burocraticamente pelo general Haig (a partir de maio de 1973), ou, em política externa, por Henry Kissinger. O próprio Haig, chefe da Casa Civil, não escondia o desprezo e o asco pelo presidente. À parte a corrupção generalizada, o que fica é uma impressão de infinita sordidez, de todo mundo, inclusive Kissinger (uma lacraia venenosa contra tudo e todos, segundo Woodward e Bernstein).

Há momentos em que parecemos num asilo de loucos. Em novembro de 1973, por exemplo, sob pressão do Judiciário e do Congresso, Nixon entregou ao público vários dos famosos *tapes*, eliminando, antes, a evidência que o inculpava em Watergate. Fez um discurso em tv. Este correspondente viu o show, em companhia de alguns jornalistas americanos. A impressão geral foi a pior possível, instantaneamente. E, no entanto, Woodward e Bernstein nos contam que na Casa Branca, excetuando alguns jovens assessores, a maioria entrou em festejos regados a champanhe, crente de que Watergate fora superado. No dia seguinte, a imprensa desceu o sarrafo em Nixon, Congresso e promotoria especial continuaram exigindo a evidência suprimida. E os *tapes* dados à luz (o que Kissinger logo percebeu), apesar de insuficientes juridicamente, arruinaram o que ainda restava da reputação de Nixon, tal a vulgaridade, a mesquinharia, a baixeza de linguagem.

VILEZA CONSTANTE

O nível “botequim do cais do porto” da Casa Branca de Nixon é ainda tema de conversas aqui. Gente tolerante nota que os políticos, ou qualquer adulto na intimidade, falam assim. É uma meia verdade. É óbvio que pessoas acostumadas à dureza da vida raramente se expressam como Filhas de Maria. Um bom exemplo seria Churchill, que, uma vez, definiu a contribuição da Marinha inglesa à humanidade como “látego, sodomia e rum”. O palavrão é o rotineiro, nas altas esferas. Há, porém, outras coisas. Na conversa de Churchill, ficando num exemplo, há passagens de grandeza, de intelectualidade e de sabedoria. No grupo de Nixon, não. A vileza é a constante.

Ford aparece trêmulo e hesitante, defendendo Nixon quase até o fim, apesar do conselho contrário de seus mais íntimos assessores. A imagem de “presidente acidental” é novamente sublinhada por Woodward e Bernstein. Reagan já a utiliza, com frequência.

Os democratas, quando escolherem o candidato, encontrarão no livro um arsenal infinito para bombardear Ford. Não há escapatória.

Não será difícil mostrar ao eleitorado que os líderes conservadores republicanos de 1968, Nixon e Agnew, eram gângsteres. Esse papel, o de líderes conservadores, está sendo agora aspirado por Ford e Reagan. E um democrata inteligente saberá até salvar a reputação do conservadorismo autêntico, pois, em verdade, Nixon nem conservador era. Via política exclusivamente em termos de vantagens pessoais. Não há uma única declaração ideológica em toda a obra. Os atores só falam dos próprios interesses, acima ou, no caso, abaixo dos partidos e correntes de pensamento.

Gente boa critica Woodward e Bernstein por terem sido cruéis expondo as intimidades de Nixon e família. Há momentos, sem dúvida, em que nos constrangemos em participar da vida vazia, vulgar e podre desse pessoal, mas é preciso notar o *ménage* Nixon e a base da carreira política do patriarca, vantagens pessoais e nada mais.

Logo, o enfoque artístico de Woodward e Bernstein tem valor histórico. Nixon, convém não esquecer, nunca revelou a menor piedade pelas vítimas que fez ao longo de uma carreira montada em vítimas. E é preciso lembrar

também que, no auge do sofrimento pessoal, Nixon ordenava o massacre incessante dos camponeses no Vietnã do Norte e Sul.

Filme e livro são uma vingança da arte contra a vida, por assim dizer, já que Woodward, Bernstein e Redford representam o liberalismo americano, que vence batalhas, mas jamais a guerra. Afinal, depois da desmoralização de Nixon pelos liberais, assumiu o poder Gerald Ford, que, se é um indivíduo limpo de crimes, propõe politicamente o mesmo que o antecessor. E a eleição de 1976, dados os candidatos disponíveis, não oferece alternativa ao gosto dos liberais, Jackson propondo (por elipse) novos Vietnãs, Jimmy Carter fugindo às questões em “Jesus”, Ford e Reagan, Nixons refogados.

04.04.1976

REAFIRMA-SE O ESPÍRITO LIBERAL DE 1776

Os EUA comemoram hoje o bicentenário da Declaração de Independência. A nação que o mundo teme, respeita, inveja, admira ou detesta evolui aos poucos, sendo ao menos argumentável que se consolidou, no sentido moderno do termo, depois da Guerra Civil de 1861-1865, em que a autonomia dos Estados, uma das premissas básicas da Revolução de 1776, foi substituída pelo poder central, pelo conceito de união indissolúvel.

Essa guerra nos deu muitos mitos, populares até nos EUA, o mais conhecido de todos, naturalmente, que o “Norte”, sob Abraham Lincoln, lutou para emancipar os escravos negros. Lincoln libertou os escravos em 1863, os do Sul, mantendo durante algum tempo a escravidão em territórios favoráveis à união.

Um dos documentos mais sutis e profundos da história norte-americana é o discurso de Jefferson Davis, presidente dos secessionistas, quando da “revolta”, pois põe a nu a hipocrisia antiescravagista de Lincoln e os interesses econômicos por trás da retórica patriótica e libertária.

A guerra ia incerta. Era constitucional que qualquer Estado se desligasse da união, quando bem entendesse. Estabelecido o recrutamento compulsório, em 1863, houve motins violentos. Um, em Nova York, provocou a morte de mil pessoas. Lincoln deu um molho liberal à luta.

Todo país vive, em parte, de mitos, homens até morrem por mitos, e a justiça da causa sulista e os motivos que levaram Lincoln a proclamar a emancipação não mudam a realidade de libertação dos escravos ou sequer a qualidade da retórica de Lincoln, que recebeu a aprovação do maior homem de letras que o país produziu, Edmund Wilson, cuja obra *Patriotic Gore* [1962] é indispensável à compreensão dos EUA.

É interessante que os EUA e a URSS sejam os únicos países do mundo criados por intelectuais, em vez de reis, príncipes, padres ou bons burgueses. A Carta de Direitos (os dez primeiros artigos da Constituição) permanece um modelo de libertarismo que sugere ideais sobre-humanos, assim como a visão de mundo leninista, em que “Estado e Revolução” são uma promessa utópica jamais sonhada pelos meros beletistas do gênero, de

More a Wells. Entre teoria e prática, há, claro, abismos, mas talvez o impulso de poder e autossuficiência das duas nações se deva, até certo ponto, às origens eminentemente intelectuais. Cessam aí as semelhanças.

EVOLUÇÃO OU REVOLUÇÃO

A riqueza de 1776, em inspiração liberal para o resto do mundo, da Revolução Francesa (incomparavelmente mais profunda) à busca de soberania no resto das Américas, dispensa comentários. É preciso notar, porém, que as colônias, como eram conhecidos os doze Estados que fundaram os EUA (Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island, Connecticut, Nova York, Pensilvânia, Nova Jersey, Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia), pouco tinham em comum com o que, hoje, entendemos por “colônias”. Se fiéis à Coroa inglesa, se declararam logo independentes do Parlamento em Londres. Elegiam os próprios governadores-gerais e deputados. Dispunham de uma imprensa livre. Consideravam-se associadas e não dependentes da Inglaterra, o que já é sensível nos documentos existentes sobre Jamestown, fundada em 1607. A mais famosa, estabelecida entre 1630 e 1642, na Nova Inglaterra, trouxe ao Novo Mundo os chamados puritanos, que viam na terra uma nova Canaã, superior moralmente à “dissoluta” matriz.

Um dos grandes controversistas americanos, Gore Vidal, numa alusão à “caça às feiticeiras” - que permeia a história dos EUA -, nota, ironicamente, que, ao contrário da lenda, os puritanos não foram perseguidos na Inglaterra. Deixaram-na porque a Coroa não permitia que perseguissem o próximo.

E, tão importante, o cerne étnico da colonização jamais possuía a pureza anglo-saxônica, que virou também mito. Os EUA receberam, de início, uma população cosmopolita, holandeses, alemães, anglo-irlandeses (protestantes), franceses (huguenotes), escoceses, suíços, judeus, escandinavos e os esquecidos e subjugados negros. Essa mistura de povos e raças e as dificuldades tremendas que os colonizadores encontraram, tendo de resolvê-las por si próprios, criaram uma consciência especificamente americana.

Não é, portanto, correto pensar que em 1750, quando as divergências entre Londres e colônias começaram a explodir, homens de gênio como George Washington, Thomas Jefferson, George Mason, Alexander Hamilton e Benjamin Franklin desceram, de súbito, das árvores, armados da filosofia liberal de John Locke e da concepção de Estado de Montesquieu. Seis das maiores universidades do país, Harvard, Yale, King's College (Columbia), Princeton, Brown e Dartmouth, são pré-revolucionárias e educaram uma sofisticada classe dirigente “nativa”. No período, publicavam-se mil títulos ao ano, produção que, até hoje, faz inveja a muita nação subdesenvolvida.

Esquecido também é que, durante o século XVII até 1763, a França disputou o controle do continente norte-americano, deixando profundas marcas na cultura nacional, até que foi derrotada no Canadá. Nova Orleans, Detroit e Mobile (Alabama) foram colonizações francesas e, mais importante, pela fertilidade, o vale do Ohio. Os colonos sentiram a própria força numa série de combates ferozes, contra franceses aliados aos índios, e partilhavam o comando das tropas com generais ingleses. Beneficiaram-se também da introversão da Inglaterra, de 1640 ao fim do século, um período altamente revolucionário, a era de Cromwell.

Logo, o 1776 foi mais evolução do que revolução. Significativamente, quando a Inglaterra decidiu tratar os colonos como tais, pela primeira vez, taxando-os e tentando confinar-lhes e controlar-lhes o comércio, é que eles se rebelaram.

CARTA DE DIREITOS

A Constituição dos vitoriosos, ratificada pelo nono Estado (New Hampshire: nove era o número necessário para que valesse) em 1788, entrou em vigor em 1789. Continha sete artigos. Foi se expandindo ao correr do tempo, estando longe de ser, portanto, o “documento de uma sociedade agrária”, como a apelidou desdenhosamente Richard Nixon. Basta dizer que a Carta de Direitos só recebeu a ratificação de Massachusetts, Geórgia e Connecticut em 1939, às vésperas da Segunda Guerra.

Por trás do liberalismo abrangente havia duas concepções de Estado em conflito. A de Jefferson, que previa uma “livre associação de Estados”, em que cada homem (branco) fosse senhor de sua terra, cultivando-a em paz e liberdade. E a de Alexander Hamilton, que propunha um sistema federal centralizado, em suma, os EUA de hoje. Jefferson derrotou Hamilton nas polêmicas da época, da mesma forma que Rosa Luxemburgo bateu Eduard Bernstein no debate entre revolução e reformismo, na Alemanha de 1900. Em outras palavras, o derrotado em teoria estabeleceu a prática. Jefferson, ao assumir a Presidência em 1801, já era hamiltoniano e, no mesmo ano, a incipiente Marinha norte-americana procurava negócios nas costas da África, sob o pretexto de perseguir piratas. Começara a expansão nacional e imperial.

O SÉCULO DECISIVO

Em cem anos, até 1900, os EUA passaram de uma próspera colônia à maior potência industrial do mundo. A partir da compra da Louisiana (da França), em 1805, não importa qual a fraseologia empregada ou o invólucro autoexculpatório, seja “Doutrina Monroe” (1823) ou “Destino Manifesto” (de criar uma sociedade superior às demais; a concepção original e teocrática, de 1630, traduziu-se sem dificuldade ao mundo material...), o país se tornou imperial. Em 1848, anexou mil milhas quadradas do México (Utah, Nevada, Califórnia, Arizona, Colorado Ocidental e Novo México), pagando uma soma ridícula, 15 milhões de dólares. Em 1898, na guerra contra a Espanha, se apossou de Cuba, Porto Rico e estendeu-se às Filipinas, iniciando o avanço mundial, cujo primeiro fruto foi o controle da América Central e uma influência decisiva em toda a América Latina (já reservada aos EUA na linguagem ambígua da Doutrina Monroe).

Internamente, a consolidação nacional também se processou a ferro e fogo, em guerras de genocídio contra os índios, no uso cruel do trabalho escravo negro e na exploração de mão de obra barata dos imigrantes europeus. É significativo, em relação ao mito da origem étnica anglo-saxônica, que, de uma população de 225 milhões, em 1976, apenas 30 milhões se declaram descendentes dos ingleses.

O AVANÇO DA DEMOCRACIA

As mulheres só obtiveram o voto em 1920, e os negros foram excluídos oficialmente do processo político até a guerra civil e “informalmente” até a década de 1960. E vale notar que o conceito jeffersoniano de democracia, apesar das beatitudes filosóficas libertárias e de muito palavrório sobre os direitos do homem “comum”, era, em verdade, aristocrático, dando o voto em relação à propriedade do eleitor, excluindo, portanto, a maioria do povo. A reforma começou em 1830, sob o presidente Andrew Jackson, grande massacrador de índios, porém, em revolta contra a supremacia das grandes famílias, das quais a mais famosa é a dinastia de John Quincy Adams (ora glamourizada numa asnática série de televisão). Jackson abriu as porteiças à ralé, “terminando o nosso mundo”, observou o poeta e elitista americano T. S. Eliot.

A famosa frase de Jefferson na declaração de independência sobre os direitos do ser humano, “vida, liberdade e procura da liberdade”, era, no original, “vida, liberdade e propriedade”. Jefferson mudou-a aconselhado por George Mason, o inspirador da Carta de Direitos; “Felicidade” é um conceito vago numa nação que sente os próprios músculos e os flexiona em todas as direções possíveis, derrubando obstáculos. Os mais fracos pereceram, como os índios (quatrocentos tratados entre brancos e índios. Todos, sem exceção, rompidos unilateralmente pelos brancos), ou foram submetidos a humilhações indizíveis, como os negros.

O século XIX, porém, foi a era de ouro do capitalismo liberal e nenhuma potência importante se desenvolveu de maneira muito diferente. Vale dizer que um dos admiradores das “cirurgias radicais” da elite branca dominante contra índios, mexicanos e negros era Karl Marx, sempre favorável a que o capitalismo se expandisse aos limites possíveis, antes do advento do socialismo.

E seria ignorância supor que não houve resistência interna, intelectual, humanista, contra as violências peculiares à época. Escritores como Mark Twain, Waldo Emerson e Henry Thoreau castigaram verbalmente o imperialismo e a crueldade do sistema na acumulação de riquezas. Harriet Beecher Stowe, em *A cabana do Pai Tomás* [1852], levantou a consciência abolicionista da nação e do mundo.

O ideal democrático, nos tumultos do século XIX, sempre coexistiu com o expansionismo interno e externo.

Eugene Debs, líder socialista, obteve boa votação quando candidato à Presidência, no início do século XX. Em 1932, o socialista Norman Thomas foi candidato, com apoio expressivo da intelectualidade.

Ideias radicais que transcendessem o liberalismo de 1776 nunca, porém, vingaram, e até hoje os EUA são o único país industrializado sem um movimento esquerdista consolidado em partidos e sindicatos operários.

AUSÊNCIA

Os motivos dessa ausência são muitos e contraditórios. Em meados do século XVIII, a população era de 1 milhão e meio e dispunha de um vasto e fértil território a conquistar. A mística de que “sobra para todo mundo” permeia a história dos EUA e tem um certo fundamento. A nação é senhora de dois oceanos, enfrenta países fracos a norte e sul, se beneficiou de um clima extremamente favorável à agricultura e de recursos materiais que tornaram o salto industrial no século XIX uma possibilidade aparentemente infinita (só em meados do século XX os recursos começaram a escassear, forçando os EUA a uma dependência crescente de matérias-primas do Terceiro Mundo).

Sem um passado feudal a destruir, os EUA faturaram nas guerras antifeudais europeias. No período napoleônico, por exemplo, famílias ricas, assustadas em face dos “trapos” revolucionários que os exércitos da França ainda faziam de bandeira, imigraram para o Novo Mundo, investindo maciçamente na próspera e estável economia americana. Nunca se calculou quanto ouro veio para Nova York e Virgínia.

POTÊNCIA IMPERIAL

Se os EUA já eram a maior nação industrial do mundo em 1960, disputando mercados imperiais com as competidoras europeias na China,

Japão e América Latina, o centro político permanecia na Europa, particularmente o Império Britânico, dominando 500 milhões de pessoas e uma extensão de terra que deu origem à frase de que “o sol nunca se põe” sobre a bandeira inglesa. O capitalismo liberal europeu, porém, se despedaçou na guerra de 1914-1918, permitindo que os EUA “apanhassem os pedaços”, ao entrar no conflito em 1917, quando os adversários estavam esgotados de recursos e moralmente arrasados.

O “problema soviético” emergia somente no pós-guerra de 1945. O presidente Woodrow Wilson, que levou os EUA à chamada Grande Guerra, é a figura dominante do período. Propôs o internacionalismo, que, até hoje, 1976, é a política externa do país. Wilson via um mundo à maneira norte-americana, povoado de democracias representativas, liberto de esferas de influência (a causa das guerras, segundo o presidente), aberto ao livre comércio, que aproximaria os homens pelos interesses em comum.

A imagem é bonita e não há dúvida de que foi, em parte, baseada em convicções sinceras. A realidade, porém, era e é diferente. Já em 1919 a democracia representativa estava longe de ser a forma de governo preferida pela maioria das elites dirigentes do mundo. E o “livre comércio”, dada a superioridade industrial dos EUA, significaria, na prática, a hegemonia de Washington, que, de resto, emergiu do conflito credora de praticamente todas as nações envolvidas. E obrigaria os velhos impérios, Inglaterra e França, a desmontar o sistema autárquico e protecionista pelo qual mantinham as respectivas colônias.

A visão de Wilson também não correspondia à própria realidade do continente americano. Os EUA mantinham as mais altas tarifas protecionistas do mundo, na época, e queriam preservar a parte da Doutrina Monroe que lhes interessava, a não interferência europeia nas Américas, quando já haviam infringido outra componente da doutrina, a que haviam descartado na guerra, o não envolvimento dos EUA na Europa.

Os líderes econômicos norte-americanos, a comunidade de negócios, fizeram coro com Clemenceau e Lloyd George, rejeitando o curioso e seletivo idealismo wilsoniano. Daí o mito do “isolacionismo”, entendido como abstenção dos EUA dos assuntos mundiais, quando, em verdade, quer dizer apenas desligamento político, pois as multinacionais se expandiam em todos os continentes, querendo evitar, isto sim, acordos diplomáticos que lhes restringissem os movimentos.

ISOLACIONISMO

A Depressão de 1929 foi, em grande parte, causada pelo que Wilson abominava, esferas de influência que se traduziam em sistemas econômicos fechados, protecionismo, a luta anárquica por matérias-primas, a falta de coordenação do comércio mundial, a inexistência de uma comunidade mundial que gerisse harmoniosamente os recursos da Terra em favor das potências industrializadas e a praga corrosiva do nacionalismo.

Franklin Roosevelt, presidente de 1933 a 1945, encaminhou os EUA à hegemonia mundial e à reforma interna. O New Deal, o programa rooseveltiano, adotou *ipsis litteris* a visão internacionalista de Wilson, ao mesmo tempo que lançou os alicerces do Welfare State no país, criando a previdência social, o seguro contra o desemprego, e estendeu as franquias democráticas do povo. Foi um fracasso no sentido de que não resolveu o problema estrutural da Depressão (em 1940, os EUA enfrentavam 15% de desemprego), minorando apenas, pelo reformismo, a miséria social.

Em 1937, num agravamento da crise econômica, Roosevelt pronunciou o famoso discurso “Quarentena para os agressores”, a plataforma da política intervencionista que os EUA seguiriam a partir de 1941. Os “agressores”, naturalmente, eram Hitler, Mussolini e Hiroíto, nacionalistas ressentidos, derrotados direta ou indiretamente em 1918, que exigiam agora um lugar ao sol, usando violência se necessário, num mundo devastado pela Depressão e, mais grave, sob ameaça de uma revolução das massas no modelo do abominado bolchevismo.

O discurso foi mal recebido nos EUA, pois a concepção de expansionismo econômico sem amarras políticas, o “isolacionismo”, continuava dominante. Os acontecimentos, porém, trabalhavam a favor de Roosevelt.

A guerra europeia de 1939, em 1941, se tornou mundial, atraindo os EUA, a URSS e o Japão. A aliança entre EUA, URSS e Inglaterra foi um casamento de conveniência que se desfez rapidamente na realidade da paz. Stálin queria segurança no Leste Europeu, em suma, uma esfera de influência soviética. Churchill pretendia, cego à ruína econômica inglesa, manter o império e o sistema de “bloco da libra”, que obrigava colônias e domínios a negociar exclusivamente em termos favoráveis à Inglaterra. Uma quimera que a necessidade inglesa de obter auxílio dos EUA, quando

sozinha em face da Alemanha, destruiu rapidamente, tornando a Grã-Bretanha sócia menor de Washington, condição em que se encontra até hoje.

A URSS era diferente. Venceu a guerra na Europa, arcando com 70% da luta contra Hitler, o que fica evidente nos documentos da Conferência de Ialta (fevereiro de 1945). Estabeleceu seu sistema no Leste Europeu. O resto do mundo caiu sob controle americano, ao menos até que ocorressem as revoluções chinesa, cubana e vietnamita.

O enriquecimento dos EUA na Segunda Guerra pode ser aferido pelos seguintes dados: em 1941 o PIB do país era 96 bilhões de dólares: em 1942,122 bilhões: em 1943,149 bilhões; em 1944,160 bilhões. Hoje, é 1 trilhão e 300 bilhões, dobrando praticamente a cada ano do pós-guerra.

Roosevelt montou, em Dumbarton Oaks e Bretton Woods, os sistemas político (Nações Unidas) e econômico (Banco Mundial etc.) em que se alicerçaria a hegemonia americana. Se atas de conferência valem alguma coisa, sem falar de extensos estudos históricos disponíveis, Roosevelt pretendia respeitar algumas aspirações soviéticas a uma esfera de influência no Leste Europeu. Não viveu o bastante para que saibamos, com certeza.

O sucessor, Harry Truman (1945-1953), inseguro, temeroso de que o desmantelamento da economia de guerra trouxesse de volta a Depressão e armado da “invencível” bomba nuclear, então monopólio dos Estados Unidos, interpretou diferentemente o acordo (ambíguo, é verdade) de Ialta e resolveu enfrentar a “ameaça soviética”. Nenhum estrategista norte-americano previra que a Europa Ocidental, devastada pelo conflito, se sentisse atraída a modelos socialistas de recuperação, o que aconteceu entre 1943 e 1947, quando então a influência dos EUA e programas de rearmamento (Otan) e recuperação econômica (Plano Marshall), sem falar da Doutrina Truman, de 1947, que prometia intervir em qualquer canto do globo sob risco de subversão, contiveram o surto revolucionário. O preço foi a divisão permanente da Europa, oficializada em Helsinque, 1975.

AUTOCRÍTICA E RECUO

Se a hegemonia dos EUA não foi total, pós-1945, não há dúvida de que se imprimiu na maior parte do mundo, toda aquela, de resto, que não caiu

sob controle comunista. O país prosperou de maneira estupenda, dobrando o PIB de 1950 a 1960, de 1960 a 1970, enquanto missionariamente bloqueava surtos nacionalistas que suspeitava fossem de origem ou em proveito da “outra igreja”, com base em Moscou.

Uma guerra entre nações industrializadas se tornou difícil depois que a URSS atingiu paridade nuclear com os EUA. A luta ideológica se transferiu para o Terceiro Mundo, onde está até hoje. Não há vitoriosos. Ambos os blocos podem apontar sucessos e fracassos.

Nos EUA, porém, a partir da guerra no Vietnã, um intenso movimento de autocrítica está em curso. Os horrores do conflito penetraram em todos os lares americanos pela televisão em cores. A tenacidade dos vietnamitas, um dos povos mais pobres da Terra, enfrentando a maior máquina militar e tecnológica da história, chocou profundamente o povo americano. O liberalismo da sociedade permitiu que a crítica virulenta às premissas básicas da política externa de Washington tivesse ampla divulgação, o país rachou entre intervencionistas e não intervencionistas, tema que sublinha a campanha eleitoral de 1976.

Se isso não bastasse, o escândalo de Watergate, em 1972, levando à renúncia, pela primeira vez na história, um presidente, revelou insuspeitadas vulnerabilidades no sistema, em sua ação interna.

Essas crises certamente diminuíram muito o sentimento anticomunista, que beirou o patológico, entre 1949 e 1956. Isso não significa que haja simpatia pelo comunismo. Ao contrário. O PC tem 100 mil membros nos EUA. O regime soviético é visto como uma monstruosidade totalitária.

Há, porém, maior tolerância pela diversidade do mundo e uma repulsa forte à tese de que os EUA devem determinar o rumo a ser seguido pelos outros países. O espírito liberal de 1776 se reafirmou em face dos desastres na Indochina e de Watergate.

A própria elite dirigente parece ter reconhecido os limites do seu poder. Esse é um dos significados da política de *détente*, “negociar em vez de confrontar”, só não aceita, e de boca, por um dos candidatos à Presidência de 1976, Ronald Reagan.

O quadro mundial mudou completamente. Hoje, os EUA e as demais nações capitalistas industrializadas enfrentam uma rebelião, anárquica e contraditória, porém inequívoca, do chamado Terceiro Mundo, fornecedor passivo no século XX de matérias-primas e mercados, em troca de muito

pouco. O símbolo dessa rebelião, encabeçado por nações na maioria conservadoras, é a Opep. Os EUA dizem-se dispostos a negociar. É provável que não exista alternativa.

O país, porém, está mais próspero do que nunca, prevendo-se em 1976 um crescimento real de 7% sobre um PIB de 1 trilhão e 300 bilhões de dólares, depois de vencida a recessão de 1974-1975. Os americanos produzem mais e consomem mais que dois terços da humanidade. E gozam do sistema político mais livre do mundo. Têm muito por que se autocongratularem.

Existe consciência de problemas sociais profundos. Nenhum é insolúvel. É possível integrar o negro, a mais alienada componente da sociedade, às benesses que já se tornaram rotineiras para a classe média branca. Basta haver liderança. Virão com certeza um seguro médico nacional, uma garantia de emprego a cada cidadão apto e outros aperfeiçoamentos do Welfare State inaugurado por Franklin Roosevelt.

A maioria do povo permanece fiel ao sistema, se bem que um número crescente de pessoas lhe nota as deficiências internas e privilégios incompatíveis com uma ordem mundial em que a justiça prevaleça. O país, porém, é jovem e nunca revelou incapacidade de aprender. E o povo, o que é mais importante, nunca permitiu que lhe roubassem o direito de pensar e agir livremente.

04-07-1976

A BROADWAY DE ONTEM E DE HOJE

Quando vim pela primeira vez a Nova York, em 1954, meus críticos favoritos de teatro, Eric Bentley e George Jean Nathan, diziam que a Broadway estava morta. Outro dia, vi em TV uma entrevista com um produtor famoso da década de 1950, Merrick (*Hello, Dolly!* etc.), que se lembrava, saudoso, dos anos 1950, declarando a Broadway de hoje morta.

George Jean Nathan morreu.

Eric Bentley dá um curso de teoria e defesa ideológica do homossexualismo na Universidade de Nova York. A Broadway continua. Talvez seja um zumbi.

Consideremos. Este ano vou ver John Gielgud e Ralph Richardson, em *No Man's Land*, de Harold Pinter; o próprio Pinter dirigindo a deliciosa comédia de Simon Gray, *Otherwise Engaged*, estrelada por Tom Courtenay (o protagonista, no cinema, de *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, de Soljenítsin); Irene Worth, uma atriz americana radicada na Inglaterra e estupenda, em *O cerejal*, de Tchecov; Michael Moriarty em *Henrique v*, de Shakespeare; Vanessa Redgrave na comédia *The Recruiting Officer*; e Richard Chamberlain em *A noite do iguana*, de Tennessee Williams. E estão previstos diversos musicais de interesse, como o recente *Guys and Dolls*, um clássico, superior, na minha opinião, a *My Fair Lady*, com um animado elenco negro, que desvirtua um pouco o trabalho original de Frank Loesser e Abe Burrows, mas não o arruina. E há dezenas de shows disponíveis, de vários tipos de Brecht, off-Broadway, a Shirley MacLaine.

O leitor atento perceberá que várias dessas produções serão importadas da Inglaterra e que quase todas são *revivais*, reprises de obras conhecidas.

Percebendo isso, entenderá dois terços das dificuldades da Broadway, que não está morrendo ou sequer gravemente enferma. Sofre, apenas, de subdesenvolvimento cultural.

AUTORES E ATORES

Um teatro vive de autores, que lhe conferem uma identidade cultural, e de atores, que são o veículo transmissor da “doença”. O diretor pode ser uma figura muito importante em uni-los, porém, sem um ou outro, não existe.

Em 1954, Arthur Miller nos mostrava o tormento bastante confortável, em termos materiais, da esquerda americana se adaptando à repressão da Guerra Fria, e Tennessee Williams nos falava de outro tipo de repressão, mais abrangente, sexual e (em consequência) social. Gostemos ou não deles, davam à Broadway, ao teatro americano, uma nítida identidade cultural.

E claro que é ótimo ver Shakespeare, Tchecov, Pinter e Simon Gray. Porém é inegável que não expressam a experiência imediata americana, mais rica e complexa do que a inglesa atual, que Gray e Pinter captam tão bem. Esse problema é grave, o da falta de identidade: não apareceu nos anos 1960 ou 1970 um autor que nos desse o que Miller e Williams nos deram, nos 1950.

Os filhos de Kennedy,^{3} ora encenado no Brasil, é tolerável, porém em hipótese alguma está à altura do tema, muito mais bem desenvolvido e aprofundado por romancistas como Gore Vidal, Saul Bellow ou Norman Mailer.

Não acredito que essa falta de autores se deva a qualquer deficiência intrínseca do teatro.

Um Jason Miller, que escreveu a promissora *That Championship Season* (também encenada no Brasil), em seguida se radicou em Hollywood, inclusive como ator, participando do ridículo e acintoso *O exorcista*.

E os atores também marcham para Hollywood, fazendo cinema ou TV. Abominam Hollywood. Agora, se Peter Falk recebe 300 mil dólares por um episódio do banalíssimo *Columbo*, enquanto, na Broadway, no máximo, conseguiria uns 4 mil dólares semanais, submetendo-se a ensaios longos, à fúria (não raro ignorante) dos críticos e à rotina exaustiva da performance diária, não adianta: Falk preferirá *Columbo*. É humano.

ÚNICA SAÍDA

Inglêses como Gielgud, Richardson, Redgrave e Worth fazem teatro em Londres e, no verão, aceitam papéis em cinema. É, em parte, questão de mentalidade, da sorte de terem nascido num país com uma gloriosa tradição teatral, que jamais existiu nos EUA. Mas é também o fato de que o governo inglês subvenciona gordamente diversas companhias de repertório, que dão ao ator a chance de experimentar e aprofundar o seu *métier*. Isso inexistente nos EUA.

Não é falta de dinheiro. É o fetiche da “iniciativa privada”, que rege a vida americana. Dez milhões de dólares ao ano garantiriam à Broadway três ou quatro companhias de repertório de primeira qualidade. Enquanto não existirem, os autores se sentirão inibidos e os atores se prostituirão. Esse obstáculo já existia em 1954. O teatro sobrevive, apesar disso, uma prova incomum de vitalidade, a meu ver.

15.08.1976

VI E NÃO GOSTEI

Annie Hall⁽⁴⁾ é o último filme de Woody Allen, ainda não estreado (vi-o em cabine), e lamento informar que é chato. Não inteiramente chato. Allen sempre me diverte. Depois de uma bem-sucedida “transa” sexual com Diane Keaton, ao receber os agradecimentos pela performance, responde: “Bem, como diria Balzac, lá se vai mais uma novela”. A piada é sutil, admirável, irresistível.

O filme me sugere Bergman no Brooklyn. Explico: o tema de quase todo filme de Bergman é a irresistível atração afetiva de um homem por uma mulher, e vice-versa, e a incapacidade, dolorosa e dolorosamente expressa em choques monumentais, de concretizarem algo duradouro. Nos desfechos, amadurecidos, se conformam com as imperfeições da natureza humana, com o fato de que nascemos e morremos carentes afetivamente.

Woody é grande admirador de Bergman. Transfere esse tema para a relação de um comediante (ele próprio) e uma cantora aspirante (Diane Keaton). Vemos os dois namorando, vivendo juntos, enfrentando os estilos da vida em Nova York e em Hollywood (que Woody converte, em imagens, em algo de surreal e hilariante e o máximo em fajutice. As cenas são excelentes). O problema é que Woody não é Bergman. Não digo isso pejorativamente.

Bergman é, essencialmente, um artista do século XIX, que acredita em personagens estruturados, conscientes, pertencentes a uma cultura estabelecida, onde vivem seus dramas e comédias. Os filmes nos cativam porque ele é um grande artista. São, porém, conceitualmente antiquados. Não existe mais gente assim, culturas assim.

Existe uma fragmentação geral. Toda arte moderna nos expressa isso, que o mundo é insano e corrupto e que não pode ser compreendido, apenas experimentado, fragmentariamente, em sensações. Relendo o que escrevi, acho que não é uma definição das piores de “arte moderna”, em que o criador impõe uma imagem sua, intransferível, ao universo e que tem, no máximo, um parentesco distante com a realidade observada.

Woody é incapaz de recapturar a densidade de Bergman e, muito menos, de encontrar-lhe um equivalente na cultura americana, que, por ser a mais “adiantada”, espelha melhor que qualquer outra a fragmentação, corrupção e insanidade a que me referi.

Não é, por exemplo, verdade, que o jovem protótipo de hoje procure na mulher a complementação da sua personalidade, ou vice-versa.

Acho que os jovens colocam o que chamarei de “amor” num cubículo de tamanho médio no que resta da estrutura de suas personalidades. Sexo, se não está propriamente *passé*, certamente perdeu a importância dos meus tempos de juventude, e dos de Bergman, em que achar a “mulher ideal” era um dos objetivos supremos da vida. Estarei enganado? Bem, não nos círculos que frequento, a menos que meus olhos, ouvidos e cabeça estejam totalmente desparafusados.

Em consequência, não dispondo da cultura estruturada em que Bergman monta seus filmes, Woody cai no anedótico permanente, descrevendo as relações entre ele e Diane Keaton. Algumas anedotas são divertidíssimas, embora, em parte, intraduzíveis, pois muito locais, americanas, nova-iorquinas. Filme, porém, não é anedota. Daí que em uma hora de *Annie Hall* eu olhasse o relógio me imaginando no cinema havia no mínimo três horas.

Pior ainda. Woody adora Diane Keaton e o filme é alicerçado nela. É possível montar um filme em Liv Ullmann ou Jane Fonda. Não em Diane Keaton.

A nossa amiga serviu bem a Woody como coadjuvante. Em *Sleeper*, em *Love and Death*^{5} etc. Entregue a si própria, é uma chata bonitinha. Repito: Woody Allen é sempre engraçado.

Continua engraçado em *Annie Hall*. Falta apenas o filme em que ele possa ser engraçado.

10.04.1977

ADIVINHE QUEM VEIO PARA JANTAR

Bernardo Bertolucci, o diretor de *O último tango em Paris*, filme que a censura brasileira com a sua sapiência costumeira proibiu a 100 milhões de adultos em nosso país (aqui passa em TV), para não corromper-lhes a moral, está em Nova York, ultimando o lançamento de uma versão reduzida a quatro horas e vinte minutos de seu 1900, de um original de seis horas.

Houve uma briga intensa entre Bertolucci e Grimaldi, o produtor, que queria uma versão de três horas e meia. Os motivos da briga, aprendi ontem, são literalmente impublicáveis. Bertolucci ganhou. O filme será exibido como ele quer no Festival de Cinema de Nova York, em outubro, e distribuído por um consórcio que reúne a Fox e a CBS-TV.

Domingo à noite jantei com Bertolucci e a mulher, num pequeno grupo, e depois na minha casa conversamos até três horas da manhã. Uma experiência agradável e instrutiva e, para mim, uma quebra na monotonia do burocratês eufemístico de políticos e similares, que é a minha dieta diária de conversas com pessoas “importantes”. Apesar disso, devo dizer que me vali da oportunidade cheio de cautelas. Meus contatos com celebridades internacionais, a quem entrevistei ou não, nem sempre foram estimulantes. Em geral, evito-as como a praga. O egocentrismo dessa gente supera o meu, o que talvez explique a má vontade. E o simples fato de que são internacionais - e eu não - provavelmente é outro irritante, dada a minha vaidade.

Bertolucci, porém, conquistou meu coração ao caçarmos um táxi, na saída do restaurante, quando lhe contei que naquele mesmo restaurante, numa reunião algo careta, eu possesso de uma mistura química inacomodável, vomitei sobre a mesa, à maneira de Herman Mankiewicz, o autor do *script* de *Cidadão Kane*, vexame esse que usei, em outro contexto, no meu romance *Cabeça de papel*. Bertolucci fez pior. Ao conhecer Jean-Luc Godard, a quem adora, foi tal a emoção que vomitou sobre Godard. É impossível não gostar de uma pessoa assim.

Aos preocupados sobre a etiqueta do que fazer depois de vomitar na mesa do próximo, informo que o negócio é não dar explicações, sair o mais

rápido do local e, dias depois, enviar uma carta apologética ao *host* ou *hostess*.

Discutimos muita política, cinema e Glauber Rocha, que é velho amigo de Bertolucci. Sei que Glauber é no momento motivo de forte polêmica no Brasil, que ganhou um prêmio em Cannes e que está alterando o alfabeto brasileiro.^{6}

Não sei exatamente o que Glauber anda fazendo, mas ele é um dos raros de nossos intelectuais a tentar fundir a separação que existe entre nossas elites e massas. Bertolucci, depois de criar o que é o melhor filme americano da década, *O último tango*, pode voltar a reintegrar-se na cultura estruturada da Itália e analisá-la do ponto de vista marxista, em 1900. Não temos essa estrutura ou, como diz uma amiga minha, “não assumimos a mulatice brasileira”. Nossa *intelligentsia* é europeizada e/ou americanizada. Glauber, à maneira de Stephan Dedalus, no *Retrato de um artista quando jovem*, quer recriá-la à sua imagem, correndo todos os riscos.

Lembro-me do êxtase da segunda parte de *Deus e O Diabo na terra do sol*. Ali notamos que o cinema brasileiro era possível.

Eu, que faço parte dos europeizados e americanizados, não seria capaz de tanto esforço. E Glauber me deu uma entrevista extraordinária para *Status*, anos atrás, de que vocês, se leram, leram apenas pedaços, porque a censura a mutilou, naturalmente mais uma vez deduzindo que adultos brasileiros ao contato com inteligência tão aguda quanto a de Glauber pudessem sofrer apoplexia. Nossa censura zela pelo nosso bem-estar. Nosso governo fornece proteção policial gratuita a todos nós, queiramos ou não, pois já não se disse que Deus é brasileiro?

Eu sempre quis saber como Marlon Brando foi persuadido a fazer a cena do caixão em *O último tango*, em que a personagem, em face da mulher morta, se humilha e se esfrangalha diante de nossos olhos. Bertolucci me contou que, à parte oferecer garantias pessoais a Brando de que, se a cena ficasse ridícula, ele a cortaria, mandou na hora da filmagem instalar um gigantesco *teleprompter* em italiano em frente ao ator. *Teleprompter* é o que chamam no Brasil de “dália” e aqui de *idiot card*, ou seja, o ponto, a cola do texto para os atores que não conseguem decorá-lo. É notória a incapacidade de Brando em decorar qualquer coisa, daí aquele olhar distante dele, porque está sempre lendo o texto nos diversos lugares em que o penduraram no *set* de filmagens. E nesse episódio, enfrentando

um italiano que mal entendia, isso lhe aumentou a angústia, que passou para nós esmagadoramente. Aí está. Não comento, transmito.

Há outra cena famosa, a sodomização de Maria Schneider, em que as pessoas se chocam com Brando utilizar a manteiga a fim de amaciar o terreno, o que sempre me surpreendeu, porque o importante e violento na cena para mim não é sodomização em si, afinal um acontecimento rotineiro nas melhores famílias, e sim as blasfêmias que Brando diz. Bertolucci concorda, mas nota que mesmo na Europa a manteiga foi elemento de choque. A criancice, conclui-se, é universal.

1900 conta a história de uma família através de gerações e a luta de classes no campo vista da perspectiva gramsciana de Bertolucci. O filme foi um extraordinário sucesso na Itália e Europa, embora o diretor prefira a versão de quatro horas e vinte minutos, que montou para o público anglo-americano.

O moço é muito versado e brilhante, sem quaisquer das frescuras que em geral caracterizam o que chamei de celebridades internacionais, e, com Bergman e Wertmüller, certamente o artista mais eminente do cinema de hoje, ou, ao menos, um dos mais ambiciosos e na ambição certa.

Quanto a mim, quero crer que me portei bem durante a noitada. É verdade que lá pelas tantas cumprimentei Claire (que Bertolucci chama de Clara), a mulher do cineasta, pelo excelente inglês que ela fala, a que Claire me respondeu: “Bem, sou inglesa”. Mas o que vocês querem? Ninguém é perfeito.

08.06.1977

ROMANCE - UMA SAÍDA PARA O POPULISMO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

O esplêndido lançamento do último romance de Jorge Amado confirma que Alfredo Machado é um dos editores mais astutos da praça.^{7} A maioria de nossos editores é derrotista. Não acredita que o povo brasileiro, ou aquela minoria que tem o dinheiro, não importa quão solicitada, seja capaz de ler mais que 5 mil exemplares de um romance. Machado, como os editores americanos, acredita que o céu é o limite, se soubermos iluminá-lo para os ilustres passageiros cá embaixo.

É claro que Jorge ajuda, estimula a que se corra o risco de tirar 120 mil exemplares de um romance (tiragem que eu saiba, digo tiragem inicial, jamais igualada nos EUA, exceto para marginais da literatura do tipo Mickey Spillane ou Harold Robbins). O máximo a que um escritor da categoria de Jorge pode aspirar aqui é a de 50 mil. As grandes tiragens iniciais de que ouvimos falar são de livros de bolso. Jorge é o profissional absoluto. Não apenas é um dos raros escritores que têm o que os franceses chamam de *oeuvre*, como a defende em todas as frentes. Exige, o que acho corretíssimo, que todos os seus livros estejam sempre no prelo, à disposição das novas gerações. E sua seriedade é incontestável. Ele dá tudo dele, sempre, ignorando as teorias literárias da moda, o que chama na entrevista a *Veja* de “elitismos” (os quais, no Brasil, nota argutamente, tiveram nova voga pós-1964. Debacles políticas provocam em setores da inteligência ânsias de escapismo, das quais a mais atraente é o obscurantismo).^{8}

Dito isso, eu queria contestar algumas passagens da crítica altamente favorável ao romance que o meu velho amigo Ferreira Gullar escreveu no mesmo número de *Veja*.^{9} Já me avisaram que isso vai cair mal, porque, afinal, tenho também um romance na praça, e meus comentários serão entendidos como em causa própria. Nonsense. Vou repetir aqui o que escrevi em 1965, em relação a teatro, publicado em 1966 no meu livro *Opinião pessoal*.^{10} Só que agora o assunto é romance e não teatro. No

ensaio anterior, sobre teatro, com o título hediondo de “Teatro e cultura”, eu dizia que o Brasil precisava de um Ibsen, de um dramaturgo que analisasse a mecânica da classe dirigente, que afinal nos brindou com 1964. Embora como crítico eu apoiasse o Teatro de Arena e iniciativas similares que viam nossa realidade (ou tentavam vê-la) sob o prisma dos fracos e oprimidos, eu achava e acho esse *approach* insuficiente. Será isso elitismo?

Gullar se refere logo a Joyce no início da crítica, que queria que os leitores levassem ao menos o mesmo tempo que ele, Joyce, levou escrevendo *Ulysses*, sete anos (em verdade, cinco, sete anos foi quanto demorou a publicação, em 1922), lendo a obra. O fato é que qualquer pessoa com bom conhecimento da *Odisseia* e da língua inglesa lê *Ulysses* num dia de leitura. E há as dezenas de traduções, sem falar das análises, da sucinta e verdadeiro mapa da mina de Stuart Gilbert às análises exaustivas, porém claríssimas, de Richard Ellmann.

A estrutura de *Ulysses* é de romance vitoriano, cheia de entrecchos e subentrecchos. O que há de difícil é a invenção de linguagem do autor, de uma riqueza jamais igualada e que nos deixa mais ricos espiritualmente depois de absorvê-la. Não é uma obra de *avant-garde*. Isso só existe na cabeça dos críticos. Não acredito que artista algum sério se sente diante de sua mesa de trabalho e diga “vou produzir uma obra de *avant-garde*”. O que há é que artistas, em determinados períodos históricos, sob a pressão de acontecimentos históricos, são tomados de uma necessidade irresistível de recriar a linguagem de sua época, abandonando todas as convenções vigentes, porque estas lhes parecem falsificar a realidade. Isso é transparente em Joyce. A gênese de *Ulysses* é a reação do autor contra o “supramundo” que os jesuítas lhe ensinaram, que ele sabia visceralmente falso, e a mistificação política irlandesa, sacramentada na destruição de Parnell pelo clero e na hipocrisia católica.

Ulysses é em última análise o mais profundo mergulho no inconsciente do ser humano que já foi escrito desde *A interpretação dos sonhos*, de Freud. Joyce sentiu que a linguagem literária em vigor, fruto das vulgaridades da Revolução Industrial, tipificada por Arnold Bennett, jamais lhe permitiria tal pesquisa. Daí inventou gloriosamente a própria. E justapõe o artista, o marginal, Stephen Dedalus, ao burguês, Bloom.

Elitismo em quê? A linguagem, repito, foi produto da recusa de Joyce de entrar na retórica típica da época, que destruíra Parnell, ou de aceitar a transcendência do real que os jesuítas lhe ensinaram. Joyce, certamente, não

prisma sua visão pelos fracos e oprimidos, como Amado faz e Gullar aprova. Mas quantos autores de primeira ordem seguiram a trilha de Amado? Gullar compara Jorge a Balzac, encontra-lhes parentesco no desleixo verbal. Bem, cessa aí. Balzac, apesar de profundamente reacionário, politicamente, se concentra na alta burguesia, na classe dirigente da França. Favorável à supremacia dessa classe, é tão bom artista que a destrói indelevelmente na sua obra. Idem Flaubert, outro reacionário (um liberal), que tremeu em face da Comuna de Paris, mas que desmoraliza totalmente a classe dirigente que arrasou a Comuna. Pós-Balzac, Flaubert e Stendhal, o que resta da burguesia francesa é muito pouco de honroso, se alguma coisa. Do trio, no entanto, apenas Stendhal foi, em certos períodos da vida, um progressista político.

Ferreira Gullar nota que o último romance de Jorge é escrito para o povo e dirigido ao povo. Não é possível. O romance custa 160 cruzeiros. Num país onde 43 milhões de pessoas vivem com pouco mais de 3 mil e tantos cruzeiros, ao ano, em que a fajúterrma renda *per capita* é de 1 mil dólares, 160 cruzeiros é um preço inacessível à maioria dos brasileiros.

Por que persistimos nessa ilusão? Literatura no Brasil, como de resto quase tudo, é feita para a classe média e desta para cima. Essa gente admira Jorge porque acha divertidas as suas histórias, porque partilha a generosa visão do autor sobre os fracos e oprimidos ou, o que é mais provável, as duas coisas. O povo cava o seu suado que pague a geral nos estádios ou vê televisão, comprada a prestações.

E ainda sobre a questão do elitismo é difícil lembrar um único escritor de primeira ordem que não tenha se concentrado na classe dirigente do seu tempo e país. A única exceção de gênio que me ocorre é Charles Dickens, cujo retrato da aristocracia é pateticamente inadequado. Em qualquer lista de grandes romances colocaríamos *Guerra e paz* e *Ana Karenina*, que não tratam do campesinato sob o tzarismo, para dizer o mínimo. Apesar disso, são lidos avidamente pelos operários soviéticos, estão entre os favoritos dos operários, me disse Ilya Ehrenburg, quando o entrevistei em 1966.

E é muito justo. Afinal, se “o povo” quer ler alguma coisa não será sobre si próprio, e sim sobre seus senhores. No Brasil, isso sugere sânscrito. A tradição dominante é a de Jorge Amado e Rachel de Queiroz (embora esta hoje esteja à direita de Genghis Khan e não escreva nada há mais de quarenta anos, o que a tornou, naturalmente, candidata ideal para a

Academia Brasileira de Letras). É a tradição do “realismo socialista”, da década de 1930. E a contribuição do stalinismo às letras. O burguês, que domina o mundo, se converte em caricatura malévola. O oprimido é idealizado, o homem Rousseau perfeito, embora vítima de circunstâncias intoleráveis. Tamanho é o talento de Jorge que ele nos deu um grande livro dentro dessas limitações, *Capitães de areia*, mas o *approach* me parece eminentemente discutível. Será possível que ninguém sinta a necessidade, *à la* Stendhal e Balzac, de dar ao leitor brasileiro um quadro de gente como João Goulart, Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, dos presidentes de federações industriais, dos generais, dos plutocratas e tecnocratas que decidem nosso destino e o das grandes cidades, em suma, da nossa classe dirigente? Certamente “o povo” gostaria de conhecer quem o oprime, certo? Gullar se refere ao “realismo mágico” de Jorge, que ele já identifica em *Jubiabá*. Pode ser. A maioria de nós percebeu que Jorge, a partir de *Quincas Berro d’Água* (abreviei o título), 1958 ou 1959, começou discretamente a despir a camisa de força do “realismo socialista” e a dar vazão às fantasias, à molecagem, ao romance da boêmia, do sensualismo desinibido, que finalmente o tornaram aceitável aos que lhe recusavam a rigidez política de antanho. Se bem que nunca abriu a boca sobre o assunto, no que fez muito bem. Jorge não resistiu ao “realismo socialista” do discurso secreto de Kruschchev sobre Stálin, no vigésimo congresso do Partido Comunista, em 1956. Passou a produzir uma literatura que, se ainda contém a simpatia pelos fracos e oprimidos, e repulsa a seus opressores, enfatiza as relações humanas no nível sensorial e até extrassensorial, pois pelo que sei aderiu ao Babalaô dos terreiros.

Não me sinto qualificado a julgar esse tipo de literatura. Dado o talento de Jorge, não duvido que mereça todos os aplausos e a popularidade que conquistou. Nunca estive sequer na Bahia. Também nunca subi o Pão de Açúcar na cidade onde nasci, o que talvez faça de mim um elitista, não sei. É evidente que Gullar admira o autor das duas fases e tenho confiança no julgamento dele.

Não posso aceitar, porém, que Gullar considere estigma de subdesenvolvimento que Jorge seja julgado em função de padrões externos. Por que estigma, por que subdesenvolvimento? Os escritores e críticos americanos frequentemente se comentam em função precisamente da literatura francesa ou inglesa. Literatura não é universal? E futebol? Não

julgamos o nosso escrete em relação aos estrangeiros? O nosso PIB? A nossa música? Por que Jorge, ou qualquer outro escritor, deve ser julgado estritamente sob privilégios nacionalistas? Deixemos isso para a Petrobras.

Devemos ter orgulho de Jorge pelo prazer e iluminação que nos dá, assim como devemos admirar Dalton Trevisan, Clarice Lispector e outros escritores bem diferentes. Isso me parece óbvio, mas eu gostaria que Ferreira Gullar, cuja influência sobre os jovens é imensa, aderisse à minha “causa”, que, ao lado dos mestres que já possuímos, ele exigisse a emergência de romancistas que tentassem nos mostrar como a máquina do “Brasil grande” funciona, quem são seus engenheiros e maquinistas, e gostaria de rever Gullar de *A luta corporal*, que, à maneira de Joyce, sentia uma profunda repulsa pela linguagem convencional da literatura brasileira, o Gullar que um dia me falou entusiasmado de uma linha de Murilo Mendes em que o poeta combinava “Lua luar”, “luar” aí sendo verbo. A linguagem, se verdadeira, é revolucionária, e não preciso dizer a Gullar que toda verdade é revolucionária.

22.08.1977

A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE – SESSENTA ANOS DE LÊNIN, TRÓTSKI E STÁLIN

Meu título causará surpresa em certos círculos, pela inclusão do nome de Trótski, afinal desalojado do poder em 1925, mas ela será explicada. Trótski é, na minha opinião, o autor intelectual da Revolução Soviética, o que ele próprio nega, modestamente, na sua monumental obra *A revolução russa*, atribuindo a honra a Lênin e às massas. E Trótski foi o principal inspirador de Stálin, o homem que o destruiu, um paradoxo aparente, intolerável para leninistas, trotskistas e stalinistas. Tenho muito a explicar, reconheço.

Antes, porém, eu diria que a Revolução Soviética é um dos três acontecimentos decisivos no que chamamos pitorescamente de “civilização cristã”, na cultura (*Kultur*) que emergiu do Império Romano, a oeste de Constantinopla, ou seja, a cultura ocidental. O primeiro é a Reforma de Lutero, que destroçou a coerência ideológica do cristianismo. O segundo é a Revolução Francesa, a partir de 1791, como decorrência do governo de Robespierre e Saint-Just (que me lembram extraordinária e respectivamente Lênin e Trótski). A Revolução Soviética é o mais profundo e cismático. A Reforma é um subproduto do nascimento do nacionalismo e do capitalismo. A Revolução Francesa eliminou as últimas travas feudais à explosão capitalista e liberal, mas é argumentável que a beneficiária central, a burguesia, já controlava os meios de produção quando tomou o poder no século xviii, na esteira da Revolução Industrial, que a nobreza e o clero se recusavam obstinadamente a aceitar como determinante do futuro, que está conosco até hoje, um decadente presente.

A Revolução Soviética surgiu do nada. Em nação alguma do mundo existia a condição *sine qua non* da tomada do poder pelo proletariado, que Marx e Engels haviam previsto e postulado em extensas análises. E, especificamente, haviam vetado países sem uma economia de abundância, industrial, sem uma numerosa classe operária urbana capaz de administrar os meios de produção. A Rússia de 1917 era semifeudal, possuía quando

muito 3 milhões de operários, de uma população de 85% de camponeses, habituados secularmente a uma férrea autocracia lastreada “espiritualmente” pela reacionaríssima Igreja Ortodoxa. Marx achava possível revoluções socialistas na Alemanha, Inglaterra e EUA, que ele e Engels começavam a estudar, antes de morrer. Na Rússia, por escrito, decretaram um inequívoco *nyet*. Considerariam a tese de Mao Tsé-tung ou a do líder vietnamita Ho Chi Minh *grotesqueries*, porque se basearam no campesinato à exclusão de um inexistente operariado urbano. Logo, a frase - e clichê - “revolução marxista”, muito usada pela nossa imprensa popular e por polemistas anticomunistas, deveria ser arquivada de vez. É um mito. Na hipótese mais caridosa, permanece inédita.

Lênin, ao contrário da lenda, aceitava a análise de Marx e Engels. Na sua luta contra os mencheviques, o centro da discórdia não era, não importa o que diga a propaganda comunista subsequente, que os bolcheviques pretendiam instalar o comunismo na Rússia e que os mencheviques desejavam primeiramente que o país passasse por uma fase capitalista. A briga era entre a concepção leninista do partido único, de revolucionários profissionais, a “vanguarda”, e a visão menchevique de um partido aberto a todos que simpatizassem com ideias socialistas. O chamado “eurocomunismo” de hoje é o “retorno do reprimido” menchevique à arena polêmica do comunismo.

Trótski favorecia os mencheviques no debate com Lênin, prevendo, corretamente, que a “vanguarda” levaria a uma ditadura, incompatível com o socialismo. Discordava, porém, dos grupos de Lênin e Martov (o líder menchevique) quanto à possibilidade de revoluções comunistas no que hoje chamaríamos de nações subdesenvolvidas. Em 1905, ele e Parvus (brilhante teórico que depois se autodegradou, servindo ao *Kaiser* na Primeira Guerra) desenvolveram a tese da revolução permanente, que de relevante ao tema deste artigo propõe que uma revolução socialista em país tão atrasado como a Rússia seria o estopim que conflagraria todo o mundo desenvolvido, levantando as classes operárias dos ditos, que, no poder, iriam em socorro da atrasada Rússia e, em pouco tempo, unidas, estabeleceriam o socialismo em escala mundial.

Em 1905, isso sugeria quimera ou, no máximo, especulação interessante, típica do brilho inegável de Trótski. Em 1917, porém, com as principais nações capitalistas da Europa arrasadas pela guerra, com levantes de marinheiros alemães e soldados franceses, em reação ao morticínio,

Lênin começou a dar crédito a Trótski. Em todos os livros contemporâneos dignos de créditos (o do menchevique Sukhanov é o melhor), quando Lênin desembarcou na Estação Finlândia, em Petrogrado, cuspidando fogo, o comentário dos outros bolcheviques foi que Lênin se transformara em “trotskista”. Os líderes bolcheviques, Stálin, Sverdlov, Kamenev e Zinoviev, estavam na linha marxista tradicional, de colaborar com os partidos progressistas que emergiram depois da queda do czarismo em fevereiro, objetivando a entrada da Rússia na revolução capitalista.

Se Lênin se tornou “trotskista”, Trótski se converteu em “leninista”, isto é, aceitou os direitos à exclusividade revolucionária dos bolcheviques. Desse acordo nasceu a liderança real da Revolução Soviética. Vale notar que, até julho de 1917, a maioria do Comitê Central do Partido Bolchevique ainda estava contra a tese de tomada imediata do poder proposta por Lênin e Trótski. Foi uma mudança no comportamento das massas bolcheviques, que se insurgiram nas ruas, que convenceu o resto da liderança comunista. Ainda assim, à última hora, Kamenev e Zinoviev, bolcheviques da velha guarda, alcaguetaram o plano de insurreição de Lênin e Trótski, o que levou Lênin a chamá-los de “furadores de greve” e a querer expulsá-los do Partido, do que foram salvos pela rara concordância e união de Trótski e Stálin.

A tese de Trótski pressupunha que o Outubro soviético fosse seguido da revolução alemã. Isso se tornou axiomático entre os bolcheviques. Ninguém acreditava que a precária Revolução Soviética se mantivesse de pé sozinha. Bem, em 1918, o levante “spartakista” de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht fracassou na Alemanha, traído pelos sociais-democratas, aliados ao Exército imperial. Em 1923, nova tentativa redundou em semelhante fracasso. Até levantes em países subdesenvolvidos (Hungria) deram em nada. Em 1920, a tentativa do Exército Vermelho de levar a revolução sob ponta de baioneta à Polônia terminou em derrota. Data desse período o dilema da liderança bolchevique que terminaria resolvido no stalinismo.

Lênin e Trótski subestimaram a capacidade do capitalismo vigoroso e intocado pela guerra dos EUA de revitalizar a decadente Europa burguesa. Não esperavam que os imperialismos pobres da Inglaterra e França tivessem forças de organizar uma intervenção na Rússia que terminaria envolvendo 22 países, acabando de arrasar o país, já devastado pela Guerra de 1914 e por viver na idade da pedra. Essa guerra civil, cujo cerne era a própria reação interna, custou a vida de 13 milhões de pessoas. Foi a guerra

civil mais violenta da história e, no entanto, existe um mínimo de análise e de compreensão sobre o efeito que teve na psique dos bolcheviques. Atrocidades foram cometidas de lado a lado, mas está incontrovertivelmente provado que quem as iniciou foi a Legião Tchecoslovaca, a ponta de lança do intervencionismo de Clemenceau e de Lloyd George, os dirigentes da França e Inglaterra. Em julho de 1918, os bolcheviques dominavam o equivalente a 10% da URSS atual. Uma social-revolucionária, Dora Kaplan, tentou matar Lênin. Antes, os comunistas se haviam magnânimos. Soltavam generais tzaristas sob promessa de que não pegariam armas contra a revolução (não faziam outra coisa). Aboliram, para escândalo de Lênin, cuja memória das “gentilezas” da Comuna de Paris era vívida, a pena de morte. Pensavam conciliar com todos os partidos, desde que reconhecessem a supremacia bolchevique.

Pós-Dora Kaplan, Lênin chamou Félix Dzerzhinsky, revolucionário polonês, discípulo de Rosa Luxemburgo, cuja ambição professa era dirigir um comissariado de bem-estar da infância, e deu-lhe plenos poderes de combate à contrarrevolução, via a famosa Cheka, a antecessora da atual KGB. Numa noite, conta Victor Serge, a Cheka matou 150 mil pessoas em Petrogrado, o sangue jorrava como água pelas ruas em direção aos bueiros. Começara o terror vermelho. Trótski erigiu do nada o Exército Vermelho e, revelando gênio militar que seus escritos sobre o tema já deixavam antever, derrotou a reação interna e os intervencionistas. **A batalha decisiva foi em Leningrado, 1919, em que mulheres comunistas atacavam tanques usando facas de cozinha.** A revolução triunfara, embora a guerra civil só terminasse oficialmente em 1922.

Triunfara, porém, sobre o quê? Em 1921, isolada do mundo, devastada internamente, com fome e canibalismo em todos os cantos, à URSS restava o partido único de Lênin, governando massas exaustas e hostis, que não entendiam as sofisticadas esperanças de uma liderança que sonhava ainda com a revolução mundial. O Partido que se permitia uma “espantosa liberdade de debate”, na frase do historiador (hostil) Robert V. Daniels, se fracionara de tal forma que ameaçava o próprio suicídio. Lênin sugeriu e todos aceitaram que fosse proibida a formação de facções, de que se valeria Stálin mais tarde para esmagar todas as oposições. Em 1921, o levante dos marinheiros da fortaleza Kronstadt foi impiedosamente esmagado por Trótski, mas, no comentário de Lênin, iluminou dramaticamente a cena de

miséria e sofrimento do povo. Lênin criou a NEP, Nova Política Econômica, economia mista, em que as grandes (e falidas) companhias do Estado permaneceriam sob controle estatal, mas aos camponeses e donatários de indústrias médias se permitiria o capitalismo. Foi um período de conciliação de classes que se estendeu até 1929, o período mais pacífico da Revolução Soviética até a ascensão de Krushev, depois da morte de Stálin, em 1953.

Novamente, Trótski se insurgiu, ainda que disciplinadamente, dentro das reuniões do Partido. Trótski propunha a acelerada industrialização do país, a militarização do trabalho, um regime draconiano de desenvolvimento da indústria pesada (elaborado pelo economista Preobrazhensky), que seria adotado *ipsis litteris* por Stálin, pós-1929, sem reconhecer a autoria, porque expulsara o autor do país nesse mesmo ano e o mandaria assassinar no México, em 1940. As explicações de trotskistas ilustres, como Isaac Deutscher, de que o programa de Trótski era para ser adotado voluntariamente pelo povo, que excluiria a inacreditável brutalidade de Stálin ao coletivizar a agricultura, são especulações interessantes, impossíveis de provar ou desprovar.

Lênin não aceitou a tese de Trótski. É uma questão aberta se ele considerava a NEP um fenômeno transitório, o que é, claro, religiosamente afirmado pela propaganda comunista, ou se voltara à concepção social-democrata, menchevique, de que a URSS precisava de um período de desenvolvimento capitalista antes de ingressar no socialismo. O bolchevique favorito de Lênin, o benjamim do Partido, Nikolai Bukharin, acreditava na segunda hipótese, tanto assim que se aliou a Stálin para destruir a facção radical de Trótski (enriquecida depois de 1926 de Zinoviev e Kamenev) e caiu em 1929, defendendo os princípios da NEP. Nunca saberemos o que Lênin pensava realmente, pois morreu em 1924, sem deixar explicação, ou ao menos que tenha vindo a público.

Deixou, porém, o famoso testamento. Se, de um lado, propõe a retirada de Stálin do todo-poderoso cargo de secretário-geral do Partido, prevendo o futuro tirano por implicação, de outro, embora reconhecendo a superioridade de Trótski sobre os demais, critica-o pela “excessiva atração” (*sic*) por “métodos administrativos” (*sic*), essa última expressão um eufemismo de imposições de programas ao povo a chicote, o que seria a especialidade do stalinismo. Fora da URSS, Trótski, sem nunca rejeitar a tese do partido único e exclusivista, tornou-se um apóstolo do comunismo

libertário, mas não era obviamente essa a posição dele nos tempos de Lênin, o que o testamento do líder especifica.

A violência com que Stálin industrializou a URSS na década de 1930 é provavelmente responsável pela vitória da URSS sobre a Alemanha nazista e por sua conversão numa superpotência que só rivaliza com os EUA. O custo humano dessas realizações, porém, faz estremecer a mente. Cinco ou dez milhões (os dez milhões são de Stálin, ditos a Churchill) de camponeses assassinados na coletivização entre 1929 e 1932, o assassinato de 1 milhão de comunistas nos expurgos de 1934-1939. sem falar de suas respectivas famílias e amigos, elevando o total a 20 milhões de vítimas. A destruição da fina flor da cultura russa, de Mandelstam a Babel, e o estabelecimento de uma aridez burocrática na vida cultural do país, que permanece até hoje. Uma tirania policial que antes de sua morte, em 1953, superava a de Adolf Hitler. E, finalmente, para manter paridade em armas com os EUA, a submissão do povo a indizíveis sacrifícios em nível de vida que, hoje, 24 anos depois da morte do tirano, continua mais baixo do que o da Bélgica, que a URSS, militar, incineraria em meia hora.

Muito se discutiu na polêmica Stálin-Trótski sobre a posição do primeiro em favor de “socialismo num só país” e a visão internacionalista de Trótski. Há exagero de parte a parte. Stálin nunca desistiu da revolução mundial, nem Trótski rejeitou a possibilidade de desenvolvimento autônomo da URSS. Trótski não pôde provar o que faria, porque derrubado e assassinado. Stálin, porém, forçado a fixar-se na URSS, graças ao renascimento do capitalismo europeu reabastecido pelos EUA, transformou a política externa soviética num modelo de cinismo e oportunismo que desmoralizou o comunismo tanto quanto o corrupto papado na era de Lutero. Em 1927, sob os protestos de Trótski, inaudíveis fora do país, Stálin forçou os comunistas chineses a se aliarem a Chiang Kai-shek, pois temia que uma revolução comunista na China atraísse o ódio capitalista contra a URSS. Chiang massacró os comunistas. Daí nasceu a revolta de Mao Tsé-tung à tutela soviética. No fim da Guerra de 1945, para aplacar os EUA, Stálin continuou traindo Mao e apoiando Chiang. Na Iugoslávia, pelos mesmos motivos, na Segunda Guerra, queria que Tito partilhasse o poder com a monarquia. Em 1938, na Guerra Civil Espanhola, à parte mandar assassinar implacavelmente todos os grupos esquerdistas não comunistas que

lutavam contra Franco, iniciou a redução do auxílio ao governo republicano porque já planejava o Pacto de Não Agressão, vis-à-vis Hitler, de agosto de 1939. Na Alemanha de 1933, insistiu em que o pc considerasse os sociais-democratas os “verdadeiros fascistas”, cindindo a classe operária, o que facilitou a ascensão de Hitler. Também no fim da Segunda Guerra fez os comunistas franceses e italianos baixarem armas em face dos EUA, porque queria preservar a esfera de influência que reservara para a URSS no Leste Europeu (apesar disso, essa esfera lhe foi negada pelos EUA até que a URSS desenvolvesse armas nucleares). É difícil imaginar política mais sórdida e estúpida. Sem a cisão da classe operária alemã, Hitler só chegaria ao poder mediante uma guerra civil e é quase certo que, em 1933, se o Exército derrotasse socialistas e comunistas, teria posto no poder uma alternativa menos perigosa e agressiva do que Hitler. Da mesma forma, o Pacto de Não Agressão nazicomunista de 1939 é julgado obra de gênio de Stálin, pois desviou as fúrias de Hitler para o Ocidente europeu, o qual tentava persuadir direta e indiretamente ao *Führer* que a URSS seria o alvo ideal de conquista alemã. Esse raciocínio tem algum mérito até a invasão da Polônia por Hitler. Nesse período, a Inglaterra já se comprometera a defender a Polônia. Se Stálin, em vez de acumpliciar-se com Hitler, abocanhando metade da Polônia, lhe tivesse dado combate, haveria sido mais fácil derrotar Hitler então, pois, sabemos hoje, a máquina de guerra alemã era mais mistificação tática do que realidade. Já em 1941, quando Hitler atacou a URSS, dominava completamente a Europa, seus recursos e tropas. Colocou 144 divisões de elite vis-à-vis Stálin e 3 milhões de homens. Stálin obteve, apesar de tudo, a maior vitória militar do século, mas ao preço de 20 milhões de soviéticos e de devastações no país maiores que as da guerra civil de 1918-1922.

Milhões de pessoas, no entanto, se sacrificaram por Stálin, idealistas, muitas das quais morreram fuziladas nos campos de extermínio da URSS, bradando triunfalmente o nome do carrasco, no momento em que este as executava, o que prova que o comunismo é a religião secular do nosso tempo.

Resta da URSS de Stálin a superpotência. Seus efeitos benéficos são indiretos. Inexistisse a URSS, os EUA, no seu período de expansão imperialista, que terminou com a Guerra do Vietnã, teria transformado o resto do mundo numa coleção de Cingapur. Todo movimento insurrecto,

ou meramente nacionalista, lançou olhos esperançosos na direção de Moscou, talvez porque o único breque à superpotência americana, e não, certamente, porque Moscou fosse a meca do internacionalismo revolucionário.

É difícil imaginar um único movimento comunista fora da esfera de influência soviética no Leste Europeu que aceite e admire o modelo soviético. E mesmo nessa esfera a indocilidade e ânsias de libertação são sensíveis, não em loucos “santos” do tipo Soljenítsin, mas em novas gerações de reformistas comunistas, que anseiam por apagar a onerosa herança do stalinismo que lhes foi imposta. E dentro da própria URSS tensões nacionalistas, a inexistência de um padrão de vida civilizado, das mínimas liberdades individuais, provocam agonias de que temos meros relances. O stalinismo é um monumental leviatã militar e policial. Espiritualmente, é um cadáver. Seus decrepitos líderes não sabem sequer o que fazer. É uma ditadura caduca que se sustenta pela força da inércia e na ponta de mísseis nucleares e nos tentáculos da KGB. Não era esse o sonho de Lênin e Trótski e, talvez, nem do próprio Stálin, no início de sua carreira. Mas foi a nação e o movimento que os três construíram e que cabe a gerações futuras reformular, eliminando deformidades e, principalmente, para purgar a alma de um grande povo, contar-lhe a verdade sobre sua história nesses tumultuosos sessenta anos.

Diversas circunstâncias históricas, principalmente a destruição do mundo burguês capitalista em 1914, deram margem à Revolução Soviética. Disso não resta dúvida. A mim, porém, me parece igualmente certo que, se não fosse o gênio de Lênin, Trótski e Stálin, essa revolução teria seguido um rumo muito diferente. A paternidade da URSS moderna é inequivocamente deles. E o que restou, no país que erigiram do feudalismo de 85% de camponeses, o que restou de cada um? Lênin, homem simples, materialista convicto, está hoje transformado em ícone, ridiculamente mumificado na praça Vermelha, onde me pareceu ruborizado. Tem toda a razão. Deve estar em rotação permanente na cova. Trótski “não existe” na URSS ou é rotineiramente atacado pelos escribas dos burocratas gagás que administram o patrimônio de Stálin. Um crime histórico que dispensa comentários. E o próprio Stálin virou assunto que não se discute em “casa de família”. Depois da superficial revisão do período Krushev, colocaram de novo a mortalha sobre o governo desse novo misto de Genghis Khan e Pedro, o Grande, que reformulou completamente a história do nosso tempo.

Dizia-se que a revolução devora seus filhos. A soviética repete a máxima em farsa: fez deles objeto de ridículo para os desinformados, que permanecem 99% da humanidade.

06.11.1977

COMO VIVEM OS RICOS

“Só fala mal da sociedade quem não consegue frequentá-la”, diz uma personagem de Oscar Wilde, presumivelmente expressando a opinião do autor. Nos tempos de Wilde, porém, só na Inglaterra, o que se chama “sociedade”, e que é, em verdade, o grupo no alto da escala social, era perfeitamente definido: aristocracia rural, não necessariamente nobre, mas com família ilustre, os primeiros industriais que eram aceitos (considerados vulgares pelos aristocratas) e alguma gente de grande (ainda que suposto, apenas) mérito nas artes. Hoje, nem na Inglaterra é possível ser tão definitivo. As estruturas foram para o brejo.

Vivemos na era da celebridade. A palavra é indefinível. Abrange gente que fez alguma coisa na vida, boa ou má não vem ao caso, como, digamos, Kissinger e Candice Bergen. Mas inclui prostitutas, de alto coturno, Jacqueline Onassis, ou de médio coturno, Bianca Jagger. Isso não aconteceria nos tempos de Wilde. Logo, só muita experiência e uma certa inteligência permitem ao observador dizer quem é quem.

A visão que a imprensa brasileira tem da celebridade americana me diverte ocasionalmente. Outro dia, li num jornal do Rio que as três boates mais frequentadas de Nova York são Ipanema, Cachaça e Regine's. A informação é inteiramente falsa; à parte brasileiros e outros latino-americanos ricos, o Regine's é um fracasso completo junto às celebridades, que vão apenas a duas *discos*, o que chamei caretamente de boates, a saber, Studio 54 e New York, New York. Cachaça e Ipanema são frequentadas por brasileiros de classe média, o que inclui jornalistas, e talvez daí a confusão. Brasileiro faz muito barulho, o que sugere movimento.

Um lugar “pega” porque esse grupo heterogêneo, de Kissinger a Bianca Jagger (que não se sabe se é homem ou travesti), faz ponto lá. Os intelectuais de Nova York, certamente um dos “ápices” do rótulo de celebridade, fazem ponto no Elaine's e no P. J. Clarke's. Este último menos que antigamente, porque a classe média ouviu tanto falar dele que o inunda todas as horas do dia, para ver as celebridades, o que as afastou. Já Elaine, a

proprietária do outro botequim, não senta desconhecidos, logo as celebridades comparecem. Elas sentam.

Já fui a todos os lugares acima e é difícil dizer onde se come pior, qual o mais desagradável. Acho perfeito que um intelectual, depois de um dia exaustivo, queira tomar um pileque em companhia de seus pares e falar mal dos pares ausentes. Mas a hierarquia de mesas no Elaine's, cuja comida é infecta e os preços de bebida um assalto, tornou o lugar ridículo para quem se dá ao respeito. Há pouca gente que se dá ao respeito.

A política do Studio 54 é simples e inteligente. Entram gente conhecida, moças e rapazes bonitos, que sirvam de “carne” a gente conhecida. O leão de chácara do lugar, Steve Rubell, nega que seja essa a política da casa, fomentar a prostituição para os célebres e muito ricos (nos EUA, em geral a mesma coisa). Pode continuar negando. Sei do que falo.

O que bebem as celebridades? Bem, intelectuais acima de quarenta anos continuam tomando os pileques habituais. A nova safra, do Studio 54, fica no vinho branco, qualquer um, ou Tab, coca-cola, sem açúcar, preservando seu organismo para cocaína e Angel Dust, as drogas da moda. Não estamos mais na sociedade do álcool, e sim da droga. É bom que as autoridades tomem tento, como se dizia antigamente, pois caso contrário terminarão em conflito sério com as pessoas que são pagas para proteger os poderosos. No Rio e São Paulo, falando nisso, é a mesma coisa.

Essas pessoas todas moram no lado leste de Manhattan, entre as ruas 60 e 80, e têm uma casa de verão em Southampton, Long Island. Os intelectuais já têm domicílio mais incerto e preferem, em Long Island, Sag Harbor.

Sobre o que conversam as celebridades quando estão juntas? Nada, se juntam para serem fotografadas e citadas. É uma profissão, juro, isso de aparecer em coluna de jornal, em reportagens etc. Sexo caiu muito de moda. Algumas celebridades corajosas, como Andy Warhol, admitiram em público que acham muito trabalho tirar a roupa, exceto para dormir. Droga é o que os mantém vivos, se isso é vida.

Não há, claro, um escritor sério que frequente o Elaine's ou gente de família aristocrática, *à la* Wilde, que vá ao Studio 54 ou ao New York, New York. O que resta de gente que se dá ao respeito, quando sai, é para um restaurante cuja comida seja excelente, o que não falta em Nova York, em todas as *cuisines*.

Celebridade é prostituição em vários sentidos. A carreira de Jackie Onassis, analisada a frio, foi vender aqueles preciosos sete centímetros anatômicos a um milionário que se tornou presidente dos EUA e, viúva, a um gângster e picareta internacional grego. Não sei se Bianca Jagger tem os sete centímetros naturalmente ou se foram enxertados por algum Pitanguy, mas o fato simples de que aparece em todos os jornais e revistas do país a torna um modelo, uma promotora de produtos comerciais de alto valor. Dentro de algum tempo, se imagina, não precisará mais extorquir dinheiro do delinquente canoro, Mick Jagger, de quem usa apenas o nome.

Escrevo estas notas com dois objetivos: o primeiro, solidariedade profissional. Os editores de outros jornais, sem precisarem aceitar minhas opiniões, têm agora um manual de fatos para julgar o que faz ou não sucesso social em Nova York. O segundo é sociológico. Toda noite, vários graus abaixo de zero, centenas de pessoas se aglomeram em frente ao Studio 54, pedindo pelo amor de Deus a Steve Rubell que lhes dê uma chance de se prostituírem junto às celebridades ou, no mínimo, serem fotografadas. Isso nos diz bastante sobre a sociedade americana. É uma sociedade cujo único valor é a notoriedade (todos os gângsteres de Watergate enriqueceram “escrevendo” livros). *Revistas do tipo People, New York etc. atestam o fenômeno que reflete uma total corrupção e uma subserviência completa em face dos que darwinianamente sobreviveram no mar de lama, criaturas da lama, mas perfumadas. Falem mal de mim, desde que falem, é a moral dessa sociedade. Claro.* Nova York não é os EUA, mas será muito diferente do resto do país? O presidente é o símbolo da nação. Aceita no seu círculo íntimo de amizades, frequenta jantares que Bert Lance, trambiqueiro, patrocina. Demitiu um promotor republicano da Filadélfia porque estava botando na cadeia, por crimes vários, metade do Partido Democrata.

As celebridades vendem jornais. Vender é a palavra-chave. Tudo está à venda neste país, o mais vendido do mundo.

02.02.1978

DIÁRIO DA CORTE

Dona Flor e seus dois maridos [1976] rendeu 4.620 dólares no primeiro dia de exibição no cinema Paris, pequeno mas estrategicamente situado (perto do hotel Plaza, em frente ao Central Park, ao lado do edifício da General Motors). Se continuar assim, será um sucesso de bilheteria e obterá, o que é muito difícil para os filmes estrangeiros, distribuição nacional.

As críticas foram *mixed*, divididas. Pau no *Times* (onde o titular, Vicent Canby, como previ, não se dignou a escrever, entregando o trabalho a sua “sub”, uma senhora algo retardada), delírios de Judith Christ, do *New York Post*, de Cue, do *Women’s Wear Daily*. De especial interesse é o comentário de Andrew Sarris, que não influi na bilheteria, mas que é levado a sério por cinéfilos, no *Village Voice*. Num momento lá, Mr. Sarris diz: “Talvez se eu fosse brasileiro não me ofendesse tanto com a vulgaridade de Dona Flor”. aguardo os comentários de Sérgio Augusto, crítico de imprensa, que está me saindo meu irmão gêmeo de alguns anos atrás (quer dizer, não abro uma publicação sem dar com o nome dele, praticamente), sobre essa restrição racista. Sérgio é amigo e admirador de Sarris. Sérgio, não me desaponte.

Sonia Braga está muito satisfeita da vida. Diz que no Brasil recebeu apenas elogios pela sua “pulcritude”, mas que aqui os críticos que gostaram dela a elogiaram como atriz. É verdade, rapazes, francamente, se for.

O filme tem duas coisas contra o sucesso de crítica em Nova York. O primeiro é a nudez de Sonia Braga. As pessoas andam meio cansadas de gente que tira a roupa, neste país onde não há censura. Reparem que os filmes nomeados para o Oscar, *Julia*, *The Turning Point*, *Annie Hall*^[1] etc., têm um mínimo de sexo, eu diria quase que incidental. Isso porque em toda tralha cinematográfica as personagens se olham e, em segundos, estão nuas. Cansou.

A cena da sodomia de Sonia Braga, cortadíssima no Brasil, aqui aparece inteira, um incentivo turístico, apesar do depósito de 22 mil pratas. Falando nisso, a história do corte no Brasil é divertidíssima. Me foi contada por um editor (não gente ligada ao filme) que reclamou do censor

responsável que em *Lipstick*^{12} a sodomia de Margaux Hemingway aparece completa e a de Sonia Braga foi reduzida a um *close-up* de êxtase. O censor explicou: “É que dona Margaux reclama o tempo todo do Dr. ‘X’, e a dona Sonia Braga parece estar gostando, o que ofenderia as famílias”. Não é uma maravilha? Criança, nunca verás um país como este.

O outro problema de *Dona Flor* é a ditadura jornalística feminista. As feministas formam um poderoso *lobby* nas redações hoje e, fiéis às decisões do congresso de Houston, só admitem filmes em que fique provado que “homem não presta”, como diziam minhas tias, quando eu era garoto, em face dos fracassos amorosos das moças da família. Dona Flor não só gosta de homem, como gosta particularmente de um que a espanca e explora. Isso é subversão em alto grau. Aliás, foi assim que me explicaram a raiva de Sarris contra o filme, que se ele gostasse do filme ficaria sem jantar uma semana, pois é casado com Molly Haskell, feminista e crítica de cinema de *New York*. Ms. Haskell é deliciosa, juro. Analisando o excelente *Iphigenia*, de Cacoyannis, disse que Eurípides dissecava a crueldade com que os homens sempre trataram as mulheres, porque na peça Agamenon sacrifica a filha mais velha, que dá o título à peça, para que os gregos recebam vento favorável em direção a Troia. Não é bem isso. O oráculo que cobra o sacrifício cruel de Agamenon pede-lhe a cabeça do primogênito, que acontece ser mulher, Ifigênia. Se fosse homem, o pobrezinho seria queimado provavelmente sob os aplausos de Molly Haskell, celebrando a morte de mais um inimigo. E Eurípides não estaria dizendo que os deuses, homens, fossem sexistas? Não, quem pede o sacrifício é Artemis, ou Diana, mulher (em verdade, não pede nada, o oráculo mente para vingar-se de Agamenon. Eurípides não acreditava em deuses). **Nelson Rodrigues tinha razão: a burrice é incurável, e em se plantando brota mais que maria-sem-vergonha.**

AOS LEITORES

Recebo muitas cartas de leitores. Gostaria de responder a todas, exceto aquelas que me pedem como arranjar bolsas nos EUA, o que posso responder aqui: dirija-se ao mais próximo consulado americano que todas as informações lhe serão prestadas. E bolsa nos EUA se arranja no Brasil e não aqui. Mas falo dos que querem estabelecer uma *entente* intelectual ou comentar meu trabalho. Recebi uma carta enorme e engraçadíssima de um

cavalheiro que notou o tom sarcástico do meu trabalho. *Thanks*, amigo, pensei que só eu e minha mulher notávamos. Ele vai adiante e lamenta que teve certas dificuldades com meu romance *Cabeça de papel* (se você soubesse das minhas), pela linguagem complicada e excesso de palavras estrangeiras. A linguagem é coloquialíssima. Algumas coisas que as personagens dizem, isto, sim, não costumam ser discutidas na nossa literatura. Quanto às palavras estrangeiras, as pessoas no livro falam assim na vida real. Quis ser fiel. O leitor me pede algo mais dirigido ao “povão” (sic). Amigo, você acha mesmo que é necessário? Não acha que o mercado saturou? Tem já tanto troço dirigido ao “povão” que se eu me metesse nisso me tornaria redundante. E note a coerência política do meu livro. O governo brasileiro faz tudo apenas para 0,3% da população. Logo, patriota, escrevi um romance destinado a esse 0,3%. Colaboro com a revolução no setor cultural.

A última queixa do leitor é que, ao comprar o livro, este se esfacelou nas mãos e a livraria não quis trocá-lo. Meu velho, se nada funciona aí, por que haveriam as editoras e gráficas de funcionar? Em todo o caso, grato pela atenção dispensada. Desculpe não ter tempo de responder em carta. Aprecio muito que me escrevam e continuem.

14.03.1978

NÃO QUERO SABER DA SUA VIDA

Apesar de eu ser classe média, reconheço que coabitam em mim uma vocação aristocrática e um temperamento radical (hoje sem causa específica ou, pelo menos, diagramada). O que chamo de “vocação aristocrática” não é em absoluto o desejo de ter títulos, de restabelecer a monarquia (se bem que um dos príncipes herdeiros brasileiros, que beliscava o bumbum das moças perto do banheiro do velho Jirau, no Rio, me parece um candidato simpático), ou sequer, *à la* Evelyn Waugh, o desejo de ser “um senhor do campo”. Entendo por vocação aristocrática, no meu caso, limitação rigorosa de simpatia com o próximo. Com aqueles que nos são afins. A meus quatro ou cinco amigos íntimos entrego tranquilamente toda minha franqueza, amizade, perdoo-lhes todas as safardanagens que façam comigo; e partilho o que tiver com eles. Ao resto, distância - distância cordial, espero e duvido que nas diversas redações em que trabalhei alguém tenha queixa específica de mim (nunca tive uma briga com um colega em 25 anos de jornalismo), se bem que alguns que não me conheciam ou trabalhavam diretamente comigo me achavam arrogante. Procuo tratar todo mundo com respeito e cordialidade, mas não quero intimidades.

Estou fora de época, reconheço, sou o que o sr. Nelson Rodrigues chamaria de “um homem inatual”. A época é de todo mundo contar a vida em público, no que incluo aristocratas autênticos e não apenas vocacionais. Assim é que considero simplesmente escandaloso o livro do sr. Nigel Nicolson, *Portrait of a Marriage*^{13} (que em inglês, no Rio, vendeu 4 mil exemplares), em que ele descreve a vida sexual de seus pais, o homossexualismo do pai, Harold Nicolson, e o lesbianismo da mãe, Vita Sackville-West. Não é moralismo. É discrição. A identidade dos meus amigos, sua vida sexual e outra são para mim tabu. Podem fazer o que bem entenderem, que não me escandalizarão. Acredito como Mrs. Patrick Campbell que tudo é permissível, desde que “não se assustem os cavalos na rua”. O sr. Nigel Nicolson precisa de um curso urgente de vergonha na cara.

No Brasil e aqui, tomo o máximo cuidado, em festas, de não me sentar muito tempo perto de ninguém que eu não conheça direito.

Mulheres, principalmente, se bem que há homens que às vezes as superam em indiscrições. A moda é que perfeitos estranhos (ou estranhas), depois de alguns minutos de papo, passem a contar o que passa nos seus leitos conjugais ou não, seus problemas de análise (psico), não lhes ocorrendo que não tenho o menor interesse nisso. Reservo o meu interesse e simpatia exclusivamente para meus afins (homens e mulheres, sem distinção de sexo). Já fui rude várias vezes com esses confessandos, deixando claro que estavam inflacionando a ponto de explosão minha paciência e outros “territórios” impublicáveis. Noto espanto, mágoa e decepção. Lamento, mas sou assim. Em suma, não sou padre ou psicanalista.

Não é que eu não goste de fofocar sobre a vida sexual dos outros. Dou-me a esse vício, mas só em companhia de íntimos, e jamais falaria da minha vida sexual ou da de meus íntimos a estranhos. Reconheço, mais uma vez, que estou fora de moda.

Mas preciso realmente saber que dona Betty Ford é viciada em drogas e álcool, uma notícia manchete de TV e imprensa há vários dias? Não. E, desculpem a habitual imodéstia, mas tenho o testemunho da minha mulher de que eu já havia notado que Betty andava numa onda diferente, antes da confissão, simplesmente ao olhá-la em TV. Admito uma certa *expertise* no assunto. Agora, continuo considerando esse *strip-tease* psicológico perante estranhos (no caso de Betty, o mundo inteiro) uma forma particularmente vulgar de narcisismo.

Sim, porque não é outra coisa. Afinal, por que Joaquina precisa ficar contando a Joãozinho, a quem acabou de ser apresentada, que o marido dela não a conhece biblicamente, exceto de seis em seis meses, imitando os hábitos sexuais do pinguim? Isso é um problema de Joaquina e respectivo. Joãozinho nada tem a ver com isso. É, em suma, um problema particular. Mas é o narcisismo de Joaquina e a ideia de que se autoexpor é prafrentex que a fazem fazer esse papel lamentavelmente ridículo em público.

Joaquina, noto, é invariavelmente de classe média. O que se chama de “permissividade” hoje em dia sempre foi rotina nas classes dirigentes de todos os tempos. Não há práticas sexuais em Ipanema, ou consumo de drogas, que as cortes imperiais em Roma desconhecêssem. Homossexualismo só passou a ser “pecado” por obra e graça das

religiões judaica e cristã, porque na Antiguidade pagã era comum, socialmente aceitável e chegou a ser elevado a nível de ideal (Platão, entre outros, sem falar dessa grande poeta que é Safo). Como, hoje, porém, pouca gente lê, Joanhina se imagina uma inovadora, que está contestando as estruturas.

Pobre classe média. Num romance descrevi-a politicamente como “a barata tonta de todos os golpes que confunde zonzeira com liberdade e termina sempre sob o chinelo alheio”. A definição serve também para incluir os costumes e maneiras da classe média. Daí a natural simpatia que sempre existiu entre os aristocratas naturais e vocacionais com os pobres, o proletariado, pois este, à sua maneira, sem os requintes da aristocracia, sempre gozou da liberdade sexual da aristocracia, nunca sofrendo das inibições da classe média. Incesto, por exemplo, é rotineiro no proletariado, como na aristocracia. Ainda não chegou oficialmente à classe média, mas não tardará, e aí, claro, Joanhina me abotoará na próxima festa e me contará o delicioso pecado que andou cometendo com papai ou o irmão, crente de que descobriu algo novo.

No Brasil, de novo, neste século, só houve, na frase imortal de Rubem Braga, o óleo com filtro.

08.05.1978

LOUCOS

Começando pela prata da casa: numa *Veja* recente, o sr. Roberto Campos escreve que foi ele que inventou as palavras “monetarismo” e “estruturalismo”. Ambas existem antes que o destino tenha nascido. Ninguém em *Veja*, aparentemente, se deu ao trabalho de telefonar a Londres pedindo uma clarificação. Em parte, essa omissão se deve a motivo respeitável: não mexer num artigo assinado. Mas há limites e exceções em todas as boas regras. O artigo de Campos até que é interessante: expressa o que a comunidade multinacional deseja que o general Figueiredo inflija ao Brasil, “pondo nossa casa em ordem” à custa de sacrifícios indizíveis do povo brasileiro. Desconheço a opinião do general a respeito e não quero especular. Espero que ele tenha o bom-senso de não nomear o sr. Roberto Campos para o posto financeiro. Ele não está bem, general. Em Londres, me contaram que recebe jornalistas e personalidades inglesas trajando jeans e colares. Me contaram outras coisas também, mas meu jornalismo não é de cor amarela. E, general, todos os banqueiros aqui, os que conheço, conhecem o brilhante desempenho do sr. Roberto Campos à frente do grupo Paulo Geyer. **Banqueiros sabem de tudo, general. Mais que o SNI.**

Meu louco favorito é o xá do Irã, que se apelidou “Rei dos Reis”. O cara faz o sr. Campos sugerir o prodígio de sanidade e bom-senso. Quem é Maomé Reza “Pahlavi” (que no Brasil se escreve “Pahlevi”)? É o filho de um “coronel” do exército iraniano, que aprendeu a ler apenas quando adulto. “Pahlavi” ou “Pahlevi” é um nome nobre, mas fajuto, foi acrescentado pelo herdeiro do “coronel”. O pai do xá derrubou, a pedidos da Inglaterra, a dinastia Qajar, em 1921, a fim de garantir os interesses petrolíferos da British Petroleum e da Shell. Durante a Segunda Guerra, o “coronel” achou que o negócio era ser “ariano”, apoiando Hitler. Em 1941, Stálin e Churchill, usando tropas soviéticas, depuseram o “coronel” de araque e instalaram no trono seu filho, Maomé (tão comum o nome como “Silva” no Brasil) Reza, um garoto, playboy bocó. Em 1945, Truman ordenou que os soviéticos saíssem do Irã. O motivo aparente era conter o expansionismo comunista. O real era garantir a companhias de petróleo dos

EUA o naco do leão antes da British Petroleum e da Shell. Stálin obedeceu. O pobre Maomé não teve a menor influência nesses episódios. Era uma mera marionete. Houve até tiro entre a oss (predecessora da CIA) e o MI-6 (o serviço secreto inglês) pelos campos de petróleo. Os americanos ganharam, mas mantiveram a Shell e a British Petroleum como sócias menores.

Em 1952, um primeiro-ministro muito popular, Mossadegh, resolveu nacionalizar o petróleo iraniano. O xá saiu correndo para a Riviera. A CIA derrubou Mossadegh, e Maomé voltou ao trono. Fez tudo que os americanos ordenaram. Em verdade, morava pouco no país. Passava a maior parte do tempo em Beirute, Roma, Cannes, Londres e Nova York. Trocou de mulher duas vezes. Era um boneco festejadíssimo no que se chamava *café society*. Ninguém o levava a sério. Aí houve o golpe da Opep, em 1973, quadruplicando o preço do petróleo. O pobre Maomé não teve a menor participação no golpe. Ficou quieto, aguardando que bicho dava. Não havendo bronca é que se tornou “Rei dos Reis”, assumiu o papel de porta-voz da Opep, ditou regras e governou pelo terror. Essa história, que é inteiramente verdadeira, não é sequer transcrita em um centésimo na imprensa ocidental, que prefere descrever que o xá é um místico, em permanente contato com Alá. É preferível Roberto Campos.

21.11.1978

INTELECTUAIS NOVA-IORQUINOS

A esquerda está cada dia mais órfã, intelectualmente, neste país. A última deserção, e espetacular e dolorosa, é do *New York Review of Books*. Não é que o jornal tenha guinado ostensivamente à direita. Não, apenas publica toda e qualquer asneira de “dissidente” soviético, entra na canoa dos “refugiados do Vietnã” (decorosamente, usando os serviços respeitáveis de Jean Lacouture), não diz o que Israel é (críticas “moderadas” aparecem, de vez em quando). Elizabeth Hardwick, uma das editoras, de quem já fui amigo, me diz que Soljenítsin tem “estrutura”, o que falta na nossa sociedade. Ruborizo à resposta que me ocorreu e não dei, mas noto *en passant* que tanto Ibsen como Thomas Mann admiravam a repressão do tzarismo no sentido de que inspirara Tolstói, Turguêniev e Dostoiévski... Mais sobre isso adiante.

O pior crime do NYRB foi que defendeu e deu máxima cobertura ao livro de Allen Weinstein, *Perjury: The Hiss-Chambers Case* [1978], contra Alger Hiss, suposto espião soviético que deu o equivalente avacalhado de *l'affaire* Dreyfus nos HUA, até hoje. Pegaram Weinstein pelo pé no único jornal nacional de esquerda que há, *The Nation*, e pela última que vi Weinstein já perdeu três processos por calúnia e difamação (um inclusive lhe custou caro em dinheiro). O *nyrb* não “notou” os processos. Perdeu em consequência um de seus mais estimados colaboradores, I. F. Stone.

Eu disse que era o pior crime? Momento. Antes devo dizer que há tempos recebi uma carta de leitora pedindo que eu explicasse o caso Hiss aos leitores da *Folha*. É simples. Hiss era um alto funcionário do Departamento de Estado. Sempre foi de esquerda. Atingiu altos postos dentro e fora da carreira. Em 1948, foi denunciado por Whittaker Chambers, um editor de *Time*, notório mentiroso e intrigante (segundo depoimento unânime de seus colegas), ex-comunista e furibundo anticomunista. Chambers começou acusando Hiss de mero comuna. Quando não deu certo, descobriu uns documentos do Departamento de Estado que Hiss lhe passara: quando os dois eram espiões da URSS, quem trabalhou Chambers o tempo todo foi um certo Richard Nixon. A história é

intrincadíssima e há prós e contras razoáveis. Eu não acredito que Hiss ou Chambers tenham sido espiões da URSS, pois qualquer criança nesses assuntos sabe que a URSS não contrata espiões estrangeiros que sejam de esquerda, do PC etc. Contrata sempre gente que parece ser de direita. É abecê de espionagem.

Pior crime é que aparece um livro sobre Virginia Woolf e o NYRB gasta vinte páginas recontando pela nonagésima milionésima vez a história de Bloomsbury. Tudo bem. Ou tudo mal. Pobre Virginia Woolf. Ninguém lê os livros dela, mas se lê um bocado a respeito dela. É a coisa mais retrô, mais nostalgia nos meios intelectuais e adjacências. Assim ela não é julgada pelos seus méritos intrínsecos, é utilizada pela direita para levar o intelectualismo a uma posição de desarme e de hedonismo e condenada pela esquerda porque é utilizada assim. Os livros ganham mofo. É pena. As *ondas* é OK, ou era quando o li há uns quinze anos.

Em 1968, o NYRB publicou o diagrama de um coquetel molotov na capa. E um célebre artigo do meu amigo Andrew Kopkind (hoje exclusivamente preocupado com a *gay lib*) começava assim, *à la* Mao: “O poder nasce de um barril de pólvora”. Lênin tinha razão: o esquerdismo é mesmo a doença infantil do comunismo.

A maioria dos intelectuais esquerdistas americanos me diz que prefere a selva capitalista à prisão comunista. O capitalismo é incorrigível e o comunismo é horrível, escrevi eu. Naturalmente, esses esquerdistas dizem que continuam lutando por causas progressistas, contra Somoza, contra o xá etc. É verdade, mais ou menos.

Sartre achava que intelectual, só de esquerda, e grande arte, idem. Não há, não conheço maior bobagem. Vêm logo à minha cabeça o intelectual superior Edmund Burke (a quem Marx chamou de brilhante bucaneiro capitalista) e Wagner. Pelo contrário, acho que a tendência do intelectual é ser de direita. Ele é por definição um elitista. O rico olha o cidadão comum do alto dos seus “lá vai o barão”. O intelectual sem um níquel olha e vê as orelhas de burro crescentes. Acho que é uma forma de elitismo e esnobismo mais profunda que a dos ricos vis-à-vis os pobres. acredito que artistas mais profundos invariavelmente nos passem uma mensagem de esquerda, porque enxergando a realidade social, no seu gênio, não podem deixar de mostrá-la. Apesar disso, notem o exemplo de Balzac: sua obra é a maior crítica da sociedade burguesa já escrita, mas ele pessoalmente era de extrema direita. Idem Dostoiévski. Sua obra é a maior demonstração da

inevitabilidade da Revolução Soviética e, no entanto, o distinto rasteja perante os padres ortodoxos e o tzar.

Intelectuais têm culpas maiores que o próximo e não raro tentam purgá-las fazendo qualquer coisa pelos “menos favorecidos”. Alguns até chefiaram revoluções, como Saint-Just e Trótski. Se dão mal. A vida é estúpida e bruta demais para quem vive predominantemente de ideias. E, quanto à esquerda moderna, está precisando cair numa profunda revisão depois do ocorrido na China, na Kampuchea, no Vietnã e no Terceiro Mundo em geral, sem falar na presença indigesta da URSS.

01.08.1979

O APOCALIPSE, SEGUNDO FRANCIS FORD COPPOLA

Francis Ford Coppola jogou 30 milhões de dólares em *Apocalypse Now*, dizem. Nunca os recuperará. Pela aritmética insana de Hollywood, o filme, para empatar, precisa de 90 milhões. Havia gente saindo no meio, quando vi aqui, na estreia, depois de um bombardeio publicitário. Há críticos veemente e inteligentemente desfavoráveis. E a obra é dura de roer. É intelectual, quase, desculpem a palavra, teoremática. A violência, apesar de esteticamente resolvida com uma beleza visual, em partes, jamais igualada em cinema, não contém as fantasias, de história em quadrinhos, homoeróticas *de grotesqueries*, como o *Caçador de veados*,^{14} do fascista de loja de dois mil-réis Michael Cimino. Sentimos medo, pânico e asco. Francis Ford Coppola faz-nos temer a guerra total e absolutamente. Só os dementes, Brando, Martin Sheen e Robert Duvall, não morrem permanentemente de medo, e são, repito, dementes. Os soldados americanos choram de pânico. Têm ataques histéricos de pânico. Sabem, sempre souberam, no Vietnã, que seriam derrotados inexoravelmente por um inimigo disposto a sacrificar metade de sua população para vencer. Um inimigo implacável. *La grande illusion*,^{15} de Renoir, não é o mais poderoso libelo contra a guerra que o cinema já apresentou. Coppola arrebatou-lhe o cetro.

E muitos outros cetros. *Apocalypse Now* é um grande filme, um dos maiores que já vi, de uma seriedade e consistência que redimem a asneira, o sentimentalismo, a vulgaridade, a constante “pseudo” de quase tudo que Hollywood faz. É o primeiro filme sobre o Vietnã. O resto não passou de brincadeira ou lixo. E também, o que me interessa menos, um avanço estilístico de Coppola, que sai do tripé John Ford-Howard Hawks-Luchino Visconti, que tem marcado sua obra até hoje. Ele violenta os limites do realismo que já atingira em *Godfather 2*.^{16} As cenas entre Brando e Sheen, o contraste entre cinzento, negro e luz, a cena final, o *fade-out* de Sheen (havia um final alternativo. Coppola optou pelo *fade-out* numa decisão

política sábia, a meu ver. Já explicarei) são um novo Coppola, abrindo novas fronteiras de criação visual e conceitual. “Uma terrível beleza nasce”, disse Yeats noutra contexto, mas as palavras se aplicam aqui.

Minha restrição séria é que Coppola deveria ter esquecido Conrad e T. S. Eliot. Esses autores não ajudam seu grande filme e estão muito acima dele, criadora e intelectualmente. “The Hollow Men”,^{17} o poema de Eliot citado por Brando (e usado como epígrafe dum livro meu, falando nisso), é certamente sobre o mesmo vazio moral que levou o *establishment* dos EUA a incinerar o Vietnã, mas sua filosofia é essencialmente a pequenez do livre-arbítrio, o que não me parece caber no Vietnã. Em *Heart of Darkness*,^{18} Marlow, o narrador, define Kurtz; em verdade só ouvimos de Kurtz via Marlow. Agora, Marlow é o contraste civilizado de Kurtz, é a resistência da civilização a Kurtz; o humanitário e erudito que em contato com a selvageria absorveu-a, tornou-se a selvageria. Já Willard, Martin Sheen, o Marlow de Coppola, é não só tão selvagem quanto Kurtz. Marlon Brando é, na minha opinião, muito mais selvagem que Kurtz. Num certo sentido essencial, a visão política de Coppola é mais profunda que a de Conrad, embora esteticamente a obra literária seja superior ao filme (o que é tolice citar, mas indispensável). O Kurtz de Conrad não precisava terminar da maneira que terminou. O Kurtz de Marlon Brando parece são comparado às forças que Marlow-Sheen representa no filme.

Eu disse que o filme era difícil. Coppola nos fala desse brilhante oficial que é Marlon Brando, que enlouqueceu e que criou um exército próprio no Camboja e que precisa ser exterminado pelos seus superiores americanos em Saigon, porque macula a honra dos EUA e do Pentágono. Este envia um oficial intelectual, um agente secreto, assassino, Martin Sheen, para matar Kurtz. Essa é a história do filme.

Estamos no ano fatal de 1968, depois que a ofensiva do Tet,^{19} dos vietnamitas, convencera os mais inteligentes nos EUA da incapacidade americana de vencer a guerra. O ano em que Clark Clifford, um dos arquitetos da Guerra Fria, assumiu o Pentágono e demonstrou que os militares americanos não passavam de delinquentes senis, retirando-lhes toda a autoridade e ordenando o fim dos bombardeios. Lyndon Johnson, morrendo de sua loucura diante de nossos olhos, renunciou em março. Os EUA explodiram numa controlada guerra civil. Mataram Martin Luther King, mataram Robert Kennedy. Chicago explodiu na convenção democrata, quando os criminosos de guerra que levaram os EUA ao Vietnã

deram ao criminoso de guerra Hubert Humphrey a candidatura democrata, roubando-a do popular Eugene McCarthy, contra a guerra. O resultado foi Richard Nixon e mais sete anos de guerra, que terminou como todo mundo previra em 1968, com a vitória dos vietnamitas, integral, incontestável.

Os dois oficiais superiores e o agente da CIA que, de cara pseudo-compungida, enviam Martin Sheen para matar Brando estão pensando em salvar o Pentágono de um vexame de relações públicas, vexame que é a existência e a guerra particular de Kurtz-Brando. Eles é que são loucos, os verdadeiros loucos. E Sheen, que compreende a moralidade da situação, e ainda assim obedece aos superiores, à *la* Eichmann (“Sou um soldado”), é o pior de todos.

Essa a grandeza da concepção moral de Francis Ford Coppola, que dispensava, repito, Conrad e Eliot. É uma grandeza que a crítica de cinema americana, pró e contra, não entendeu. Cinema está se tornando assunto sério demais para ser deixado aos críticos de carreira, como a guerra se tornou assunto sério demais para ser deixado aos generais.

É a viagem de Willard-Sheen pelo rio Nam em busca de Kurtz que constitui a “ação” do filme. É uma viagem pelo Hades. Em imagens a que não há literalmente nada comparável no cinema, em sua curta história, o gênio de Coppola produz uma fusão espiritual entre a incrível destruição que os EUA criaram no Vietnã, nas florestas em chamas, os cadáveres pelas margens, os restos de material de guerra e as loucuras que persistem à margem da guerra, loucuras “caseiras”, aqui dos EUA. Um grupo de *bunnies* da *Playboy* rebola para os soldados, que quase as estupram. Há um empório de câmbio negro onde Sheen quase tem de matar um sargento para comprar um maço de cigarros pelo preço normal. Um batalhão totalmente ensandecido (de medo e drogas) de americanos atira sob uma explosão psicológica de fogos de artifício, novamente dando-nos imagens que Bunuel assinaria e para as quais, francamente, duvido que tenha fôlego. É preciso um americano como Coppola, com o estigma de Caim que o Vietnã colocou em todo americano, para trazê-las à nossa consciência.

E há a sequência-síntese, em que Robert Duvall, o coronel Kilgore, comandante da cavalaria aérea (helicópteros, a arma mais letal da guerra), com chapéu de caubói (da cavalaria), destrói alegremente uma vila sob controle do Vietcongue, pois ama o surfe, tem surfistas na

equipe, e Sheen, por coincidência, trouxe um marinheiro (Sam Bottoms), que é campeão de surfe, e Kilgore-Durvall quer salvar a praia para o surfe de Bottoms matando todo mundo, da mesma forma que os EUA iniciaram o genocídio dos vietnamitas para salvá-los do comunismo. É gênio.

Nessa sequência, composta de vários ângulos, apresentando o surfe a par das cabanas sendo queimadas, um padre, ridículo como todos os padres que abençoam guerras, rezando pela alma dos mortos, um soldado negro vendo sua perna esmigalhada e urrando de dor, um cordeiro sendo alçado aos ares (a inocência levada ao ápice da inconsciência e humilhação), uma bela jovem vietnamita passa correndo junto a um helicóptero e o destrói com explosivos, a que Kilgore diz: “Selvagens”.

Não conheço cena que explique melhor o suposto horror moral americano em face do atual problema dos refugiados vietnamitas no mar, que tanta propaganda em pios editoriais rende em nossa imprensa. Kilgore explica o que o poeta Robert Lowell nos disse sobre os EUA no Vietnã: “Nem em 1 milhão de anos seremos capazes de apagar o mal que fizemos a nós próprios no Vietnã”.

A frase parece mais uma prova de egocentrismo americano. É profunda. A Guerra do Vietnã destruiu neste país a imagem que o povo fazia de si próprio, de altruístico, de desinteressado e vítima de propaganda comunista. No Vietnã, o *id*, o inconsciente desse império de desperdício, de exploração do próximo e de crueldade insana, emergiu em toda a plenitude. O Vietnã é o pesadelo da sociedade americana, que não tem a facilidade alemã de esquecer os seus “Hitlers”. Os americanos são mais civilizados que os alemães. Ao menos, sofrem sua culpa de guerra.

Quando um tigre investe sobre Sheen na selva, levamos o susto, mas o tigre está fugindo de Sheen... Hollywood alguma outra vez voltará a estas alturas?

Finalmente, se encontram Willard e Kurtz, Sheen e Brando. Brando não é mais um ator. É a minha geração e, nos EUA, o símbolo dessa geração criminosa de Vietnã e Watergate e da revolução Freud com Marcuse (O *último tango em Paris*). Ele aparece pouco, em claro e escuro. Emite palavras quase ininteligíveis. Mas o ar profundamente sensual, espiritualmente sensual, com que pergunta a Sheen “você é um assassino?”

novamente coloca *Apocalypse Now* num nível que talvez o cinema nunca mais atinja. Seus olhares examinando o corpo torturado de Sheen (a quem mandou torturar antes de permitir que Sheen o executasse) desafiam a capacidade do crítico de descobrir a palavra certa. Síntese de toda aquela loucura? Um olhar pode passar tanto? Pode, num ator que transformou o adjetivo grande numa insuficiência. E Brando, que a “infantil e decadente crítica americana” (Coppola) em boa parte acha que “não tem papel”, conta uma história de que o Vietcongue uma noite cortou o braço de todas as criancinhas em que eles, as forças especiais (Green Berets), haviam inoculado [vacina] contra a paralisia infantil. Que então ele entendeu a deliberação e tenacidade dos vietnamitas, que a única maneira de resistir ao horror moral é entregar-se a ele, praticá-lo e convertê-lo em “nosso amigo”. É uma profunda lucidez, clinicamente louca e intolerável para os senhores do mundo. Kurtz precisa morrer para que Jimmy Carter e Brejnev pareçam sãos.

Quando Sheen mata Brando, é a paz de Kurtz, e Brando pronuncia as célebres palavras de Conrad: “O horror... O horror...”, a epígrafe das três últimas gerações de intelectuais (quem tiver menos de quarenta anos está absolvido). Em meus pesadelos também pronunciei essas palavras, eu e todo mundo que já tentou entender esse mundo que nos legaram e criamos. Brando encerrou esse divertimento nosso. Ninguém jamais será capaz de dar a essas palavras a força que ele empresta. É a coroa de gênio da obra de Coppola.

Havia dois finais e a sugestão de um terceiro. Num, Sheen chamava a força aérea, arrasando o reinado de Kurtz, para que a imprensa não soubesse. Parece que foi o mostrado em Cannes. E, matando o Deus Kurtz, o substituía até a morte, numa orgia de loucura e sangue.

Coppola escolheu o final humanitário. Se desarma e desarma o povo de Kurtz. Entra no barco e vai embora, deixando os “amarelos” livres da nossa influência “civilizadora”. E o filme termina num lento *fade-out* da cara louca de Willard-Sheen, o apagar das luzes da nossa ímpia civilização, que começou precisamente seu processo final na Indochina. Quando e se algum dia veremos um filme do nível desse é coisa que não ousa especular.

26.08.1979

PIVETES, GLAUBER, RETOQUES

Vejo que o pivete José Guilherme Merquior está avançando corajosamente de cara contra meu punho, se aproveitando da oportunidade de comentar o livro de outro vagabundo, Pucci ou Gucci,^{20} de Campinas, para me xingar. É justo. Afinal, ao descrever a curiosa conversão de Eduardo Portela da esquerda oportunista à direita oportunista, citei Merquior como o pior caráter da geração literária que agora completa quarenta anos. Se vendeu a primeira vez por um chá. A última que soube dele, “esticava lençóis” de certo cavalheiro, que pensava seria ministro de Figueiredo, na esperança de futuras bocas. Sei da vida do pivete. Ele poderia ter aproveitado a única observação inteligente que Gucci e Pucci fizeram a meu respeito no livro que criticou. Lá pelas tantas alguém pergunta ao vagabundo por que me acho mais bem informado que a maioria das pessoas e por que os jornalistas importantes se julgam mais bem informados que os outros. Pucci e Gucci, resolvi dobrá-los, tanta burrice não cabe numa pessoa só.

Responde: “Porque jornalistas importantes são mais bem informados que os outros”. É correto. O pivete Merquior não sabe que, se viajo a Paris ou a Genebra, por exemplo, e encontro diversos amigos que tenho no Itamaraty, sempre aparecem alguns me contando as últimas do pivete. Daí eu saber que o pivete andava “esticando lençóis” (sei nomes, endereços etc.). Confesso que sem ter sequer lido o que o pivete escreveu pensei em dedicar-lhe um artigo, contando o seu comportamento canalha com o falecido Valério Konder, o seu comportamento canalha na editora Civilização Brasileira, quando, nos idos de 1964, tendo um livro em provas (entregue antes do golpe, quando o pivete adulava Valério Konder, pensando que a esquerda ia ao poder), não ousava entrar na editora para examiná-las ou sequer recolhê-las, até que recebeu um ultimato da chefe de produção e veio, gordinho, rechonchudinho, rosado, a autêntica “menina” que esperamos encontrar no Itamaraty (e que é a exceção), o mau-caráter ferindo as narinas dos funcionários da editora que riam do pulha nos

corredores. Mas estou me sentindo magnânimo hoje e deixarei Merquior, o editor do caderno de jornal onde ele escreveu e outro pivete, vulgo “lontra de bigodes”, que o mesmo editor já usou contra mim (também não li. Se leio, escrevo de volta. Não resisto a uma provocação), vou deixá-los os três para um futuro encontro pessoal. Duvido que sejam capazes de reagir. Não quero machucá-los muito. Logo me limitarei a dar-lhes umas palmadas em público. Aguardem.

*

Ah, sim, Glauber, meu velho e brilhante amigo, achou *Apocalypse Now* um filme fascista. Aqui o filme é criticado, terminou confessando um direitista, Andrew Sarris, porque é uma visão, como diz Sarris, “chique radical” da Guerra do Vietnã. Com todo o devido respeito pelo talento e inteligência de Glauber, acho *Apocalypse Now* um filme extraordinário, em todos os sentidos. Não sei que final foi exibido no Brasil. No que vi, Martin Sheen, depois de matar Brando, deixa os vietnamitas entregues a si próprios. Não chama os bombardeiros nem assume o papel de Brando. É um final humanitário, em que o agente consciente do imperialismo americano, Sheen, reconhece o direito dos “nativos” à autodeterminação. Há, porém, outros finais. Coppola quis o máximo de discussão sobre o final, porque talvez o final exibido aqui fosse considerado sentimental, ou seja, porque o imperialismo perdeu a guerra no Vietnã, mas isso não quer dizer que tenha desistido de dirigir a vida dos nativos. Os EUA estão querendo levar a Indochina à fome. Apoiam Pol Pot, assassino notório, porque é contra o Vietnã. O cinismo corrupto de Washington só não tem efeitos piores porque Jimmy Carter levou os EUA à paralisia, pois é um total incompetente (daí haver gente de esquerda que torça pela reeleição de Carter, afirmando que assim se apressará a *demise* do império).

O filme é visualmente deslumbrante. Um dos autores do *script*, John Milius, é fascista, mas brigou com Coppola e dele só ficou a concepção da cena do coronel Kilgore, Robert Duvall (uma das maiores sequências já vistas em cinema), que Milius apresentava favorável a Kilgore, mas que Coppola deixa que julgemos por nós próprios. O

horror moral cometido se choca com a beleza das imagens de Coppola e é isso que irrita Glauber, que gostaria de uma definição brechtiana pró-vietnamitas. Mas esse sempre foi um dos problemas da grande expressão artística. Embeleza tudo. Daí moralistas extremos, como Platão, Jane Austen e São João da Cruz, terem condenado toda a arte como imoral.

Coppola preferiu a postura que me parece a mais correta hoje em dia, que tanto admirei nos dois últimos filmes de Louis Malle, *Lacombe Lucien* e *Pretty Baby* (no Brasil *Linda menina*, ou coisa assim, quando o título certo era, claro, *Linda criança*^[21]): uma aparente neutralidade que é, em verdade, uma sublimação que coloca o artista numa posição crítico-humanitária em face da vida, mas sem envolvê-lo na imundice inevitável da militância. É uma posição complexa, que muita gente não aceita, Glauber presumivelmente não, pois insiste no engajamento brechtiano.

Minha simpatia pela posição no caso decorre do fato de que, se a intervenção dos EUA no Vietnã é, na minha opinião, um dos atos mais criminosos do século, nem por isso jamais achei que os vietnamitas eram os inocentes esquerdistas e vítimas da *Prolekult* do Partido Comunista, que permeia aliás quase toda a arte bem-sucedida no Brasil e que combato, modestamente, não só como jornalista, mas como romancista.

E o que Glauber quer mais? Sheen é a *mauvaise conscience* do imperialismo. Sabe o que representa e continua representando. Mas, Glauber, você acha que Delfim Netto e Golbery são inocentes do papel que representam no Brasil?

Brando é a concessão à fantasia em Coppola, o esgotamento nervoso, o *nervous breakdown*, o *crack-up* da consciência liberal americana. O seu monólogo explicando a Sheen por que descobriu que os vietnamitas eram imbatíveis é um dos momentos supremos da história do cinema. Será entendido depois que todo crítico vagabundo de cinema (não estou falando de Glauber) esquecer que Coppola se inspirou em *Heart of Darkness*, de Conrad (há muito mais diferenças que semelhanças. O Kurtz de Conrad pensa que absorveu a selvageria dos negros do Congo. O Kurtz de Coppola absorve, assimila e vive a própria selvageria que descobre, o horror... o horror..., em si próprio), e que Brando recita “The Hollow Men”, o poema

que melhor diagnostica o fim da civilização burguesa de que a guerra no Vietnã foi um dos capítulos.

Apocalypse Now não é um filme de que se “goste”. É importante e complexo demais para isso. É um filme falhado, pois obviamente provoca profunda confusão até em pessoas que têm a capacidade perfeita de entendê-lo, como Glauber. Coppola tentou demais e não quis ir até o fim. Sheen contou numa entrevista a *Rolling Stone* que Coppola cortou demais suas cenas com Brando, em que a personagem de Brando se torna muito mais clara. Mas havia o investimento de 30 milhões de dólares, a hostilidade da imprensa canalha mundial a Coppola, e ele não quis correr riscos excessivos. Ele tem o estofamento de um grande artista, mas a coragem moral de um pequeno-burguês. O público veria cinco horas de *Apocalypse* e talvez Coppola encerrasse o tema Vietnã. Já nos prestou o serviço de varrer do mapa o abominável e, este sim, fascistoide de história em quadrinhos *Caçador de veados*. Glauber, estou esperando *A idade da Terra*. Traço Brecht, também.

25.01.1980

BOBOS: JORNALISTAS

Tempos atrás, uma pesquisa de Harvard descobriu que os jornalistas eram tidos, em estima pública, abaixo de massagistas e um pouco acima de ladrões de galinha. Acho que os ladrões de galinha deveriam protestar.

A função da imprensa é ajudar os poderes da Terra a dirigirem o povo. Em países ditos socialistas, canta as glórias do socialismo. Em países ditos democráticos, as glórias do sistema. Nos primeiros, funcionários do Estado, pegando cadeia se saírem da linha, os jornalistas jamais dizem que servem a uma ditadura pseudocoletivista. Nos países ditos democráticos, em verdade capitalistas seria a palavra mais próxima, se permite maior diversidade, desde que o sistema (o capitalismo) não seja contestado na base, na raiz. É uma diversidade de grau, apenas, mas ainda assim preciosa para os que a exercem, sempre uma minoria, pois havendo liberdade de imprensa verdadeira, garantida por lei, como nos EUA, temos um conformismo tão grande ou maior que no Brasil, onde a liberdade de imprensa depende de “força maior”, que não é a força dos jornalistas. Claro, mesmo havendo liberdade de imprensa garantida por lei, os proprietários sabem que podem desafiar o sistema só até certo ponto, caso contrário seriam massacrados economicamente.

Essas são as condições de trabalho. No que me toca, sempre procurei trabalhar onde me dessem liberdade. Nunca fiquei desempregado. Considero isso uma sorte. Agora, é inútil esperar muito mais do sistema. E sempre me diverte e entedia um pouco que tantos colegas insistam em desconhecer isso. Um bom exemplo recente é que pelo menos três jornalistas brasileiros me perguntaram se li a capa de *Veja* sobre o general Golbery. É claro que não, fico besta que me perguntem. Do general Golbery, sei que é instrumento (não é arquiteto de coisa alguma, exceto de irrelevantes conspirações palacianas sobre qual será o general sucessor, o que só interessa aos ditos concorrentes, já que todos servem ao mesmo sistema) das forças que levaram o Brasil ao estado em que está, e mais não preciso dizer. Como referência moral tenho que foi, ou é, não me lembro

mais, diretor da Dow Chemical, que trabalha com napalm. Da Dow Chemical, a última que eu soube é que agora a Organização Mundial de Saúde descobriu um produto que fabricou para o Vietnã e que está provocando câncer subcutâneo nos “nativos”. Já havia cerca de 100 mil casos diagnosticados.

De referência intelectual tenho os livros do sr. Golbery, nos quais passei a vista. São um extrato banal da versão militar da Doutrina Truman, ou seja, de material que o centro de pensamento do Pentágono, o War College, passou a seus dedicados aliados “abaixo do rio Grande”. A Escola Superior de Guerra é o War College brasileiro. Até aí, nada de mais. Afinal, a Doutrina Truman continua (o quanto é possível na decadência dos EUA) a estratégia americana para colocar o Terceiro Mundo sob dependência americana. Mas de Golbery nesses livros há o estilo paralelepípedo. Uma vez, no *Correio da Manhã*, no quarto caderno (um desses hiatos do pensamento livre, como as páginas de opinião da *Folha* hoje, e chamo de “hiato” porque o ocupado é indescritível), ofereci um prêmio humorístico a quem cruzasse os paralelepípedos do general e me explicasse o significado das frases.

Continuo oferecendo um cachorro-quente no Nathan’s aqui (mostarda e molho incluídos). Não preciso ler mais nada sobre o sr. Golbery. Mas me pergunto se *Veja* incluiu que ele se reuniu com o alto comando da esquerda intelectual em junho de 1964, na editora Civilização Brasileira (ainda na rua Sete de Setembro, no Rio), e aconselhou à macacada que apoiasse o grupo militar de Castello Branco, porque o de Costa e Silva nos tiraria pedaço. A reação do “alto comando” explica em boa parte o sucesso do golpe militar de 1964. Ninguém acreditou em Golbery, porque se achava que o golpe fora feito para entronizar a *bête noire* da esquerda, Carlos Lacerda. Golbery negou isso peremptoriamente e não deu ilusões a ninguém sobre o destino de gente como Juscelino Kubitschek.

No terror Médici, Golbery depôs numa auditoria militar em favor do sr. Ênio Silveira, pregando o direito de o sr. Ênio publicar o que bem entendesse, embora no caso fosse um livro (infantil) chamado *O golpe foi comandado de Washington*. São notas a favor do sr. Golbery. Mas são mesmo? Dou-lhe o crédito de que acha intelectual e jornalista abaixo de ladrão de galinha e que sabe a imensa vaidade dessa gente (que o falecido Nasser chamava de “segunda categoria”) em atribuir a si própria uma

importância que não tem. E, claro, Golbery é a “face humana” da violência de 1964. Sempre aparece uma “face humana” na violência moderna.

O teste verdadeiro da personalidade do sr. Golbery, no que tem de autônoma (o que é muito pouco. Ele é um instrumento, repito), é: onde estaria ele sem o Exército por trás em 1964 e nas outras ocasiões em que foi ao poder? Estaria de pijama em Copacabana, ou no Ipes, um dos vários Ibads^{22} que conspiraram contra a semidemocracia que tínhamos antes de 1964, para ser trocada pela maravilha curativa que foi imposta ao Brasil. É pobre. Sim, até o sr. Golbery, lembro-me dele entrando no edifício Avenida Central com ar de “quem sabe o que a plebe não sabe”, tão brasileiro no fundo (e na superfície. O estilo é o homem. Golbery deveria estar na Academia Brasileira de Letras...), tão “Niterói”, tão “Xangai”, tão bumba meu boi. Rasga coração.

05.04.1980

PASCHOAL MERECE UMA BIOGRAFIA HONESTA

De mortuis nil nisi bonum, me dizem, aos mortos nada de mal, digo eu, e é a razão por que não gosto de escrever sobre certa gente que morre, alguns até amigos, porque acho que dizer a verdade, sem malícia ou rancores, não deveria incomodar ninguém. Mas é irresistível falar um pouco de Paschoal Carlos Magno, a quem devo inclusive o nome “Paulo Francis” e pela mão de quem comecei no que se pode chamar de vida pública, no Teatro do Estudante.

Foi assim. Eu tinha 21 anos e meu pai me considerava irrecuperável para a sociedade. Me arranjara um emprego na Panair do Brasil, onde o meu Qi foi elogiadíssimo e me faziam trabalhar 24 horas por dia. Pedi demissão irrevogável em três meses, já que avião para mim é apenas um meio de transporte (naqueles tempos era uma paixão da maioria dos que fizeram a aviação brasileira. Ligar um país imenso que a natureza e a incompetência oficial tornaram incomunicável). Um dia, li no *Correio da Manhã*, na coluna de Paschoal, de teatro, um convite a jovens que quisessem participar de uma temporada pelo Norte e Nordeste do Brasil, encenando entre outras coisas peças gregas, na época minha leitura favorita. Chamei um amigo, Marcelo Aguinaga, em dificuldades semelhantes às minhas, em casa e propus: já que somos altinhos pegamos uma lança e viajamos Norte e Nordeste e vejo como se monta uma tragédia grega. Subimos Santa Teresa, no Rio, à casa de Paschoal. Saímos de lá com sete papéis, meu amigo, e eu com seis. Eu nunca pensara sequer em ser ator (fui o mais votado pela crítica do Rio, em 1952, como revelação, dirigi seis peças e fui crítico seis anos). Paschoal era engraçadíssimo. Achou Marcelo bonito e a mim motivo de pasmo e assombro, alguém que lera tragédias gregas no Brasil.

Em pouco tempo, vi que o teatro do Estudante era uma brincadeira. Aí vem, não levem a mal, a primeira crítica. Paschoal cansou de me dizer que achava teatro chatíssimo. Várias vezes fui a estreias com ele. Dormia ao

abrir o pano (outra era a crítica da *Tribuna da Imprensa*, Claude Vincent, amiga dele. Claude usava óculos escuros porque supunha que assim não notavam que dormia). Fomos a Getúlio Vargas, que nos deu um avião do correio (vários), dizendo: levei o avião ao Nordeste, você, Paschoal, vai levar Sófocles. Um equívoco. Levamos uma coisa que terminou encenada (diversas peças) depois de seis meses no palco. Depois de seis meses num palco, repetindo todo dia as mesmas linhas, você termina representando...

No avião, Marcelo e eu limpamos os outros homens de todo dinheiro que traziam, jogando sete e meio. Comecei aí a subversão. Comandei uma exigência coletiva de uma diária, de Paschoal, que afinal recebera verbas. Ele cedeu não muito graciosamente, mas cedeu. No avião, Paschoal e eu não dormíamos e minha curiosidade pela mistificação dele cresceu. Critiquei severamente o Teatro do Estudante. Ele não discordou de nada. Disse que a função que escolhera na vida era promover teatro, não fazê-lo. Hoje, acho justo. Foi o que fez, não teatro.

Talentos apareceram no Teatro do Estudante, porque sabiam que Paschoal os lançaria. Já é alguma coisa neste país. Agora, Paschoal, me percebendo um pouco diferente dos outros, me contou histórias hilariantes do tempo dele de cônsul em Liverpool, do apartamento que teve em Londres, fofocas deliciosas sobre Michael Redgrave, Beatrix Lehmann, John Gielgud e outros. Infelizmente são impublicáveis neste jornal de família. Só em livro ou revista de bumbum. O charme da personalidade de Paschoal era irresistível. Não houve quem passasse pelo Teatro do Estudante que não imitasse a maneira de ele falar. Quem melhor imita é o crítico Jayme Maurício e um Nonato de que não me lembro mais o nome.

[{23}](#)

Foi uma viagem estranha. Para mim, vi o Brasil a primeira vez longe dos substanciais confortos da minha classe média e, para bem ou mal, me tornei jornalista político, decidi estudar Marx etc., ao ver os mesmos miseráveis de hoje espalhados pelos cantos das cidades do Nordeste.

Nós bebíamos insanamente. Que resistência eu tinha. Que saudades. As mulheres se ofereciam aos heterossexuais do grupo (*fifty fifty*) e em toda parte comitivas de homossexuais nos esperavam, para ver se colhiam alguém (colhiam). Me lembro de dois chefes de polícia de capitais, de um senador federal e de três cavalheiros cuja profissão seria temerário para minha saúde, no Brasil, citar. E, no entanto, Paschoal foi punido no Itamaraty pelo amor que não ousava (na época)

declarar seu nome. Que absurdo. Conheço diplomatas casados e com filhos que são, sem que nada lhes aconteça. E que importância tem isso? A CIA e a KGB aceitam. Que importância tem o Itamaraty? Nenhuma.

Quase destruimos o hotel de Manaus (onde as mulheres, sete para cada homem, eram as mais desesperadas), numa “festa” que Marcelo e eu organizamos. Os meninos de hoje pensam que descobriam a libertação sexual, tóxicos e bagunça. Sempre existiram, apenas as pessoas não precisavam se afirmar, afirmando.

Saí do Teatro do Estudante levando os melhores atores e formei um grupo. Em tempo, a maioria voltou às profissões a que era destinada. Eu já contei acima o que me aconteceu. Marcelo é um próspero homem de negócios, pai de sete filhos.

Paschoal sobreviveu. Como personalidade e promotor. Se nunca o levaram a sério no teatro, a gente séria, digo, não há dúvida de que ele espalhou a ideia de teatro no Brasil. Fizemos uma *Hécuba*, de Eurípides, avaca-lhadíssima, em São Luís do Maranhão, para operários, e nunca vi em parte alguma plateia mais receptiva, desde os tempos de Eurípides, o maior de todos os dramaturgos (no meu coração), reagindo a cada cena, nos lembrando que teatro grego já foi teatro popular. Devemos isso a Paschoal.

Outro dia, fiz uma piada contra Paschoal aqui e fui repreendido, com razão, por Flávio Rangel. Eu não sabia que Paschoal estava com câncer. Se soubesse, não teria feito. Sempre gostei dele e ele de mim. Passando rapidamente em Nova York, eu estava em algum outro país, deixou um recado carinhoso. Vi-o comido pelo câncer na TV e chorei. Aquele grande senso de humor, a bomba brasileira (*the Brazilian bombshell*, o apelido dele junto a Laurence Olivier, Gielgud, Redgrave), reduzido àquilo? A vida é democrática na sua crueldade. Não é socialista, mas é democrática. Todos pagamos.

E Paschoal, que pouco sabia de teatro, era e talvez ainda seja uma torre de cultura no Brasil. Lembro uma recepção que nos deu o governador do Amazonas. Não sei quem é. Confirmam o ano, 1952. O dito-cujo disse que Sófocles e Eurípides não “era vantagem”, mas o NOSSO (*sic*) *Romeu e Julieta*, que maravilha de peça e espetáculo. Antes de a Petrobras

nacionalizar o petróleo, o moço encampara Shakespeare. Terá mudado muito o país?

Sob o efeito etílico, para usar uma palavra distinta, Marcelo, Eugênio Carlos e eu duelamos na praça central de Teresina, todos nós maquilados e em trajes de peça (do NOSSO Shakespeare). Marcelo me furou o ombro, quase lhe tirei um dedo, e Eugênio me arrebentou uma perna (era o melhor esgrimista do grupo. Conde Paris, na peça, tinha de fazer um esforço fantástico para se deixar matar pelo Romeu, que mal sabia segurar uma espada). As massas em delírio. Aparece Paschoal. Bronca? Não. Falou como o príncipe de Verona, às gargalhadas, em inglês e não vou traduzir: “A plague upon your three tools”.^{24}

Paschoal não foi, talvez, um homem de teatro. Mas foi uma das maiores personagens teatrais que este país teve. Merecia uma biografia honesta. Mas não haverá. O sentimentalismo piegas, os panos quentes, o tom “vitória régia” da cultura predominariam. Paschoal se aceitava muito bem como era, no que é mais homem do que muitos que se dizem do gênero. Sabia o país em que viveu de trás para diante. Nós éramos os “sérios”, os sonhadores; ele, o realista. Vai, amigo, *into the gentle night*.

29.05.1980

OS ESTADOS UNIDOS NÃO SÃO O ÚNICO LOBO MAU

A relação do Brasil com os Estados Unidos é essencialmente de dependência econômica, seja pela ação de multinacionais americanas ou pelo controle que instituições internacionais de crédito e bancos particulares (as primeiras sob controle de Washington) exercem sobre nossas vidas em todos os setores, não excluindo o cultural e em particular o de comunicações. Hoje, a Comunidade Econômica Europeia e o Japão partilham a tutela. Mas não é meu tema aqui. E é importante frisar que o presente não é obra do diabo, mais conhecido como imperialismo pelas esquerdas, e que a classe dirigente política e econômica brasileira é corresponsável.

Sabemos via Eduardo Prado, o agudo analista da nossa história (monarquista), a diferença e a hostilidade com que os liberais que criaram os EUA receberam a notícia da Independência brasileira. O motivo é simples: o tamanho do Brasil (bem maior que os EUA em 1822) deve ter sido entendido em Washington como potencial fonte de rivalidade e confirmação de outra realidade, a do domínio inglês da América do Sul (não esquecer que a última guerra entre EUA e Inglaterra foi em 1812, quando os ingleses inclusive queimaram Washington).

O domínio de Portugal sobre o Brasil era mais formal do que real. Desde o Tratado de Utrecht no século XVIII e culminando com a guerra napoleônica, Portugal se tornara satélite inglês. Logo, com ou sem independência, os EUA só podiam ver mal a nossa emergência, que previam (corretamente) seria dirigida de Londres. Vale lembrar que a expansão dos EUA ocorreu na guerra contra o México em 1848, dobrando o tamanho do país. E, mais importante, os EUA se tornaram verdadeiramente nação apenas depois da guerra entre os Estados em 1861, quando a parte industrial do país subjogou o Sul, que adotava o modelo exportador, era escravocrata, “feudal”. Lincoln, e não os libertadores de 1776, criou o embrião do que seria a superpotência americana. Logo, a expansão imperial

americana, “o destino manifesto”, na frase deles, só começou realmente para valer no século XVIII, quando Washington começou a desalojar Espanha e Inglaterra do Caribe e da América Central. E esse poder se estendeu à América do Sul somente no século XX (a Esso entrou no Brasil em 1910) e se consolidou quando a Inglaterra, na Segunda Guerra, se converteu em satélite dos EUA. A missão Rockefeller à América do Sul, em 1942, estabeleceu a base da dependência atual. Quem mais resistiu foi a Argentina, que foi, portanto, vilificada como fascista, enquanto Getúlio Vargas, mais ditatorial que Perón, escapou da habitual barragem de hostilidade de Washington, porque cedeu à nova realidade. Getúlio, como Perón, no início da guerra, viu na Alemanha uma chance de a América do Sul escapar do jugo inglês e americano. No famoso discurso “Voto não enche barriga”, que tanto irritou nossos liberais americanófilos, Getúlio ainda assim contou, em parte, com um aliado inesperado. Franklin Roosevelt acreditava sinceramente na possibilidade de o Brasil ser um sócio (menor) dos EUA nas Américas, afinal emprestou 40 milhões de dólares que deram a Getúlio a probabilidade de encaminhar o desenvolvimento industrial autárquico (“nacionalista”) do Brasil, criando Volta Redonda. Pagamos a conta entrando na guerra contra o Eixo, enviando à Itália uma divisão que, segundo memória de general participante, foi tratada de maneira humilhante pelos EUA. Mas a maioria dos oficiais se encantou com o poderio americano. O Exército brasileiro, antes formado na tradição francesa e até alemã, em 1945 era americanófilo e aceitou o papel reservado ao Brasil na Guerra Fria contra a URSS (“segurança interna”). Daí a Escola Superior de Guerra, subproduto do War College americano. É tendência dominante, ao menos nos escalões mais altos das nossas Forças Armadas, acreditar que o atrelamento do Brasil aos EUA é nossa salvação.

PROBLEMAS BRASILEIROS

Nada disso pode ser compreendido bem sem atentarmos para o nosso destino histórico de termos sido colonizados por uma potência católica no período da Contrarreforma. Esta, à parte a questão entre diferentes

interpretações do cristianismo com os protestantes, acreditava num fundo feudal, anti-industrial, em suma, anticapitalista. O reacionarismo cultural da Contrarreforma, imposto pelos jesuítas (inclusive o beato Anchieta), resistiu a todas as ideias que fizeram nações protestantes, como Inglaterra, Alemanha, Holanda etc., na Europa e, nas Américas, os EUA, se tornarem as potências dominantes do mundo, enquanto o Império Português, o grande Império Espanhol e demais nações latinas entraram em decadência acelerada, presos ao imobilismo feudal dos jesuítas. A única exceção é a França, mas isso se deve à Revolução de 1789, que quebrou os grilhões eclesiásticos e forçou o país a enfrentar a modernidade. A Espanha do século XVI era a maior potência da Terra, no século XVIII caíra na insignificância. Portugal, sem os recursos da Espanha, mais aventureiro e corajoso, sofreu destino ainda mais humilhante, que nos legou.

Daí porque vivemos o século XIX em sublime ignorância de que a potência doravante seria industrializada. Os Pedros eram feudais. Dom Pedro 11 não se deu ao trabalho sequer de cortar nosso território em estradas de ferro (que impulsionou em mil por cento o capitalismo europeu e americano entre 1845 e 1875). Dom Pedro 11, racista, amigo de Wagner e do conde Gobineau (o pai do racismo moderno com Houston Chamberlain), se negou a qualquer apelo à criação de um mercado interno, o que só uma agricultura eficiente e a industrialização poderiam trazer. Os levantes havidos no país, infelizmente, em decorrência do nosso atraso cultural (fruto da Contrarreforma), tinham um caráter meramente supersticioso, regional, sem nenhuma ideologia de reforma estrutural. É possível abrir exceção para a Guerra dos Farrapos, que levou dez anos e tinha caráter republicano, mas malogrou-se no mais velho truque dos impérios. Teve suas energias desviadas para o massacre que o Brasil dirigiu no Paraguai (matamos 750 mil do 1 milhão de homens paraguaios), em nome da “unidade nacional”. Passamos o século XIX no mesmo estupor que acometeu outras nações submetidas à Contrarreforma.

Ainda hoje, 1% da população é proprietária de 50% da nossa terra, o que torna quimérica a ideia de que poderemos ter um mercado interno produtivo. Joaquim Nabuco já falava da necessidade de uma reforma agrária. Se ressuscitasse, voltaria a dizer a mesma coisa. Da mesma forma, nossa classe dirigente é do que os espanhóis chamam tipo “comprador”. Aliada ao imperialismo mais forte do momento, se beneficiando de

privilégios feudais, fincada no modelo exportador (o sr. Delfim é injustamente acusado de havê-lo criado. Basta ler as péssimas histórias que temos no Segundo Império, que mesmo nelas, tão dignas de crédito quanto as soviéticas, encontramos toda a elite dizendo “exportar é a solução”). Dom Pedro 11 se apoiava nos latifundiários escravocratas. Nem mesmo se aproveitou do nosso brutal genocídio contra o Paraguai para industrializar o país. Não, visava apenas a garantir a estabilidade do latifúndio. Idem o Barão do Rio Branco. Pacificando diplomaticamente o que o Duque de Caxias pacificava militarmente, impediu guerras que teriam obrigado a essa industrialização.

A Abolição da Escravatura e a queda do Império tiveram uma inspiração anticlerical e progressista, positiva. Essa ideologia incluía a industrialização, mas tamanho era o domínio do latifúndio no país e a força do elemento “comprador” que houve apenas a troca dos antiquários da aristocracia pelos antiquários da República Velha, que deu às forças dominantes o mesmo poder, trocando apenas escravos oficiais pela mão de obra miserável, “pau de arara”, mas, claro, “livre” de hoje. Daí as rebeliões e os tumultos da República Velha, das quais a mais significativa é a da Coluna Prestes (e de certa maneira, num certo período, Antônio Conselheiro e até Lampião). Eram rebeliões contra a miséria que Euclides da Cunha captou em *Os sertões*, o único livro que realmente nos dá um quadro realista (literariamente incomparável) do que é o Brasil da Contrarreforma. Não é à toa que o maior poeta americano, Robert Lowell, considera Euclides superior a Tolstói...

A Revolução de 1930 foi outra tradição. Visava a quebrar o jugo medieval e trazer o Brasil à industrialização. Terminou no compromisso entre latifúndio e um mínimo de industrialização, que foi o Estado Novo. Getúlio Vargas reconheceu o problema e tentou resolvê-lo começando por Volta Redonda e, em 1950-1954, criando uma nova mentalidade moderna e nacionalista.

Mas latifundiário e “comprador” continuam dominantes. Ficaram mais sofisticados, têm agora como mentores não os jesuítas, mas os tecnocratas, que dizem ser possível modernizar o Brasil sem reformá-lo estruturalmente. Não é possível. O “comprador” nos dizia que o Brasil era industrializável, só cabendo nele “indústrias de transformação” (ver Gudín e Roberto Campos). No momento que foi possível destruir a Instrução 60 de Getúlio

Vargas, que nos protegia do então “todo-poderoso dólar”, obra daquele palhaço sinistro, Jânio Quadros, em que o dólar passou a ditar o valor do cruzeiro como bem entendesse, coisa que a Instrução 60 proibia, mudaram de cantilena. Abriram o país às multinacionais e ao jugo do capital financeiro das potências industrializadas. Muito engraçados os comentários de Gudin, Campos e acólitos sobre o argumento da Cepal de que o Brasil não poderia adquirir prosperidade pelo modelo exportador. A exportação no Brasil cresceu mais de 1.500%. Mas o que a Cepal disse foi que a importação seria sempre maior que a exportação e que o Brasil seria dominado por forças externas, que ditariam os limites do nosso desenvolvimento. Quem está certo, quem está errado? Se queres um monumento, olha em torno.

A POSIÇÃO AMERICANA

Os EUA, como qualquer grande potência, se aproveitaram do nosso feudalismo cultural, influndo o mais possível para mantê-lo. Estão no papel normal de qualquer grande potência. É inútil vir com moralismos irrelevantes. E, se moralismo deve haver, deveria ser contra os brasileiros que consentiram nessa posição nossa de miséria e dependências. As fantasias da esquerda sobre o contrapeso do capital brasileiro e das estatais não resistem à menor análise. Em verdade, disputam entre eles, os três grupos, os espólios. Nenhum, nem os nacionais, representa o interesse nacional sequer dentro dos estreitos limites do progresso previsto pelo positivismo. Deblaterar contra o imperialismo americano, exclusivamente, é tão ridículo quanto imaginar que tem havido no campo econômico maiores diferenças entre os governos pré-1964 e pós-1964.

As diferenças são apenas de grau. Em essência, todos optaram pela dependência. Somente as esquerdas falaram diferente, mas de maneira pouco persuasiva. Ou repetem a tolice última de Moscou ou armam a repressão na luta armada idiota, que só fez sacrificar inutilmente vidas, trazendo sofrimentos não registrados a incontáveis inocentes.

Nos tempos de Roosevelt, veio ao Brasil a missão Cook, que achou que nosso país, resolvidos os problemas agrícolas, teria um grande destino industrial. Depois de Truman e da Guerra Fria essas ideias desapareceram do pensamento oficial americano. Nunca entraram no brasileiro.

Os partidos políticos agora permitidos falam a linguagem do poder, o bacharelismo (muito agradável sem dúvida no que toca a nós, indivíduos) dos direitos civis, mas raros atentam para o grau de dependência em que nos encontramos. Nenhum apresenta um programa abrangente que nos permita alguma mobilidade dentro da dependência. É a mesma desconversa de sempre.

Tamanha é a irrepresentatividade desses partidos que a Igreja, a antiga ideóloga da nossa condição, se converteu na principal força de oposição no país, porque o povo reconhece que é desinteressada do poder e porque toca incessantemente na tecla da carestia, que é o verdadeiro e básico problema do país.

Que os americanos se aproveitem da nossa estupidez e covardia é normal. Nossa estupidez e covardia é que não são, ou não deveriam ser, normais. Enquanto não entendermos que nossa sociedade não pode sequer ser uma sociedade civil - com direitos extensivos a todos os brasileiros, e não apenas os de criticar o governo, mas de participar de um desenvolvimento harmônico o país ficará onde está. Se não fossem os EUA a se aproveitarem, apareceria outra superpotência.

13.07.1980

COMIGO NÃO, VIOLÃO

Um dos raros motivos, à parte trabalho, por que arranco o bumbum do sofá é para ir à ópera, alemã ou o Verdi final. Não é fácil. Tenho as melhores gravações. As várias melhores. Custa caro. E o Metropolitan Opera House é a cara dos EUA, desonesto, safado e hipócrita (este país está me irritando quase tanto quanto o Brasil). A maneira de conseguir lugares decentes, à parte cambista, é comprar assinaturas, com seis meses de antecedência. Inspecciono cuidadosamente o elenco. Manjo o assunto. Luciano Pavarotti, por exemplo, é um tenoreco, exceto na imprensa. Não arredaria o pé de casa para ouvi-lo. A mediocridade é a regra, quase sem exceção. E, pior, quando nos oferecem lugares, nos dão um elenco. Quando pagamos, é certo que o elenco já decaiu. Mas enfim acho cinema em geral chato (exceto um Malle ou uma surpresa igualmente rara), de teatro aqui só é possível ver os musicais de Hal Prince e Stephen Sondheim, ou a também ocasional importação inglesa, tv só ligo nos jornais das sete da noite, cobrindo os olhos e tapando os ouvidos quando Carter aparece, porque ele me faz mal ao estômago.

Há, claro, um livro em mil que dá para ler. Só vou a restaurantes onde conheço o *maître*. Se há alguma coisa que me irrita é devolver pratos. Conhecendo o *maître*, não há perigo, porque ele avisa à cozinha que não sou grã-fino latino-americano ou o americano típico, que, segundo Raymond Chandler, come qualquer porcaria que tenha alface e pingue. Mas são raros os restaurantes de que gosto, quase sempre vou para subornar políticos e diplomatas (ou seja, pagando a conta), a fim de que soltem o “leite”. Prazer é ficar deitado num sofá lendo o último Gore Vidal, *Views From a Window*. Vidal é um dos raros seres civilizados que restam no nosso mundo “democrático”. Ele odeia o *New York Times* ainda mais do que eu, o que não é pouca porcaria.

Ainda assim, este ano não resisti ao Metropolitan. Dariam oito óperas alemãs, começando por *Götterdämmerung*,^{25} em 23 de setembro. Fui ver os cantores, Brünnhilde, Gwyneth Jones, OK. Nada de excepcional, mas OK,

o que no nosso mundo democrático já é alguma coisa. Mande o cheque. Passam-se alguns meses e toda semana o Met me convida a dar dinheiro para eles, a visitas aos bastidores para conhecer cantores, mediante modesto auxílio etc. Não respondo a nada. Se aproxima o início da temporada. Vejo de repente que Brünhilde já não é Jones, é Tatiana Troyanos, que tem um vozeirão, mas sem nenhum caráter. É tarde demais para pedir reembolso. Me consolo que Jon Vickers cantará *Parsifal* (parece...), que vou ver minha amada Teresa Stratas em *Lulu*.

De repente, não há temporada. Os vagabundos da orquestra entraram em greve. Ganham 2.100 dólares ao mês. Achrom pouco. Querem aumento de 8%, baixar a aposentadoria de 65 anos a 60 e uma semana de quatro dias, ao contrário da de cinco de quase todo mundo (a minha é de sete, faça chuva ou sol). Os vagabundos marcaram a greve precisamente para dias antes da estreia do Met, em 22, para pressionar a direção.

Uma explicação breve: o nível de audiência do Met é 90%. Mais que qualquer teatro, cinema, balé ou televisão, proporcionalmente, é claro. Eu só sento até a fila F, centro. Quero ver os cantores e o maestro de perto, acompanhar o último. Uma poltrona (em qualquer lugar) está por volta de 40 dólares. Me custa muito caro. O Met tem 4 mil lugares e quando não está lotado, repito, representa para 3.600 pessoas, 90%. Quando exibe em TV atrai plateias de cerca de 10 milhões de pessoas. É argumentável que tem mais público que cinema e teatro, proporcionalmente. Mas está sempre em déficit, financeiro e artístico. Os sindicatos tornaram proibitivo montar qualquer forma de teatro em Nova York, os sindicatos, esse povão que nossas esquerdas amam e que aqui ganham mais que a maioria dos esquerdistas brasileiros. É duríssimo arranjar um maestro de primeira qualidade. Esse tipo quer tocar sinfonias, concertos, acha que ópera só de vez em quando. O problema é que uma casa de ópera precisa de um maestro de primeira qualidade o tempo todo. Temos James Levine, um “guri”, 32 anos, que está cada dia melhor. Ufa. Levine é o Met, se poderia dizer. Há o problema dos cantores. Uma estrela está programada com três anos de antecedência. É tão duro ensaiar uma ópera, em que a estrela tem de representar, seguir as instruções do maestro e enfrentar o perigo permanente de que abra a boca e não saia nada (acontece frequentemente), que a maioria usa casa de óperas como relações públicas, donde cria uma imagem em discos, que é onde está o dinheiro. Se não fosse o grupo de imperialistas econômicos americanos não teríamos ópera. Escrevi aqui várias vezes que é

muito mais fácil odiar os Rockefellers no Brasil do que em Nova York. De que jeito posso se não amar a irmã de David e Nelson, Abby, pois se foi ela que deixou 5 milhões de dólares para que o Met me desse um *Tristão e Isolda* com Birgit Nilsson, em 1974, com que sonho até hoje. Toda produção nova e boa tem o tutu de algum bilionário cujas empresas provocam fome na Etiópia e na Índia. É um paradoxo moral que resolvi confortavelmente, atacando-os politicamente e gozando o que me propiciam.

Minha vontade no momento é me unir à extrema direita e participar de algum grupo de delinquentes que vá ao Met rachar a pau a cabeça dos músicos. Eles sabem que o Met é falido. Mas só pensam neles próprios, o egoísmo doentio americano. Não são, claro, miseráveis. Raras famílias americanas ganham 25 mil e 200 dólares ao ano. São vagabundos medíocres e oportunistas (o que é músico de orquestra senão um medíocre?). Mas nem mais a extrema direita é contra os sindicatos neste país. Rendeu-se. Aqui e na Inglaterra. A covardia desses aristocratas sindicais me enoja. Há dias, os jornalistas do *Times* de Londres, também falido, sustentado a contragosto pela família Thomson, por motivo mais de prestígio do que qualquer outra coisa, entraram em greve absurda, exigindo 20% de aumento, quando já ganham em média 30 mil dólares ao ano.

Se não estão satisfeitos com o capitalismo, tudo bem, às barricadas, entrem para algum partido revolucionário e tentem derrubar o governo. Mas não é isso que esse “povo eleito” sindical quer. Não, quer é ser capitalistazinho, sugar o máximo que puder e sempre de instituições como o *Times* e o Met, que são predominantemente culturais (a força de opinião do *Times* é nenhuma na Inglaterra, ao contrário da lenda. Há dois jornais influentes, *Daily Telegraph*, à direita, e *Daily Mirror*, trabalhista). Pau nessa canalha.

Tenho de aturar em elevadores, na rua etc. roqueiros, sambeiros e outros barulhentos no nível democrático. Gostaria de ter o direito, pelo qual pago caro, de ouvir meu Wagner, Mozart, Strauss e Verdi. Se sou um elitista? Sou, sempre fui e sempre serei. O julgamento da maioria está sempre errado. O único jeito de consertar uma sociedade é a pau. Como não gosto de sangue, virei o Raskolnikov da segunda parte do romance, não tenho estômago para leninismos e trotskismos, mas não me venham, nos

EUA, com essa história dos pobres operários. É preciso manter a cultura, o que resta, acima da *canaille*. Detesto violão. E comigo não.

13.09.1980

A AURORA DA MINHA VIDA

O ideal seria termos a vitalidade física da juventude na maturidade. Como todo ideal, é praticamente impossível. Aos cinquenta anos, sofro do que se chama *accidie*, um desinteresse por praticamente todos os temas a que dedico minha atenção. Um ceticismo natural, ou que ao menos data dos meus oito anos de idade, se tornou compulsivo e obsessivo. Não acredito em nada, não espero nada, de religião (isso há muito tempo), política, filosofia etc. Somos uma mutação accidental. A descoberta terrível de Darwin se impôs sobre mim. O que faço, e acho que faço bem, é por um esforço de vontade e intelectual. E porque preciso ganhar a vida.

Jovem, me apaixonei por literatura, dramática e de prosa, até cinema levei a sério alguns anos e, finalmente, a política. Nunca fui fanático. Ao ler Marx, por exemplo, já tinha lido Mill, Hobbes, Spinoza e Edmund Burke. E Freud, claro, é a maior influência intelectual da minha vida.

Ainda assim me entreguei a essas paixões. Criei uma ideia, que uso meio de brincadeira: todo mundo tem o direito de se portar como um debilóide até os trinta anos. Eu não achava (na carne) sequer que ia morrer, até os trinta anos...

Paixões juvenis, portanto, não me entusiasмам muito. E é engraçado que o estudante hoje seja considerado, digo o estudante que atua, esquerdista. Na década de 1930, os estudantes foram os porta-estandartes do fascismo e do nazismo, na Europa Central. Na Inglaterra, com algumas exceções famosas (quatro das quais, Philby, Maclean, Burgess e Blunt, este mais velho, se tornaram espiões soviéticos), a indiferença é que predominava. Mas é isso aí. Paixões tendem a obnubilar o raciocínio.

É bom ter uma paixão. Mas cuidado: não há nada de graça na vida. Se é boa, tem qualquer coisa de má também, nem sempre percebida pelo jovem, a quem falta o óbvio, a experiência de alternativa (singular, porque o plural é neologismo, em filosofia), essa misteriosa experiência, que acumulamos entre decepções, limitações, contrastando-as aos nossos ocasionais sucessos. Me sinto muito mais livre hoje que digo precisamente o que acho

das coisas (errar é humano e não pretendo ser dono da verdade) do que quando, entregue a paixões, escrevia sob ódio de adversários estéticos ou ideológicos, aplaudido por uma claque de convertidos.

A vantagem de um jovem inteligente viver nos EUA, ou na Europa Ocidental, é que é submetido a toda espécie de influência intelectual e, portanto, tem ao menos uma maior amplitude de escolha do que o brasileiro, que, na universidade, cai sob o borocoxô acadêmico de direita ou de esquerda, ou o mero chato.

E por mais corrupta que seja a democracia americana, e é intrinsecamente corrupta, o fato é que a componente liberal da Revolução Americana permanece ao alcance do estudante. Não das massas, pois estão sob o totalitarismo cultural do que Marcuse chamava “tolerância repressiva”. O jovem num país desenvolvido tem a chance de ver cedo o que no Brasil o jovem só pode ver se for um frustrado emocional tímido, como eu era, e viver o dia inteiro lendo na juventude, deixando de aproveitar a vitalidade que não voltará mais depois dos quarenta de idade (exagero um pouco. Fiz minhas “farras”). O jovem em Nova York, Paris, Londres vê como o poder funciona de fato e não é como os ideólogos imaginam que funcione na USP, onde tenho vários amigos, cala-te boca. Lord Keynes dizia que tudo que os políticos façam, por mais novo que pareça, já foi pensado e escrito por algum economista talvez obscuro. Certo, mas a maneira pela qual o político faz, o processo que ele desencadeia, os dados inesperados que ele é forçado pela realidade a acrescentar ao que faz, nada disso aparece em livros, exceto em grandes obras de ficção.

Esse o motivo por que escrevo romances. Não é que os ache grandes. É que ficção me permite colocar os imponderáveis, as nuances, as questões de grau que às vezes na vida são mais importantes que os fins que procuramos alcançar. Lewis Namier, o grande historiador inglês, dizia que há períodos históricos em que forças inconscientes e inexplicáveis decidiram as questões. Acho incontrovertível. Não quero na minha descrença desestimular o estudante brasileiro a atuar pelo que considera justo e desejável para o Brasil. Gostaria que fosse mais tolerante e atento às divergências, às opiniões divergentes, por mais absurdas que lhe possam parecer. **Cultura é essencialmente a capacidade de manter duas ideias opostas na cabeça e ainda assim tomar posição. Adapto isso da frase de Scott Fitzgerald definindo o intelectual.**

Como nosso estudante hoje me parece tender mais para a esquerda, o que no Brasil, dado o sistema, me parece inevitável e até desejável, eu sugeriria apenas que ele não tratasse os divergentes como leprosos. Isso me parece que decorre da sarna totalitária que se impregnou no Brasil desde o Ato Institucional 5. Os totalitários de direita passaram a sarna à nossa juventude, que trata totalitariamente os adversários da esquerda, até em questões relativamente desimportantes, como música popular. Nuances, experiência, o que ensina a inevitabilidade de tantas derrotas na nossa vida, é isso que falta ao jovem e o torna tão vulnerável a tornar-se um “débil mental”, ainda que extremamente bem-intencionado.

Não tenho paciência particularmente com a incapacidade de autocritica do jovem. Ele quer certezas. Isso é produto de uma profunda insegurança, perfeitamente compreensível na juventude, mas, quanto mais cedo o jovem se der conta disso, mais cedo atingirá a maturidade. E o jovem tende à *coterie*, à claque, a cerrar fileiras em torno de intocáveis, como a Petrobras, Chico Buarque, a capacidade criadora das massas. Não digo que isso seja errado. Digo que deve ser examinado rigorosamente, que cultura é conflito e maturidade intelectual é certeza com dúvidas, se houver margem de certeza, que, para mim, não há, mas que outros podem ter.

Sófocles, aos oitenta anos, deixou uma nota em que dizia que finalmente se livrara da tirania do sexo. Existe no jovem um impulso à tirania emocional (que Freud nos ensinou ser de fundo sexual) que precisa ser resistido, com toda a força. É difícil, é fatalmente doloroso, pois todos descobrimos cedo ou tarde que somos muito menos do que desejaríamos e que nossas causas são tão frágeis como a nossa humanidade que as criou.

Era bom crer. Era a aurora da minha vida. Mas isso de fazer manha quando a realidade e os nossos valores se provam frágeis, não querendo reconhecer que talvez tenham sido um lamentável equívoco da nossa parte, é atrofia da alma, é a condenação à eterna infância do subdesenvolvimento.

09.11.1980

ROCKEFELLER SABE COMO CUIDAR DO BRASIL

O sr. David Rockefeller parece saber muito bem o que devemos fazer no Brasil para sair do buraco, inclusive sugerindo que no FMI há economistas competentes que cuidariam de nós, o que sugere, claro, que no Brasil não há economistas competentes que saibam cuidar do nosso país.

Se o governo brasileiro imagina que o sr. Rockefeller representa, de maneira direta ou indireta, o governo Reagan, pode tirar o cavalo da chuva. Reagan, certamente, sendo um conciliador, procurará um arreglo com os grandes bancos de investimento da Costa Leste, dos quais David Rockefeller é o imperador honorário, porque nenhum presidente escapa disso nos EUA (nem Nixon, que odiava pessoalmente a família Rockefeller, Nelson em particular, mas que aceitou Kissinger, homem de Nelson, como Carter aceitou Brzezinski, homem de David. George Bush foi o candidato de David nas prévias e representa um elemento de ligação), mas Reagan deve sua ascensão política precisamente aos grupos econômicos do *sun belt*, das regiões mais quentes dos EUA, da Califórnia ao Texas, dinheiro novo que se ressentia da supremacia dos banqueiros da Costa Leste.

Mas, voltando ao **FMI**, já que fui eu que lancei a notícia em fevereiro, provocando furibundos protestos de Brasília, é minha opinião que a imprensa brasileira deveria procurar clarificar a posição do sr. Rockefeller. Ele quer dizer que o **FMI** refinanciará, doravante, os déficits do balanço de pagamento do Brasil? Não é possível. O plano FMI-Banco Mundial nem começa a atender aos problemas da dívida externa brasileira. Essa dívida deverá crescer um mínimo de 20% em 1981, ou cerca de 12 bilhões de dólares, e o simples serviço dessa dívida já nos come 65% da receita das exportações.

Como escrevi em 22 de outubro, depois de conversar com um dos pares do sr. Rockefeller, nenhum dos nossos maiores credores (particularmente, os que retêm 60% dos nossos débitos) quer refinanciar nossas obrigações de 1981, a menos que o Brasil se submeta a uma série de condições que meu

próprio interlocutor achou que provocaria convulsões sociais aí. Esses credores consideram as estatais brasileiras negativas, sorvedouros de dinheiro e um entrave à solvência do país. Aham a burocracia brasileira intoleravelmente obstrutiva ao investimento estrangeiro. Aham que ninguém investirá no Brasil, a menos que desesperadamente necessitado de algum produto primário. Querem uma política deflacionária radical. Querem três anos de não crescimento. Admiram o esforço do sr. Delfim Netto de sustentar o modelo de crescimento de exportações, mas acreditam que ele joga contra fatores internacionais incontroláveis e imponderáveis. Ou seja, a recessão mundial e as oscilações no preço de óleo. Querem racionamento de gasolina. Em suma, acham que a saída para nós é uma ortodoxia monetarista, que aumentaria ainda mais a crise social brasileira. O sr. David Rockefeller sabe disso muito bem.

O que significa “FMI” nesse contexto? O FMI é uma instituição caduca, produto do sistema de Bretton-Woods, de 1944, quando os EUA bancavam a economia mundial com o dólar resgatável com ouro de Fort Knox, a 35 dólares a onça. Nixon terminou a conversibilidade do dólar em ouro em 1971... Os bancos centrais europeus estão entupidos de 1 trilhão de dólares em papel-moeda, que só não soltam porque isso levaria o dólar a zero e revalorizaria a moeda deles a níveis intoleráveis. O dólar permanece a moeda de comércio internacional simplesmente porque europeus e japoneses temem o poder político e militar dos EUA. O mercado de títulos em dólar a longo prazo perdeu 400 bilhões de dólares no primeiro semestre de 1980.

Logo, o FMI, nesse contexto, é uma saída para os banqueiros internacionais, americanos ou sindicatos sob presidência de bancos americanos. É um xerife que esses banqueiros procuraram para justificar perante acionistas (e a lei americana) os 120 bilhões de dólares que têm empatados (não deles, mas da responsabilidade deles no Terceiro Mundo, particularmente em países não produtores de óleo, como o Brasil, e que temem não reaver, tentando assim jogar o papel de xerife para o FMI, que, impondo severas restrições ao crescimento e consumo dos países em desenvolvimento, ou menos desenvolvidos, conseguiria assim, talvez à custa de convulsões sociais, salvar o investimento desses banqueiros.

Será dessa “competência” que o Brasil precisa? O governo Figueiredo, certamente, não me pede assessoria. Mas leio que o presidente quer garantir a abertura (imperfeita) atual e que insiste nas diretas de 1982. Com o

programa sugerido pelo sr. David Rockefeller, o Brasil cairia numa ditadura, disso não tenho a menor dúvida.

O sr. David Rockefeller deveria também contar à imprensa brasileira como se apossou de fundos iranianos, alegando falta de pagamento de débito, na revolução Khomeini, levando sindicatos de bancos internacionais a fazerem o mesmo, tornando mais difícil a Carter atender à exigência iraniana de retorno do acervo que o presidente dos EUA congelou em novembro de 1979. Quem quiser maiores detalhes que leia dois extensos artigos de Anthony Sampson, o respeitado jornalista inglês, nos dois últimos *Observer* (que sai aos domingos). Também quanto à fortuna do ex-xá, é possível que ninguém possa identificar onde está, toda ela. Mas boa parte deve ser do conhecimento do sr. David Rockefeller, banqueiro favorito do ex-xá. Tão favorito que destacou um de seus assessores, Robert Armao, para assessorar o ex-xá no exílio. E foi o sr. David Rockefeller, assessorado por Kissinger (os dois depois brigaram. O Chase levou a protesto um título de Kissinger. Não sei se já fizeram as pazes), o principal responsável pela entrada do ex-xá nos EUA, o que deflagrou a crise dos reféns.

Ouçamos atentamente os conselhos do sr. David Rockefeller. Mas não em silêncio. O direito à réplica é sagrado nos EUA, uma das modas que precisamos copiar, à parte jeans e bobagens semelhantes.

14.11.1980

CINCO TIROS ABREM NOVOS NEGÓCIOS

John Lennon, compositor, cantor, músico, o “pai” dos Beatles, foi assassinado à uma hora da manhã (hora de Brasília) de ontem, por um vagabundo, Mark David Chapman, que disparou nele seis tiros de um revólver 38, acertando cinco. O crime aconteceu no saguão de um dos prédios mais famosos de Nova York, a oeste do Central Park, o Dakota (que a maioria dos brasileiros conhece como cenário do filme de Roman Polanski *Rosemary's Baby*,^{26} com Mia Farrow e John Cassavetes). Lennon estava acompanhado da mulher, Yoko Ono, e dois cavalheiros ainda não identificados. Chapman esperou por ele horas no saguão, sem ser incomodado pelos agentes de segurança do prédio (cuja maioria dos moradores é celebridade, gente como Lauren Bacall etc.), que, provavelmente, como é frequente em Nova York, estavam bêbados ou dormindo. Lennon tinha quarenta anos. Chapman, de Atlanta, Geórgia, conterrâneo de Jimmy Carter, tem 25.

A polícia chamada ao local apreendeu facilmente Chapman, que largou o revólver depois de esvaziá-lo, sorrindo, certo (e está certíssimo) de que do anonimato se tornará, como Lennon, uma celebridade. Esse o motivo aparente do crime. O canibalismo de celebridades é rotina neste país (e no Brasil e em todo o mundo ocidental), graças a um sistema de comunicações que evita assuntos sérios, mas que fornece um “circo” permanente, obsessivo, avassalador, sobre a vida dos homens bem-sucedidos e ricos, excitando sentimentos contraditórios, da adoração bocado dos fãs à frustração homicida, que às vezes se manifesta *à la* Chapman. É tolice atribuir o crime à violência de Nova York. Chapman estava em Nova York há apenas duas semanas, proveniente de Atlanta (trabalhou um tempo no Havaí, como guarda de segurança, vulgo “vigia”). Em Nova York não é possível comprar armas de fogo sem extensa e prévia investigação policial (estou falando do mercado legal, naturalmente). Em Atlanta, onde recentemente doze crianças negras foram assassinadas, é possível comprá-las em qualquer armazém...

A polícia de Nova York é treinada em paramedicina. Tentou ressuscitar Lennon, aplicando-lhe técnicas recomendadas, sem sucesso. Uma ambulância recolheu Lennon, que ainda falou aos médicos, dizendo quem era: “Meu nome é John Lennon”, mas foi pronunciado “D.O.A.”, morto ao chegar ao hospital Roosevelt, a treze quarteirões do Dakota. A causa: hemorragias incontroláveis.

A nova celebridade, Chapman, está presa. Não precisa declarar nada. Pode exigir a presença de um advogado. Se não tiver dinheiro para pagá-lo, o Estado paga. É a lei. Se for chamado de assassino pela imprensa, o juiz poderá anular o julgamento, considerando-o preconceituoso contra o réu, presumindo-o culpado antes que um júri o condene ou absolva. É também a lei. Mas o provável é que se determine que Chapman é um psicopata, ou seja, passará o resto da vida num manicômio judiciário, vendendo direitos de filmarem a vida, “escrevendo” memórias, vendendo entrevistas etc. Neste país tudo é faturável. A polícia já o chamou de *whaco* (demente, em gíria), pois a polícia conhece como ninguém como funciona o processo judiciário americano.

O canibalismo continua depois da morte. Fãs histéricos cercam o Dakota, cantando músicas dos Beatles. Ringo Starr, o primeiro dos ex-companheiros de Lennon a chegar aos EUA, de Londres, teve de ser protegido pela polícia, em face da malta de fãs que queriam depredá-lo, amorosamente, claro... A aventureira japonesa, Yoko Ono, herdeira da fortuna dos 150 milhões de dólares de Lennon, também está representando *Madame Butterfly*, vítima trágica do destino, que lhe roubou o homem amado. Também há bons negócios à vista para a viúva. Todo mundo está faturando, das estações de rádio às emissoras de TV, que tocam incessantemente as músicas dos Beatles e continuam o canibalismo do cadáver. É a sociedade de consumo, em seu aspecto mais grotesco.

JOHN, PAUL, RINGO, GEORGE, FILHOS DA GUERRA

Em nenhuma época um conjunto de música popular fez tanto sucesso como os Beatles. De certa maneira, eles são o símbolo mais à mão da

chamada contracultura da década de 1960. Nunca tiveram o prestígio entre as elites do movimento de um Bob Dylan (cujas letras parafraseavam poemas de Eliot e outros heróis do modernismo da alta cultura. Hoje, Dylan é um “renascido em Cristo”, *à la* Jimmy Carter, apesar de judeu de ascendência) ou de Jimi Hendrix, considerado o supremo inovador do rock, que morreu, como sua par, Janis Joplin, de uma dose excessiva de drogas. E só no início, que pouco chegou ao grande público, os Beatles tinham a agressividade da classe trabalhadora inglesa, característica dos mais famosos produtos dos Rolling Stones, de Mick Jagger (cujo “The Citadel”^{27} nos diz mais sobre a Guerra do Vietnã do que o excelente filme de Francis Ford Coppola *Apocalypse Now*). Os Beatles se sofisticaram muito sob a mão de um gerente de gênio, Brian Epstein, outro viciado em drogas, que se suicidou em 1967 e que, homossexual, parecia exercer uma tutela absoluta sobre os quatro Beatles, Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr e George Harrison.

O segredo dos Beatles, depois de “peneirados” por Epstein, é simples: limpeza. O rock nasceu, uma mistura de jazz e música montanhesa americana, sob o signo das cadeiras rebojadas de Elvis Presley. Foi, apesar de adorado pela garotada, uniformemente condenado pela classe dirigente americana, de que *Time* era um dos símbolos (até 1968, quando perdeu quase todo o prestígio), e *Time* escreveu longos editoriais sobre a imoralidade de Elvis, “O Pélvis”, como o apelidaram.

Quando os Beatles chegaram ao quarteto final, depois de se chamarem The Quarrymen^{28} e outros nomes, eles, apesar de virem das favelas de Liverpool, faziam músicas românticas, chorosas, sem qualquer sofisticação de contexto, e, depois que Epstein os vestiu de ternos e lhes aparou os cabelos (relativamente), os Beatles produziram um rock aceitável aos valores de classe média, sem os “excessos” prévios e posteriores de Elvis e Jagger, respectivamente.

Eles se sofisticaram bastante musicalmente, em *Sgt. Pepper's*, um disco divertido, de “Lucy” (supostamente sobre LSD, mas Lennon em entrevista a *Playboy* diz que foi tirado de Alice no país das maravilhas. Ele pensa que isso confere inocência à música. Alice é bem mais pervertida do que LSD. ..), mas não há dúvida de que foram as composições mais simples, “Love Me Do”, “I Wanna Hold Your Hand”, “Help” etc., que lhes angariaram os milhões de fãs, que lhes garantiram a venda dos 250 milhões de discos, ou

mais, o que levou Lennon a dizer que o grupo era mais popular que Jesus Cristo. Isso irritou muita gente. Nunca entendi por quê. Jesus não foi popular em vida. Terminou crucificado. Jesus não penetrou o mundo judeu, muçulmano e ateu. Os Beatles penetraram até a URSS (clandestinamente, no mercado negro, mas aos milhões...).

O charme da música deles sempre me escapou, o que deve ser um problema geracional (se bem que o antigo Dylan, o Jagger de “The Citadel” e “Helter Skelter”^{29} me diziam muito, nem sempre coisa agradável) de quem foi educado sob jazz *hot* e *cool* e o rápido mas inesquecível *bebop*, talvez o maior salto qualitativo da música popular neste século.

Mas sociologicamente eles sempre foram interessantes. Aquela choradeira infantil que os celebrizou e o romantismo quase hilariante de baladas como “Yesterday” representavam certamente o estado de espírito de uma geração que emergiu na década de 1960, depois que as tensões totalitárias da Guerra Fria se abateram, quando Kennedy e Krushev decidiram não destruir o mundo em face da presença de mísseis nucleares soviéticos em Cuba, 1962.

Não houve o estouro do pós-guerra de 1919 no outro pós-guerra de 1945. Isso porque passamos diretamente aos terrores ainda maiores, nucleares, da Guerra Fria, que Kennedy e Krushev diminuíram em 1962, permitindo assim uma verdadeira revolução de costumes, “revolução cultural”, da década de 1960.

A palavra “infantilidade” não é aqui usada insultuosamente. As crianças da década de 1960, nascidas sob o ruído dos aviões a jato, dos mistérios da eletrônica, sob o terror nuclear, sem qualquer acesso ao poder democrático, já que o poder, dos EUA à URSS, passara a ser exercido por burocracias sem cara, grupos de *experts*, cuja sapiência era incontestada, crianças que nasceram quando os conceitos de religião, família e outras âncoras tradicionais haviam desaparecido sob o impacto da revolução capitalista-tecnológica, tentaram criar o mundinho delas, de “quero segurar tua mão” e “socorro” (este quase um apelo direto). Renegaram a maneira de vestir, a maneira de pensar, a suposta ética de trabalho, de competição (a corrida entre ratos), o totalitarismo cultural da minha e de precedentes gerações. Era, claro, uma revolução impossível, pois, em verdade, foi faturada pelas mesmas forças capitalistas, tecnológicas e tecnocráticas que dirigem o mundo. A contracultura nada mais foi que uma variante da

sociedade de consumo. As pobres crianças tentaram saída, recorrendo ao misticismo do Leste (no pseudomisticismo de Hermann Hesse, na maioria dos casos), ao uso das drogas, o que equivale a montar num tigre (quem monta num tigre termina no estômago do tigre...), e, finalmente, encontraram uma causa na Guerra do Vietnã, em que era possível, enfim, lutar contra (não por) alguma coisa, a crueldade inominável dos EUA, do *establishment*, no sudeste da Ásia.

A música foi naturalmente a linguagem mais acessível a essa geração. O socialista Michael Harrington, num dos mais agudos ensaios que já li, observa que os fanhos de Bob Dylan eram uma forma de contestar a cultura cruel que era capaz de criar um Beethoven (quem pode melhorar Beethoven?) e os horrores tecnológicos do napalm, de Hiroshima e Nagasaki. As crianças procuraram um estilo delas, do *bluejeans* aos cabelos longos, que imaginavam contestação, enquanto os fabricantes de jeans e outros produtos da contracultura, como a bolinha, diziam “Business as usual”, ou “Caixinha, obrigado”.

Mas crianças envelhecem. Lennon está certo em dizer a *Playboy* que os Beatles não fazem mais sentido em 1980, que os Beatles eram os anos 1960, ainda que o verdadeiro motivo dele seja o ódio incontido que revela nessa mesma entrevista contra seu ex-companheiro Paul McCartney (ele e John criaram a maioria das composições mais célebres dos Beatles), porque McCartney continua sendo o músico mais popular do mundo, enquanto ele, John Lennon, teve uma década de 1970 repleta de fracassos. O último disco que lançou, *Double Fantasy*, estava fazendo um certo sucesso, e um compacto do dito, *Starting Over*, está entre os dez mais vendidos. Mas Lennon permanecia muito atrás de McCartney. Ringo e Harrison nunca tiveram o mesmo destaque.

O ÚLTIMO SÍMBOLO DE UM SONHO IMPOSSÍVEL

Depois da morte de Epstein, os Beatles começaram a se dissolver. São dois os motivos: disputas de espólios da empresa em que eram sócios, a Apple, e principalmente as mulheres de John e Paul, Yoko Ono e Linda

Eastman. Linda é herdeira da Eastman-Kodak, o que dispensa comentários. Foi *groupie* de grupos de rock, ou seja, prestando serviços de cama a qualquer tamborineiro famoso, a pedidos. Conseguiu, porém, fisgar Paul McCartney e lhe domina a vida, inclusive participando do conjunto dele, Wings, apesar de não ter nenhum talento. É mais velha que Paul. Ela parece até hoje uma menina. Esse tipo de mulher é o que se chama eufemisticamente “órgão de alicate”. “Prende” o homem dela em partes vitais. E Linda não se deu com sua equivalente, Yoko Ono, que John Lennon, órfão de mãe, bebê e abandonado pelo pai, chamava (e o que mais poderia ser?) de “mamãe”. Foi o choque entre Yoko e Linda que provavelmente destruiu os Beatles. Yoko, japonesa, se autodescreve como “escultora” e “da alta sociedade de Tóquio”. É quase certamente uma gueixa, mas de “alicate”, e dominou completamente a vida de Lennon, o que ele confessa prazerosamente na entrevista a *Playboy*. Freud explica. Sempre explica.

Se Yoko se arrumou, soube dar a John Lennon fortuna e proteção. Escrevi que Lennon deixa cerca de 150 milhões de dólares. Fracassando em músicas novas nos anos 1970 (a começar pelo ridículo LP de 1969 em que ele e a teratológica Yoko posam nus na capa e na contracapa, as fotos trazendo má reputação à pornografia), ele, sob a direção do alicate de Yoko, aplicou o dinheiro Beatle, que continua e continuará rendendo, em mansões em Palm Beach, Flórida, Long Island, numa série de fazendas totalizando 1.600 acres no norte de Nova York, em valiosas vacas Holstein (uma foi vendida outro dia por 256 mil dólares...), num iate de quase duzentos metros e no apartamento do Dakota de 28 cômodos.

No auge dos Beatles, Lennon favorecia causas radicais. Marchou contra a guerra no Vietnã. Fez experimentos perigosos com drogas, filmes que contrariavam a moral vigente (um sobre o próprio pênis), se tornou feminista etc. Sob Yoko, milionário, parecia mais criatura de astrologia, comedor de macrobiótica, “mãe de família” (ele cuida do filho do casal, Sean, de cinco anos, enquanto ela dirige os negócios da família), e, coisa inconcebível num radical, chegou a dar uma contribuição de mil dólares para a compra de coletes à prova de bala para a polícia de Nova York, a mesma polícia que sob o pretexto de que ele era drogado tentou deportá-lo, até que todo mundo depôs a favor dele e conseguiu permanecer em Nova York, a polícia que não o protegeu do assassino quando morreu na cidade que mais amou.

A morte dele é o fim de uma época, talvez a última que conheçamos em que uma geração de jovens talentosos, como os Beatles, tentou humanizar o nosso mundo de poderes impiedosos, impessoais e letais. Que John Lennon tenha morrido um milionário egoísta, rancoroso, vivendo no casulo de uma japonesa aventureira, não diminui as boas intenções iniciais dos jovens revoltosos dos anos 1960, ainda que o fim dele, mesmo antes de morrer, também revele a ingenuidade dos métodos e aspirações que abraçaram.

Lennon banuiu Reagan, Brejnev, Israel, Síria e Jordânia do centro das notícias. Talvez porque a maioria das pessoas reconhecesse nele um ser humano, enquanto esses outros problemas não podem ser tocados pelo cidadão comum, que se interessado neles é submetido à dieta de *press releases* dos poderosos. Com Lennon, se foi não só uma era, nos parece, mas um anseio de simplicidades que se tornaram aparentemente impossíveis em nosso tempo.

10.12.1980

NELSON NUNCA FOI UM INTELECTUAL

Para os célebres, é bom morrer no Brasil. O morto deixa de ser humano, com defeitos e qualidades, e é canonizado. Em menos de quinze dias tivemos John Lennon e Nelson Rodrigues. Ninguém botou defeito. Somos um povo imaturo, em busca de *Fiihrers*, ainda que se limitem a tocar violão.

Voltarei ao assunto Lennon em tempo. Falemos do nosso Nelson Rodrigues, perda bem maior da nossa cultura, que já perdera Vinicius de Moraes. E não temos uma cultura tão rica e variada que possamos desperdiçar gente assim.

A *Folha* esgota em minutos no Rio e não pude ler o obituário dos colegas. Logo o que vai é um comentário sobre os obituários da imprensa carioca. De saída, há um equívoco puramente accidental. Os jornais disseram que ele começou a trabalhar em 1925 e que tinha, portanto, quarenta anos de carreira. Bem, me parece que tinha 55 anos de carreira. O que talvez não seja tão inocente quanto o esquecimento das quatro operações é que a ninguém ocorreu perguntar como um autor famoso de vinte peças, inúmeras crônicas, peças e textos filmados, vários romances, quase tudo obtendo grande audiência, tenha morrido deixando praticamente nada. O excesso de trabalho de Nelson sem dúvida lhe apressou a morte.

Não conheço detalhes, mas é plausível concluir que ele, como diz um editor amigo, foi, a exemplo de quase todos os autores brasileiros, roubado pelos que lhe exploraram a obra. Não faço acusações. Deixo a imaginação do leitor trabalhar.

Um erro cultural grave é afirmar que Nelson revolucionou o teatro brasileiro com *Vestido de noiva*. É uma peça menor, “datada”. Serviu, sem dúvida, como arranque da primeira companhia de teatro moderno que existiu no Brasil, Os Comediantes, em 1943. Ziembinski, o diretor, usou a técnica de *flashforwards* e *flashbacks* (pra frente e pra trás) e aplicou técnicas do impressionismo alemão que trouxera da Europa, em parte, como Zimba me disse, para disfarçar a insuficiência (crônica) da maioria dos atores. Nada de revolucionário aí.

A revolução veio quando Nelson escreveu *Doroteia*, *Senhora dos afogados* e principalmente *Álbum de família*. Foi o período da danação dele. A direita, a quem se aliaria no período mais duro da repressão ditatorial (já trato do assunto), o converteu num pornógrafo, no tarado, no abominável intocável. Dois críticos de qualidade, Álvaro Lins e Prudente de Moraes Neto, vieram em socorro. E, dos críticos teatrais influentes, apenas Sábato Magaldi e, depois, vosso criado, obrigado. O resto mandava um pau firme em Nelson. Ele era tratado como portador da peste bubônica. A humilhação suprema veio quando Franco Zampari, em 1956 ou 1957, suspendeu os ensaios de *Senhora dos afogados* no TBC, sob pressão do moralismo convencional. Foi quando escrevi duas páginas sobre ele, na *Revista da Semana*, saudando-o como inovador. Sábato o defendia no *Diário Carioca*. Mas o ensaio supremo da época foi de Prudentinho na primeira (acho) coleção de peças de Nelson a ser editada. Esse ensaio até hoje é uma introdução indispensável às peças mais importantes dele.

ESTILO E SUBSTÂNCIA EM NELSON

Se *Doroteia* é uma comédia *noire*, sem paralelo na nossa dramaturgia, comédia que hoje seria chamada de “do absurdo” (e Nelson precedeu Ionesco, Beckett e Pinter), ainda teve o mérito de uma encarnação próxima do perfeito de Ziembinski, que então já conhecia melhor português e conhecia melhor o estilo de Nelson. O que é esse estilo? É uma mistura do coloquialismo carioca (em particular das seções de política, até hoje verdadeira fonte de criação na imprensa brasileira, apesar do tema sórdido) e um *lilt*, um alto sonoro que Nelson trouxe na carne de Pernambuco, de uma sociedade bem mais feudal que a do Rio e São Paulo, em particular na década de 1940. O diálogo nas melhores peças não é tão coloquial quanto parece aos surdos que só ouvem música na altura barulhenta do rock. Nelson é, em suma, coloquial e não. Infelizmente nunca apareceu um diretor de teatro brasileiro que se interessasse pela obra dele. *Doroteia* foi varrida de cartaz (vi-a como outros aficionados cinco vezes) por uma chusma de críticos estúpidos ou de má-fé do Rio.

A substância de Nelson. Bem, tudo que escreveu tem um tema constante: o ser humano é prisioneiro de paixões avassaladoras, consideradas vergonhosas pela sociedade e, pior, pelo próprio ser humano. São quase sempre punidos. Daí o famoso e autoproclamado moralismo de Nelson. São paixões primitivas, o que irrita a maioria dos intelectuais, em particular os de esquerda, que querem o homem aspirando à ordem socialista, racional, e reconhecendo interesse de classe e a luta de classes. Nelson não se interessava por essas coisas. Era um conservador moral, um talento em captar emoções abaixo da cintura.

Doroteia e Senhora dos afogados (esta a peça em que o coloquialismo e a poesia mais se fundem) se mantêm dentro do aristotelismo primitivo. Na tragédia aristotélica o “herói” reconhece que o destino o condenou à paixão e morre por ela, como os de Nelson, mas os gregos eram religiosos, e o teatro de Nelson não é. Os críticos mais honestos de Nelson reclamam que as peças dele não têm a estrutura realista de Ibsen. É certo. Nelson nunca tinha lido Ibsen quando o conheci, em 1957. Reclamam que ele escreve cenas e não peças. A crítica é certa, se o examinarmos à luz de Ibsen. Está fundamentalmente errada, se virmos nas peças não o realismo vulgar, mas uma coisa nova, um impulso neobarbárico que está na essência do pós-modernismo, ainda que um pós-modernismo primitivista.

A peça em que Nelson encontrou a si próprio é *Álbum de família*, texto que é um desafio até hoje ao teatro brasileiro. Ouvi dizer que está sendo filmada. Felizmente não terei de ver. *Álbum de família* é uma apologia jubilante do incesto. Todas as personagens são desavergonhadamente incestuosas e a peça termina com a mãe (personagem que exigiria o físico de Tônia Carrero e o talento de Fernanda Montenegro) matando o marido e indo unir-se ao filho nu, “louco”, que a espera na mata em volta da casa. Todos os outros tombaram prazerosamente pelo incesto. O próprio marido e pai pede à mulher que o mate porque não pode viver sem a filha já morta.

Esse texto deve ser lido atentamente e talvez um dia José Celso Martinez vença os preconceitos políticos e faça por *Álbum de família* o que fez por Oswald de Andrade. Mas leiam. A linguagem é coloquial, de gente da rua. Isso, mais a imoralidade, colocou a crítica acadêmica dominante contra Nelson, pois essa crítica acha que existe uma maneira “correta” formal de escrever, não entendendo a criatividade da língua brasileira de que Nelson, como Rubem Braga, Millôr Fernandes e poucos outros são os criadores.

Essa crítica quer nos aliar para sempre ao português de Portugal. É uma crítica de cadáveres.

Somente quando um diretor experimental, como José Celso e Antunes Filho, ousar enfrentar o desafio desse Nelson da primeira fase é que poderemos avaliar a dimensão da obra dele. *Álbum de família* foi, claro, proibida pela censura (estávamos na “democracia”) e arrasada pelos acadêmicos e moralistas. Está à espera de ser despertada como a Brünhilde de Wagner em *Siegfried*. Mas vai dar trabalho. Exige uma energia que nossos melhores diretores preferem gastar em contestações juvenilmente esquerdistas. E não temos mais críticos do porte de Álvaro Lins, Prudentino e o próprio Sábato (sei que atua, mas estará disposto a uma guerra santa?) para movimentar nosso teatro, hoje reduzido à condição geral de mediocridade do país.

RECUO E POPULARIDADE

Depois de *Álbum de família*, Nelson decidiu que precisava comer. Entregou-se ao jornalismo de *A vida como ela é* e peças semijornalísticas de *A falecida* a *Um beijo no asfalto*, *Toda nudez será castigada* etc. Ainda nos deu uma obra-prima de prosa, *O casamento*, romance trágico e picaresco que tem ecos de *Doroteia*, mas jamais voltou às alturas de *Álbum de família*.

Recuando, se tornou popular... Nunca reclamou do tesouro soterrado e intocado que deixara nas peças citadas. Nelson não era um intelectual. Em verdade, abominava o intelectualismo de qualquer espécie, que lhe ofendia as simplicidades primitivas que lhe deram grandeza. A ideia de que dois e dois são quatro ofendia profundamente Nelson. Conheci-o bem três anos (até que ataquei uma de suas piores peças, *Perdoa-me por me traíres*, e ele cortou relações comigo. Fizemos as pazes, quer dizer, ele fez, a meu pedido, em 1979). Nelson não lera nada, verifiquei nesse período de intimidade.

O próprio filho dele, no *Jornal do Brasil*, fala da biblioteca popularresca do pai, cuja *pièce de résistance* era *Ascensão e queda do Terceiro Reich*, de William Shirer, um livro menor sobre Hitler. Acho que “pegou” Eugene O’Neill em espanhol. Quando Ariano Suassuna fez sucesso com O

auto da compadecida, ele não quis ver a peça, me perguntou o que eu achava...

Foi um recuo trágico o de Nelson, típico do nosso provincianismo cultural, das condições que o artista recebe no Brasil. E foi recompensado pela popularidade. O cinema “neonovo” lhe filmou várias peças da decadência e textos menores. As frases engraçadas das crônicas, “a estagiária de calcanhar sujo”, “aluna de psicologia da PUC”, “padre de passeata” e “freira de minissaia” etc., entraram para o vocabulário da classe média consumista. Se tornou ele próprio artigo de consumo. O “monstro” se converteu numa figura familiar, o cronista de futebol criando metáforas engraçadas mas basicamente tolas sobre esse esporte, que hoje francamente me enche de tédio e que mesmo quando não me enchia nunca mereceu de ninguém que pense maior importância.

Nelson, calculamos um amigo e eu, no Rio, escreveu cerca de trinta crônicas. O resto é repetição. E meu amigo Yan Michalski notou isso no *Jornal do Brasil*.

A PERSONALIDADE

Nelson já era anticomunista antes de o assunto ocupar as atenções gerais, em 1957. Nada sabia do assunto exceto informação (no máximo) do nível William Shirer... Uma vez chamou Bertrand Russell de pró-comunista e tive de gozá-lo lembrando que Russell escreveu o primeiro livro anticomunista levado a sério, *A teoria e prática do bolchevismo*, em 1921, ao visitar a URSS, traçando um perfil do dogmatismo de Lênin e do brilho excessivamente agressivo de Trótski. Detestava o comunismo porque este previa uma sociedade organizada logicamente. E Nelson odiava a lógica por definição.

Nos jornais que li se escreveu que a esquerda o odiou porque apoiava o governo Médici, mas que houve a atenuante de que um filho dele estava entre os perseguidos e que Nelson, agradando ao Médici (o nome justo, se desconsiderarmos diferenças de estilo...), procurava soltar ou proteger o filho. É uma simplificação. Que Nelson formasse ao lado de uma ditadura professamente anticomunista só me ofendeu porque ditadura significa censura, não pelo anticomunismo que era autêntico, se primitivo (como

tudo), nele. O que era ofensivo nas crônicas daquele tempo era Nelson fazer vista grossa à perseguição e repressão que fizeram tanta gente morrer, desaparecer, ser torturada etc. A questão não era ser comunista ou anticomunista. Era ser humanitário ou não. Ou melhor, era ser ou não humanista. Muita gente de direita tomou posição contra o governo Médici, contra o sistema. E o tom de Nelson chegou ao do “dedo-duro”. Mais, os ataques a Alceu Amoroso Lima, a única voz que emergia mais ou menos da censura geral, e ao perseguido padre Hélder^{30} transcenderam os limites do permissível. Não é que Alceu ou Hélder sejam inatacáveis. Isso não existe. Mas a maneira com que Nelson os atacou, naquelas circunstâncias, nunca lhe será perdoada por muita gente. Admito que a questão do filho é uma atenuante, mas atenuante não é justificativa.

Por que não tentar a verdade? Nelson tem qualidades aliadas a defeitos, ambos graves e profundos, como todos nós. Não é insulto delineá-los, na medida de nossas possibilidades, sem eufemismos. Mas no Brasil não é assim. Nos últimos anos, segundo o filho Joffre, até o Partido Comunista fez autocrítica (*sic*), aplaudindo Nelson por mostrar as contradições sociais nas peças dele. Não há nada disso nas grandes peças dele, nem nas menores. Nelson nunca leu Claudel, mas aceitaria a definição de Claudel do artista moderno, não religioso: um cachorrinho ferido que fica eternamente lambendo a própria ferida. Era o que Nelson era. Como a maioria dos trágicos do pós-modernismo. Veio a inevitável capa de *Veja*. Acho que Nelson morreu sendo considerado um “liberal”. Não era. Era um neobarbárico primitivo.

Bem, é impossível perdoar o Ezra Pound, ser humano, mas podemos gozar a grande poesia que ele nos deixou. Em vez de tentarmos esconder as “paixões vergonhosas” de Nelson, o que devemos a ele é interpretá-lo como o dramaturgo que deixou os desafios de *Doroteia*, *Senhora dos afogados* e *Álbum de família*. É uma tarefa incumprida. É uma das saídas da imaturidade e do baboso sentimentalismo brasileiro.

28.12.1980

UM ACORDO MUNDIAL PARA SUSPENDER TUDO

Terminei de ler os jornais ontem, “olhar” é a palavra mais exata, e veio a depressão suicida. Vem toda manhã. Deve ter causas parcialmente físicas. Dificilmente durmo mais que seis horas, tomando ou não remédio, e levo um sem-número de cafés até que as coisas se estabilizem. Mas há muito penso que maravilha seria se houvesse um acordo mundial de suspender completamente a imprensa, a TV, o teatro, o cinema etc. por três meses. Seríamos todos obrigados a pensar um pouco sobre nossa vida, talvez até arrumá-la, e não teríamos de tolerar a martelação diária e incessante sobre a chatice, estupidez e violência da humanidade. Claro, haveria problemas. De que eu, por exemplo, e este jornal iríamos viver? Mas não acho insolúvel. Todo governo detesta imprensa. Logo, talvez nos pagassem pelo silêncio. Nos faria bem, tenho certeza. Bem à alma.

Tento me divertir com a mendicidade, safadeza e estupidez jornalísticas. Foi preso outro dia o deputado Jon Hillson, democrata, praticando o que a UPI^{31} insiste em chamar de “sodomia” oral (*sic*), o que não existe. É *fellatio* o nome do ato. Hillson é o que chamam no Ceará de baitola, um dos quarenta ou cinquenta notórios no Congresso. Mas é assunto dele, não vejo por que precise ser preso, processado e o diabo a quatro, com a invariável mulher sofredora, apoiando, enquanto a TV exhibe o pobre-diabo explicando que é inocente, que deu um mau passo porque “bebeu mal”, ou coisa assim. Há um ministro de Reagan que também é baitola. Todo mundo na imprensa sabe disso. Por que não lhe dão o nome? Por que encarnar no deputadinho? Por que encarnar em qualquer pessoa por costumes sexuais que não envolvam violência? Continuamos na pré-história da humanidade, com o papa dizendo que a vergonha que sentimos dos órgãos sexuais é um troço legal. Estou farto dessa gente. Que coisa repulsiva é o ser humano, diz Edmund Wilson, no diário da década de 1930.
{32} Amém.

Todos nós sabemos, na carne, que nossa civilização está no fim. Que é podre até a medula, mas continuamos fingindo que há esperança. Minha vontade é virar tatu. Me despedindo de um dos raros diplomatas brilhantes dos EUA, demitido por Reagan (não é White de El Salvador^{33}), perguntei se ele, de carreira, não pegaria um posto. Me disse que prefere a aposentadoria e viver numa fazenda. Cansou da sordidez, da canalhice da guerra. Eu gostaria de ter o tutu para me aposentar.

Fui ao Café Carlyle outro dia ouvir George Shearing. O Carlyle Hotel é um dos raros pontos civilizados de Nova York. Fica “longe”, graças a Deus, da área de que os turistas gostam (em verdade fica na Madison Avenue, que é o melhor centro de compras da cidade, mas os turistas pensam que é a Quinta avenida). Shearing, branco, velho, cego, já o ouço há trinta anos. Sempre civilizado. No Café Carlyle exigem gravata, o que evita os cangaceiros da contracultura. E até celebridades não são incomodadas. Shearing cantou a maravilhosa versão de “Let’s Do It” que Noel Coward fez de Cole Porter. A plateia aplaude decorosa. De repente, me sinto bem. Dura pouco. Alguém, inseguro porque Shearing está cantando coisas não mencionadas na coluna da Suzy, Liz Smith etc., pede “Send in the Clowns”, de Stephen Sondheim, que é sempre tocada no rádio, como Vandeca^{34} ou Bethânia. Há “massa” no bar. Volta a depressão. Outro uísque. Shearing canta. Sorri. A gente sorri porque ele sorri.

Outro dia fui almoçar com Andy Warhol. Mais e mais ele parece uma gigantesca barata descascada. Tem uma fábrica aqui, e senhoras compradoras da Europa olhavam respeitosamente a chacota que Andy faz do pós-modernismo. Sem talento algum, ele é simpático, doce, diz coisas inteligentes (é um entrevistador esplêndido, como sabem os leitores de *Interview*). Disse a ele que deveria entrevistar Brejnev. Disse que não saberia o que perguntar. Eu disse que isso é que faria a entrevista boa. Um silêncio de parte a parte. Diga sim ou não, disse São João da Cruz, porque o resto é o (provém do) mal. **Palavras imortais, que não ficam bem para um jornalista que vive de palavras mortais, que servem para embrulhar o peixe podre no dia seguinte. No Brasil ainda se acha que Warhol é “udigrudi”. É um industrial extremamente bem-sucedido. Mas não consegue, no momento, arranjar 1 milhão de dólares dos bancos para fazer um filme, *More Trash*, nem pagando juro de 21% ao ano. Mandem os palhaços...**

07.02.1981

VIAGEM, TESTE QUE NÃO DEVE SER IGNORADO

A viagem de Luiz Inácio da Silva, Lula, à Europa e aos EUA representa um teste à abertura do governo Figueiredo, que não deve ser ignorado pelas autoridades brasileiras, apesar do habitual insularismo (provincianismo) que nossas autoridades (em todas as épocas) revelam em face do mundo.

Lula não será julgado apenas em 16 de fevereiro (ou 23, me disse ele, há possibilidade de um adiamento).^{35} Ainda que seja absolvido nesse processo há outros, em verdade uma sucessão de processos, que destruiria o PT, o partido de Lula, pois 35 dos 40 envolvidos nessa série de processos são líderes do PT. Não teriam possibilidade de trabalhar em face da ofensiva judiciária. É plausível atribuir essa estratégia ao general Golbery do Couto e Silva, estudioso da realidade política americana. Durante a década de 1960, os líderes do protesto contra a Guerra do Vietnã não foram para a cadeia. A partir, porém, de 1968, passaram a maior parte do tempo se defendendo de processos de subversão, o que os impediu de continuarem o trabalho de agitação contra a guerra. É uma boa técnica, tecnicamente falando. Mas manchará a imagem do Brasil aberto que o general Figueiredo projetou tão bem na França (e menos bem em Portugal...).

Lula não é bobo. Chamei-o uma ocasião de o primeiro líder sindical brasileiro da era das multinacionais. Não é outra coisa. Em vez de levar o caso dele a ditaduras stalinistas, onde não existe liberdade sindical de espécie alguma, exceto a admitida pelo decrépito e corrupto PC, Lula foi a João Paulo II, aos líderes do único PC do mundo levável a sério, o italiano (que inclui nos estatutos liberdade, “autonomia” sindical absoluta), aos socialistas, aos sociais-democratas, aos sindicalistas do mundo ocidental capitalista. De Berlinguer, o líder do PC italiano, a Felipe González, o líder socialista espanhol, a Willy Brandt, o líder eterno da social-democracia mundial, à Organização Internacional do Trabalho (OIT), aos conservadores sindicatos americanos, o processo contra Lula, o primeiro por “desobediência às leis vigentes” e “propaganda subversiva à porta de

fábricas” (em suma, propaganda de greve), foi considerado uma contravenção da rotina trabalhista no mundo ocidental capitalista. Até Ronald Reagan concordaria. Reagan nunca disse uma palavra contra a liberdade sindical completa. O direito à greve é sagrado. Desde 1960, quando Rockefeller (Nelson) impôs a um (pseudo) relutante candidato à Presidência dos EUA, o republicano Richard Nixon, a eliminação no programa do partido de qualquer restrição à atividade sindical, até hoje, nem mesmo Reagan, que ficará na Presidência até 1984, ousa dizer uma palavra contra o direito à greve. Se o governo Figueiredo embarcar nessa canoa furada, vazará, ao menos quanto ao Primeiro Mundo capitalista, que o general Figueiredo, certamente bem-intencionado, quer conquistar para nos salvar da ruína econômica.

Houve um encontro dramático entre Lula e Lech Walesa, hoje o líder sindical mais célebre do mundo. Lula é acusado de fazer política, enquanto Walesa fica no sindicalismo puro e simples. Walesa explicou que política na Polônia é impossível, enquanto houver o sistema de partido único, o PC. Mas no Brasil, havendo um hipotético e teórico pluri-partidarismo, é claro que Walesa faria um partido e disputaria eleições. É pueril contrastar a abertura tipicamente ambígua do Brasil com o sistema stalinista polonês. É um insulto à inteligência de quem sofre essa comparação.

O apoio a Lula é universal, não no nicho comunista em que querem encaixá-lo, mas no mundo ocidental capitalista desenvolvido, a que o Brasil aspira participar. Se quer ser admitido, não resta alternativa exceto conceder a abertura sindical completa. O direito de greve é sagrado até para Ronald Reagan. Quem são as autoridades brasileiras para se colocarem à direita de Reagan? Não é essa certamente a intenção de Figueiredo.

Lula está enfatizando aqui a pressão das multinacionais que atuam no Brasil para impedir a abertura sindical, que aceitam nos países de origem. Será decisivo o encontro dele com Douglas Fraser em Detroit, dentro de pouco tempo, já que Fraser é o líder do sindicato da indústria automobilística americana, inclusive da Ford, tão importante no Brasil (aqui batendo pino). Fraser e outros líderes sindicais americanos vão apoiá-lo. Ninguém quer anarquia. O que Lula pretende é o direito à reivindicação sindical, dentro das leis que permitam e garantam o direito à greve, como arma normal do sindicalismo. O governo Figueiredo, se quer ser admitido no “clube” do Primeiro Mundo, e ninguém menospreza a abertura brasileira

até onde vai, deveria enfrentar essa realidade antes que a enfrente de maneira danosa ao Brasil.

11.02.1981

ONTEM, HOJE, SEMPRE RACISTA

Começo com um aviso curioso de um editor da *Folha*, que não devo usar “preto” para “negro”, pois “preto” é pejorativo em português. Em inglês é o contrário. Os pretos consideram “negro” condescendente. Acham e assumiram “preto” a palavra certa, *black* em vez de “negro”. Não é a única diferença cultural e social.

Na Constituição americana, de 1787, foi incorporada a Declaração de Independência, de 1776, que afirma que “todos os homens foram criados iguais”. Porém, dos três principais mentores da República dos EUA, George Washington, Jefferson e Hamilton, os dois primeiros eram proprietários de legiões de escravos. Estes, aparentemente, não eram “homens”, ou mulheres...

George Washington era tão mudo quanto o marechal Dutra. Historiadores amáveis dizem que ele pretendia libertar os escravos. Não sabemos. Não libertou, sabemos. Jefferson era mais interessante (de todos os pontos de vista). Achava a escravidão imoral, apesar de acreditar que os negros eram inferiores aos brancos, o que não o impediu de ter várias amantes negras, uma das quais lhe deu, segundo a historiadora Fawn Brodie, oito bastardos.

É preciso considerar que os EUA no século XVIII eram apenas o que chamamos hoje de Nova Inglaterra - não escravocrata - e o Sul, escravocrata. Logo, não seria realista esperar que mais da metade dos revolucionários de 1776 fosse abolir constitucionalmente o trabalho escravo, que lhes dava rendas e lazer para descobrirem a filosofia de John Locke (o pai espiritual da filosofia inglesa e americana) ou outros pensadores do Iluminismo.

OS MOTIVOS DA LIBERTAÇÃO

Outro equívoco é imaginar que Lincoln guerreou o Sul, na guerra entre os Estados, em 1861, para libertar os negros. Lincoln, como Jefferson, achava a escravidão imoral e, claro, o negro inferior, não sabendo o que fazer dele, mas o que propôs foi apenas que novos territórios (os EUA já haviam então conquistado metade do México, em 1848, e avançavam para o oeste) não deveriam usar mão de obra escrava. Os motivos de Lincoln não eram humanitários. Ele representava o nascente industrialismo americano, que abominava os latifúndios sulistas e a cultura escravocrata, como contraproducente economicamente.

Não é que inexistisse agitação antiescravocrata. *A cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, é um dos livros mais lidos na história (apesar dos repulsivos sentimentalismo e condescendência em face do negro), e a Costa Leste, industrial, financiou até a guerrilha subversiva antiescravagista de John Brown (que passou à história como maluco...). Mas o abolicionismo era apenas o confeito do bolo da Revolução Industrial americana. Operário naqueles tempos, o que Engels notou bem antes de Marx, saía mais barato que escravo e rendia mais. Lincoln só decidiu abolir a escravidão quando, em 1862, as coisas iam muito mal para o Norte (Leste) na guerra, e ele impôs a censura, suspendeu os direitos civis inscritos na Constituição e impôs na marra o serviço militar obrigatório. O Sul tinha perfeito direito constitucional de sair da união americana, com escravos e latifúndios. Lincoln mudou a Constituição original, criando o poder central (o que parece ter passado despercebido ao pobre Rui Barbosa, que, em 1891, copiou mal e porcamente a Constituição americana de 1787, o que o Estado Novo e depois o golpe militar de 1964 consertaram...), a supremacia federal.

Lincoln precisava de um molho liberal para ganhar a guerra, e daí a emancipação. Lincoln assassinado, pelo invariável e conveniente maluco que sempre mata presidentes americanos, ainda havia os chamados radicais republicanos no Senado, que acreditavam na igualdade do negro e criaram leis que a garantiam (acham Lincoln um mistificador, falando nisso). Mas durou pouco. Tamanha foi a exploração do Sul pelo Leste triunfante que o poder central americano, como consolo aos sulistas, deu-lhes de volta o chamado “direito dos Estados”, da Constituição original (que Lincoln,

lembrem-se, modificara radicalmente), que até hoje é código de racismo, *slogan* do conservadorismo americano. Com esses direitos os sulistas reduziram o negro ao que fora antes, uma subclasse, não escrava, claro, porque a terceira emenda proibira. Isso na Constituição, mas segregado, maltratado e não raro linchado (negro era linchado legalmente no Sul até a Segunda Guerra Mundial...).

“SEPARADOS, MAS IGUAIS”

O cúmulo dessa condição veio da Corte Suprema, ao declarar, em resolução que durou até 1954, que os “negros eram separados, mas iguais”. Eram e são tudo menos iguais, separados são, apesar dos grandes avanços ditados pela Corte Suprema, em 1954 (dessegregando as escolas públicas e praticamente, anos depois, todos os lugares públicos), e pelo Congresso, em 1964, que garantiu realmente o direito do negro de votar, o chamado *voting rights act*, lei dos direitos de votar, obra de Lyndon Johnson, na esteira do assassinato de John Kennedy e da grande prosperidade americana, que deu vida ao liberalismo, até que Johnson chafurdasse o país na guerra homicida e suicida do Vietnã.

Legalmente, hoje há igualdade, na prática não. Leis não mudam realidades sociais e econômicas profundamente entrincheiradas em tradição e ideologia. Esse assunto é complexo. O negro começou a progredir socialmente antes das decisões da Corte Suprema em 1954. Motivo: guerras mundiais. Em 1917 e, depois, em 1941, quando os EUA entraram em guerra, houve falta de mão de obra. O negro, na maioria originário do Sul, onde representava por tradição o símbolo da derrota e miséria (dos brancos também) da região, sendo o bode expiatório, começou a migrar para os Estados industrializados do Leste e Meio-Oeste (que nunca foram escravocratas), onde provaram as delícias da modernidade, ainda que também segregados em guetos, pois o racismo nos EUA é nacional. E, terminadas as guerras, os brancos voltaram e com auxílio dos sindicatos operários expulsaram os negros das fábricas. Esses negros foram sobrevivendo nas grandes cidades desde 1919, apoiados pelos programas de auxílio federal mínimos, em desespero e pobreza irremediáveis, apesar das promessas de todos os demagogos democratas, de Franklin Roosevelt a

Jimmy Cárter. Não estou em absoluto minimizando o racismo como ideologia.

Paga a pena ler os discursos de Adolf Hitler contra os EUA. Ele zomba do suposto horror (antes do massacre) americano em face das perseguições aos judeus, lembrando que os EUA tratavam os negros pior que a Alemanha nazista os judeus (o que até 1938 era absolutamente correto) e acusa os americanos de igual discriminação racial contra os latinos das Américas, o que é também verdade, até hoje, apesar de disfarçado em linguagem diplomática. É comum ouvirmos de funcionários do Departamento de Estado a pergunta (os americanos gostam mais de perguntar do que responder, uma sábia política) se Pinochet, ou Médici, ou Somoza, não é realmente o líder adequado aos indolentes e indisciplinados latinos...

AS RAÍZES DO RACISMO

É comum atribuir o racismo de Hitler a Gobineau, Rosenberg ou Lueger (prefeito de Viena no tempo de Freud), mas há mais. Há toda uma escola de genética nos EUA que pregava do século XIX à Segunda Guerra Mundial que negros e latinos são inferiores a anglo-saxões, nórdicos etc. Hitler era leitor assíduo e devotado desses cientistas, não de todo desaparecidos, como mostram os exemplos de William Shockley (prêmio Nobel: é o descobridor do transistor) e J. Eysenck, o primeiro nos EUA e o segundo na Inglaterra, que carregam, com linguagem diplomática, a herança racista de Hitler.

Por trás da diplomacia o racismo persiste e as causas econômicas do dito. Os cubanos que fugiram da tirania de Fidel Castro estão na maioria em campos de concentração nos EUA, criando caso e apanhando dos guardas. Os haitianos que fugiram do horrendo “Baby” Doc foram devolvidos à morte certa. E o negro americano é o principal visado pela legislação econômica de Reagan, pois o último degrau da ladeira social é o mais atingido (seguido de latinos escuros) pelos cortes na economia federal.

E a Corte Suprema mudou desde o liberalismo da Corte Warren (1953-1969). Outro dia achou que os brancos de Memphis, Tennessee, tinham direito de criar uma “muralha de Berlim”, separando um bairro branco de

um negro, porque “ninguém podia provar que a intenção” (*sic*) dos brancos era discriminatória. Como se prova intenção?

As 25 (até o momento que escrevo) crianças negras assassinadas em Atlanta mostram a fúria branca e a impotência negra para combatê-la, apesar das garantias legais dadas aos negros no período 1954-1964. A liderança negra é “Pai Tomás”, ou seja, religiosa e legalista. Os radicais caíram todos nos tumultos em 1960. Mas, a ser aplicada a legislação Reagan, e será na parte que toca aos negros, reaparecerão os radicais, que são criados por circunstâncias e não da cabeça de Minerva.

NO TEMPO DA ELETRÔNICA

O negro, é bem verdade, hoje faz até TV como estrela (em 1961 não aparecia sequer em comercial). Já pode entrar em todo lugar público (mas não nos clubes frequentados pelos melhores amigos de Jimmy Carter e Ronald Reagan) e, no esporte, onde sempre brilhou, é absoluto (mas o basquete perdeu público, pois quase todo craque é negro...), já sendo inscrito nos “panteões da fama”, com que o país honra desportistas.

Por que os negros não se organizam melhor e usam os poderes do voto? É a melhor pergunta dos racistas. Há duas respostas: a subcultura de pobreza, que não chega a ser de fome total, impede que o desespero extravase com toda a força, e as lideranças são pacifistas. As mudanças tremendas de uma sociedade em muitos sentidos pós-capitalista, a sociedade tecnológica da microeletrônica, deixaram o negro, segregado, tão atrás que é difícil, como minoria, como grupo, recuperar terreno, pois ele não entrou sequer na sociedade industrial antiga. E o negro americano, como o branco, é prisioneiro espiritual da cultura de TV, de sonhos e promessas do sistema. Reagan está dando um jeito nisso e este ano será muito educativo na história das relações raciais nos EUA.

26.04.1981

UM RARO BRASILEIRO DE GÊNIO

Nós já somos tão pobres culturalmente e ainda levamos essa na cabeça. Glauber tinha gênio.^{36} Só posso pensar em dois outros criadores, mais velhos do que eu, de quem diria isso. Éramos também amigos profundos e devo partilhar a culpa de outros amigos (muito menos do que se imagina) de que esses anos sentimos a tentação de “adotar” Glauber, porque percebemos que ele estava se destruindo.

O gênio de Glauber era uma assinatura, que aparecia em tudo, às vezes sozinha, em filmes péssimos, artigos desconjuntados, mas, calma, com paciência, se encontrava a frase e o “plano” cinematográfico que redimiam o caos. E há, claro, os filmes como *Deus e o Diabo*, que nos fez, desde o ensaio solitário de Mário Peixoto, *Limite*, acreditar que poderíamos ter o melhor cinema; há *Terra em transe*, e há *A idade da Terra*. Este último não vi, mas o excelente crítico de *Veja* Nelson Hoineff me diz que é magnífico. E há ensaios extraordinários. No setor literário há particularmente uma entrevista que ele me deu, para *Status*, durante o horror *Médici*, que saiu mutilada pela censura, ainda assim provocando intenso entusiasmo e até pasmo, pois, graças à nossa amizade, consegui “clarificar” o Niágara anárquico de palavras que saía da boca de Glauber, fazendo perguntas simples, algumas idiotas, para que ele finalmente falasse corrido, ao alcance de qualquer leitor.

Não há um diretor de cinema no Brasil que não seja devedor de Glauber Rocha. Somos todos devedores. Ele não é precisamente da minha geração, uns oito anos mais moço, mas me sinto infinitamente pobre com a morte dele.

Nos conhecemos ele me baixando o sarrafo nos últimos anos do governo Kubitschek. Eu era crítico de teatro da *Última Hora* e do *Diário Carioca*, no Rio. Combati outro amigo, Eros Gonçalves, que dirigia a Escola de Teatro da Bahia (felizmente Eros e eu voltamos a ser amigos antes que ele morresse). Um dia abro o suplemento literário de Reynaldo Jardim e Ferreira Gullar, no *Jornal do Brasil*, e havia um artigo me

baixando o malho, assinado por Glauber Rocha, da Bahia. Para surpresa geral dos amigos, não respondi. O fato é que achei o artigo excelente.

Um dia na sala do Dico^{37} (hoje um dos diretores do Banco Nacional de Minas Gerais, agora Nacional apenas), fui apresentado a Glauber. Era uma sala rica essa. Janio de Freitas, Ferreira Gullar, Cacá Diegues, todo o Cinema Novo, e agora Glauber Rocha. Ficamos amigos na hora e passamos a noite conversando, eu fascinado com o tipo de inteligência anárquica e inspirada dele, sem meus amparos culturais e cinismo jesuítico, e ele talvez interessado na minha pseudofleuma europeizada (ele nunca cometeria o erro de me imaginar americanizado). Foi nessa sala, falando nisso, no Banco Nacional, que nasceu o Cinema Novo. Dico encaminhava os projetos de Glauber, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro e outros diretores em potencial, e o diretor do banco então, José Luiz de Magalhães Lins, emprestava o dinheiro, um risco bravo.

O que aconteceu com Glauber? Bem, há o público e o pessoal. Inexplicavelmente ligados. A morte trágica da irmã dele^{38} terminou de destruí-lo por dentro. Tentou, mais ou menos, o suicídio. Andou clinicamente louco um tempo. Não conseguia sentar pé. E, ainda no plano pessoal, o exílio a meu ver foi mais definitivo que a morte da irmã. A princípio exílio forçado pela corajosa entrevista que deu a *Variety*, publicada na primeira página, sobre o horror *Médici*. Depois o expatriamento, ditado pelas confusões pessoais e artísticas. Ele era maldito. Há quem o considerasse um oportunista, pois não deixava de adular gente que desprezava, para conseguir publicidade. Mas a maldição criadora, a integridade, está na obra, em que não há compromissos de qualquer espécie, obra que às vezes desaba, mas que sempre tenta ser mais do que aparece na tela e na página escrita - ele poderia também ter sido um grande escritor, se quisesse. Bertolucci e Coppola eram fascinados pelos filmes dele, o que me disseram em particular, sem fazer charme, tenho certeza. **Mas Glauber não conseguia controlar a imaginação anárquica, de que lhe vinha o gênio, mas também o germe de autodestruição, porque vivemos num mundo de especialistas e não de generalistas, vivemos num mundo em que o poder dificilmente tolera insubmissão.**

Comunista de saída, Glauber foi o primeiro da geração dele a perceber todo o horror da praga stalinista, que experimentou em pessoa na Tchecoslováquia, quando a maioria dos intelectuais brasileiros pensava que tudo que se dizia contra a URSS era propaganda americana. A fascinação

dele com criar um cinema de Terceiro Mundo caía bem junto ao pessoal da moda. Caía mal ele achar que os militares poderiam ser força revolucionária do Terceiro Mundo. Eu não concordo que possam, mas isso nunca nos abalou a amizade ou minha confiança na integridade básica dele. Essa polêmica teve início quando Zuenir Ventura, num suplemento cultural de *Visão*, lhe pediu uma análise de dez anos de golpe militar, em 1974, e Glauber propôs que os militares assumissem o processo revolucionário em nosso país. Isso, no governo Médici, escandalizou, mas antes, em 1973, ele já me tinha escrito uma longa carta a respeito, mantendo essa posição, apesar da queda de Allende. A carta era muito mais clara que o comentário rápido a *Visão* e talvez por isso não me impressionasse muito a raiva que o publicado na revista provocou.

Na pior das hipóteses - que está longe de ser a minha -, Glauber merece ser visto pelo que D. H. Lawrence disse do romancista, “trust the tale not the teller”, confie na obra, não no artista. Os filmes são uma longa saga de um artista excepcionalmente criador procurando encontrar um estilo de expressão que recrie nossa confusa e atormentada realidade. Não há nada igual no cinema brasileiro.

E o amigo sempre perfeito. Conseguíamos conversar horas e francamente; se eu dei Ibsen a Glauber, ele me deu Jorge Amado. Eu andava irritado com o folclorismo de Amado. Glauber me pediu que lesse os antigos. Uma leitura de *Capitães de areia* e me convenceu. Ele achou que Ibsen tinha gênio. É engraçado, não? Num Carnaval no Rio, éramos vizinhos, me pediu um livro emprestado para aguentar os quatro dias - em português, faz favor - e procurei um, encontrando cinco peças de Ibsen com prefácio de Carpeaux. Dias depois nos encontramos e ele ficou horas elogiando Ibsen. Posso imaginar a cara dos pseudoesnobes em face de tal ignorância do prestígio de Ibsen. Pois é, mas ele leu de primeira e entendeu melhor que nossos deploráveis críticos de teatro, porque discutiu peça por peça comigo.

Mas a hora é realmente de chorar, pela brutalidade da nossa vida pública, que apressou a morte de Glauber, mantendo-o fora do único lugar em que se sentia bem, o Brasil, e que, deixando-o voltar, fazia com que ele vivesse em “exílio interno”, pois onde pôr esse imenso individualismo na nossa massificação de carbono, de cine pornô, de entretenimento empacotado e sintético? E o amigo, não ouvir mais aquela voz baiana, melodiosa e insistente, sempre indagando, criticando, criando, nos afagando

a imaginação e nos excitando o intelecto. O Brasil ficou mais pobre e triste, pensava que não era possível. Tudo é possível.

Até ter a sorte e o privilégio de ter tido um gênio raro como o de Glauber e ter zelado tão mal por esse patrimônio.

24.08.1981

A MAL-AMADA LÍNGUA QUE FALAMOS

Houve modernismo no Brasil em 1922, é fato que Oswald de Andrade é celebrado, que Manuel Bandeira pôs o “me” no início de frase e verso, que Carlos Drummond de Andrade tem uma poesia substantiva, seca, em que o objeto é concretamente descrito, visto seria a palavra exata, *à la* Pound e Eliot, e o que os acadêmicos descrevem como poesia emerge dessa acumulação de concretos, por assim dizer, e não de efusões adjetivas.

Não é essa a impressão que tenho lendo considerável (não toda, acrescento rápido) parte da *intelligentsia* brasileira. A maioria parece acreditar que existe algo conhecido como “estilo”, imutável, se bem que procuro até hoje uma definição precisa. Pelo que leio, o “sr. Estilo” é um certo formalismo baseado em clássicos portugueses, em escritores brasileiros que o parafrasearam. Machado de Assis é o nome que vem logo à memória, que está preso a regras de gramática e sintaxe que Oswald, Bandeira e Drummond modificaram (o que é diferente de renegá-las totalmente), porque sentiram que a era, a sociedade brasileira e a sensibilidade deles, poetas e escritores, não mais as comportavam, ou seja, que o “sr. Estilo” não expressava mais o mundo em que viviam. Devo estar enganado. A maioria dos que leio continua se fazendo de Camilo Castelo Branco. O resultado, em face do que é, para usar um clichê “ao ponto”, a mim me sugere puro *camp*: juro, li artigos supostamente sérios que me deixam às gargalhadas, porque o formalismo arcaico dominante é cômico em contraste com o que vejo, sinto e ouço do povo. A linguagem emana do povo. Escritores a ampliam e transcendem, mas não falamos como as personagens de Eça de Queirós.

E o bestialógico acadêmico. O modernismo foi um fracasso no Brasil. Até Mark Twain, nos EUA, escritores do porte de Melville e Hawthorne escreviam num misto de bíblico e gótico. Twain fez o povo falar. Hemingway completou a revolução. Inexiste autor americano moderno que não deva a esses dois ou, mais profundamente, a Gertrude Stein. A frase clichê dela, “uma rosa é uma rosa é uma rosa”, seria considerada

tautológica pelos nossos acadêmicos e Stein seria acusada de não saber usar a vírgula...

Brecht fez esse serviço pela língua alemã, presa às poderosas influências de Lutero (tradução da Bíblia) e Goethe. A língua inglesa vem de Shakespeare, da tradução autorizada da Bíblia (rei James) e finalmente de Swift, que entenderia precisamente o que Stein quis dizer da rosa. Mas o inglês da Inglaterra não avançou mais, exceto por meio de americanos europeizados, como Pound, Eliot e, até certo ponto, Henry James (que, porém, é um formalista antiquado). E o moderno supremo é D. H. Lawrence, cujo estilo é uma explosiva e variada investigação do que expressa. .. Esses nomes são canonizados pelo modernismo, hoje, que na Inglaterra chegou à universidade. Mas é coisa recente. Joyce, o maior inovador de linguagem *qua* linguagem, era tido como embusteiro pelo *establishment* (o obituário dele no *London Times* levou Eliot a um dos raros acessos de raiva pública do contido louva-Deus).

Apesar disso tudo, o inglês da Inglaterra não mudou muito. Digo, na forma. Não se permitem as variações, a riqueza infinita de acréscimos coloquiais que os americanos produzem. A explicação é simples. Com toda a social-democracia pós-1945, a Inglaterra permanece uma sociedade de classes rigorosamente definidas, em que precisamente as diferenças de classe são detectadas pelo sotaque das pessoas, pelo uso de palavras, pela forma de escrever. Não houve uma revolução linguística na sociedade inglesa justamente porque o *establishment* aristocrático, em questão de maneiras e costumes, ao menos, continua firme na sela.

O Brasil não é assim, como sociedade. Mas o são academia e imprensa. Somos um país miserável, em que os acadêmicos escrevem como se estivessemos no tempo de dom João vi. E os próprios marxistas e outros cientistas sociais, que supostamente rejeitam essa tutela feudal, se expressam num jargão que, se não é idêntico em vocabulário à literatura criadora, é tão ou mais hermético, praticamente inacessível ao homem da rua.

Há poderosas exceções, gente como Rubem Braga, Millôr Fernandes, o falecido Sérgio Porto, e agora em literatura temos, para ficar num exemplo, Márcio de Souza. A crítica tradicional baixou-lhe o malho, chamando-o de analfabeto, porque Márcio tentava recriar a linguagem da terra dele, usando os “erros” de gramática e de sintaxe da fala comum. Márcio fez sucesso nos

EUA e agora começa a ser elogiado como escritor. Os feudais não são feudais em face da moda...

O pior dos feudais é a influência que têm sobre o povo. A criatividade da nossa língua é extraordinária, comparada ao *rigor mortis* da portuguesa de Portugal. Mas basta abrir um jornal e os pronomes são colocados à Jânio Quadros. Paralelepípedos chovem de todos os cantos. É um povo de escravos imitando a linguagem dos ex-senhores. E atinge o povo. Não “se espera” mais no Brasil; “se aguarda”. Moças ao telefone nos perguntam “quem deseja falar”; é “quem quer falar”. Latrina continua “vaso”, “sanitário” e outros eufemismos, dos quais o menos intolerável é “privada”. Há dias dois amigos e eu estávamos num avião descendo em São Paulo, quando o comissário nos informou: “O desembarque também será dado pela porta traseira”. O que ele queria dizer é: “Se pode sair também pela porta dos fundos”.

A raiz do modernismo em linguagem é que as coisas são precisamente o que são. Uma rosa é uma rosa é uma rosa. Não precisa de adjetivos, exceto ironicamente. As efusões românticas, ou o formalismo de sintaxe e gramática do feudalismo, não correspondem à nossa realidade. Mas no Brasil a academia só permite esses desvios de “estilo” aos regionalistas, porque são primitivos, o que chamo de gente da “vaca do compadre Nhonhô”.

Já recebi elogios cômicos. Alguém escreve que tenho muita força no que digo, eloquência até, mas não estilo. Dispensa comentários para quem já tenha lido um ensaio de Pound ou lido uma página de Lawrence. Ou Drummond, poeta, Oswald e Mário de Andrade. Me lembro do meu velho e falecido amigo, exegeta de Mário, M. Cavalcanti Proença me dizendo: “Teus parágrafos são muito longos. Por quê?”. Minha resposta era: “Porque é assim que se formam na minha cabeça”. E não vou abreviá-los porque no tempo de João Charuto era assim ou para manter a cafiolagem elitista e feudal da academia. O estilo é o homem, sem dúvida. E a academia, sem conotação sexual, é um exemplo absoluto da falta de homem na nossa literatura.

11.09.1982

JOHN UPDIKE, UM TALENTOSO ESCRITOR SEM NENHUM CARÁTER

Há uma reportagem de capa esta semana em *Time* sobre John Updike. Aos interessados em literatura americana aí (muita gente pela lista de *best-sellers*) talvez seja interessante compará-la a este artigo.

Intelectuais tomaram conhecimento de Updike em *The Centaur*, que é de 1963.^{39} Não consegui terminar. Updike nada tem a dizer. Escreve com grande riqueza de linguagem, tem uma facilidade delirante com símiles e metáforas felizes. É argumentável que ninguém, na Inglaterra, inclusive, escreve tão bem inglês como ele. Babo-me, e não devo ser só eu, de inveja, não maliciosa. Mas ele era (sic) chatíssimo. Bordava, bordava, bordava, mas quedê a roupa? É para ser “quedê”, aí, revisor. *Couples* [1968], que foi publicado no Brasil,^{40} mostrava que trocar de mulher (entre casais) tinha chegado à classe média, com vários séculos de atraso. Bidu. E havia, sendo Updike obviamente americano, a cabecinha suja e culpada em face de sexo. Mas culpa episcopal. Igreja meio furreca, para nós, católicos, ou ex, meu caso.

Em Graham Greene, por exemplo, como agudamente notou Mary McCarthy, antes de ter enlouquecido, religião é a nova pornografia. Deus se torna mais desejável que Cristina ou Cristiana Torrone, Tortelini ou Zuquini, essa moça das novelas que parece ser deusa sexual aí (estou procurando uma mulher brasileira, para conforto do leitor). Mas Greene, claro, tem por trás a riqueza de culpa e pecado da Santa Madre Igreja. O protestantismo não dá para saída em matéria de culpa com o catolicismo.

DO BERÇO À COVA

Mas Updike não pode parar de escrever. E eis que, depois de desprezar os três romances *Rabbit*, o último dos quais é particularmente abominável,

Rabbit is Rich,^{41} uma espécie de apogeu do filistinismo burguês deste (aqui) país, havia a coleção de contos chamada *Too Far to Go* [1979]. Updike não tem caráter. Nenhum escritor tem. Usou cinicamente as experiências dele com a primeira mulher, Mary, de quem se divorciou. Mary ficou tiririca, mas que temos nós que ver com isso? Os contos doem, a primeira dor real em Updike. Depois de Dolores Duran cantando “a gente briga, diz tanta coisa que não quer dizer, fica pensando que não vai sofrer” etc., *Too Far to Go* (De uma cama a outra...) é um fim de caso que me convenceu, em dor, alívio, vazio, a rubrica de nossa solidão, que nos acompanha do berço à cova.

E aí veio *The Coup* [1978].^{42} Updike largou a média e semialta burguesia americana da Costa Leste, talvez reconhecendo que John Cheever entende melhor do assunto (o melhor conto, noveleta dele, é “The Swimmer” [1964],^{43} puro Cheever), e se pôs na cabeça de um ditador negro na África, dirigindo um país “emergente”. O livro é politicamente reacionário, e aqui fica denunciado pelo autor progressista deste artigo, mas é literariamente verdadeiro. E a transposição dos subúrbios da Costa Leste à África me surpreendeu. Daí fui a *Bech: a Book* [1970], e ontem terminei de ler *Bech is Back* [1982]. São dois livros que recomendo, sem restrições. São hilariantes, destrutivos de maneira serena e irônica, mantendo o humanismo, que era nossa dádiva pré-Hitler, apenas por honra da firma e uma gozação infernal no *establishment* literário americano. Talvez exijam um conhecimento desse *establishment*, dirigido por professores universitários, gente pobre que subiu até a universidade, gente de origem judaica, que considera a sensibilidade urbano-judaica e acadêmica a quintessência da sociedade americana e do mundo. Falo de Irving Howe, que perto dos setenta anos se descobriu um “judeu” (“who in the hell cares?”), Alfred Kazin, que considerou *Beck a Book* antissemita, como considera *Portnoy’s Complaint* [1969],^{44} do judeu Philip Roth, antissemita, Leslie Fiedler, velho delator do macarthismo, em suma, um rebotalho intelectual que literalmente tomou conta dos suplementos e publicações deste país. Gore Vidal, em ensaios, massacrou o provincianismo dessa gente, que acha a universidade o centro do império, mas Vidal não tem literatura para contestar Saul Bellow, que é o deus reacionário e conformista desses críticos (se bem que tem o bom gosto de evitá-los como a praga, se mudando até para Chicago, para não encontrá-los socialmente). Updike tem.

MULHERES TENTADORAS

Bech é uma graça. Escreveu um livro elogiadíssimo pela crítica na juventude e dois livros ambiciosos que não foram elogiados. Parou de escrever. Quanto mais silencioso, mais famoso fica. É disputado por universidades. Mulheres deliciosas se oferecem a ele, mas ele quase nunca as leva à cama, com medo de não corresponder. Viaja o mundo inteiro como embaixador cultural do Departamento de Estado e nota, com amargura leve, o opróbrio e o horror com que os EUA são encarados. Devolve o sentimento. **O mundo é horrível. O ser humano é intrinsecamente repulsivo. As mulheres nos tentam irresistivelmente e nos enchem o saco. Digo “enchem” no sentido figurativo dessa frase grosseira, bem entendido. Os fãs são quase sempre mais horríveis do que os imaginamos. A juventude é mais monstruosa que os monstros dos filmes de Steven Spielberg. Bech escreve um novo livro. Se chamava *Think Big*. Ele muda o título para *Easy Money*. É um sucesso, e críticos do *establishment* saúdam o retorno de Bech à “corrente mestra” da literatura. Mas Bech está só. Vive em segredo no pensamento, sem drama, pois a visão de Updike é irônica e melancólica, sem falar de hilariante, pois raro é o intelectual de meia-idade não engajado em qualquer “ismo” que não pense como ele. Os dois “Bechs” são o *Bouvard e Pécuchet* de Updike, sem a fúria (sem o gênio) de Flaubert, mas muito mais agradáveis a nós, contemporâneos de Updike, **pois não podemos mais sequer odiar nosso inimigos, pela impossibilidade de levá-los a sério.****

PRESENÇA RARA

Em *Time*, leio que Updike é americanófilo (tem até uma bandeira na porta da casa dele, imaginem), que vai contra o modernismo porque os romances dele têm enredo (sic), ao contrário do que afirmaram Joyce e Kafka. *Ulysses*, de James Joyce, tem enredo e subenredos de um romance vitoriano. A linguagem é revolucionária, mas não a estrutura. Mas *Time* é *Time*, claro, e faz de Updike um autêntico “Rabbit”, sem perceber que essa

personagem é uma sátira do ser humano como aparece toda semana nas páginas de *Time*.

Não perceber que em Kafka a “estrutura” é uma ânsia impossível por Deus, que torna ainda mais chocante e sofrida a ruína da sociedade burguesa capitalista, é realmente digno de “Rabbit”, no caso um certo Paul Gray, de *Time*, que é, claro, ex-acadêmico. A própria apresentação da matéria mereceria uma sátira de Updike. Os editores discutem quantos escritores já apareceram na capa de *Time*, e Updike, parece, é um dos raros que apareceram duas vezes. Isso é do nível das autocon-gratulações de proprietários da imprensa brasileira.

Mas Updike, sob o disfarce judeu de Bech, deve sorrir em silêncio, anotar mentalmente a asneira de Gray (que é coadjuvado por um repórter e reescrito por um editor. Que vida dura a do pessoal de *Time*, não sendo à toa que a maioria dos redatores é alcoólatra). *Time* vai vender *Bech is Back* e Updike, **e todo escritor que se preza é mercenário**. Um legítimo homem da década de 1980, Updike encontrou o que é essencial em literatura: um ponto de vista. O religioso morreu com Henry James, a Reforma, revolução formal, terminou com Joyce e Kafka. Restam palavras, fragmentos e a sobrevivência, que sabemos finita, mas, já que não conhecemos outra coisa, nos agarramos à dita-cuja, e tudo que vem depois é pior (é assim que pensa muita gente de meia-idade). Talvez Updike seja o primeiro escritor americano que se pode finalmente levar a sério.

16.10.1982

UM RELATO SOBRE LEONEL BRIZOLA

Fez parte forte da campanha contra Brizola dizer que ele era carbonário no período 1961-1963. Tudo bem, mas quem não era? Com a renúncia de Jânio Quadros, a precária democracia brasileira foi ameaçada de ditadura militar, pregada abertamente por vários líderes civis, não importa que fosse rasgada a Constituição, negando a posse legítima de João Goulart e, claro, censura de imprensa (que houve) e repressão de quem discordasse do golpe. Isso será comportamento plácido, não incendiário? Brizola em 1961 encaminhou a campanha pela posse de Jango. O Exército se dividiu e veio o compromisso escandaloso do parlamentarismo, a que Brizola se opôs. Jango reobteve o presidencialismo em 1963. Começou logo, via San Tiago Dantas, no Ministério da Fazenda, a fazer uma política julgada antinacionalista pelos nacionalistas, traindo, no entender de gente como Brizola (que, cunhado do presidente, ficou em posição difícil), as aspirações nacionalistas. Se Brizola se expressava com fúria sobre o assunto, a fúria era igual do lado oposto, ou seja, Carlos Lacerda, um líder que ninguém acusaria de passivo, e desclassificados como Adhemar de Barros. O período 1961-1963 foi todo “carbonário”. A questão é saber quem seria incendiado. A resposta veio em 1964. Vocês a conhecem.

Brizola quer fazer um partido socialista, leio. Bem, tudo bem, mas é a primeira vez que se decide a isso. Em 1961-1963, era um nacionalista radical e populista, desprezando doutrinas e certamente desprezando o Partido Comunista. Foi quando o conheci e o apoiei na *Última Hora*, cujo proprietário e meu amigo, Samuel Wainer, era janguista (e Jango, que me tratava bem em pessoa, pedia - sem sucesso - minha cabeça a Samuel, por eu apoiar Brizola). Todas as reformas que Jango propôs ao Congresso foram recusadas pela maioria conservadora habitual, ainda existente, pois é garantido que Estados sob controle do “coronelato” (aos mais jovens explico que não falo de militares, e sim dos caciques políticos) tenham o mesmo peso em voto do que São Paulo, Rio e outros grandes Estados. É natural que um nacionalista radical e populista como Brizola se impacientasse com esse sistema corrupto. Igualmente se impacientava o

outro lado, porque, apesar dessa democracia parálitica e oligárquica, Lacerda e outros teriam um golpe militar e uma ditadura. Nunca negaram isso. Ao contrário, proclamaram o golpe até que ele veio (quando os militares os deixaram na mão, assumindo eles próprios o poder. No caso de Lacerda isso é irônico. Em 1963, pesquisas de nossos militares mostravam que ele bateria Juscelino em 1965, se houvesse eleições livres). Brizola queria tocar o Congresso à frente ou fechá-lo, para conseguir reformas e a posição que julgava justa. O outro lado, idem, com os objetivos que se tornaram conhecidos em 1964.

O governo americano fechou créditos ao Brasil, diretos e de instituições internacionais. Fornecia auxílio ao governo do Rio e de São Paulo, o que viola a Constituição dos EUA, se alguém está interessado, e a do Brasil também. Foi a época do Ibad, do Ipes etc. Todo mundo queria ver o circo do outro pegar fogo. Nunca se disse tanta besteira de lado a lado como naquele tempo. Me incluo entre os autores do “besteiral”, ainda que só tivesse o modesto poder da palavra escrita.

“CARBONÁRIO” E “PRIMITIVO”

A reação a Brizola era pessoal e de classe. A de classe é que rico no Brasil nada fica a dever aos Bourbons. Se puder confiscar o bilhete de loteria de pobre, confisca. A maior do “Informe JB” no Rio foi quando contou de um porteiro em Laranjeiras que ganhou um carro na loteria e que o dito lhe foi confiscado pelos moradores do prédio. Talvez a maior matéria sociológica já saída na imprensa brasileira. Uma vez, saindo às cinco da manhã da *Última Hora* com Samuel, depois de escrevermos um editorial mistificador, justificando a bobagem de Jango de tentar impor um estado de sítio em 1963 (que teria antecipado em meses o golpe de 1964, o que não dissemos no editorial...), paramos num sinal, “farol”, como se diz em São Paulo. Samuel viu uns pobres tomando café e comentou: “Eles querem tão pouco”. Eu, radical, me impacientei um pouco em face do “conciliador”. Mas, claro, ele estava certo. Nosso povo quer tão pouco, bem menos do que os radicais de esquerda propõem e que os radicais de direita negam.

Brizola não tinha, para falar, o desembaraço de Carlos Lacerda, que é gente como a gente. Foi fácil para mim estabelecer relações pessoais com Carlos Lacerda, uma pessoa encantadora, fora da política.

Mas Brizola, diziam meus amigos, era “fronteiriço”, primitivo. Bem, primitivos somos nós todos, brasileiros, filhos de um país primitivo. Quanto ao “fronteiriço”, e daí, meus amigos? Só vale gente da capital? É ou não uma democracia que queremos?

Brizola assustou os ricos e confortáveis. Não há razão quando o sentimento de classe entra em cena. E havia também o que chamei de pessoal. Brizola nunca participou ativamente de papos com os colunistas políticos, os cavalheiros que formam para nós as imagens dos políticos.

Ele só era conhecido pelo que dizia. Foi fácil firmar a imagem de carbonário. Já Carlos Lacerda, no Chateau, bar da moda do Rio naquele tempo, tratava até radicais de esquerda com o maior charme.

NÃO MORDE

Fiquei surpreso ao conversar pessoalmente com Brizola. Ele era ponderado. Em fins de 1963 já me disse que dificilmente escaparíamos de um golpe. Sabia reconhecer limitações e possibilidades. Mas, claro, como todo líder realmente popular, terminou sempre dizendo em público o que esperavam dele, como Lacerda, em público. É um destino inescapável de líderes em países democratas. Têm de rodar a bolsinha da demagogia ao gosto do eleitorado. Até jornalistas passam por isso, pois quando somos jovens gostamos de aplausos.

Mas Brizola amadureceu. Espero que, quando ele fala de socialismo, esteja falando de social-democracia. Socialismo nunca deu certo em país pobre. Socialismo em país pobre é socialismo pobre, como notou o falecido Paul Baran. Ele continua o mesmo populista. Poderá perfeitamente conviver com os ricos, se estes deixarem de ser Bourbons. Tem consciência da correlação de forças militares no Brasil e espero que dê a devida atenção aos problemas do Brasil no inter-relacionamento da economia mundial, que simplesmente são um brevê contra quixotadas. Hoje, não acredito mais em

nacionalismo, como acreditava em 1961-1963, e muito menos em socialismo.

Brizola é um homem decente, compreensivo e bem tratado; sem as chicanas dos Bourbons, corresponderá às expectativas dos que votaram nele e dos que não votaram, isto é, mostrará a estes que não morde. O Rio certamente precisa de um governador que salve o Estado e a cidade da decadência terrível atual. Essa deve ser a prioridade de Brizola. Da minha parte, tem os melhores votos. E Brizola prestou um serviço único, deu fim ao mito de que as oligarquias esquerdistas podem sempre impor candidatos. Essas oligarquias só representam a si próprias. São o reverso da medalha do pior que existe no situacionismo, PT saudações.

09.12.1982

O DELÍRIO DO SEXO NOS ESTADOS UNIDOS

Só em Nova York cerca de 18 mil pessoas se encontraram num anfiteatro gigante pedindo auxílio federal para combater a chamada Aids, que traduzida ou em inglês é hediondo jargão médico. Quer dizer que há na praça, já matou mais de mil pessoas, uma deficiência imunológica que, em consequência, mata gente até de pneumonia (o corpo não reage, não importa a medicação), quando não leva ao câncer (sarcoma de Kaposi, o nome do médico que o descobriu).

Aids dá em 70% dos casos em homossexuais, drogados e, curiosa e inexplicavelmente, haitianos. Os homossexuais formam o *lobby* por fundos, com apoio do prefeito Ed Koch, atrizes como Susan Sarandon e Patti LuPone (a Evita americana). Não vão ganhar novos fundos. Reagan não dá... Em Nova York, o protesto foi civilizado. Em São Francisco, onde há estimados cerca de 25% de homossexuais (contra 12% em Nova York), houve desfiles em que os líderes exigiam fundos, culpando o governo “de não dar fundos” pelo alastramento da doença.

Se pesquisa, claro, em toda parte dos EUA. Mas é fato que o governo federal não aumenta, o que é a palavra correta, os fundos já disponíveis. Mas o governo fez isso com todos os programas domésticos. **Reagan até que não é homofóbico. Ao contrário, foi a intervenção pessoal dele que garantiu a derrota dos homofóbicos em Los Angeles, num plebiscito em que se pedia (sem sucesso) que homossexuais fossem proibidos de ensinar e exercer cargos políticos. Velho ator, Reagan não se impressiona com homossexualismo. Se se impressionasse, cairia no ridículo em Hollywood.**

Os homossexuais são, em parte, responsáveis pelo atraso em iniciar a pesquisa. Quando o *Times* noticiou a doença três anos atrás (sic), o colunista e líder gay Arthur Bell, do *Village Voice*, caiu de pau no jornal, acusando-o de fazer o jogo da “maioria moral”. O *Times*, já tido como homofóbico (em verdade, evita o assunto), silenciou. Quando a coisa se agravou, Bell (um bom jornalista) foi o primeiro a pôr a boca no mundo.

É “homofóbico” falar ou silenciar? Um amigo meu que pesquisou o assunto, ao relatá-lo ao Brasil, omitiu que entre os pacientes do médico que entrevistou estão dois comissários de bordo brasileiros. Não quis ofender os homossexuais brasileiros. Talvez tenha ofendido, sem querer.

Ninguém sabe ainda o que causa a Aids. Se fala que é o excesso de contágio nos homossexuais, seringas sujas em drogas, mas e os haitianos? Silêncio. Os médicos tentam, como de costume, talvez, dada a tendência atual, chateados porque não podem fazer algum transplante...

A explosão homossexual é apenas um aspecto da explosão sexual em nosso tempo. É muito visível, porque vinte anos atrás seria inconcebível, exceto em países árabes, o homossexualismo ostensivo de hoje em dia. Em Nova York e outras cidades mais civilizadas, alguns minutos na rua nos dão uma medida dos presumíveis 1 milhão de homossexuais na cidade. A maioria, ao contrário do passado, não se faz afeminada. Existe uma moda *butch* (palavra que já se referiu à mulher homossexual), de bigode, camisa de manga curta, cabelo rente e, se há grana, o bracelete de escravo da Cartier (outra pessoa tem a chave), sempre despontando em botas de combate (moda copiada pelas feministas). Os líderes e não poucos adeptos proclamam a alegria da vocação, daí a palavra *gay*, que quer dizer alegre e já foi usada pejorativamente pelos heterossexuais zombeteiros, até que assumida pelo movimento.

Sou favorável a que cada um se divirta como pode, sem partilhar as superstições sobre o assunto, mas há talvez um excesso de liberação aqui. Não que os homossexuais devam se conter etc. Mas, por exemplo, uma mulher que só pensa em cama com homens recebe o apelido de “ninfomaníaca”. Um cavalheiro “incontível” é “priápico” (sic). As duas palavras são clínicas. Ninguém reclama. Parece claro que tal devoção ao sexo é excessiva e distorce o potencial da personalidade de heterossexuais. É coisa de criança pensar em sexo o tempo todo. Mas, é claro, os homossexuais aqui conseguiram cortar qualquer crítica à preocupação excessiva que tantos (não todos) têm com sexo, que transformam numa obsessão que não conhece hora, numa causa que criaria uma sociedade à parte dentro da sociedade. Freud e Rycroft escreveram que o homossexualismo não é substantivo, mas adjetivo. Ou seja, é produto de outra coisa (Freud, de desenvolvimento emocional atrofiado. Rycroft, que é sintoma de confusão de identidade), mas não é toda a personalidade do ser

humano. A maioria dos homossexuais, em sociedades em que as barreiras caíram, discorda. Muitos dos pacientes de Aids em Nova York vieram de bares onde as pessoas não se falam ou se apresentam sequer, assumindo apenas as posturas desejadas toda noite e aguardando o fluxo do tráfego. Devidamente documentado, isso não pode ser mostrado ao povo brasileiro, cristão e ordeiro...

Mas é certamente injusto nos fixarmos em homossexuais, na sociedade americana. O bombardeio sexual é completo. Segundo vários estudos, o melhor na *Harvard Review*, cerca de 95% dos comerciais, de café a remédio para dor na coluna (sic), têm estímulos ao sexo. A mídia dita respeitável “titila” o público suburbano com as (supostas) andanças sexuais dos famosos. As revistas, bem, aí há vários carbonos. Multipliquem por mil, dobrem para dar sorte e terão uma medida inicial do que é a sociedade americana. Há filmes, teatros, TVS, tudo mostrando o que pode. É, se não a maior, uma das maiores indústrias dos EUA.

Não vou falar sequer de pornografia. Dá mais de 40 bilhões de dólares ao ano. De um bode a uma criança, a mulheres que são chicoteadas etc., tudo está à venda.

A maioria das pessoas que conheço está profundamente entediada com isso. Ninguém toma posição (a maioria das pessoas que conheço escreve) porque ninguém quer ajudar a “maioria moral” ou voltar ao tempo em que não se podia cantar “Body and Soul” no rádio porque *body* quer dizer corpo. Não acabou há tanto tempo assim.

Mas isso traz “felicidade”, como dizem? Nora Ephron diz que há “duzentas mulheres para um homem” em Nova York. Sei de uma mulher que sai toda noite com o namorado porque tem medo de que, se ele sair sozinho, ela seja descartada, outra controla o senhor pelo gasto de gasolina no carro. Escritoras notam que as mulheres liberadas continuam tentando o mesmo “número” de fragilidade e desamparo de anos idos e que ficam furiosas quando não dá certo. Estou falando de mulheres porque os homens (que conheço) não precisam ser liberados, ainda que, diriam as feministas, precisem ser domesticados pelas mulheres ou, acrescenta Grace Glueck, ativista, para as “mulheres que ainda acreditam em homens”.

É interessante esse raciocínio. Essas mulheres acham que os homens são estáticos, que ouviram e vão aguentar para sempre, sem protesto, que as feministas os ataquem, sem reagir, ainda que - o mais frequente - pela

indiferença ou animalização de relações (também frequente). Muitos amigos meus, de esquerda, ficaram estarecidos quando a direita, depois do golpe de 1964, passou a persegui-los. Nunca fiquei sabendo o que esperavam que a direita fizesse... Idem os homossexuais, sob a ameaça da Aids, imaginam que aqueles que os odeiam por serem homossexuais não estão agora rindo e gozando o advento da Aids. A ingenuidade, como a burrice, é uma constante histórica...

07.05.1983

CAETANO, PAJÉ DOCE E MALTRAPILHO

Se a intelectualidade oficial no Brasil é representada por bacharéis como Roberto Campos, e é, não é difícil entender por que a juventude se rende a alguém como Caetano Veloso. Tudo é preferível ao pedantismo, à autossatisfação mascarada de bonomia e humor, à cara selvagem de Campos. Crianças, como animais, sabemos, “sentem” os bichos ainda que não saibam o que pretendem.

Caetano, claro, é um compositor de talento, ainda que não crie músicas que sobrevivam sem ele, como Tom Jobim e Chico Buarque fazem. E é na minha opinião um cantor que sabe como ninguém unir e valorizar ritmos brasileiros e subprodutos populares que vieram do *cool jazz* e do *bebop*, esses dois marcos da história da música popular.

Quando não o vejo, gosto. E até vendo no palco, nos tempos pós-golpe de 1964-1968, era uma presença poderosa, naquela minirrenascença que foi a reação das chamadas classes artísticas ao advento do urubu Campos e de outros tecnocratas, pela mão militar. Nada saiu que perdurasse dessa “mini”, talvez porque o Brasil seja um país de “máxis”. Mas a “mini” foi “legal”. Quem viveu sabe.

Mas Caetano não era então um totem. Não falava de tudo com autoridade imediatamente consagrada pela imprensa, que é mais deslumbrada do que o público em face dele. É evidente, por exemplo, que Mick Jagger zombou várias vezes de Caetano na entrevista na TV Manchete. ^{45} O pior momento foi aquele em que Caetano disse que Jagger era tolerante e Jagger disse que era tolerante com latino-americanos (*sic*), uma humilhação docemente engolida pelo nosso representante no vídeo. E não só ele. Li duas matérias, uma na *Folha* e outra no *Jornal do Brasil*, em que as duas repórteres, prostradas como sempre ficam diante de Caetano, citaram essa resposta ofensiva sem acharem nada de mais. O totem não pode errar. É Deus na carne humana. Daí a origem tribal de Jesus Cristo.

O primeiro totem foi Frank Sinatra. Não quero dizer que antes dele (década de 1940) não houvesse cantores, sem falar de estrelas de Hollywood, que o público jovem não adorasse. Mas Sinatra literalmente

iniciou o fenômeno de adolescentes tendo ataques de histeria em público, para horror do filósofo Theodor Adorno, exilado nos EUA, que viu nisso uma forma de totalitarismo cultural, em que a massa se submerge sensorialmente a um ruidoso cavalheiro de microfone, como alemães caíram sob a “hipnose” de Hitler. E Adorno só pegou o início da histeria dos anos 1960. John Lennon, filósofo, eros encarnado, Paul McCartney, escritor, o rock como filosofia de vida etc. O pobre Caetano não é bem dessa corrente (que deverá chegar ao Brasil pelos meus cálculos em 1990). Na mesma entrevista, ele fez uma pergunta que deve ter dado ao amável e brilhante Roberto DÁvila vontade contida de matá-lo.

É aquela de “como você situa o rock na história da música?”. DÁvila e companheiros (Fernando Barbosa Lima e Walter Moreira Salles Jr.) afinal idealizaram a entrevista, um grande evento jornalístico em TV. Caetano é uma atração. Ninguém resistiria a incluí-lo. Mas essa pergunta simplesmente não se faz em televisão, ou até em jornal. É de um amadorismo total. Só serve para seminários de “comunicação” no interior da Bahia. Não é uma pergunta jornalística. Jagger começou a debochar aí. Estava deliciado com a figura década de 1960 de Caetano. A moda agora é a de Jagger, cabelo curto e roupa simples, sem adornos. Começou aqui e na Europa em 1970. No Brasil chegará também nos 1990? E foi nesse charme perverso que Jagger, que lê tudo, não disse a Caetano que rock não é música (ver obras completas de Ellen Willis,^{46} entrevistas com Janis Joplin etc.), mas uma manifestação de vida ou, clichê abominável, de estilo de vida. Willis sempre se refere desdenhosamente aos *music boys*. Uma leitura ocasional como é a minha da *Rolling Stone* deixaria isso claro. Mas no Brasil é difícil... Sabemos tudo.

Caetano é melhor compositor e cantor do que Jagger. Mas não fez nada comparável a “The Citadel”, cuja letra terrível foi adotada pelos soldados americanos no Vietnã como hino de desespero. E por que não pode? Quando lembro que Caetano, esse doce de coco, é conterrâneo de Antônio Conselheiro, tremo, tremeria, se ainda conseguisse. Mas ele prefere fazer o que chamei outro dia de “maltrapilho estilizado”, simbolizar a miséria raquítica do baiano e interiorano brasileiro, para efeito de mero consumo visual, enquanto muito agradavelmente acaricia as fantasias de amor ilimitado que fazem o narcisismo da classe média confortável no Brasil, um conforto por que pagam cerca de 100 milhões de brasileiros no nosso “Alagados” nacional. Não é que eu queira que ele faça música “engajada”.

A poesia nada faz acontecer, notou Auden, e concordo, sempre concordei, me forçando muito na época do meu engajamento. Mas isso, essa ciência, é bem diferente do que adular os privilegiados.

Jagger, claro, é um farsante. Aquele sotaque de Londres (e não *cockney*, que é outra coisa) é pose, pois Jagger é de classe média e estudou na London School of Economics, onde se falasse assim seria rudemente corrigido. É uma pose, uma imitação de *trash* dos Beatles, estes, sim, autenticamente proletários. Mas está zombando quando diz que subiu por sorte. Não dá para escrever neste jornal de família como se sobe no mundo do rock. Jagger tem pelo menos 150 milhões de dólares, segundo meus banqueiros, mas fala de “algum dinheirinho”. Essa grana aplicada legalmente dá 1,5 milhão de dólares por mês, depois dos impostos, ou, no “negro”, 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros por mês até a próxima desvalorização.

Mas talvez eu esteja errado em querer uma entrevista. DÁvila prudentemente não prometeu nada (e a introdução deve ter sido gravada depois. Sempre é, em TV). Está certo, porque o público em geral quer ver e consumir símbolos, totens sem tabus. Não é à toa que Jagger é tolerante com latino-americanos.

Caetano, atacado pela imprensa do Rio, num show no Canecão, declarou que nada vai mudar, mas que gostaria de mudar a imprensa. Tem toda razão. Quem é a imprensa, que o adula dia e noite, à custa de consideráveis artistas não chegados ao *kitsch*, para de repente criticá-lo? Basta que Caetano apareça, no palco e no vídeo. Não precisa fazer nada. É para ser adorado. Deve ter havido um tempo em que ele foi um ser humano vulnerável, sensível, certamente foi esse o Caetano que parou na Polícia do Exército do Rio em 1968. Mas, se me permitem uma de Roberto Campos, pego uma paráfrase de Eliot de uma paráfrase de outro autor e encerro: “Mas isso foi em outro país e aquele rapaz morreu”.

25.06.1983

A AGONIA BRASILEIRA

Em agosto agora completamos um ano de “moratória”, mais três meses do que o tempo de ter um filho. Foi em agosto de 1982 que o México anunciou que tinha ido para o brejo. Não vou dar as causas. Já escrevi demais sobre o assunto no primeiro caderno. E repeti-las aqui seria abrir uma frente polêmica longe do meu objetivo. **O fato é que todo mundo sabe que estamos mal. Nem mais o governo finge o contrário.**

Divertido nisso é o conformismo do *establishment*. Foi gente como Eugênio Gudin, Roberto Campos e similares que planejou o Brasil de hoje. E quem é convocado para opinar sobre o que aconteceu e como sair do buraco? Gente como Roberto Campos, Eugênio Gudin e similares. É a nossa vocação patriarcal, totêmica. Uma vez totem, sempre totem.

É verdade que a oposição é sentimental e desfocada. É uma oposição que pede caridade e direitos para os pobres. A maneira de mudar o sistema brasileiro é por uma revolução radical que nos transformaria - pelo isolamento e hostilidade que despertaríamos nos EUA e aliados - numa super-Nicarágua. Como a maioria dos políticos e intelectuais que falam pela oposição vem de classes confortáveis (ou no poder se adaptam rapidamente aos costumes do *establishment*), é provável que falem da boca para fora - ser oposição remunerada ainda que impotente é bom negócio para o “usuário” - ou, igualmente provável, não saibam do que estão falando.

Há, claro, mitos heroicos, Getúlio Vargas nacionalista, ou JK e Jango, que teriam pregado participação decisória do povo. Basta voltar aos jornais da época. Esses senhores foram ferozmente combatidos (escrevi ferozmente? Desculpem, queria dizer ruidosamente) pelas esquerdas, exceto o PC, que, sempre realista, se acomodava para sobreviver. A tese do PC é realista: todo político burguês é a mesma coisa, logo tanto faz Jango ou Médici, mas Jango dá mais vantagem. O realismo acaba porque o PC não se reconhece tão burguês quanto esses líderes... E o próprio PC foi vítima de “entusiasmos”. No dia da morte de Vargas, o PC saiu com manifesto de Prestes contra o presidente. “Não devemos dar a Lacerda a prioridade de

combate a Vargas”, dizia o PC. Morto Vargas, com a reação popular, o PC aderiu à massa, confiante em que, de resto, só alguns milhares de pessoas sabiam da posição prévia do partido.

Revolução à parte, a esquerda no Brasil propõe “sopa dos pobres”. Revolução não dá pé. E se desse, poderia ter resultado pior que a situação. Alguém acredita que nossos esquerdistas querem viver numa economia de subsistência? É preciso ser muito jovem e pouco observador para acreditar nisso.

O fascinante, para mim, que vivo longe, é o foco invariavelmente torcido. Antes todos os males provinham das multinacionais. Quando estive no Brasil, semanas atrás, os males eram monopólio das estatais. Minhas personagens de ficção me parecem mais perceptivas; em *Cabeça de negro*, o narrador nota que multinacionais, estatais e grupos financeiros brasileiros formam um tripé, com divergências de superfície e setoriais, que não afetam o resultado: ferro no povo brasileiro. É típico o bafafá recente sobre estatais. Ao se ver que formam o maior *lobby* que já existiu na história do país, o governo ferrou o trabalhador comum, que não tem *lobby*. As estatais continuarão com quinze salários, para começo de conversa, sem falar dos subsídios. Continuarão deficitárias à custa do povo, o que me faz preferir a iniciativa privada, em que o empresário tem de competir e produzir para sobreviver e enfrentar uma folha de pagamento todo mês. Isso aumentará minha fama de burguês e de entreguista.

Gudin e Campos gostariam que o Brasil fosse um entreposto do capitalismo internacional, como Hong Kong. É esse o modelo. Não levaram em conta o patriarcalismo positivista das Forças Armadas, o profundo sentimento anticapitalista que permeia nossa cultura. Como todos os teóricos, terminaram atolados na realidade. É possível lhes respeitar o *panache* em se apresentarem como vítimas das circunstâncias. Tomem nota: se o empresariado brasileiro tivesse um mínimo de cabeça, se não fosse como a mulher de Verdi, qual pluma ao vento (a mulher da ópera, não a sra. Verdi), Campos, Gudín e o nosso sub-Friedman, Bulhões, não teriam mais picadeiro onde se apresentar. Não é à toa que eles estão sempre às voltas com as esquerdas. São o reverso da medalha.

Se sairmos disso mantendo as liberdades atuais, já considero, dos males, o menor. Não que isso seja de qualquer utilidade para a maioria do povo. Mas o povo é que tem de definir o que lhe é útil.

16.07.1983

A ESQUERDA AMERICANA

Assino a *Monthly Review*, bem conhecida no Brasil, já que um dos fundadores, Paul Sweezy, tem muitos amigos aí, e *The Nation*, semanário dos mais antigos (de 1865) neste país. Ambos são de esquerda. Se excetuarmos algumas colunas no *Village Voice* (para ser específico, as duas em que Alex Cockburn escreve ou colabora), é isso que se pode chamar de imprensa de esquerda com alcance nacional aqui.

Recebi uma carta da *Monthly Review* se dizendo falida, precisando de 100 mil dólares; imediatamente dei algum. Idem *The Nation*. Soltei mais uns caraminguás. *The Nation* tem um pedido desagradável em toda edição: “Na hora de redigir seu testamento, por favor, faça uma doação a *The Nation*”.

Não leio nem uma, nem outra. Passo a vista nos artigos de Christopher Hitchens, inglês, em *The Nation*. Ele escreve melhor sobre outros países do que sobre os EUA. Outro dia deu uma gafe fantástica: “Reagan faz aos EUA o que já não pode fazer com Nancy”. É um milagre que não tenha caído do galho.

Por que a imprensa de esquerda hoje consegue ser tão chata quanto a de direita? Esta, afinal, não tem saída. É impossível defender privilégios e opressão com esprituosidade e verve. Edmund Burke não fez isso, ao contrário da lenda. Desenvolveu o que é a base da filosofia política do conservadorismo: que uma sociedade elitista e hierárquica, apoiada em tradição e experiência acumuladas, tende (a longo prazo) a ser mais humanitária e civilizada que uma sociedade radicalizada, que rompa com todos os freios do condicionamento.

Isso é, claro, defesa de privilégios, mas de maneira muito indireta e extremamente sofisticada. Tem uma audiência certa: a classe média confortável que numa sociedade desse tipo só tem visão teórica do que passam os camponeses do Zaire sob um Mobutu (apanhando algum de Reagan para ser a “Israel” deste contra Gadafi). A liberdade e a mobilidade burguesas são agradáveis para os burgueses. A classe média tem origem e formação burguesa, logo...

A esquerda americana não existe. Tem duas vulnerabilidades aparentemente insuperáveis: uma incapacidade absoluta de contestar o sistema capitalista, já que aqui não se fala sequer de social-democrata, só de liberalismo, que é em síntese (no sentido americano da palavra) uma intervenção do Estado que diminua as mais ostensivas desigualdades sociais. E Israel. É preciso usar antolhos tamanho família para não parecer o que Israel é no Oriente Médio e no esquema de *pax* americana. Mas boa parte dos liberais é de origem judaica, logo... é raro um Noam Chomsky, que, judeu, ataca Israel como os liberais americanos defendem os dissidentes soviéticos.

Monthly Review é marxista, claro. Mas aí está o problema, não do marxismo em si, mas de tantos marxistas. Nunca houve um movimento marxista aqui ou em qualquer outra parte do mundo que reconheça, por exemplo, que a maioria das pessoas tem uma profunda desconfiança do Estado, como Estado, como centro de poder. Claro, o marxismo prevê a dissolução do Estado, mas o período de transição parece eterno às atuais gerações, quem delas acredita que haja algum dia um sistema sem poder absoluto (não importa em que nível de atuação, se ostensivo ou estruturalmente disfarçado). Quem pode sobreviver no capitalismo, sem ser achatado, tendo a opção, me parece que quase sempre escolherá o capitalismo, que vende magnificamente, em face de toda prova em contrário, um mundo como a cidade de Oz do mágico de Judy Garland. Não é à toa que hordas famintas penetram aos milhões e ilegalmente nos EUA.

Mas a ideia de que a maioria prefira a liberdade muitíssimo relativa de um garçom em Nova York à de um burocrata na URSS é moralmente intolerável para o marxista rotineiro. Seria o mesmo que admitir que Israel parece uma versão caricata da Alemanha nazista, digo, que a maioria dos judeus (os Chomskys à parte) admita isso. A incapacidade do ser humano de admitir a realidade não pode ser exagerada.

É possível justificar os massacres stalinistas? Mas, ah, é possível justificar os massacres diários gradualmente administrados pelo capitalismo? Mas a verdade é que estes últimos ninguém realmente sério, do ponto de vista intelectual, justifica, ou tenta. São negados pela imprensa e pela literatura política a serviço desses interesses. Os anticomunistas sérios se concentram em duas posições: expor os malefícios do comunismo e alegar que o Iluminismo é uma total mistificação, que as desigualdades vão durar tanto quanto a espécie humana, até por motivos genéticos e

raciais (que Hitler desmoralizou publicamente, mas que continuam submersos, embora influentes), e que o homem civilizado aceita esta realidade e tenta minorar o sofrimento dos destituídos, desde que isso não implique destruir a ordem hierárquica da sociedade, ou seja, uma lei do mais forte controlada.

Já o marxismo sempre foi uma explosão de idealismo iluminista, ainda que escorado em demonstrações científicas. Foi isso que destruiu o movimento, foi nisso que o movimento se autodestruiu, porque perdeu a crença em si próprio. Sei que citar o sr. Delfim Netto hoje no Brasil é uma blasfêmia nacional. Mas ele me disse da Nicarágua, uma vez, que tanto faz que fosse comunista, capitalista, budista etc., que o que tem a vender existe à venda em outro lugar e que a Nicarágua não tem dinheiro para comprar nada. Em português mais austero, a era da nação pequena ou pobre nunca virá. A ideia de que revoluções de miseráveis em países miseráveis podem criar sociedades justas e humanitárias não resiste à menor análise.

E a barbárie é tão universal quanto o subdesenvolvimento. Lembrar Pol Pot. Antes do massacre os comunistas khmer eram louvados, de *Le Monde* para baixo, como purificadores do marxismo doente, moribundo. Veio o massacre. E o silêncio dos cemitérios.

Dei uma graninha modesta à *Monthly Review* e a *The Nation* porque seria triste não haver uma única voz de esquerda na imprensa. Mas são irrelevantes. Freud dizia, num ensaio trágico, que todos nós temos um instinto de morte, o desejo de morrer, e que esse desejo nos aterroriza tanto que o convertemos em agressão, caindo sobre o próximo. Os próprios freudianos rejeitaram essa concepção do destino humano, mas me parece que precisa ser reavaliada em toda sua complexa e profunda dimensão. Até marxistas do período de esperanças, como Rosa Luxemburgo, perceberam isso, à maneira deles. Rosa disse que a alternativa ao socialismo era a barbárie. Foi profética.

06.08.1983

VIDA BREVE DE UM BRASILEIRO

Nasci em 2 de setembro de 1930 na rua São Clemente, em Botafogo. Em plena Revolução de 1930. Não notei. A primeira vez que tive conhecimento de política foi em 1939, no Colégio São Bento. Era a guerra na Europa. No refeitório não se podia falar, a menos que um monge tocasse a sineta, quando dizíamos *Deo gratias*. Mas um dia ouvimos no rádio (ligado na Jornal do Brasil) que os poloneses estavam surrindo Hitler. Aplaudimos. Os padres não gostaram. Quebramos a disciplina. Eles eram todos alemães. A exceção era o reitor, dom Meinrado, holandês, que quase endoidou quando a Holanda ameaçou abrir os diques para conter os nazistas (sempre ameaça e não cumpre). Aplaudi sem saber por quê. Porque todo mundo estava aplaudindo. Foi (embora eu não tenha notado) minha primeira lição sobre a veracidade da imprensa essa vitória polonesa inexistente.

Depois me lembro das paradas da juventude para Vargas, o ditador, que imaginávamos governante eterno. Aí eu já estava no Santo Inácio. Desfilamos sambando pela avenida. Mas ao chegar perto do palanque presidencial entramos em perfeita (e não combinada) ordem unida, sendo especialmente aplaudidos (filho de rico é mais alto e mais bem alimentado e vestido).

Fiquei bestificado ao perceber amigos de vizinhança propondo “queremos Getúlio”, o quererismo, e outros entrando para o PC (o que inclui um diplomata hoje muito reacionário. *Carpe diem*, como diz o outro..). Nunca me ocorrera que política tivesse a menor importância. Era assunto que não se discutia na minha família.

Vivi oito anos de democracia, de 1946 a 1954. Já estava lendo e já tinha lido o *Dezeto Brumário* de Marx e logo não levava aquilo a sério. Quando meu pai me acordou às oito da manhã para dizer que Getúlio se tinha suicidado, reagi com a maior brutalidade. Queria dormir.

Tinha passado a noite numa “orgia”, chegando em casa às seis da manhã. Eu já era trotskista. Só uma revolução que fosse permanente traria justiça. Mas em 1955 já me interessava (com grande relutância intelectual)

por Juscelinos, Juarezes e Lacerdas. Me matavam de tédio, mas eu já trabalhava e a miséria e atraso do povo brasileiro me eram insultos moralmente intoleráveis. Votei em Juscelino. Veio o golpe de Lott para empossá-lo. A maioria dos meus amigos era pró-golpe, mas contra Juscelino. Ninguém escapa totalmente da própria classe social. Meus melhores amigos trotskistas achavam que Juscelino era o mal maior, pois enganaria as massas melhor do que uma ditadura militar. Resolvi discordar deles (mais uma vez com grande, digo, enorme relutância intelectual. Me lembro de uma discussão particularmente violenta com Mário Pedrosa). Votei em Lott, Jânio sempre me pareceu o que agora todo mundo sabe que ele é, ou quase todo mundo. Lott é um dos melhores brasileiros que já conheci. Mas aí veio o odioso João Goulart (minha opinião, retiro hoje), impedindo que meu novo e admirado Brizola começasse a revolução permanente pelo Brasil. Durante o governo Goulart critiquei-o sem parar, para irritação (correta) de Samuel Wainer, meu editor na *Última Hora*, e promovi Brizola.

Veio o golpe de 1964. Fiquei três anos sem trabalhar na imprensa, mas vivendo muito confortavelmente, não se preocupem (não me preocupou). Comecei a revisar. A gente não aprende mais nada depois de uma certa idade. Talvez Alceu Amoroso Lima seja uma exceção. Assumi posições políticas minha vida inteira que me pareceram moralmente corretas, mas nunca acreditei que dessem certo. Aqui terminei de estudar a Revolução Soviética. Tenho um ensaio inédito de trezentas páginas. Vai continuar inédito. Já me ofereceram até um doutorado pelo dito, mas recusei. Não quero discutir esse assunto em público, à parte o que já discuti em *O afeto*^{47} e em artigos de jornal. Quem precisa de mais uma tese desse assunto? Não acredito que se possa educar ninguém. Quem tem cabeça já nasce com ela e o melhor que faz é aprender por si próprio os complementos. Fiz 53 anos. Admito só 33.

Minha conclusão é mixa. Vamos votar. Vamos deixar que osso e meu povo miserável escolha os Jurunas e Agnaldos Timóteos que quiser. Há vinte anos somos governados não por militares, mas por intelectuais arrogantes autoungidos, que são donos da verdade. O sr. Roberto Campos é o paradigma dessa gente.

O Brasil é um país fácil. Não é brincadeira. É um país inabitado, cheio de recursos, com um povo (totalmente, diz minha cabeça) otimista, uma

população jovem. A dívida poderia ser até de 300 bilhões de dólares, poderia ser paga se o país fosse bem administrado.

Mas administrar não é contratar técnicos. Não há técnicos ou tecnocratas, realmente. Todo mundo tem posições políticas e ideológicas. Se é para fazer besteira, e já que quem paga a besteira é o povo, vamos deixar que o povo escolha a besteira que quiser. Os sábios caíram de quatro. Talvez seja a posição natural deles.

Acho democracia um desastre cultural e até social (convívio), mas não tenho o rei na barriga (tenho má digestão) e acho que dos males é o menor. Não é uma grande posição para quem já foi humanista convicto e intelectualmente revolucionário. Mas são os fragmentos que me restam das minhas ruínas.

17.09.1983

O'NEILL FICOU, E QUEM MAIS.

Quando Eugene O'Neill morreu, trinta anos atrás, não era representado mais sequer por companhias amadoras nos EUA. A opinião crítica vigente o considerava “devagar” em face de Brecht, Ionesco, Pinter e até Tennessee Williams, Arthur Miller e o emergente Edward Albee. Hoje, o prestígio de Brecht e Pinter é o único incontestado desse grupo. O'Neill é tido como um dos mais relevantes dramaturgos do século XX. É representado em toda parte.

Nada disso é novidade. Sainte-Beuve, um grande crítico, escreveu asneiras monumentais sobre Balzac, escrevia bem e o que tinha a dizer era e é interessante (deve ser lido por qualquer pessoa instruída e que se interessa por literatura). E atacou também Stendhal, que, profeta, notou que (isso no século passado) só seria reconhecido em 1935, precisamente a data em que foi consagrado, ficando.

Não é apenas obtusidade crítica. Há atenuantes. A tendência de todos nós é sentir ou, no mínimo, pensar sobre obras de arte em relação a nossa vida imediata. Philip Rahv tem um artigo abominável contra *Tema é a noite*,^{48} o melhor dos romances de Fitzgerald, considerando-o escapismo, porque Rahv o escreveu na politização da década de 1930. Eu próprio escrevi uma crítica extraordinariamente estúpida sobre *A longa jornada de um dia para dentro da noite*,^{49} de O'Neill, porque, na época, fim da década de 1950, eu me preocupava mais, e exigia, como crítico, dramas relacionados com a evolução política do Brasil. O'Neill se limitava nesse drama a mostrar lacerantemente as relações de pais e filhos e entre irmãos. É difícil quem teve pai, mãe e irmãos, numa família razoavelmente neurótica (a nossa serve...), não sentir que aquilo ali é uma criação, palavra abusada, que raramente cabe. E em face desse tipo de obra “desconstrucionista” terão uma certa dificuldade, fora dos claustros em que vivem e prosperam (com verbas do Estado, corrompendo a juventude), em demonstrar o subfreudianismo, submarxismo e subcibernética que querem substituir pela crítica humanista. Há, sem dúvida, um “colapso de opostos” em qualquer obra de arte, em qualquer gesto humano, pois contém sua própria negativa e

nenhuma síntese, dada a nossa transitoriedade, ou seja, a nossa vida, mas criamos ilusões poderosas como a de O’Neill de que somos um pouco mais do que isso.

O’Neill escrevia mal. Pound faria picadinho dos clichês dele, de semiletrado. Mas há uma força misteriosa (porque nunca identificada) por trás da linguagem pedestre de O’Neill que a eleva a um nível quase intolerável de empatia conosco. Talvez seja a capacidade meramente teatral, mas, não, lida, essa peça, graças ao “toque do poeta”, tem força igual ao melhor espetáculo. É algo que vem das entranhas, que passa, apesar de linguisticamente inexpresso, se aplicarmos os critérios do modernismo.

Lendo outro dia um Simenon, em algumas horas, me ocorreu que ele ficará, enquanto autores como Virginia Woolf, Norman Mailer, E. M. Forster, Saul Bellow (depois de *Dangling Man* [1944] e *Seize The Day* [1956]^[50]), Gabriel García Márquez e, um momento, já irritei bastante gente? OK, posso estar redondamente enganado, mas me parece que o mundo de Simenon é, como direi, uma representação literária exata de como vive um determinado (considerável) número de pessoas, enquanto o desses outros escritores aí citados é mais prova de uma imaginação às vezes alta, como criatividade, mas que teve o seu tempo, seu momento, ao contrário dos pequeno-burgueses de Simenon. É mais do que isso: é uma curiosa postura, deliberadíssima, claro, de deixar cair as coisas como nos parecem, sugerindo muito de leve o que está por trás. Da mesma forma, enquanto existir família no mundo, ficará a cena final da mãe de *Longa jornada*, ou o choque entre os irmãos, e o filho mais velho e o pai, que vi, o pai, feito por Laurence Olivier, Ralph Richardson, Robert Ryan e Zbigniew Ziembinski (não posso dizer que minha vida foi tão ruim assim). “Fui casada com James Tyrone e durante algum tempo fui feliz”, diz a mãe de O’Neill. Será que Eliot e Pound, meus mestres, resumiriam melhor o contexto (*sic*) de nossas ilusões e realidades afetivas? Eles foram muito além disso, muito além de nós. O’Neill está no nosso nível, transcende, sem nos perder no caminho, nosso nível.

Três poetas brasileiros me deram isso: Drummond, Murilo Mendes e Jorge de Lima. Fico aqui. Acho que as pessoas lerão por muito tempo Jorge Amado e Erico Verissimo. Não acho que as pessoas, apesar da promoção política, lerão *1984* [1949] e *Fazenda animal* [1945]^[51] (o livro é trotskista, falando nisso, o que só o agudo T. S. Eliot parece ter notado), de George Orwell. Acho o *Memorial de Aires* o livro mais bem

escrito da língua portuguesa. Orwell escreveu uma obra-prima, que *Time* não considera, o que me confirma que é obra-prima, *Down and Out in Paris and London* [1933],^{52} não sei como e se traduziram.

Le diable au corps, que reli outro dia, me parece tão bom quanto quando o li pela primeira vez (há uma excelente tradução brasileira de Moacir Werneck de Castro”^{53}). *Ulysses*, quando li (atravessei seria a palavra exata), me deixou em estado de exaltação e jurei que faria coisa parecida. Hoje, me pergunto se não é uma obra parecida com aquele dia em que (inspirados demos dez. Se está meio críptico este artigo, azar. Hoje é feriado aqui e estou trabalhando.

E isso talvez seja um apelo saudosista. Quem nos garante que alguém ainda lerá em vinte anos? A televisão elimina aos poucos o passado e o futuro, o que, tenho certeza, não ensinam em escolas de comunicação. A televisão criou um estado de presente eterno, movido a biombos, sai um, entra outro, e já vem a próxima atração. Livro bom nos obriga a refletir. E, claro, é a reflexão que nos distingue dos animais, não é o pensamento. Os animais pensam. Minha gata, que me escora e me atropela todo dia quando acordo ansioso às sete e meia da manhã, está pensando, mas depois de ter a barriga cheia ela desaba e não reflete. Nós, alguns de nós, refletimos sobre o que pensamos e fizemos. É por isso que sofremos e às vezes criamos, que ofendemos e somos ofendidos, que por mais que nos iludamos a nós próprios, e pouco mais fazemos do que isso, fica sempre a memória do que não somos e poderíamos ter sido.

26.11.1983

NOSSO 1984 FOI EM 1964

Todo chato da imprensa europeia e americana está sobre o *1984* de George Orwell. Uma vez na vida podemos dizer que batemos o resto do mundo: o “nosso” foi em 1964. O golpe de 1º de abril mudou a cara do Brasil como nenhum evento da minha experiência na história.

Foi um colapso intelectual da minha geração (eu tinha 34 anos), de que pouca gente se recuperou. Foi um abrir de olhos. Quase cheguei a acreditar, entre Juscelino e o fim de Goulart, que o Brasil poderia evoluir orgânica e harmoniosamente para uma posição de potência de médio porte. Noto em retrospecto que assumindo essa posição eu inconscientemente abandonara já a visão trotskista do mundo que me orientou na juventude. O trotskismo é essencialmente revolucionário ou não é nada, é pose. E só uma classe dirigente ignorante, com ódio das massas, ódio que em parte é culpa reprimida e convertida em agressão (ódio), poderia acreditar que as modestas evoluções entre Juscelino e Jango a ameaçavam. Havia muito bafo de boca, sem dúvida. “A solução é a luta armada.” OK, mas quem luta?

O episódio mais marcante do período foi a resistência conjunta de Jango e Partido Comunista à ideia de sindicalização maciça. Nem 10% dos operários eram sindicalizados em 1963. Desses 10%, 1,5% comparecia às reuniões dos metalúrgicos (o sindicato mais organizado e ativo). Jango e PC não desgostavam. Sindicalismo mirim era controlável por pelegos do Palácio e do PC. Bastava a eles, janguistas e comunistas. Havia, claro, o povo, uma abstração. Lembro que em 1962, no auge da campanha contra o imperialismo, abriu uma exposição de produtos americanos no Rio. Na primeira semana, mais de 500 mil deslumbrados compareceram. Samuel Wainer me disse que, se 25% da população queriam ver as miçangas do inimigo, isso não era bom sinal para as esquerdas. Ignorei-o arrogantemente.

Se você quer ler algo de útil de Orwell, leia a segunda parte (está escrito no livro “Segunda parte”, é fácil de achar) de *The Road to Wigan Pier* [1937].^{54} Orwell discorre sobre as dificuldades de gente de classe média aceitar o socialismo, e quem é a maioria dos socialistas senão gente

de classe média? É a melhor coisa que ele escreveu em não ficção. O povo cheira mal (nem todo mundo, claro, mas, se você acorda e toma banho às quatro da manhã, às quatro da tarde é difícil cheirar bem), tem hábitos, costumes e maneiras de falar que ofendem as narinas da gente que teve uma educação confortável e protegida, que sabe que talher usar, que vinho escolher, que palavras usar, que frases etc. etc. O ensaio causou sensação hostil. É correto da primeira à última palavra, apesar das manias de Orwell contra barbudos, gente com mania de comida sem tempero (que partilho), vegetarianos (idem), usuários de alpergatas (*sic*) e outros preconceitos do autor.

Mas essa é outra história. Em 1º de abril de 1984 serão vinte anos de ilegitimidade, cuja grossura entre 1968 e 1975 foi intolerável. Não é tanto a violência que me preocupa, ainda que devesse preocupar mais, talvez. E que mudou em nosso país o que se quer. O idealismo romântico de 1955-1963 era tolo, mas é preferível ao bestialógico aquisitivo de nosso tempo, vulgo sociedade de consumo, cuja mística foi consolidada pós-1964. Insisto em que não há oposição real, orgânica, visceral, ao modelo, nas classes intermediárias da sociedade brasileira. O que há é uma reação de ressentimento a que o modelo não mais produza como nos tempos do “milagre”. Neste, sob Médici, quando o terror contra a oposição estava no auge, o povo aplaudiu Médici no Maracanã (vaiava presidentes eleitos). Foi a época do “ame-o ou deixe-o”, do “Brasil grande”. Não havia público para a miséria dos marginalizados permanentes da sociedade junto às classes intermediárias. Várias vezes ouvi reclamações de que eu falava mal do Brasil, de parentes e conhecidos, que tinham pena de mim, porque não participava da grande festa nacional. Em 1975, os jornais brasileiros ainda estavam cheios de notícias e comentários de ironia suburbana sobre a suposta falência de Nova York, que tem cinco vezes mais dinheiro que o Brasil inteiro e pelo menos quatro vezes mais automóveis. Eu nem ria. Era absurdo demais...

Não há como negar que o Brasil cresceu em alguns setores, ainda que a um custo social tremendo. Este seria admissível, pois só se cresce a um custo social tremendo, mas o que não houve foi a formação política que regulasse esse crescimento, e não estou falando de socialismo. Os apóstolos do desenvolvimentismo de Juscelino me parecem sábios de equilíbrio comparados aos megalómanos tecnocratas à la Roberto Campos, que assumiram a partir de 1964. Prefiro a juventude doidivanas no seu

esquerdismo sentimental e potencialmente suicida de 1955-1963 aos apáticos e abúlicos da discoteca de hoje, aos que fazem de Nova York a mesma ideia que Dorothy fez de Oz e do mágico de Oz, sem que tenham aprendido nada com Dorothy, que afinal descobre uma realidade no fim da história.

A herança final de 1964 se desvendou agora: um país de 130 milhões de habitantes negocia seu futuro econômico e de outras gerações com um vice-presidente do Citibank, William Rhodes. Não é sequer o presidente, nada de pessoal com o sr. William Rhodes. Como dizem, se não fosse ele, seria outro. Me recuperei um pouco da depressão que carrego desde 1964 ao ler a biografia (primeira parte) de Keynes, de Robert Skidelsky.^{55} Keynes, no panfleto da Primeira Guerra, de 1919, “As consequências econômicas da paz”, nota que aliados (Inglaterra, França e EUA) exigiam que os alemães, durante os trinta anos seguintes, trabalhassem para pagar indenizações aos vitoriosos. Keynes diz que isso não resistiria ao tempo (acabou em 1925) e que era contra a natureza humana. Os aliados, ao menos, tinham um justo rancor contra a Alemanha pelas perdas sofridas em 1914-1918. Nós vamos pagar e futuras gerações também, sem estarmos ou termos estado em guerra com ninguém. O absurdo me parece ainda mais patente. E fomos levados a isso por doutores de autoridade incontrastável (que nos baixavam o pau se protestássemos), que não escolhemos, que se nos impuseram à força. É ainda mais contra a natureza humana, é mais horrível que as fantasias, algumas bem baratas, de 1984. Esperemos que, como o Tratado de Versalhes (de Paris em verdade), também se mostre contra a natureza humana e que a pressão social em nosso país force o poder dominante a devolver ao povo o que é do povo: o mínimo direito de escolha. O povo não pode superar em estupidez os Campos. O povo tem a humildade ditada pelas suas reconhecidas limitações. Campos e prole fazem Narciso parecer um trapista de olhos vendados.

05.01.1984

JANGO E JUSTIÇA

João Goulart merece justiça. Não era nem de longe a distorção apresentada pelos inimigos, cuja fúria impressionou até uma intelectual que respeito e admiro, Maria Victoria Benevides. Darei minha visão dele (a segunda), mas acho educativo para os jovens (é horrível considerar que quem tem menos de 42 anos nunca votou para presidente e que o pessoal de trinta anos só conhece como experiência os últimos vinte anos do sistema) não canonizá-lo. Não temos historiadores. Temos compiladores e arquivistas ou ideólogos que não aceitam ambiguidades e ambivalências e, principalmente, se recusam a enfrentar fatos que lhes confundam as certezas.

Mas ainda no capítulo justiça é preciso fazê-la também aos milhões de brasileiros que foram vítimas do golpe, que foram demitidos sem indenização, que foram cortados da economia por Roberto Campos (para acumular capital à custa do trabalho deles), os humilhados e ofendidos da grande massa brasileira. A esquerda não precisa de justiça. Como diz meu amigo Milton Coelho da Graça, lugar de militante derrotado é na cadeia. A direita fez à esquerda o que a esquerda faria à direita se assumisse o poder. Isso não quer dizer que eu não me solidarize totalmente com as famílias de amigos assassinados pelo atual sistema, gente como Rubens Paiva e Vladimir Herzog. Minha solidariedade é total. Mas não é política. Política é guerra.

Mas vamos primeiro a Jango.

Ninguém parece se lembrar (nos artigos que li) que quem foi eleito em 1960 foi Jânio Quadros, o candidato da UDN, de Lacerda, da classe empresarial, da embaixada americana, Ibad, Ipes, em suma, todas as personagens da demonologia esquerdista. Mas os monstros sozinhos não elegeriam um deputado federal. Jânio foi eleito espetacularmente (contra o excelente Lott, em quem votei) porque muita gente profissional acreditava que ele daria ao Brasil um governo eficiente e progressista (ou seja, moderno), ao contrário das “forças populares”, que para os eleitores de

Jânio representavam um passado oligárquico e peleguista, com lastros de comunismo. Se essa visão é certa (ou qualquer outra visão, há argumentos inteligentes para tudo), é irrelevante, no caso. Foi assim que a imensa maioria dos eleitores viu o Brasil em 1960.

Uma das injustiças que a esquerda faz a Jango é não reconhecer que ele sabia disso, que a legitimidade sucessória dele era apenas jurídica, que o povo, na maioria, votara, contra o que representava, em Jânio. De resto, a “ideologia” de Jango era o getulismo: uma no cravo, duas na ferradura. O cravo é a massa. Fazer concessões à massa que a mantenham calma. E “duas na ferradura” significa manter as divisões de classe e os privilégios dos ricos.

E por que não? Getúlio foi popularíssimo, em pleno Estado Novo, sob o qual agonizavam liberais e esquerdas. Juscelino Kubitschek enriqueceu como pouca gente os ricos neste país (em particular os de São Paulo). Getúlio criou o PSD para os conservadores e o PTB para as massas. Era a posição natural de Jango. Já recusou sair dela quando não quis a guerra civil, que Brizola estava disposto a tentar, para garantir a posse do presidente, em 1961. Jango fez o tradicional arreglo PSD-PTB com o esclarecido conservador e homem de coragem (quis resistir à bala ao golpe contra Getúlio, em 1954) Tancredo Neves. Em 1964, mais uma vez não deu as ordens necessárias a Ladário Telles, comandante do Terceiro Exército, e recusou a coliderança com Brizola para uma guerra civil.

Com isso entregou os milhões que confiavam nele à “sanha” (para lembrar a carta-testamento), às violências de 1964. E o silêncio no exílio. A sra. Allende, que nunca foi personalidade pública, faz mais pelo marido e o que ele representou do que Jango fez por si próprio, pelas vítimas que deixou e contra os inimigos, em todo o exílio e até morrer. Ele não era intelectual, sem dúvida. Mas pensem no livro que Darcy Ribeiro poderia ter escrito em nome dele. Mas nem à imprensa estrangeira Jango quis falar. Só conversava em particular (o tom de algumas conversas é captado na maravilhosa evocação de Glauber Rocha no número corrente de *Playboy*,^{56} que recomendo. O difícil para quem não conheceu os dois é notar onde começa Jango e onde começa Glauber. Para mim foi muito fácil). Jango se suicidou historicamente antes de morrer fisicamente. Registro apenas o que me parece um fato.

Nunca saberemos, assim, por que ele não assumiu as televisões em 31 de março de 1964 e conclamou o povo às ruas. Nunca saberemos por que

não nomeou ministro do Exército o general Lott, que garantiu de público (e a mim, em particular, com detalhes) que impediria o golpe. Não sabemos por que permitiu na doença de Jair Dantas Ribeiro (o ministro do Exército) que assumisse o doentíssimo general Ancora, que mal podia subir algumas escadas. Não sabemos por que não desencadeou o general Anfrísio do Primeiro Exército, que tinha armas, tropas e coragem. Não sabemos por que, e isso é importante acima de tudo, o contingente deslocado para enfrentar o general Mourão era tecnicamente inadequado. Falei com nossos brigadeiros, que tinham aviões, pilotos e munição para bombardear Mourão. Foram tolhidos no solo por Jango. Não “ouvi dizer” essas coisas. Falei com as pessoas em questão.

O próprio Mourão contou a quem quisesse ouvir, depois de desiludido com o golpe, que ao primeiro tiro os recrutas dele o deixariam e aos oficiais sozinhos na estrada...

Jango só cruzou a fronteira para o Uruguai definitivamente em 3 de abril. Os vitoriosos contam que “já estava tudo acabado”. Bem, certos jornais com acesso maior ao poder real se limitaram até a saída de vez de Jango a noticiar a revolta. Nenhum editorial (exceto o destemido e logo arrependido *Correio da Manhã*, “Chega”, “Basta” e “Fora”). E há o testemunho, no caso insuspeito, do marechal Castello Branco ao *Estado de S. Paulo* de que tentou conter Mourão, porque ainda não era a hora, “o golpe teve um início acidental..A traição de dois generais que literalmente deviam tudo a Jango, Justino (Quarto Exército) e Kruehl (Segundo Exército), se deveu a convicção ou a oportunismo? Não sei, mas sei que os autênticos golpistas, os que sempre quiseram a ditadura, afastaram os dois rapidamente de qualquer acesso ao poder. Talvez Justino e Kruehl, conhecendo Jango intimamente, tenham saído do barco antes que afundasse, como fazem os ratos em naufrágios.

Milhões de pessoas apoiaram o golpe porque acreditavam sinceramente que Jango fosse estabelecer um novo Estado Novo. Não queriam ditadura. Queriam um mandato-tampão e eleições em 1965. Se enganaram, mas são os vilões da demonologia esquerdista? Deixo isso para outro comentário. Nunca houve, claro, a menor chance de revolução comunista no Brasil. Nem Brizola ou Arraes, os dois únicos líderes de massas possíveis, são comunistas. Mas naqueles tempos as coisas não eram claras para muita gente.

Todo mundo cometeu erros. Em maio ou junho de 1964, Golbery se reuniu com Ênio Silveira, Álvaro Vieira Pinto e outros líderes intelectuais da esquerda, no escritório de Ênio. Pediu-lhes apoio condicional. Disse que o grupo de Castello (vulgo “Sorbonne”)^{57} queria realmente implantar um Estado moderno capitalista no Brasil, que isso exigia a integração do Brasil no mundo dirigido por Washington, mas que eles eram democratas e garantiriam a democracia e os direitos civis, depois dos expurgos iniciais, já em curso, de líderes, de Juscelino a Brizola, que “enganavam” o povo. A esquerda toda protestou. Sabíamos que o golpe tinha sido dado para instalar Carlos Lacerda no poder. Golbery disse que não poderíamos estar mais enganados e que não havia lugar para Lacerda na nova ordem de coisas. Não acreditamos. Golbery disse mais: que os generais do tipo Costa e Silva, os da “tropa” (há um rancor profundo entre o pessoal do Estado-Maior e os *troupiers*), se chegassem ao poder, instalariam um reino de terror no país. Houve repressão no governo Castello, mas não houve o terror que apareceu depois do Ai-5 (é possível dar um modesto crédito a Costa e Silva, que, já doentíssimo, parecia não estar a favor disso). O general Golbery está aí. Ênio Silveira está aí. Seria útil que nossos acadêmicos de vez em quando conversassem com quem participou e ajudou a fazer a história, em vez de só lerem o que é publicado.

12.04.1984

A CRIAÇÃO DE GORE VIDAL

Vidal escreveu mais dois romances depois de *Creation* [1981]: *Duluth* [1983] e *Lincoln* [1984].^{58} *Duluth* é uma espécie de colagem de todos os clichês da cultura pop dos EUA. Vidal usa essa matéria-prima para fins satíricos. O livro é tido como racista (contra hispânicos) e antijudaico. É também antiliberal e antiplutocrático. É um grito de raiva contra a sociedade de massas. É um *reductio ad absurdum* da sociedade americana e derivadas. Não se ri muito porque a misantropia do autor nos inibe. Sorrímos maldosamente. É pura *Schadenfreude*.

Duluth é com *Myra Breckinridge* [1968]^{59} o que Vidal produziu em que foge ao realismo que o trava em outros romances. *Myra* é uma comédia de confusão sexual que feministas escreveriam se mulheres soubessem escrever sátiras. Não sabem. Mulheres são todas sérias.

Gore Vidal é um crítico político e literário único. Vai do *Nouveau Roman* a coisas sérias, como a obra de Henry James, sem dificuldade. Foi um dos primeiros a perceber o vácuo espiritual de Hemingway. Ridiculariza os escritores que escrevem para a academia. De Pynchon a Barthelme ele não tem piedade. Acha que os EUA são um banco. Nada se faz aqui sem que seja para servir os interesses da classe dirigente plutocrática da Costa Leste. **Vidal é um tory anarquista. Como George Orwell. Mas escreve melhor que Orwell e vai mais fundo.**

Creation é uma continuação de outro romance chamado *Julian*^{60} (Juliano, o apóstata). Vidal considera uma desgraça que a civilização greco-romana tenha sido conspurcada pelas superstições judaico-cristãs. Lembra Gibbon.

***Creation* sugere que o humanismo já disse tudo o que tinha a declarar em 500 a.C. Não é bem assim. Ou talvez seja. Se ficarmos apenas no humanismo e omitirmos a ciência. É difícil superar Buda ou Confúcio. Nossos mentores Moisés e Cristo são bobos perto desses sábios (é de estarrecer o que Confúcio faria em face de Cristo. Provavelmente lhe daria uma esmola e sairia correndo).**

Vidal é um aristocrata americano. A família não poderia ser mais ilustre. Ele e Auchincloss (Louis) são os únicos escritores bem-nascidos do século XX (Henry James é do século XIX). Vidal acha que a literatura americana está dominada por sulistas provincianos e por judeus urbanos de classe média. Daí esse pêndulo do gótico ao drama de família que marca a obra dominante de que a crítica gosta (a crítica tem as mesmas origens sociais que os escritores). A maioria da novelística dos EUA tem origem em paixões “anormais” sulistas e em Freud visto do *campus* universitário. Vidal detesta isso. Só admira, dos contemporâneos, Saul Bellow. Mas este fugiu do nicho do provincianismo pseudocosmopolita de Nova York.

Creton tem raízes em Anatole France e Aldous Huxley (e este se baseava em Ronald Peacock). Vidal satiriza amavelmente de Heródoto a Confúcio. É um desfile histórico divertido como os melhores pastiches de France e com a erudição de Huxley (sem os sermões deste na última fase). Confesso que o livro me entedia. France e Huxley me entediam. Mas muita gente pode tirar proveito de *Creation* como introdução aos clássicos.

O fato é que o gênio de Vidal como ensaísta só se estende aos romances quando ele desbunda em *Duluth* ou *Myra Breckinridge*. Solta o que tem de anárquico. Nos outros usa a estrutura definida do romance do século XIX. É um conservador estilístico. Deve fazer sucesso no Brasil porque o modernismo nunca deitou raízes no país. Mas não gostarão aí da “irreverência” de Vidal. Ele é também um niilista (no sentido vulgar da palavra). *Duluth* e *Kalki* [1978]^{61} terminam com a destruição do mundo.

Falta tutano à novelística habitual de Vidal. Tudo é descrito com cuidado e clareza. Literatura é narrativa e drama e uma dialética de pontos de vista em contradição ou opostos. Talvez seja isso que Vidal queira defender da academia. Esta converteu o modernismo em maneirismo. Ou caiu na tolice semiótica. A academia leu Wittgenstein errado. Este demonstrou sem dúvida que o logocentrismo é impossível de confirmar cientificamente (fez isso porque queria ser mulher de Bertrand Russell. Destruiu a lógica matemática de Russell porque este não gostava de homem. Mas isso é irrelevante). Wittgenstein teve o bom-senso de terminar declarando que o fato de nada ser possível de provar cientificamente nada mudava (*sic*). O homem tem direito a ter ilusões de intenção e racionalidade. Wittgenstein notaria que por trás do estruturalismo e do

desconstrucionismo emerge a hidra mecanicista do positivismo fantasiado de antilogocentrismo. Vidal tem páginas iluminadas a esse respeito.

Vidal está desesperado com a sociedade de massas. E quem não? Vidal seria de esquerda se acreditasse em socialismo. Mas só é possível acreditar em socialismo em países subdesenvolvidos. Aqui temos uma visão muito mais ampla e complexa do fenômeno humano.

Mas nada de digressões. Não sei o quanto de Vidal foi traduzido no Brasil. *Creation* é um bom livro para começar. O vigor intelectual do século v a.C. emerge com erudição e humor. Jovens descobrirão que a novidade do guru da esquina era moeda corrente naqueles tempos. Era conversa rotineira.

Vidal deveria e gostaria de fazer política. Quase se elegeu deputado na década de 1960. Tem um problema sério em política que é o homossexualismo. Vive com um cavalheiro há quase trinta anos. E nos dá ensaios tediosos sobre a bissexualidade de todo ser humano e sobre o que chama de ditadura heterossexual. Ninguém é perfeito.

Mas, sem essa obsessão, lê-lo é sempre um prazer. Ele deixa uma legião de ensaios (vejam o em que ele descreve a passagem de Nancy Reagan pelo divã de produtores de Hollywood ou aquele em que Eisenhower conseguiu comer a mulher do dentista da guarnição onde serviu com o pai de Vidal). Poucos intelectuais balançaram tão bem o coreto de autossuíciência prepotente e arrogante do *establishment* americano. E deixa dois romances que são literatura: *Myra* e *Diáuth*. Deixa é exagero. Ele tem apenas 58 anos. Quem sabe se um dia intelecto de gênio se funde totalmente com faculdade criadora? Aí assumiria o manto a que aspira, dando maturidade ao romance americano. É uma consumação a ser devotamente desejada. Vidal é o americano menos americano que já li. Não posso conceber maior elogio. Para americano.

03.06.1984

TRUMAN CAPOTE: CRIADOR DO ROMANCE MODERNO DA LITERATURA AMERICANA

Truman Capote morreu sábado em Los Angeles. A polícia investiga se houve irregularidade (crime ou suicídio). O provável é que Capote tenha sofrido do acúmulo de álcool e drogas que tem sido a constante da vida dele nos últimos vinte anos. Tempos atrás esbarrei com ele - e escrevi aqui - perto da minha casa (Capote tinha casas na Suíça, em Nova York etc. Aqui morava no prédio United Nations Plaza, como dizem, um dos melhores endereços da cidade, com vista para o poluído East River). Capengava. Parecia câimbra de bêbado (intoxicação que paralisa os músculos). O rosto muito pálido. Cruzou a rua como se indiferente aos automóveis. Senti a tentação de segurar-lhe o braço, resistida. Capote era muito orgulhoso e poderia ficar ofendido.

A meu ver, ele produziu o único romance contemporâneo americano que me parece moderno, como entendo a palavra, *In Cold Blood* [1965], que, miraculosamente para o leitor brasileiro, está traduzido à perfeição por Ivan Lessa, com o título *A sangue-frio*.^{62} Mais sobre isso adiante.

Capote era filho de um aristocrata sulista, Archulus Persons, decadente e brutal. A mãe era uma mulher bonita, alcoólatra e paranóica (suicidou-se), Lillie Mae Faulk. Truman adotou o sobrenome do padrasto, um cubano, Joe Capote.

Ele nunca enfrentou os próprios pais em literatura. Foi um menino solitário, de grande beleza física, totalmente homossexual, parecia uma menina. Ficou famoso a primeira vez pela foto na contracapa de *Outras vozes, outros quartos*,^{63} a novela (não é um romance) que escreveu aos 23 anos. Sugere uma langorosa bela sulista vestida de homem. Hoje seria chamado de andrógino, ou bissexual, os eufemismos correntes para homossexualismo. E, já velho, gordo e careca, lembrava o ator da Warner Brothers Sydney Greenstreet, só que uma velhota gorda, careca, e não o sinistro Greenstreet. A voz e o comportamento eram de um efeminamento fora de moda. O homossexual moderno é mais para o “masculino

estilizado”, com as botinhas, braceletes de escravo de Cartier, bigodinho, cabelo rente, lembra mais uma lésbica vestida de homem. Capote era uma bicha-louca da velha guarda.

Mas com esse exterior que atrai todo tipo de grosseria eu o vi, no início da carreira dele em shows de entrevista de TV, cujo público é de uma boçalidade insuperável, silenciar, depois de alguns risinhos, a malta. Por trás do exterior exótico, ridículo, se quiserem, uma personalidade forte emerge e se impunha.

Talvez pela dificuldade de enfrentar o “romance de família” (a vida com os pais), Capote custou a se encontrar como escritor. Sempre teve um talento extraordinário. Foi tido como retardado no ginásio. O retardamento era o tédio que sentia pelo currículo. Nunca pôs os pés numa universidade. Mas aos dezessete anos de idade já escrevia pequenas peças jornalísticas na *New Yorker*. Certamente a revista mais exigente do mundo em questão de estilo.

Outras vozes, outros quartos é lixo. É a chamada novela “gótica”, cheia de sugestões fantásticas e de fantasias homossexuais (do peso de um elefante). Algo que as irmãs Brontë (Charlotte e Emily) elevaram ao gênio. Mas que Capote manteve no meio-fio da rua vulgar do seriado para moças (dos outros tempos, em que a castidade e virgindade eram valores sociais). *Breakfast at Tiffany's* [1958],^{64} mais conhecido por um filme com Audrey Hepburn - uma grotesca distorção do original -, é derivado de *Histórias de Berlim*,^{65} de Christopher Isherwood, que os leitores brasileiros devem conhecer pela undécima versão (deturpada) que é o filme *Cabaré*.^{66} É a moça doidivas, que rompe com os tabus, que quebra convenções e é atraente. Em Isherwood, a personagem Sally Bowles dá ao autor a oportunidade de mostrar o *background* onde nasceu o nazismo, em Berlim. A mulher que inspirou Sally, falando nisso, está viva. Se tornou comunista militante, funcionária do PC. A Holly Golightly de Truman Capote deu a ele a oportunidade de mostrar ao leitor uma visão de Greenwich Village, Nova York, quando era realmente um bairro boêmio, e não da boêmia postiça de hoje, que tanto atrai turistas.

The Grass Harp [1951],^{67} romance e peça, é Capote querendo ser espirituoso e caprichoso, num mundo de fantasia burguesa para atrair a freguesia da Broadway. É também puro lixo. *The House Flowers*,^{68} peça

que se passa num bordel de negras, é igualmente uma concessão ao gosto *kitsch* popular.

O verdadeiro talento de Capote nesse período aparece em contos como “Miriam”, publicado na antiga revista *Senhor*, em 1958. É uma história de terror. Uma menina é recolhida na rua por uma senhora só. A menina parece meiga e inocente. Vai aos poucos aterrorizando a senhora e é um símbolo de morte. Henry James não faria melhor.

Capote se encontrou no jornalismo. Seu primeiro e incontestável sucesso crítico foi *The Muses Are Heard* [1956], a história de uma viagem de uma companhia negra que foi à URSS exibir a ópera de Gershwin *Porgy'n' Bess*. É como se a obrigação do jornalista de se ancorar em fatos tivesse libertado Capote do bloqueio psicológico que tinha (e morreu com, que se saiba) em relação aos pais, e baseando-se em fatos criou personagens e situações de rara vida sobre a vulgaridade americana e a repressão soviética.

Daí consumiu seis anos em *A sangue-frio*. Todo mundo conhece a história (mediocrementemente filmada por Richard Brooks). Uma família de classe média no interior de Kansas foi toda assassinada com violência, sem qualquer explicação aparente (muito pouco foi roubado, a família não tinha inimigos). Capote acompanhou a investigação. Finalmente dois vagabundos foram pilhados, julgados, condenados e enforcados. O “romance não ficção”, livro extraordinário, em escala mundial, tornou Capote um homem muito rico, que não mais precisava trabalhar para viver. Foi uma influência decisiva na atual literatura dos EUA. *The Executioner's Song* [1979],^{69} um dos raros sucessos reais de venda de Norman Mailer, é inspirado por *A sangue-frio*. *O Lincoln*, de Gore Vidal, com uma acumulação interminável e opressiva de fatos, é outro derivado, ainda que talvez o próprio Vidal não tenha consciência disso (os dois, de muito amigos, passaram a inimigos).

Capote revela em *A sangue-frio* uma América de pequenas cidades e de gente pequena. O livro vive da organização desses detalhes, num estilo de uma clareza e seletividade que fazem a prosa rica de John Updike parecer anêmica. É uma América muito diferente das versões melodramáticas de Hollywood, do que já chamei aqui de o eixo Nova York-Los Angeles, que nada tem a ver com a maioria do país (o que minha visita semana passada a Dallas confirmou mais uma vez). Não há o senso do trágico pessoal e subjetivo, que Bellow comunica na sua obra-prima, *Seize The Day*, o humor “que cria a si próprio”, na frase de Eliot, de *Myra Breckinridge*, de Gore

Vidal, ou o narcisismo altamente intrincado de Norman Mailer em *Armies of the Night (Os degraus do Pentágono)* [1968].^{70}

Se há um paralelo é com *In Our Time* [1925]. de Hemingway, a primeira coleção de contos dele, ou *Winesburg, Ohio* [1919],^{71} de Sherwood Anderson, se bem que Capote escreve melhor que os dois, sem os ma- neirismos de Hemingway e o sentimentalismo de Anderson.

As coisas acontecem com precisão em *A sangue-frio*. É o que Wittgenstein chamaria de a realidade do familiar, do que é possível ver mesmo, sem editoriais, sem filosofamento vulgar, sem subjetivismo. É impossível escrever um romance psicológico-social depois de Proust. É impossível experimentar com linguagem mais do que Joyce. Esses problemas não preocupam a maioria dos escritores, mas são a preocupação consciente ou inconsciente de uma minoria cuja influência sempre se prova decisiva em literatura.

Sentimos, lendo *A sangue-frio*, que é assim que a vida nos parece realmente. Pomos de lado tudo que filósofos, psicólogos e outros cientistas nos enfiaram na cabeça, nossos hábitos culturais, determinados pelo contexto intelectual da nossa época, e voltamos à simplicidade da criança que vê e sente e tatilmente apreende o que é possível da realidade. Pensam que é simples? E o que o chamado *Roman Nouveau* francês tentou fazer e caiu em fórmulas cartesianas de simetria, cuja artificialidade tem em nós efeito negativo.

O livro nos dá um convívio com a realidade do dia a dia, sem nunca editorializar. Capote mostra o que é possível mostrar. O efeito cumulativo é de uma realidade sobre a qual não temos muito controle, em que todas as teorias e filosofias parecem, por comparação, simplificações banais. É a vida como ela é, sinto a tentação de escrever. É, em verdade, o máximo a que podemos aspirar como escritores.

A fama e o sucesso que vieram a Capote depois de *A sangue-frio* terminaram de destruí-lo como escritor e finalmente como homem. Tornou-se figura fácil do grã-finismo, dos shows de bares tipo Studio 54. Era companhia de grã-finos, lulu de grã-finos como o casal William S. Paley (dono da CBS-TV), de marginais como Bianca Jagger e das irmãs Bouvier Jackie Kennedy e a outra). Começou a beber demais e a tomar drogas. Frequentemente dava entrevistas declarando que se quisesse escrever igual aos outros não teria problemas. Capote era um mentiroso e um *poseur*, mas

essa declaração merece crédito. Alguma dúvida que ele pudesse produzir o convencional de Mailer, Updike ou Bellow? Tinha ido muito além em *A sangue-frio*.

Mas faltava vontade. Seu último livro, *Música para camaleões*,^{72} é uma coleção de autoentrevistas, contos, considerações. É bem escrito, como tudo que ele fez, mas dá um pálido reflexo de *A sangue-frio*. Era um escritor que não encontrava mais temas. Prometeu um romance proustiano, *Preces respondidas*. Nunca existiu.^{73} Escreveu um ensaio de semificção chamado “La côte basque” (um restaurante chique de Nova York), que é de morrer de rir, em que zomba de Jackie e outros (os que não cita nominalmente é que se irritaram mais. Conta a história de William Paley ter tido o membro cortado a gilete pela esposa do ex-governador de Nova York Averell Harriman e de Paley ter passado uma noite inteira lavando lençóis com sangue, porque a mulher dele, Bárbara, voltaria no dia seguinte e era uma fera). Esse ensaio tornou Truman Capote *persona nongrata* entre os grã-finos. Foi seu último ato de presença na ribalta.

É significativo que tenha morrido na casa de Joanne Carson (ex-mulher de Johnny Carson, de TV), era a esse tipo de companhia, de aventureiras, a que estava reduzido, sob a carga crescente de álcool e drogas.

“As vidas americanas não têm segundos atos”, escreveu Scott Fitzgerald, que deixou em *The Great Gatsby* [1975]^{74} um dos poucos romances comparáveis a *A sangue-frio*. Nem sempre é verdade, como mostram as carreiras de Mailer, Bellow e Updike. Mas é verdade no essencial.

Mailer é uma promessa eterna. Bellow não recuperou o poder de *Seize The Day*, e Updike está para escrever um grande romance, que transcenda o convencional brilhante.

Capote chegou a *A sangue-frio* e se perdeu. É um consolo talvez que poucos escritores cheguem a tanto e tenham perdido tanto.

27.08.1984

TV E NOSSOS POLÍTICOS

A Globo fez uma pesquisa de opinião que mostrou o jornalismo da rede competindo pau a pau com os programas supostamente mais atraentes para o público. Não foi pesquisa de audiência. Foi de preferência. Pode haver alguma hipocrisia dos representantes, sem falar de pretensão. O imponderável das pesquisas é a vergonha dos pesquisados em admitir certas coisas. Duvido que uma pesquisa na África do Sul traga dos brancos a resposta de que são racistas...

Mais importante é o papel da TV na política brasileira. Não esquecer que há outras redes. Mas basta dizer que os jornais da Globo atingem 96% dos municípios do país. A FAB ligou o Brasil de norte a sul com o correio aéreo. A televisão estabeleceu comunicações nacionais num nível muito superior ao do desenvolvimento total do país.

Os efeitos políticos são potencialmente explosivos. Nossos líderes não se dão conta do campo minado em que pisam toda vez que aparecem num jornal nacional de TV. Notem que a posição da Globo é única no nosso mundo. O *Jornal nacional*, da Globo, tem maior audiência que o nacional das três redes maiores dos EUA. Digo, as três somadas. Não há saída para os políticos, exceto aprender a se portarem em TV. Não vi um que saiba.

Falo do dia em que eu estava aí e o presidente Figueiredo respondeu que não era malufista. Foi um “não” estrangulado à pergunta insistente de um repórter. É fácil gozar o presidente. É o que chamam aqui de ser “técnico (de esportes) na segunda-feira”. Depois do jogo, o repórter de TV tem o maior inimigo no tempo que consome. Tem de ser rápido e sucinto. Se não for isso, será decapitado pelos editores. Talvez nem vá ao ar. Daí o frenesi. Se Figueiredo tivesse tido tempo para pensar, responderia que é “presidente da República”. Calaria o repórter. Um presidente não é malufista ou tancredista. É o presidente. Mas o leitor que se indague se teria presença de espírito para essa resposta esperta. Depois veio um prócer do PDS. Disse que o presidente tinha usado o verbo “malufista” (sic). Todo mundo riu. Mais uma vez é mais fácil rir do que responder certo. Todo

mundo diz besteira. O perigoso em TV, numa entrevista desse tipo, é que não há tempo de corrigir. Figueiredo partiu para a grossura e pediu que acrescentassem o verbo “chatear”. É grosso. Me é impossível não simpatizar pessoalmente com a resposta do presidente.

Kennedy foi o primeiro presidente de TV. Destruiu Nixon num debate porque era “frio”. Não fazia caras. Não se mexia quase. Falava reto (sem inflexões de orador emocionado). Entendeu que a imagem é a mensagem e não necessariamente o que se diz. Entendeu que qualquer gesto ou expressão teatral esbarra na linguagem de TV.

Reagan é craque nisso. Mondale não é. Mondale usa gomalina e fala como a aristocracia da UDN (pelo nariz). No debate de domingo passado cortou a “UDN” e foi em cima de Reagan. Este tentou reagir intelectualmente em vez de responder com o habitual charme “frio”. Caiu no ridículo. Parecia um velho canastrão ignorante recitando estatísticas mal digeridas.

Mais divertido depois de Figueiredo e o tal cara do PDS foi Carlos Átila (a primeira vez que vejo a comentada figura). Era tempo de mostrar Terra em *transe* em TV. A realidade brasileira finalmente alcançou Glauber Rocha (e Bunuel). Átila parecia ter noção de que não dava para corrigir sob uma autêntica e torturante coroa de microfones. Glauber ou Bunuel não fariam melhor.

Onde estão nossos jovens com espírito empreendedor? Maluf precisa trocar de óculos. Brilham e lhe dão uma expressão demoníaca. Maluf fala e faz caras como se estivesse no Maracanã. Nesse dia o repórter fez uma piada qualquer e Maluf riu. Primeiro veio a voz carregada de inflexão. É desnecessária. Depois veio um riso também pesadíssimo. A impressão é a de um filme de horror. O candidato tem de baixar todo o diapásão. Isso vai dos olhos “hipnotizantes” (que sugerem fixação maníaca) a todo o pacote. A culpa não é minha e não é também de Kennedy. É do nosso tempo. A televisão é impiedosa. O melhor que Chico Anysio me goza é o riso. Nem eu sabia que rio assim. Não rio assim para mim no espelho. Mas é como rio para os outros. Pelo menos é o que vejo quando me vejo e vejo Chico Anysio.

O problema com Tancredo é de outra ordem. Ele precisa abrir os olhos. Isso se nota fácil. Mas há mais. O rosto de Tancredo é sutil demais para televisão. Sugere imensidões não reveladas nas palavras sensatas e medidas que emite. Precisa limpar o rosto dessas sutilezas. Tem de apresentar uma

superfície menos intelectual e mais simples. Precisa fazer cara de menino em colégio jesuíta quando vê o padre se aproximar. Ou ao menos a cara que meninos faziam no meu tempo, que foi antes de a Igreja virar a confusão atual do Concílio Vaticano n. É a cara “manteiga não derrete na minha boca”.

O público não percebe esses erros dos candidatos. Só os profissionais de TV sabem da mecânica do que é feito. Mas o público sente que o candidato não está sendo “sincero”. A palavra é ridícula num contexto filosófico. Mas não encontro outro para a limpidez que o candidato precisa exibir para conquistar a aquiescência do povo. Reagan parece acreditar piamente no que diz quando lê (ainda que seja fácil demonstrar que muitas vezes não sabe o que está lendo).

O líder americano aparece diante das câmeras pronto para tudo. A cara de pau tem de ser absoluta. É possível - repito - simpatizar com o espanto de Figueiredo ao sair de uma clínica de coluna e ser interpelado pelo repórter que tem de se enquadrar no ritmo e tempo do *Jornal nacional*. Mas no nosso mundo imperfeito e em entropia a TV se tornou o reflexo mais claro da opinião pública. Jornais e revistas se dirigem a uma elite. Reagan e Mondale amanhã estarão falando a cerca de 150 milhões de pessoas. Nossos políticos falam em TV a cerca de 80 milhões de pessoas todo dia. Comparem os dois países e respectivas populações. O Brasil está ligado em TV mais do que os EUA. O político que não aprender a se comportar no vídeo está condenado ao esquecimento.

13.10.1984

O GUERREIRO ROBERTO CAMPOS

“Oitenta por cento são alvos, dez por cento são capazes de lutar e um de cem se revela guerreiro.” Não lembro bem quem disse isso, talvez tenha sido um filósofo general dos EUA (Peers, o homem que presidiu o inquérito sobre My Lai) ou algum dramaturgo que foi soldado. As frases me ficaram na cabeça, porque se aplicam a outras profissões que não a de matar e morrer em luta.

Roberto Campos é um guerreiro. Pouca gente é tão odiada no Brasil. Todo mundo sabe disso. Até o humor brasileiro, bem rico, se converte em raiva, e perde a graça, contra ele. O apelido “Bob Fields” é bobo.

Mas Campos é respeitado, intelectualmente. Não é um adversário fácil, num debate. Melhora horrores, em pessoa. Escreve ponderosamente, recheado de citações, sugere o bacharelismo pernóstico típico da nossa cultura, que pressupõe que cultura (aqui, no sentido de conhecimento) não pode ter mais do que uma passageira semelhança com a vida cotidiana, com a maneira como as pessoas falam. Curioso que Campos admire a *intelligentsia* (que é assim que se escreve, a palavra é russa e não alemã) inglesa, uma das raras que se especializam apenas na clareza de expressão (ver, por exemplo, as filosofias de Russell e Frege, este austríaco. Frege é ilegível, Russell é tão claro, e mais elegante, como Mark Twain ou Hemingway, pré-*The Old Man and the Sea* [1952].^{75} Fíemingway tinha bebido mal ao escrever este último. Lembro Russell e Frege porque coincidiram acidentalmente na descoberta de certos princípios lógicos). Noto que com mais citações estarei escrevendo à *la* Campos.

Escrevi coisas brutais sobre Campos. São erradas. Retiro-as. “Como eu não ia dizendo...” Acontece. Nunca tive a pretensão de ser santo milagroso. Corro os riscos que sempre levam a erros.

Isso não quer dizer que eu assinie o que Campos representa na vida . brasileira. Não assino o que ninguém representa. Mas cheguei à conclusão de que capitalismo num país rico é opcional Num país pobre, no tipo de economia inter-relacionada do mundo de hoje, a suposta

saída que se propõe no Brasil de o Estado assumir e administrar, e é o que mais leio neste jornal, leva à perpetuação da miséria, do atraso, da estagnação. Capitalismo no Brasil é uma questão de sobrevivência.

Campos vê o Estado de um país pobre como o criador de infraestruturas que alicercem um desenvolvimento capitalista, ou seja, o que o mercado aguentar. Nada há de novo nisso. É, em alguns sentidos essenciais, a história do capitalismo moderno, pós-Marx, cujo capitalismo era outro, nacional, ainda que Marx previsse o advento do capitalismo internacional de hoje, mas com menos visão (o que é natural, pela época em que escreveu) do que Lênin ou Schumpeter. Este era um conservador, mas não acreditava no futuro do capitalismo. Lênin mamou muito nele, radicalizando-o. Parece inacreditável, mas é verdadeiro; Lênin, porém, previu em 1915, antes de tomar o poder, que o capitalismo se estabilizaria pelo militarismo e, antes de morrer, deitou a linha de procurar revoluções nos países mais fracos, pré-capitalistas, uma revisão escandalosa de Marx, revisão que foi totalmente engolida pelo Estado soviético e variadas esquerdas (o leninista supremo foi Mao Tsé-tung).

Marx concordaria com Campos que o capitalismo é necessário, só que o chamaria de fase histórica, enquanto Campos acha que é a solução, e que a prazo longo redistribui muito mais a riqueza da Terra do que autarquias e burocracias estatais.

Não sei se Campos está certo, a longo prazo, mas o que ele propõe no Brasil é mais adequado à nossa realidade econômica e social. Ele tem sido xingado por muita gente. É tolice. Se os recursos que o Estado brasileiro canalizou para o estatismo tivessem sido postos ao dispor da iniciativa privada, o Brasil hoje seria uma potência de peso médio e talvez mais. E, quanto mais gananciosos os capitalistas, melhor. Ganância é sinônimo de ambição. Se ganha dinheiro no capitalismo produzindo e vendendo, produzir e vender requerem garra e gana, ambição. Ganhar dinheiro requer criação de empregos e mercados. O povo, essa entidade mítica, adoraria. É fascinado, prostrado, pela técnica de vendas do capitalismo americano, hoje à vista de qualquer um em TV, ainda mais fascinado pela variedade de produtos desse capitalismo. Haveria crueldades mil. Mas sempre há. Não há processo de desenvolvimento indolor. O único Estado autárquico que se tornou grande potência, a URSS,

creceu na base de uma montanha de cadáveres e restabeleceu em muitos aspectos a escravidão. Stálin disse a Churchill que a morte de 10 milhões de camponeses tinha sido essencial ao desenvolvimento soviético. Entre os ouvintes estava Alger Hiss, tido como espião soviético nos EUA. Corroborou o que Churchill ouviu.

Talvez Stálin esteja certo. Um liberal amável como Robert Heilbroner (não é meu parente) dá um crédito a longo prazo, com alta taxa de risco, a Stálin.

Não que essa conversa seja muito relevante a Campos. Ele foi destruído pela cultura (aqui, no sentido de *Kultur*) brasileira, pelo feudalismo da Igreja Católica, hoje, em parte, somado a um esquerdismo de meia confecção. É cômico ouvir Leonardo Boff na TV americana dizer que não é marxista, mas que acredita na luta de classes. Sei que todos os meus amigos o admiram, devem ter bons motivos, mas alguém precisa explicar ao padre qual é o princípio operacional do marxismo, que é a luta de classes.

Temos também o nosso positivismo nacionalista, que desabrochou espetacularmente no governo Geisel. E temos essa vileza que se chama populismo, que é um esquerdismo demagógico e incoerente (Stálin era uma pessoa séria). A visão liberal capitalista de Campos pertence a uma pequena família de órfãos da nossa *intelligentsia*, que chegou a ter um líder politicamente mais hábil (mais “mineiro”) do que Campos, Virgílio Melo Franco, que morreu antes do tempo e não deixou uma escola.

Campos foi literalmente desconstruído pela cultura brasileira. E um ingênuo corajoso. Aceitou todo o opróbrio cultural de propor uma conduta na nossa taba bem diferente daquela sacramentada pelos diversos pajés aqui citados. É a coragem de virar saco de porrada público da esquerda que faz dele um de cem, um guerreiro. Mas não valeu. Teve o efeito oposto. A infraestrutura que Campos estabeleceu no governo Castello Branco, quando era ministro do Planejamento, visando a criar uma base de expansão capitalista, do livre mercado, da livre concorrência, da entrada de capital e tecnologia, de que nosso país miserável tanto precisa, serviu de receita, de mapa da mina, para os positivistas autoritários e nacionalistas criarem o nosso monstro estatista e estatizante. Extrema esquerda e extrema direita nacionalista se uniram. Campos é o judas permanente dos dois grupos. Ficou sozinho. O Brasil regride. É, a meu ver, um país condenado, sem

futuro. Sobreviverão apenas as elites mais fortes, dos guerreiros aos 10% capazes de lutar. O resto continuará sendo alvo.

09.02.1985

BUROCRACIA OU MODERNIZAÇÃO, O DILEMA DE GORBACHEV

A ascensão de Mikhail Gorbachev à liderança da URSS demonstrou mais uma vez a deplorável ignorância em que vivemos no que diz respeito à União Soviética. Não é que a escolha dele tenha sido surpresa. Era um dos dois possíveis candidatos. O outro era Grigory Romanov. O motivo é simples. Só chega ao poder quem é membro do Politburo (órgão executivo do governo) e do Secretariado do PC (que administra o país no dia a dia). Só Gorbachev e Romanov são membros. Andrei Gromiko, mais conhecido nosso (de vista, ao menos), não é do Secretariado.

Mas pouco sabemos de Gorbachev. Foi estudante de direito e de agronomia. Veio do sul da URSS, de Stavropol. Tem 54 anos. É casado com uma professora de marxismo-leninismo, Raisa. Tem dois filhos e um neto. Nada se sabe do filho que é homem. Gorbachev foi ministro da Agricultura durante algumas das mais desastrosas colheitas do país. Mas era protegido por um dos mais rigorosos stalinistas do Politburo, Mikhail Suslov, notoriamente anti-*détente* (Suslov achava os EUA “podres”), também de Stavropol. A procedência conjunta sugere o governo de Tancredo Neves (gente de Minas) e Ronald Reagan (gente da Califórnia). Mais importante, Gorbachev era ligado a Yuri Andropov, o sucessor de Brejnev.

É só. Não dispomos da fofocagem que é inevitável sobre Reagan, de quem ouvimos e vimos em TV outro dia uma longa dissertação sobre as fezes... Não sabemos o que ele come, como sabemos de Tancredo, de quem podemos dizer que depois da operação terá de abandonar os picantes temperos de Minas. Haverá muita diferença?

Há alguma, de grau alto. É possível levantar muito da vida de Reagan e de Tancredo que não é divulgado, e podemos nos dedicar ao assunto sem ir para a cadeia. Na URSS não há esse acesso e a tentativa de obtê-lo bastaria para acionar a polícia.

Mas não é tão importante conhecer detalhes de Gorbachev. Talvez venha a ser. Ele é um homem do sistema iniciado por Lênin e consolidado

por Stálin. O PC substituiu as massas porque estas não têm consciência de seus verdadeiros interesses e porque o imperialismo e o Terceiro Mundo continuam, de um modo geral, resistentes à ideia da inevitabilidade do socialismo.

DITADURA DE FACÇÃO

Na época de Lênin, outros partidos, ainda que socialistas (mencheviques e social-revolucionários), foram abolidos. Se permitia grande liberdade entre os bolcheviques. Em 1921, com o Estado em desagregação, eles próprios votaram para abolir forças partidárias. Ainda assim o debate era livre, apesar de discretamente fechado ao público. Em 1926, Stálin fechou acesso até a estudiosos do partido. Em 1934, até 1940, Stálin ordenou o fuzilamento ou encarceramento de pelo menos 1 milhão e 100 mil membros do PC. Estabeleceu uma ditadura de facção (também periodicamente expurgada) que durou até 1956, quando o novo líder, Nikita Krushev, denunciou excessos de Stálin (morto em 1953), permitindo uma certa autocritica em termos comunistas (isto é, sem negar validade ao sistema). A espada que pesava sobre a vasta burocracia do PC foi embainhada.

Com Krushev houve esperança de um certo liberalismo. Mas Krushev incomodou a burocracia com aventuras, como a colocação de mísseis de médio alcance em Cuba (posteriormente retirados sob pressão dos EUA, em 1962), e com experimentos agrários absurdos em terras virgens, que não resolveram o problema agrícola, ao contrário, agravaram-no. A instabilidade, a quebra de rotinas estabelecidas por Stálin fizeram a burocracia colocar no poder a dupla Kosygin-Brejnev, mais tarde só Brejnev. É possível dizer que Krushev garantiu a vida física da burocracia. Brejnev, a estabilidade da burocracia. Com Andropov se falou de reforma da burocracia, de voltar à era do experimento, que incluiria a eliminação (dos quadros, não da terra) de gente “encostada, sem fazer nada” (como observou o sr. Antônio Ermírio de Moraes sobre a Petrobras), e de dinamizar a economia, permitindo a competição entre as estatais. Gorbachev talvez tente ir por esse caminho. É jovem o bastante e parece ser enérgico. Enfrentará dificuldades tremendas.

CORRUPÇÃO E REPRESSÃO

Na URSS há constantes de pobreza e de corrupção. Ninguém está no desemprego. O Estado garante alguma coisa. A corrupção é que em todas as estatais (em suma, em toda a economia) há arranjos que permitem a todo mundo, de acordo com a hierarquia, “levar algum por fora”. A URSS é uma vasta repartição pública, em moldes muito parecidos com os brasileiros. É significativo que o Alto Comando das Forças Armadas e os diretorados externos da KGB (que cuidam da segurança do país) sejam separados desse sistema. São geridos num sistema de mérito, de custo e benefício, como uma moderna empresa capitalista.

Uma reforma econômica teria de vir com apoio total das Forças Armadas e da KGB. Andropov parecia tê-lo. Gorbachev é um enigma. Essa reforma, à parte eliminar gente sobrando, teria de permitir o livre tráfico de ideias em setores econômicos e científicos. Ou seja, se produz em excesso o que ninguém quer e há escassez do que se quer. Tudo é planejado de cima para baixo, sem consulta, teste, de quem está embaixo. A justificativa disso é que a livre concorrência é coisa do capitalismo, e é mesmo.

Mas, por mais firme em convicção ideológica, é impossível a um homem com o acesso de Gorbachev à realidade não perceber que a economia soviética não produz aquilo de que precisa e, mais importante, o que pode, apesar de ser a maior produtora de óleo e de ouro do mundo, de ter recursos minerais inigualados na Sibéria, que colocam o país em condições internas - em potencial - muito superiores aos desgastados EUA, que precisam importar a maioria do que precisam.

DIFICULDADES

É possível, portanto, que um impulso nacionalista leve Gorbachev a comandar reformas que tenham o apoio da geração dele, que nunca esteve tão alto no poder, ocupando até hoje postos secundários. Mas

para isso será necessário mudar o monopólio burocrático, e este está entrincheirado não só no Politburo e no Secretariado como no Comitê Central, que reúne centenas de sublíderes regionais. A URSS tem de competir com as inovações tecnológicas dos EUA em armas, que são fruto não só de dinheiro, como desse livre tráfico de ideias na comunidade científica. Até hoje a URSS tem coberto os avanços dos EUA, nada mais. Nunca iniciou um novo tipo de arma. Acompanha.

E há a questão do padrão de vida e de nacionalismos conflitantes. Só o isolamento do cidadão soviético é que impede o maior descontentamento com o regime. Porque o nível da “classe média” na URSS é inferior ao da brasileira. E há os nacionalismos, não só o da Polônia, como o da própria União Soviética, que é um conglomerado de povos que não se converteram num único país, subsistindo lado a lado pela ordem mantida pelo pc e pela polícia.

É tentador dizer que a URSS permanece ausente do século XX em desenvolvimento doméstico. Mas é preciso ter em mente os mísseis. Mas soldados não sentam em baionetas, como notou Napoleão. E Gorbachev, assim, será provavelmente levado pela força das circunstâncias a começar a modernização do país. O desenvolvimento material traria por certo uma harmonia maior (a maior parte das reivindicações do Solidariedade é econômica) do que a existente, que sugere mais um sistema repressivo, ainda que abrandado nos últimos anos, com o abrandamento da cadu- quice, do que a realização dos sonhos socialistas de 1917.

17.03.1985

O ESPÍRITO DE NOVIOORQUE

A maioria dos brasileiros que vêm para cá fica aí, espiritualmente, acha isso aqui meio chato, menos para ganhar dinheiro, preferindo os confortos pátrios, a vida num casulo protegido da sociedade americana, ou melhor, da cidade, porque entre Noviorque e o resto há mais diferenças do que semelhanças. É uma pena. Essa atitude limita o brasileiro apenas à cultura massificada, ao turístico permanente.

É interessante, por exemplo, conhecer o complexo judaico-homossexual-negro, que domina a cultura de Noviorque. Você nunca lerá, ou verá, já que pouca gente lê hoje em dia, uma crítica a Israel. Não quero ser injusto ou superficial. Sábado mesmo li no *New York Times* um artigo, na página editorial, do palestino e professor de literatura Edward Said reclamando do parcialismo da mídia pró-Israel. Mas reclamando, note bem, o que não precisaria fazer na Inglaterra, digamos. O teste mais recente foi o livro *From Time Immemorial* [1984], de uma certa Joan Peters. Ela escreveu que os palestinos sempre foram minoria, ou transeuntes na Palestina, que os sionistas são acusados injustamente disso e daquilo etc. As críticas, nos jornais e revistas, foram puro êxtase. O livro foi publicado na Inglaterra e nada restou do dito-cujo. Foi um massacre crítico do qual eu não me lembro de paralelo nos últimos dez anos. As estatísticas, “fatos”, em suma, a “história” de Ms. Peters, foram reduzidos a pó de traque. A coisa chegou a tal ponto que alguns jornais aqui prometeram uma reavaliação da obra. Nota: foi um intelectual judeu, americano, com o nome de Finkelstein, o único aqui a arrasar Peters. Convém não simplificar essas afirmações sobre os complexos culturais de Noviorque. Ainda assim, só é possível perceber o espírito da cidade se participamos dele, se não ficamos esperando o próximo show de Gilberto Gil ou, agora, Gal.

*

Basta você ir a qualquer agência de governo, federal, estadual e municipal, em Noviorque, no escalão de atendimento público, que um cidadão de cor negra te atenderá. Por quê? Simples, os programas de ação

afirmativa, leis do país que Reagan quer mudar, visam a dar chance a minorias que sofreram discriminação no passado. Na prática, empregam negros. Ai de quem reclamar. Se uma escola que receba verbas do governo, digamos, tiver de escolher entre dois candidatos com o mesmo nível de instrução para uma vaga, e um for negro e outro branco, o negro ganha no escuro. Um branco assim discriminado foi à Corte Suprema. Ganhou, claro. Nada mudou. Lei é uma coisa, poder da burocracia é outra. A burocracia “segura” qualquer coisa que juiz mande, se realmente se empenhar nisso. E se empenha. Há quem ache isso normal. Os negros foram discriminados, ainda são discriminados. Alguma coisa tem de ser feita por eles. O governo faz. O critério é cor, não é competência. É uma forma de justiça sentimental que em verdade não toca na estrutura de poder, mas de que adianta dizer isso? A maioria de nós vive do que nos concerne pessoalmente. A longo prazo estaremos todos mortos, disse Keyne; pois é.

*

Os homossexuais têm aqui a pátria. Foi aqui que nos anos 1960, numa batalha no Village (no sul de Manhattan), enfrentaram a polícia.^{76} Esta não se meteu mais. Vale tudo. Eles vêm de toda parte do país. Se exibem à vontade. Por que não? Cada um tem o direito ao sexo que pode. Só quem pode ser contra é, como diz Gore Vidal, o trio de rabinos: Moisés, São Paulo e Freud. Já há mais dinheiro para pesquisar Aids, que matou cerca de 5 mil pessoas, do que para a doença de Alzheimer, deterioração celular do cérebro, que matou o escritor Ross McDonald e está matando Rita Hayworth. Alzheimer tem cerca de 1 milhão de vítimas.

O centro de cultura homossexual é o teatro. Outro dia vi um pouco do Tony, entrega de prêmios de teatro. Se excetuarmos algum velha guarda, como Neil Simon ou Ben Vereen, toda a juventude em cena era homossexual. Sei disso porque insistia em assim se declarar, as bandeiras estavam ostensivamente desfraldadas. Todo mundo sabe disso, como do veto a críticas a Israel ou do monopólio negro de direitos civis. Há poucos protestos.

O crítico da *New York*, John Simon, caiu de pau numa montagem de *Anatol*, de Arthur Schnitzler, porque a peça nada tem com homossexualismo e, no palco, era uma alegre aventura gay. Reclama de peças reles, que pouco ficam em cartaz, diga-se, em que mulheres são obviamente carbonos de homossexuais. Simon é grosso. É aquele que

escreveu que um filme de Barbra Streisand, se mostrado no Oriente Médio, provocaria uma conflagração genocida. Foi de tal forma atacado, dentro da própria revista onde escreve, *New York*, que teve de pedir desculpas de público, ou perderia o emprego. Talvez ainda venha a perdê-lo. E permanece o fato de que não há motivo algum para que todos os gatos de *Cats*, digamos, sejam gays, mas são. Em *Cats* não tem importância. Em *Titus Andronicus*, ou *Anatol*, destroem textos e toda uma tradição cultural.

O nova-iorquino sofisticado diz que nada disso tem importância. Não é superioridade espiritual ou indiferença. É a convicção de que a entropia, a desordem irreversível está aí mesmo, e nada se pode fazer, exceto cruzar os braços no mais próximo refúgio, porque a corrente nos arrasta todos, de uma maneira ou de outra, para o brejo. É esse o verdadeiro espírito de Noviorque.

06.06.1985

NO REINO MARAVILHOSO DE SIR NEY

Encontrei um velho conhecido ontem que saiu do Brasil também há catorze anos, com uma diferença: lá não pôs mais os pés. Não é exilado (nem “ex”) político. Foi uma decisão tomada por motivos variados (como a maioria das nossas decisões). Agora lhe bateu um ligeiro “banzo” da pátria. “**Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil**” (é difícil imaginar uma frase mais feia do que esta, muito melhor sendo o popular “laranja da China, três vezes, abacate, limão doce e tangerina”. Pound aprovaria a versão popular como imagista. Cuspiria na linha oficial do nosso hino). Aconselhei o cara a não ir. Ele viveu esse tempo todo entre Europa Ocidental e Noviorque. Se for, acaba no Pinel.

Vou ao Brasil mais ou menos de cinco em cinco meses, o que é, pelo menos, a última conta. Sempre acho as pessoas mais pobres. Esse conhecido acima, por exemplo, me perguntou sobre a Cinelândia, no Rio. Respondi: é como a Zâmbia em dia de feira, o que é todo dia. Até São Paulo mais e mais sugere uma gigantesca favela em que há, claro, centros isolados de produção e riqueza (bem mais que o Rio, que substituiu Niterói na velha piada “veja antes que acabe”). A avenida São João, ah, a avenida São João. Juro que morei em São Paulo em 1948 e que a imensa maioria das pessoas se vestia direito e aparentava comer e sabia falar português. Hoje, ouvimos grunhidos ou somos olhados em silêncio wittgensteiniano. É difícil dizer o que é apatia ou falta de proteínas psicológica, ou melhor, quanto há de cada coisa.

Mas estamos no reino maravilhoso de Sarney, que aprendo que veio de Sir Ney (a transcrição fonética para Sarney é perfeita porque inglesas de certas classes sociais pronunciam *sir* como “sar”). Nada de pessoal. **A bagunça presente é melhor que qualquer ditadura.** Isso fica subentendido até o fim deste artigo.

Sir Ney diz que não vai revelar a nossa (dele) estratégia com os credores. Revelo eu, James Francis Bond. Não há. É ir empurrando com a barriga, que, no caso, são as reservas acumuladas pelo governo anterior, que dão facilmente para pagar os juros e comissões dos banqueiros até o fim do

ano. Neste fim de ano já estaremos no show das prefeituras. Ano que vem há o show da Constituinte. E o supershow da Copa, em que temos um craque apropriadamente chamado Casagrande, para deleite da senzala que é o povo brasileiro.

Sir Ney não quer assumir coisa alguma. Domingo, no *Globo*, saíram dois artigos reveladores. Um é de Marcello Resende: João Sayad seria o sucessor e discípulo de Keynes e de James Tobin (este um Nobel de Economia). Resende passa mais da metade do artigo (ele é acadêmico) explicando mal e porcamente quem foram Keynes e Tobin e depois retira a frase mágica de Tancredo que Sayad converterá em realidade: combater a inflação e manter o crescimento econômico. Ou será promover? Como? Não nos é explicado.

Já em outro artigo Roberto Campos, “esse entreguista cachorro”, nota que, à parte os conhecidos problemas do Nordeste, a população lá cresceu entre 1970 e 1980 o equivalente a uma Suíça ou dois Uruguais, assunto nunca abordado a sério pelos nossos políticos. Ridiculariza facilmente a Constituinte, porque no Brasil a questão não é fazer leis, é cumpri-las. Ele não cita o que nos disse, à gente da *Folha*, que a atual Constituição obriga a unificar o orçamento federal. Simplesmente não é cumprida. O que é cumprido no Brasil? O debate dos anos 1840 (isso mesmo), às vésperas do Segundo Império, continha todos os lero-leros que ouvimos agora sobre reforma agrária etc. Nada nunca foi cumprido.

Não é preciso concordar com todo o artigo de Campos, mas, ao menos, vai ao “ponto”, discute o mundo real, que eu resumo da seguinte maneira: governo brasileiro algum, seja o de Sarney ou qualquer outro, vai ter coragem de reduzir as estatais a condições manejáveis ou de privatizá-las. Isso é essencial a qualquer arrancada econômica. Essas estatais visam ao empreguismo em nome do nacionalismo. Não há lugar nelas para os 133 milhões de brasileiros. E os grupos que gostariam de estatizar tudo: a) não têm força política ou eleitoral ou militar para isso, b) nem ousam propor tal coisa (Resende divide o que, segundo Sayad, o Estado assumiria e o que ficaria para a iniciativa privada, mas na prática o que temos visto é o Estado crescer como um elefante depois de bêbado).

A única saída, ou rumo, que não seja a de cortar radicalmente o setor público, déficits, despesas, projetos etc. é partir para uma ditadura estatística nacionalista, o que algumas pessoas confundem com socialismo.

Continuaríamos falidos nesse regime, claro, porque o Brasil é dependente do mercado mundial e sofreria um boicote geral dos países ricos. Sir Ney parece pensar que os banqueiros e o FMI são fáceis de enganar. Esse é um velho hábito brasileiro. Achar que os gringos ricos são bobos e que nós, pobretões, somos espertos. Não fica explicado como eles são ricos e nós, pobres.

Empurrar com a barriga é a política. O governo cuida de gente da classe média para cima. É o que todo governo brasileiro fez em meu tempo de vida. A classe média é o eleitorado principal, já que a maioria do povo se comporta como *zombies*.

É extraordinário. O Japão, que nunca teve nada, importando praticamente todas as matérias-primas, levou duas bombas atômicas na cabeça e é, em 1985, pelo trabalho do povo, a potência mais produtiva (e uma das mais ricas) do mundo. Houve imensos sacrifícios nesse período de 1945 ao início dos anos 1960. A Inglaterra passou de 1947 a 1958 num racionamento quase total, em que, estive lá e vi, as pessoas da classe média passavam fome, tudo isso para poder se recuperar do desgaste da guerra. No Brasil, se fala que o povo já sofreu austeridade demais, o que é verdadeiro, mas tudo é decidido por elites políticas, em arreglos diversos, nas costas desse mesmo povo e em benefício de suas clientelas, que vão dos grandes grupos financeiros à classe média.

A política real do governo Sarney, que dei aqui na *Folha*, foi desmentida e, depois, semiconfessa (a característica central do político brasileiro é nunca falar francamente), era conseguir baixar a carga de juros jogando estes para o principal (ou seja, capitalizar os juros) e tomar algum dinheiro novo emprestado para jogar na economia e na sociedade, sem nada modificar numa e noutra. É o em cima do muro absoluto. Com tantos shows, até o fim de 1986 o público não perceberá que continua na mesma, porque posso garantir que não há a menor chance de nossos credores toparem financiar um novo “milagre”. Casagrande continuará deslumbrando a senzala.

20.06.1985 O anticomunismo em flor

Havia muito tempo eu não via o anuário *Socialist Register*, inglês, editado por um cara (e outros) que conheço pessoalmente, Ralph Miliband.

Mas outro dia peguei o de 1984, cujo tema único, em vários artigos, é “Os usos do anticomunismo”. Não é uma publicação pró-soviética. Ao contrário, antes de descer a lenha na direita, todos os colaboradores deixam claro que não são stalinistas. Há até um artigo chamado “Stalinistas do anticomunismo”, o que dá bem o sabor geral.

Não vou comentar a publicação toda. Ainda assim recomendo os trabalhos de Jon Halliday sobre a guerra na Coreia (publicado de maneira mais discreta no penúltimo, ou antepenúltimo, *London Review of Books*) e do coeditor John Saville sobre a queda do governo trabalhista inglês, de Attlee, sob o comando da política externa dos EUA, no pós-guerra. Nada de novo para o especialista, mas útil ao iniciante já semi-informado.

O tema central é a aparente inexplicabilidade da virada de tantos notórios esquerdistas da década de 1960 à direita ou, como dizem eles, à “modernização” capitalista e ao amor, paixão mesmo, pelas democracias capitalistas. Os esquerdistas do *Register* acusam essa gente de virar casaca, ou assim se dizia no meu tempo, e de ignorar os crimes dos EUA, sejam eles na América Central, na África ou na Ásia.

Os franceses são os únicos a formular uma teoria. Francês sem teoria é como pai de santo sem terreiro. Jean-Pierre Garnier e Roland Lew concluem que os radicais de extrema esquerda na França sempre foram da pequena burguesia e que, agora, no nosso período de extrema concentração capitalista, com enormes investimentos no campo de conhecimento (informação, informática), há um lugar para eles no mundo capitalista, não tão alto como o da burguesia, mas satisfatório.

É uma história antiga. Acho que foi Orwell o primeiro a notar, a propor, que a esquerdização na Inglaterra, na grande Depressão de 1930, se deveu ao desemprego na classe média. Marxistas sérios - Hobsbawm é um - falam das peculiaridades da sociedade francesa, nunca totalmente convertida ao capitalismo no século XIX, ao contrário da inglesa e dos EUA, e da permanência de um robespierrismo de artesãos, lojistas, profissionais liberais etc., entre um mundo (o Capitalista, com “c” grande) e o vácuo gerado pelo ruralismo de muitas regiões do país. Garnier e Lew têm inúmeras páginas sobre essa pequena burguesia radical que, no Terceiro Mundo, na falta de classes sociais definidas (ou seja, de uma burguesia desenvolvida e de uma classe operária também, como pede o modelo marxista), criou uma mística de “povo”, palavra algo vaga, que pode incluir

até Dornelles e Sayad, já que nenhum dos dois é da alta burguesia ou proletário, e que faz revoluções algo vagas também.

Isso é verdade, em parte, e me senti pessoalmente atingido. Será possível que, pelo fato de eu poder ganhar minha vida decentemente a partir dos 47 (sic) anos de idade, depois de ser marginalizado anos na imprensa (apesar de “famoso”), isso influiu nas minhas posições políticas, me fazendo mais simpático à modernização capitalista e mais crítico das ditaduras de partido único e de Estado policial?

Acho que não e, acrescento rápido, nada de pessoal nisso. Se eu melhorei de vida, como melhorei, o mesmo não se pode dizer da classe média em geral. Ao contrário, o que temos, desde a alta dos preços da Opep (para citar um marco de acesso fácil), o progresso social da classe média deu para trás. Caímos numa era de inflação institucionalizada. Em bom português, não é possível hoje a um profissional liberal (a flor da classe média) ter uma carreira como nos tempos de meu pai e se aposentar decentemente, a menos, claro, no Brasil, que seja militar ou membro da camorra das estatais, cuja correção monetária é integral e que tem benefícios muito superiores a quem trabalha, no mesmo nível, na iniciativa privada. Houve uma geral diminuição de expectativas. Talvez seja essa a razão, e não a prosperidade sugerida por Garnier e Lew, que faça os esquerdistas franceses hoje apoiarem a modernização capitalista (em suma, querer que a França ingresse no capitalismo pós-industrial) e temerem uma proletarização no estilo Polônia e Tchecoslováquia.

Há também o argumento empírico. Nenhum regime socialista conseguiu trazer um nível geral de vida razoável para a maioria. É argumentável que nenhum capitalista também produziu isso. Há riquezas e misérias abismalmente demarcadas no capitalismo. Mas no chamado socialismo não há riquezas, exceto uma certa mordomia para a burocracia do partido. O que o esquerdista ocidental teve - tem - de se perguntar é se prefere viver na França ou na Polônia, ou até se prefere viver no condomínio primário de que Sarney tenta ser o síndico, ou em Cuba. Em Cuba, eu não poderia escrever que Fidel mantém o povo todo numa nivelção de pobreza (não de miséria, como em certas regiões do Brasil) e sem ao menos o direito político de protesto, que é punido com prisão e, se for o caso, morte.

Apesar dos protestos de antistalinismo dos colaboradores de *Socialist Register*, a que dou crédito do ponto de vista político, eles são stalinistas econômicos. É claro que o caminho do enriquecimento é a variedade de investimentos, que estes caminham também para a área da tecnologia e que, quanto mais, melhor. É a modernização capitalista, que, na era industrial, transformou toda a sociedade europeia ocidental e dos EUA em “locomotivas do progresso”, numa escala nunca antes imaginada, uma locomotiva que atingiu todo o mundo, direta ou indiretamente. Marx ficou fascinado, o que Garnier e Lew não comentam. Certo, ele criticava a brutalidade dos capitalistas, mas não via alternativa. Talvez até exista, como sugerido por pensadores ocultados pela *intelligentsia* do grande público (Le Play e Mumford vêm logo à lembrança), mas todo marxista, até Lênin, Trótski e cia., achava o capitalismo uma necessidade. O fracasso de espalhar a Revolução Soviética aos países avançados (o que Lênin pregou espalhar, até 1920, pelo menos) é que levou a essa fórmula de autarquia subdesenvolvida, policial, que é o típico Estado comunista moderno, que Stálin batizou de “marxismo-leninismo”. Marx fala de uma “crise geral do capitalismo”, que levaria à revolução socialista, mas quem conhece a literatura sabe muito bem que ele jamais consideraria a Rússia czarista ou, digamos, o Brasil como candidatos. Nunca pensou além da Inglaterra e Alemanha e um tanto vagamente (o que é compreensível, no século passado) nos EUA.

A influência do marxismo stalinista no Terceiro Mundo foi um desastre. Terminou invariavelmente em monstruosidades como Khmer Vermelho, em burocracias retardadas como a do Vietnã ou numa tentativa (que não vai dar certo) de misturar as duas coisas, na China (não pode - repito - ter uma revolução como Marx descreveu, porque nunca passou pelo capitalismo. Mao Tsé-tung presidiu o que se chama de *jacquerie*. É o tal mito do povo revolucionário na sua expressão camponesa).

Convencido que estou de que o Brasil vai para o populismo, o que nos custará caríssimo, em nome do nacionalismo, do anti-imperialismo e da fraternidade com os miseráveis, não vejo saída. Vai ser fácil, na minha opinião, quando assentar a poeira, que líderes radicais populistas, como Brizola, comandem os nacionalistas no Exército para criar uma vasta autarquia, uma espécie de “caminho brasileiro”. Ficaremos - já estamos, mais e mais - à margem da história, dirigidos por políticos de clientela usufruindo o trabalho do povo em vastas burocracias estatais.

Esse é o caminho que vejo, e a pequena burguesia (legível qualquer dia neste jornal, numa ou noutra seção) radical, do tipo que Garnier e Lew comentam, não está ainda saciada, não encontrou seu lugar no grande capitalismo, porque este considera (ouço isso todo dia em Noviorque) o Brasil como “lepra” para investimentos (favor a sociedade dos hansenianos não me mandar carta. Uso a palavra “lepra” figurativamente). Nossa pequena burguesia intelectual, coitadinha, está chegando ao 1968 francês, só que os *slogans* não têm a mesma imaginação. Lembro-me de “a imaginação no poder”, em Paris. No Brasil é “fundo de garantia para o romancista”, ou, olha aí, Moacyr Dalla, por que tu não botou meu nome no trem da alegria? É pena. À custa de muito sacrifício popular o Brasil tem finalmente uma infraestrutura para o desenvolvimento industrial e tecnológico. Teria se se abrisse ao mercado mundial.

A “SEI” e quejandos não deixam. É verdade que a Petrobras cobra do povo brasileiro 30 dólares o barril, seja qual for o custo da produção interna e da Opep? Li isso no demoníaco Roberto Campos em artigo domingo passado. Fosse eu editor de jornal, teria toda minha equipe de melhores repórteres no assunto. Desmoralizaria de vez esse “entreguista” que é o Campos, como sabe qualquer garoto que leu um comentário sobre o Manifesto Comunista de Marx (ou participou do seminário sobre Marx e comunicação na PUC-USP), ou, então, quem sabe, se veria a face real desse polvo que é a Petrobras. Quem sabe? **A esperança é a última que morre, sem dúvida, mas, no que me concerne, está agonizante. Nossa vocação à besteira me parece radical.**

18.07.1985

PREFEITOS DE SÃO PAULO E RIO

Parece haver uma forte possibilidade de que Jânio Quadros seja eleito prefeito de São Paulo. Santo Cristo. Deus nos acuda. Almoçando aí com amigos conservadores, eles me explicaram a preferência porque Fernando Henrique Cardoso seria comunista e porque a eleição de Jânio despedaçaria o PMDB. Não é um raciocínio claro e me parece uma estratégia cega. É cega ao fato de que Jânio Quadros despedaça tudo em que toca. É um homem que não completa mandatos (de prefeito a presidente), que renunciou à Presidência mais democraticamente disputada da nossa história, onde teve votos recordes de 48% dos brasileiros “aptos”, como dizem os militares. A ideia de que Jânio será um prefeito conservador é tão plausível como rock tocado como o “Danúbio azul”, de Strauss.

Movido pelas misteriosas forças (ocultas) que o possuem, o provável é que ele despedace São Paulo. Dada a demagogia nacionalista e populista no Brasil, é compreensível o desespero dos conservadores em face de eleições, mas acho que não deve se estender a Jânio Quadros. Não vou analisar a personalidade dele. Fiz isso por ocasião da candidatura de Jânio ao governo (se Montoro é ruim, como é, sempre foi - me lembro dele deputado do PDC -, a ideia de Jânio no governo me faz estremecer. Teríamos um governo de Groucho Marx a sério em São Paulo). Recebi uma carta apaixonada de Otto Lara Resende, com recorte de artigo dele sobre o ex-presidente, artigo que eu já tinha lido e recusado, como argumento. E um dia, sem querer, me vi ao telefone, aqui de Noviorque, falando com Jânio, que me convidou a almoçar com ele quando eu fosse a São Paulo. Não vou almoçar, não, que ele é um vampiro de almas, como naquele filme.

*

Jânio não é criatura de ninguém. Gostaria que os conservadores se capacitassem disso e não dessem dinheiro a ele, que, de resto, será compensado pelo dinheiro que Montoro vai gastar com **Fernando Henrique**. **Este não é comunista coisíssima nenhuma. Leu Marx, é um dos raros intelectuais brasileiros que o leram. Pode ter sido comunista, como eu fui**

(setor trotskista), mas é um homem amadurecido, familiarizado com as necessidades reais de uma sociedade moderna. E precisamente porque leu Marx não pode ser comunista. Nada de enigmático aqui. Marx nada tem a ver com o que passa por comunismo, hoje, essa coisa grotesca que apelidaram de marxismo-leninismo, cunhagem de Stálin, desmoralizado até no próprio campo comunista.

Francamente, acho que Fernando Henrique perde tempo disputando uma prefeitura. Sei, é a de São Paulo, que vale por uma pequena potência, é degrau para isso e aquilo etc. Tenho certeza de que, eleito, faria um governo sensato, levando em conta a realidade e não tentando encobri-la com o populismo desvairado que passa por política de esquerda no Brasil. Os empresários poderiam e deveriam conversar com ele. Veriam que é a pessoa sensata que digo que é. Um homem confiável, que não trai a palavra dada. Por que não tentam o contato? E por que Fernando Henrique não os procura?

A última proposta é fácil. **Campanha eleitoral é uma impostura, onde é prometido o que ninguém informado leva a sério.** Fernando Henrique está perdendo votos para a candidatura de Eduardo Suplicy, que representa os alucinados do PT. Esse partido deveria fechar, e já. Não tem força eleitoral para coisa alguma. Tem no caso para destruir a possibilidade de Fernando Henrique bater Jânio. **Os paulistas pagarão caro pelo “radicalismo” do PT.**

*

Admirei **Lula** quando apareceu. Enfim, um líder sindical que cuidava do pão e manteiga dos trabalhadores, o que é essencial à modernização capitalista (sic) do Brasil. Durou pouco. Lula me parece ter sido envolvido pela grã-finagem esquerdista do Morumbi e adjacências, da qual o simpático e certamente sentimental Eduardo Suplicy faz parte, e, hoje, repete as mesmas sandices populistas que ouvimos desde os tempos de Jango Goulart e que foram uma das causas do golpe militar de 1964. Hoje, me dizem, o PT está sob controle de radicais que não querem coisa alguma com outras forças. Radicais em quê? Vão formar um partido bolchevique e, na esteira de uma nova guerra do Brasil com o Paraguai, em que o Brasil seria derrotado, tomar o Palácio do Planalto? Isso supera o dadaísmo. É um lero-lero de *slogans* irrealistas, de promessas impossíveis de cumprir, de bazófias pseudonacionalistas etc. Fernando Henrique, para não perder o apoio da área populista, se vê obrigado a competir nesse nível. Só Jânio,

Rosemary's baby, tem uma faixa própria. Tenho a impressão de que o público o encara como uma continuação dos programas de auditório de Silvio Santos e Chacrinha.

Conheço Suplicy e me parece um rapaz de bom coração. Tem uma visão cristã dos pobres. Bem, o mundo não é cristão. É uma selva. Antigamente, falava em rotação lenta. Agora chegou aos 32 e até, talvez, ao digital, mas olha tenso, em frente, como se estivesse atuando. Deveria, como Lula, ficar na área da Câmara. Seria, como Lula, um crítico de excessos contra os trabalhadores (como nacionalistas, claro, se limitariam a apontar esses excessos na área privada, ignorando o que o governo federal e estatais fazem). A eleição de 1982 foi um desastre para o PT. Seus líderes, não tenho dúvida, atribuem isso à imaturidade do povo, não a si próprios. Suplicy pode eleger Jânio. Está correndo o risco de se autocondenar a um papel terrível em nossa história terrível.

Esperemos, enfim, que Montoro tenha dinheiro suficiente para jogar na campanha de Fernando Henrique e que nem todos os empresários escolham Jânio como mal menor.

*

No Rio, as coisas são ainda piores. Brizola escolheu um candidato com quem não tem boas relações pessoais, Saturnino, e que, a última vez que o vi, sonhava em estatizar padarias (espero que deixe em paz as tinturarias, porque senão nunca mais irei ao Rio), e um certo Jorge Leite, que é pelego de Chagas Freitas. Haverá um *death wish*^{77} nas nossas duas maiores cidades?

*

O PMDB não precisa ser despedaçado, porque já se despedaça a si próprio. É uma ficção dos tempos da ditadura. Esperemos que em tempo sejam formados partidos representativos das diversas correntes de opinião. E, falando de opinião, a minha é que o povo brasileiro, se fosse consultado a sério, escolheria um caminho de centro político. Isso inclui os empresários tão assustados com o comunismo suposto de Fernando Henrique. Já que a miséria no Brasil se tornou tão imensa, ele, conhecendo teoricamente os dois lados da cerca, me parece o mais capacitado a encaminhar, o quanto pode um prefeito, soluções de compromisso e de desenvolvimento. Sei que é difícil penetrar o embuste que passa por política no Brasil. Ainda assim...

Fernando Henrique, por exemplo, deve ser o único candidato a saber que, no momento, sob a suposta resistência do governo Sarney ao FMI, o Brasil paga uma das mais altas taxas de risco médias do mundo, cerca de 2,5% ao ano, enquanto as facções do absolutamente inepto e despreparado governo Sarney se dilaceram pelo aparelho do Estado. O povo ouve que o governo resiste a pressões externas. Não sabe que está pagando aos banqueiros quase o dobro que pagaria se houvesse um acordo com os credores na linha negociada no fim do último governo. Duvido que Jânio Quadros tenha ouvido falar disso, e Suplicy deve achar que é tudo igual, mais uma manobra do imperialismo.

Espero que Fernando Henrique amplie sua campanha para o centro. A ideia de Jânio Quadros voltando à Prefeitura de São Paulo (onde um de seus primeiros atos foi aumentar o preço das passagens de ônibus, do que agora acusou Fernando Henrique) me lembra aquela cena em que Maximilian Schell, em *Julgamento em Nuremberg*,^{78} está defendendo a eliminação de retardados, e Burt Lancaster se levanta e fala forte: “Vai começar tudo de novo?”.

São Paulo, 40% da nossa economia, era uma piada política até a década de 1970. Está com saudades dessa posição inglória? Há até um Adhemar Filho na corrida. Pelo amor de Deus. Já engatinhamos demais, por quase cinco séculos.

16.08.1985

OLD EZ, UM VELHO SAFADO

Este ano é também o centenário de Ezra Pound. Old Ez, o velho Ez, como ele se chamava, velho tão safado quanto D. H. Lawrence. O ano 1885 deve ter tido alguma macumba fascista que infectou esses dois homens de gênio. Se bem que Pound, que eu saiba, ao contrário de Lawrence, nunca sugeriu que todas as raças não brancas fossem exterminadas por medida de saúde pública. **Pound se limitou pedir a extinção dos judeus durante a Segunda Guerra, o que foi desnecessário porque Hitler cuidava disso sem ouvir Pound.** Talvez, se ouvisse o nome Ezra, o julgasse judeu. Há a suspeita e daí o ódio a si próprio, voltado contra os judeus confessos, em suma, o velho e plausível lero-lero freudiano, a que dou crédito 90% do tempo.

Pound teria sido fuzilado se filho de outro país que não os EUA, pelo que disse contra a pátria, na Segunda Guerra, na rádio italiana. Não que tivesse mais do que “traço” (praticamente zero) de audiência. A Segunda Guerra foi uma em que as pessoas acreditavam no que faziam, ao contrário da Primeira, Vietnã etc. Teríamos perdido a maravilha que são Os *cantos de Pisa*.^{79} Ou como diria Old Ez: “Men say that I am mad/ But I have seen the sorrow of men, and am glad/ For I know that the wailing and bitterness are a folly”.^{80}

*

Não há como negar que Pound é um grande poeta e que a cultura dos EUA, de segunda classe, como acreditam George Steiner e vosso criado, obrigado, é, em poesia, de primeiríssima classe, porque há ainda Eliot, Wallace Stevens (mais e mais o que mais me fala - ao... o quê? coração? - é aquele que diz que só teremos pai depois que nos livrarmos da nossa mãe...) e William Carlos Williams. E o que se chama estudo de literatura comparada, que Steiner exhibe em qualquer nota que escreva, foi praticamente inventado por Pound, nisso o menos provinciano dos artistas, que “corrigia” o amigo Eliot (Pound teria passado à história se tivesse apenas editado a versão final de *The Waste Land* [1922],^{81} de que temos

prova em fac-símile), Li Po, Confúcio e Camões. Ele queria uma linguagem de cultura universal, que reencontrasse a organicidade do Estado-cidade que foram Jônia e Atenas. Encontrou o capitalismo democrático. Identificou no judeu o maior agente dessa força niveladora por baixo, o que é besteira, mas não total, porque o judeu é tão agente como o presbiteriano Watt, mas é, digamos, o mais visível.

O que permanece inexpresso, inexaminado em Pound, é o judeu anticapitalista, o destruidor da mística do capitalismo, Karl Marx, ou o judeu que mostrou o inferno capitalista, Kafka etc. etc. Uma falha grave de um intelecto do *make it new*, do modernismo, e não dado a uma filosofia séria. Era um artista, apenas. Um grande apenas. O resto é bobagem sentimental. É impossível, talvez, perdoá-lo, por pregar o genocídio, sem “ibope” que fosse, mas também não é possível levá-lo a sério, como somos forçados com a poesia e os ensaios (recomendo os *Literary Essays*, reunidos em 1954, com introdução de T. S. Eliot, menor perto dele, em conjunto, mas Pound nunca produziu nada do nível de *The Waste Land*).

*

Há uma tradução de José Lino Grünewald dos *Cantos*.^{82} Não vi. Dou meus parabéns a um velho amigo, da maior competência, e recomendo no escuro. Conheço *Poesia*, que José Lino, Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos e Mário Faustino traduziram (com comentários e explicações dos inestimáveis Campos *brothers*).^{83} Recomendo.

Há claro, problemas. Toda tradução é traição, para cunha uma frase original. Pound escreve de si próprio em “Hugh Selwyn Mauberley”: “His true Penelope was Flaubert”. Augusto de Campos traduz: “Sua real Penélope: Flaubert”.^{84} Bem, não há uma palavra em português como *true*, que quer dizer “fiel”, no sentido da fidelidade de Penélope a Ulisses, e, ao mesmo tempo, “verdadeira”. A frase é essencial ao entendimento das relações de Pound com a poesia. Imagino que Augusto tenha revirado a grande cabeça que Deus lhe deu para encontrar um equivalente de *true*, só encontrando “real”. Ainda assim, o livro todo coloca o leitor na trilha de Pound sem desvios. **Há apenas limitações na vista enorme, decorrentes do processo de tradução. Só porcaria melhora em tradução.**

Pound mexeu com tanta gente, de Joyce a Eliot, a secretariar Yeats (de quem se gabou de ter tirado da poesia “céltica” para o mundo do dia a dia, que Yeats transformou na visão mais aguda, talvez, da nossa entropia).

Pound mexeu com coisas demais, ao mesmo tempo. É lamentável que tenha encontrado as teorias de Crédito Social, que o desviaram para o precipício do fascismo e do antissemitismo. Resta a poesia. Restam os ensaios.

Os *Cantos* - raspado o excesso de erudição, que, a princípio, tentei decifrar, desistindo, enfim, e me concentrando no que resta, muitíssimo - são uma crônica ultracoloquial, em verso, da nossa era, que para Pound começou na tragédia da Primeira Guerra, aqui na tradução de Augusto de Campos: “Esses, afinal, combateram, e alguns acreditando,/ *pro domo*, afinal.../ Alguns por amor às armas,/ alguns por aventura,/ alguns por medo da fraqueza,/ alguns por medo da censura,/ alguns por amor à mortandade, em pensamento,/ aprendendo mais tarde.../ Alguns com medo, aprendendo a amar a mortandade/ Morreram uns, *pro patria*,/ não *dulce*, não *et decor*... / andaram de olhos fundos pelo inferno”.^{85}

Há, claro, muito mais, à disposição do leitor, que por alguns magros cruzeiros saltará da trivialidade da cultura massificada ao que a mim parece ter sido a Renascença da poesia neste século, o que inclui decididamente a prosa de Joyce. Pound segurou o leme, foi o barômetro, o capitão, e às vezes ouviu as sereias, sem as defesas do Ulisses original, batendo contra as rochas. É imortal, ainda que mortal, com todas as falhas, como todos nós.

31.10.1985

PAULO FRANCIS POR ELE MESMO

Meu dia. Eleanor Roosevelt, mulher de Franklin, tinha uma coluna com esse título, “Meu dia”, que era publicada por “n” jornais, claro, sem que Eleanor, paradigma de todas as virtudes liberais, auferisse o lucro, que dedicava a negros, crianças destituídas, mães solteiras e outras pessoas merecedoras de caridade. Meu pai achava a coluna ridícula e me deu para ler. Concordei e se eu quisesse exporia os motivos aqui, mas me pergunto se essa rara concordância entre pai e filho não se deve, em parte, a outra atitude que herdei dele, um profundo desgosto de falar de mim mesmo. Há, há, dirão, mas ele não faz outra coisa. Pode ser, agora quem define o que é falado sou eu, a parte de mim que quero expor.

Toda manhã leio pilhas de telegramas da UPI, o New York Times, o Washington Post, o Wall Street Journal, assino os três, e, à tarde, espio o Boston Globe e Los Angeles Times, o que, falando nisso, encerra o capítulo imprensa nos EUA. Ninguém precisa ler mais nada. Sou, claro, leitor de Sunday Times, The Observer, Financial Times, Sunday Telegraph, The New Yorker, The Nation, The London Times, The Guardian, Le Monde Hebdomadaire, Monthly Review, The Atlantic Monthly, Harper’s, New York Review of Books, London Review of Books, Euromoney, Warton Econometrics e várias outras newsletters, que não vou enumerar, do que meus inimigos concluirão que estas são de onde eu copio minhas coisas. Amém.

Leio muito rápido. Sábado, li três livros, inteiros, sem pular nada, é verdade que um deles comecei lendo pelo fim. É meu costume ler, em parte ou ao todo, três livros no mínimo por semana. Sempre leio mais do que isso, porque releio certas obras que revejo com olhos novos, renovados pela experiência. Mas por prazer, serei franco, leio exclusivamente *thrillers*, estou no momento terminando obras completas de Ruth Rendell, ela e P. D. James são sem dúvida as melhores vivas, do gênero, e Proust e Stendhal.

Já li o livro de Proust mais vezes do que posso computar, porque passei noites “febris” lendo certas passagens, adormecendo com o livro na mão.

Leio Proust em inglês, falando nisso, porque meu francês não dá para o original, ainda que eu tenha mandado comprar a edição que estão preparando em Paris, revista e corrigindo todos os erros das anteriores. Como sei o livro de cor ou, ao menos, as passagens que me interessam, como a “abertura”, que é o maior ensaio literário já escrito (à parte resumir em 35 miraculosas páginas todos os temas e indicar todas as personagens principais do romance), vou poder ler no original (li a primeira vez o livro em português, numa boa tradução, havia gente como Mario Quintana e Drummond) o que é talvez o único romance totalmente satisfatório (dou a vocês de presente todos os russos e americanos. Alguns ingleses são OK. Os franceses são absolutos. Não me acho ainda competente para escrever um ensaio sobre Proust, mas me devo e aos leitores um sobre Flaubert).

Esses são prazeres, de que excluo os poetas. Poetas são sempre, em última análise, sinistros, ou estarei mais deprimido do que de costume? As duas coisas, provavelmente. No meu tempo de universidade se falava de “atravessar” um grande autor. Nunca achei que fosse a palavra para os romances de que gostei, mas os poetas que me impressionaram me feriram fundo. São essencialmente criaturas negativas. E talvez ridículas. Isso não é profissão normal. Pode haver grandeza única, mas Platão estava certo em querer bani-los da República.

*

E o que tem isso tudo que ver com meu dia? Mas só tem. Vivo do meu superego. Leio um jornal menos pela notícia (rara). Um exemplo de notícia que é para valer: *Wall Street Journal* notou outro dia, em 1983, ano de recessão (é importante notar isso), que o governo dos EUA gastou 641,7 bilhões de dólares em benefícios sociais, o que vem a ser 19,4% do PIB. No último ano de Carter, 1979, os gastos sociais foram de 17,9% do PIB. E, no entanto, se diz que Reagan cortou os benefícios sociais.

(Você lerá isso em qualquer jornal dos que citei acima, ouvirá de mil políticos etc.) Não há teoria que faça você aprender a discernir. É preciso ter vivido com atenção.

*

É pela manhã que faço uma análise do dia, completando com telefonemas e algumas pessoas que me dão informações. Mais uma vez, não há fórmulas. As pessoas tentam usar você. Você tenta usá-las. E não há possibilidade de franqueza total. Mais franco do que eu, sinceramente não

conheço (não digo que não haja). Chego ao extremo de discutir com meu público aquilo sobre o que não formei ainda opinião, mas é um fato que a humanidade não resiste a muita realidade, frase que é aqui atribuída invariavelmente a T. S. Eliot, mas que é, na minha experiência, de Pirandello (e pressentida, se não explicitada, por quem já viveu um pouco). Às vezes me divirto compondo uma coluna exclusivamente de escândalos sobre pessoas públicas. Nunca vou escrevê-la, provavelmente. Seria divertido mas excessivamente cruel e, noes fora, não prestaria qualquer serviço a quem quer que seja, exceto a inimigos pessoais dessas pessoas. O que não escrevi sobre Jânio Quadros, na campanha, por exemplo, e que sei, com certeza, é muito mais escandaloso do que o que escrevi. **De resto, há muitos anos só ataco intelectualmente. É quase sempre indigno o ataque pessoal.**

Almoço sempre depois de gravar para a televisão.^{86} Me dizem que mais e mais me imitam em comerciais. Não me importo que me satirizem em programas humorísticos. *I can take it as well as I can dish it out,*^{87} como dizem, e mantereí no original. Mas exploração comercial, como começaram a dizer no Estado Novo, “não se esqueça dos meus io%”, e mais uma vez quero dizer quanto admiro Raymundo Faoro pela entrevista que deu a *Senhor*, como o admirei quando combatia a ditadura, por dizer que o PMDB quer criar um novo Estado Novo. É um homem honrado. Saboreiem esta palavra velha, de velhos, como Faoro e eu: “honrado”.

Perguntei a um velho amigo, comuna escrachado e militante, se não sentia saudades dessas palavras, como “honradez”, “vergonha”, essas burguesices, e ele admitiu que sim, porque a conversa era particular. Outro comuna, que faz sempre questão de se declarar tal, e íntimo amigo, Ênio Silveira, ao ouvir o pau que desanquei em Fidel Castro, antes de escrevê-lo, me disse que esqueci que o que resta à maioria da humanidade é esperança, o que, dito no auge da fúria emocional da nossa conversa, não soou ridículo como por escrito. Pode ser, como diria Brizola, outro amigo no desvio, mas caio de pé, na realidade.

Outro dia desencavaram a entrevista que fiz com Brizola, neste jornal, em 1978, quando havia risco em publicá-la, antes da adesão em massa à democracia e à “Nova República”. Faria de novo, se houvesse algum jornal como a *Folha*, com a coragem de publicá-la, mas a diferença entre mim e aquele Paulo Francis é que eu faria, hoje, essa entrevista com Maluf, se o

deportassem, como é o desejo de tanta gente. Descubro-me, aos 55, um liberal extremado, em matéria de opinião. Que todas as flores floresçam, como disse o Grande Nadador, Mao, mas talvez essa piada já esteja muito distante da juventude de hoje.

*

A mim me resta o que o grande livro de Edmund Wilson, *Patriotic Gore*, relido sábado, sugere. Só o que podemos fazer é tentar ser profissionais com alguns princípios de comportamento, honradez, vergonha, recusa da crueldade e exploração contra outras pessoas, dizer o que pensamos, já que minha profissão é dizer. Não pensem que sou um eremita. Sinto muita saudade dos velhos amigos (amigos profundos só os temos na nossa geração), mas me dou com bastante gente aqui, saio o suficiente para surpresa minha, conferi, para escrever este artigo, ter visto precisamente 59 peças de teatro e 104 filmes em 1985 (estes últimos, às vezes, três num dia, nas cabines que os relações-públicas nos propiciam). Não bebo mais, mas até que tomei uns drinques no fim de ano sem maiores consequências (quando eu bebia mesmo, virava personagem de Pinter, engraçado no palco, um chato insistente em pessoa). Já viajei praticamente o mundo todo (por algum motivo obscuro nunca fui aos países escandinavos. Estarei perdendo alguma coisa?).

Trabalhar é o que resta, o que sobra da afeição daqueles poucos que qualquer pessoa exigente aceita e espera ser aceita de volta. Não acredito que uma pessoa intelectualmente adulta aceite realmente ideologias e religiões, a não ser como Ênio Silveira por um problema de libido dispersa, vulgo, em alguns casos, “banzo” de fraternidades cristãs, sim, porque a origem do humanismo é Cristo, nunca se falou disso antes dele, havia códigos de conduta limitados a elites (mais em vigor do que imagina a maioria das pessoas), religiões a que o indivíduo se entregava impotente (como o velho e comovente senhor de escravos, Jó, da Bíblia) e, claro, a afeição mais difícil de definir e de se convencer, a animal. No fim de qualquer dia meu me pergunto se fui suficientemente honesto comigo mesmo. Autocrítica, sem Stálin. E, como escreveu Saul Bellow, “você sabe... você sabe... você sabe...”. Leio à noite e gostaria de ir para o Sul no inverno. Um romancista e um poeta como fecho. Acho OK o que der e vier.

09.01.1986

WOODY ALLEN, O HILARIANTE HIPOCONDRIACO

Em *Hannah e suas irmãs* Woody Allen é um produtor de TV. Durante alguns minutos vemos o que lhe oferecem como material, aleijões, a OLP, o mundo cão de costume, e Woody parece à beira de um colapso nervoso em face do que parece ser exigido para divertir o chamado “povo”. Ele é hilariante na exasperação disfarçada em sorrisos de encabulamento que dispensa aos assessores. Woody Allen é o filme, que escreveu e dirigiu também (ainda que nunca apresente os filmes como “de” Woody Allen; ou seja, respeita o trabalho do próximo, indo contra a voga crítica de atribuir autoria a diretores). Tudo o mais é agradável em *Hannah*, com uma exceção, mas só lembramos Woody Allen.

CENA PERFEITA

A melhor cena é em que a personagem decide adotar o catolicismo. Vai aos pais judeus. Da mãe só vemos um grito e um gesto melodramáticos - hilariantes - quando ela se tranca no banheiro. O pai argumenta como um mercador discutindo preços. Pergunta ao filho por que não se converte ao budismo, por exemplo, em vez de aceitar Jesus Cristo. O humor não é muito claro para as plateias. Vi o filme duas vezes. A graça é que Jesus Cristo era judeu e para um judeu a carreira de Cristo no mundo gentio é uma objeção séria a que Jesus seja seguido por judeus. Pouca gente ri no cinema. A cena é perfeita.

Woody faz um hipocondríaco. Acha que tem um tumor no cérebro. Mais uma vez somos levados em uma viagem humorística maravilhosa à companhia de “drs. Pinottis” de Nova York, todos pomposos, pretensiosos, mas, claro, ansiosos por agradar ao freguês (os médicos são os mais bem pagos profissionais dos EUA, depois dos advogados. Tudo aqui - o que

inclui medicina - dá margem a processos). Woody está sadio, de corpo. Mas continua procurando sentido na vida. Se Deus não existe, nada faz sentido. Dostoiévski popularizou essa análise, com a diferença de que disse: se Deus não existe, vale tudo. É uma diferença importante, que define os limites de Woody Allen. O verdadeiro artista incomoda o público. Dostoiévski, apesar do melodrama, nos incomoda profundamente, nos viola, nos faz ver as coisas de maneira diferente. Woody Allen, bem, é brilhante, um comediante de gênio, mas “não tira pedaço”.

É, mais uma vez, hilariante. Woody leva uma das irmãs de Hannah (Mia Farrow), Dianne Wiest, a uma noite de shows. Ela o leva a um clube punk. A cara de Woody é um poema de nojo, que a geração dele, a minha, sente por esse tipo de som. E vem a queixa a Dianne Wiest, quando ela pergunta o que ele acha do (aparentemente) hermafrodita que está fazendo ruídos ao microfone: não sei, não ouço nada, não consigo falar ou ouvir. Esse tipo de música, naturalmente, é da essência de uma sociedade totalitária, porque achata o indivíduo numa massa avassaladora e monótona de som, mas a juventude, ou parte desta, se sente bem assim e nada há a fazer. Woody sempre insiste em mudá-la. O filme é permeado pela música de Cole Porter e Richard Rodgers. Woody leva Dianne a ouvir Bobby Short. Ela detesta e cafunga ostensivamente o tempo todo. Ele se despede dela dizendo que se divertiu tanto como no julgamento (dos nazistas principais) em Nuremberg.

O filme é supostamente uma ode a Mia-Hannah. Ela é casada com um consultor financeiro (em suma, um contador glorificado que ensina a ricos onde aplicar dinheiro). Foi atriz, mas decidiu, isso é importante para apaziguar as feministas, cuidar da família. Michael Caine, inteiramente perdido nesse tipo de fantasia nova-iorquina, é o marido. O filme abre e fecha em jantares de Ação de Graças, quando nos EUA se come peru e se agradece a Deus ou a quem quer que seja as graças. Mia é tão perfeita, moralmente etc., que não é humana. É uma fantasia de Woody Allen sobre Mia Farrow, com quem ele tem um romance, cada qual no seu apartamento, ela perto do Lincoln Center (o lado oeste de Manhattan), e o apartamento é usado como cenário, assim como quatro ou cinco dos sete filhos da atriz, ele no lado leste superior, que é a parte mais rica e sofisticada de Manhattan. Mia, no filme, dá todo o apoio a Dianne Wiest, a irmã do meio (que no Freud de *Reader's Digest* é sempre a mais perturbada), uma dessas

pessoas chatas que querem ser atriz, cantora, escritora etc., sem talento algum. É Woody que salva Wiest de ser desagradável.

Ouve a moça ler um *script* abominável que ela escreveu, diz que é ótimo porque está querendo comê-la e é a cara concupiscente de Woody Allen que nos faz ter pena de Wiest, que literalmente nos força à paixão (a maior das paixões, como nos lembra gente tão diferente como Spinoza e Graham Greene). Barbara Hershey é a outra irmã de Hannah-Mia, vive com um artista plástico, intelectual intransigente, Max von Sydow, que detesta todo mundo menos ela, chama a maioria das pessoas de pamonha e instrui Barbara na vida intelectual. Quando Max vê televisão (o canal não comercial, naturalmente) tem de dizer que “há muito tempo eu não via televisão” e zomba dos lugares-comuns que professores disseram no vídeo sobre Auschwitz, que, nota Max, acontece a toda hora de formas mais sutis do que a original e o surpreendente, sendo o ser humano o que é, é que não tenha acontecido. O que Max está dizendo é um lugar-comum também, mas, sendo a plateia de cinema hoje o que é, deve soar muito intelectual (e, falando nisso, na Antiguidade, houve pelo menos dois massacres proporcionalmente maiores do que o de Auschwitz).

IMPOSTURA

O “gancho” do filme é que Michael Caine se apaixona por Barbara Hershey. Esta hesita em chifrar a irmã, a perfeita Hannah-Mia. Terminam num hotel, o Saint Regis, naturalmente, que é “velha Nova York”. O filme é uma aula de comportamento *in*. Quando Sam Waterston, numa ponta de prestígio, leva Dianne Wiest à ópera é para ver *Manon Lescaut*, de Puccini, porcaria como música, mas a ópera mais *in* para o entendido, em companhia do último ato de *Siegfried*, de Wagner, mas Woody Allen, prudentemente, se restringe a Puccini. Waterston, um arquiteto, leva Wiest e Carrie Fisher para ver os prédios nova-iorquinos e pequenas vilas que ainda não foram convertidas - não vai demorar muito, o filme terá valor como preservativo do que foi a cidade - em arranha-céus platinados, como a torre Trump, na Quinta avenida. Woody Allen impõe a Nova York que resistiu ao capitalismo selvagem da cidade. Woody e Dianne passeiam pelo Central Park, como se isso fosse rotineiro para brancos decentemente vestidos.

Barbara Hershey vai à noite, sozinha, ao rio Leste, pensar sobre o amor, o espaço dela, o adultério de Caine etc.; sozinha, em verdade, em minutos, com sorte, estaria correndo e gritando “policia, policia”, sem sucesso.

Esse romance entre Caine e Hershey poderia ser usado para demonstrar a impostura do caráter de Hannah-Mia, que está sempre num plano moral superior a todo mundo, ou para demonstrar, o que Woody Allen sabe muito bem, que ainda está para nascer o heterossexual monó- gamo, que homem sempre vê mulher, primeira e principalmente, como possível comida, mas nada disso é sequer sugerido. Caine descobre que continua, que é, na realidade, muito mais apaixonado por Hannah-Mia do que imaginava. Hannah-Mia nem sequer desconfia do caso. Barbara Hershey descobre que “precisa encontrar a si própria”, seu espaço, em suma, Santa Maria, orai por nós, pobres pecadores etc. Afinal, vive com um velho, Max, Caine é de outra, logo Barbara não está descobrindo o seu potencial como pessoa. Volta à universidade, onde encontra um jovem da idade dela, livre e desembaraçado, como dizem.

GRAVIDEZ

Woody Allen, depois de tentar o suicídio, revelando com a já habitual hilaridade sua incompetência com armas de fogo, resolve tentar de novo a companhia de Dianne Wiest. E não é que dá certo?

Antes, Woody fora casado com Mia. Foi declarado estéril por um médico (todos os médicos do filme parecem saídos de Molière e Bernard Shaw. Pena que Woody não os aprofunde). Há uma cena de enorme mau gosto, na minha opinião, isolada, nenhum crítico mencionou sequer. Woody pede a um amigo, Tony Roberts, o esperma emprestado. Roberts dá, e Mia, somos informados, tem gêmeos. É inútil explicar por que essa cena é de um mau gosto intragável. A simples descrição é a explicação.

Pois não é que Woody consegue engravidar Dianne Wiest? Este é o fecho do filme, no amor, por mais passageiro que seja, está a solução da vida, depois que Woody vê mais uma vez um filme (*Duck Soup*)^{88} dos irmãos Marx. Na segunda vez que vi, quando Wiest diz estar grávida, alguns animais riram ruidosamente no cinema, concluindo que ela o havia

chifrado. Não é essa a intenção de Woody Allen, e sim revelar o milagre do amor.

Restam os pais de Hannah, Lloyd Nolan, que não viveu para ver o filme, e Maureen O'Sullivan, mãe real de Mia. Maureen foi a Jane de Tarzan, da minha geração e de Woody. No filme é uma velha gorda e bêbada, com atritos com Nolan, que Hannah-Mia, claro, resolve. Um pouco de amor e uma vida familiar harmonizada, com algumas arestas aqui e ali, e podemos esquecer o bombardeio à Líbia e Chernobyl (reparem que, sempre que uma superpotência faz uma besteira monumental, a outra imediatamente replica à altura). Não se fala de dinheiro no filme, exceto Dianne, que dá facadas na irmã. Todo mundo tem muito, e o assunto é irrelevante. Bem, Woody Allen é o que temos, à parte *Gremlins*, *Goonies*^{89} e outros. **Feio como é, cai de charme e inteligência. Se é um prisioneiro da nossa época de pamonheira mais e mais violenta, o que somos nós, senão irmãos dele e sem o talento dele, que tanto nos deleita?**

17.5.1986

DIÁRIO DA CORTE

Sábado fui almoçar no Polo, que, apesar de ser restaurante de hotel (uma boa recomendação nos tempos de Proust, hoje, raramente; em Londres, por exemplo, há os do Dorchester e o do Connaught), é o que um restaurante deve ser. Isso inclui, apesar de levemente ridículo, um *maître* que parece uma mistura de imperador de ópera ou balé, mas que realmente conduz o tráfego, cada dia mais difícil em restaurantes no Primeiro Mundo, dada a inevitável proporção de garçons do Terceiro Mundo, que, à parte, em geral, incompetentes, tendem ao folclórico. Maître tem de ter sotaque francês que engane francês. Não é muito fácil enganar francês, conheço dois *maîtres* americaníssimos que me disseram ter levado anos para conseguirem enganar francês. O restaurante requer ainda uma atmosfera calmante, nada de coisas prateadas e gritantes, *à la Régine*, porque as pessoas, produtos que somos nós de ambientes, baixam a voz. E, claro, requer uma cozinha decente. Comi um *veal*, vitela, divino.

*

Estava lá Warren Beatty e apesar de o almoço ser sério para mim me vali da chamada versatilidade jornalística para ver como ele se tornou irresistível para as mulheres (comeu todas que quis, que eu saiba). Primeiro, apesar de ter perto dos cinquenta anos, aparenta no máximo 35, cabelo pretíssimo, pele jovem. Altíssimo, se senta meio encolhido e olhava a moça em frente como se bestificado pela sabedoria dela. Sem ouvir eu o que ela dizia, pela cara, deveria ser a habitual besteira sincera que adolescentes (de todas as idades) chamam de “botar o coração para fora”. Beatty parecia embevecido. É provável que pensasse em outros assuntos. Mas é uma técnica admirável.

É curioso que estivesse no Polo. Só come em geral hambúrguer e Coca-Cola, e em pé, o que deve ser alguma mutreta para não desenvolver barriga. É verdade que não o vi comer. Dei uma olhada firme nele, quando entrei, porque o achei um “jovem” parecido com Warren Beatty. Ele não me olhou

de volta, mas como todo egomaníaco me viu, de rabo de olho. Nota breve: admiro-o bastante. De pastiche, um dos muitos de Marlon Brando, desenvolveu uma personalidade própria, corre riscos e, no momento, termina um filme com Dustin Hoffman, em Nova York, o que deve ser o maior choque - ainda que farsesco - de egos desde que Aquiles e Heitor se encontraram em frente de Troia.

*

Resolvo depois do almoço andar os 22 quarteirões de volta à minha casa (não é tão longe como parece, já que, na vertical, em linha reta, os quarteirões aqui são bem menores do que no Rio e em São Paulo). E a região é a mais rica da cidade, o leste superior de Manhattan, onde mora Woody Allen; e onde eu estava, Madison e 69, me garantem, tem num raio de alguns quarteirões mais bens de consumo do que a URSS, e dezenas de lugares conhecidos (La Goulue etc.), todos já fora de moda, como todos os lugares da moda ficam fora depois de designados na moda, porque tomados por gente que quer olhar celebridades e passar por celebridade (Florentino no Rio e Rodeio em São Paulo são exemplos). Ainda assim, o cheiro de dinheiro da região é tão sensível como visível é o ouro em Veneza. O Terceiro Mundo crescente em toda parte lá não circula porque tem um medo justificado de entrar nas lojas e encontrar o caixeiro bicha superior ou a loura de olhos azuis que diz “yes, what can I do for you” como se estivesse cuspidando na pessoa.

À noite, fui jantar no Village, no Livorno, um restaurante italiano que, em tempos idos, tinha como freguês Alger Hiss, tido como ex-membro do *establishment*, condenado por perjúrio em 1948, ou por aí, mas tido em verdade como agente soviético. É o Dreyfus dos EUA, só que o caso permanece irresolvido (o Dreyfus real foi resolvido legalmente, ainda que pouca gente, fora do romance de Proust, tenha mudado realmente de opinião).

Eu olhava Hiss antigamente, anônimo, **as gerações pós-70 só sabem o que acontece naquele dia e hora em que vivem**, mastigando bem com uma dentadura postiça não de muito boa qualidade (ficou pobre pagando advogados...), mantendo um carisma, para mim, ao menos, superior ao de Warren Beatty, e, falando nisso, acho que era comuna, mas não espião.

Mas o Livorno mudou. O dono expandiu o lugar e clareou-o. Má ideia. Não há *maître*. A manteiga vem enrolada em papel, uma das marcas típicas da espelunca. Manteiga se serve em prato sem limites. Os garçons,

altamente incompetentes, são simpáticos, tais como mendigos que nos pedem uma pequena ajuda. Um cucaracha, ao ver que falávamos português, perguntou em cucarachol se éramos brasileiros e ensaiou frase em terrível italiano. Contenho-me ante a boa vontade dos meus companheiros. **Eliot dizia que a virtude mais difícil é a humildade. Discordo. Acho que é a compaixão, a caridade etc.**

*

Damos uma volta pelo Village. Lembro que morei em Noviorque quando o Village era moda, ou melhor, estava no auge. Raramente ia lá. É sempre assim. Se o lugar está no auge, é gente que cria o dito-cujo que o frequenta. Li depois, Michael Harrington, por exemplo, que aquele rapaz de voz nasalada que interrompia o papo alcoólico dele e de outros intelectuais se tornou Bob Dylan, cantando para comer.

Norman Mailer, por produzir uma coluna, criou reputação para o *Village Voice*, na época mais esquerdista do que qualquer outra coisa. Hoje, é o órgão do homossexualismo e feminismo e, em matéria de política, ataca locadores de favelas e coisas municipais assim. Naqueles tempos, falo de 1954-1957, discutia a Guerra Fria e não tinha praticamente anúncios. Hoje, inofensivo, porque em verdade homossexuais não representam perigo político algum para ninguém, sugere, em matéria de publicidade, um camelo rumo a Meca no aniversário de Maomé, carregado de presentes pela maior glória de Alá.

Amigos meus nunca põem o pé no Village, certamente Mailer, Harrington e Dylan, para citar três que celebrizaram a região, lá nunca vão, porque dizem que se você aspirar fundo contrai Aids. Nessa noite vi mais sapatões. No próprio Livorno havia pelo menos três mesas ocupadas por casais de mulheres, com aquela extraordinária concentração uma na outra que só homossexuais têm nos parceiros (heterossexuais, quando apaixonados, o que acontece uma vez na vida, outra na morte, fazem a mesma coisa), o ar de quem contesta alguma coisa, se bem que seria difícil dizer o quê, já que o lugar é o centro oficial, tacitamente reconhecido pelas autoridades, da vocação.

*

Mas esta não define o Village. É a miséria que define. O Terceiro Mundo está todo lá, passeando, às vezes descalço, esfarrapado, muitas vezes falando línguas inidentificáveis, andando de um ponto ao outro, partilhando a fantasia de estar em Noviorque, a capital do mundo.

Duvido que a maioria more lá. Nesta cidade é difícil viver com menos de 5 mil dólares ao mês. É possível, mas é difícil, e implica privações disso e daquilo. É política declarada do governo da cidade impedir que os pobres aqui se estabeleçam, isto é, em Manhattan, podem morar em favelas-satélites, mas não em Manhattan. Ainda assim, há muito aluguel velho e muito jovem que mora em cubículos de dois metros quadrados (não estou exagerando ou brincando), pagando 800 dólares por mês para se sentir em Nova York (quando se fala em Nova York, é de Manhattan que se fala).

Notei nessa noite um grande número de africanos reais, provavelmente de ex-colônias francesas, pelo *patois* que falavam entre eles, e indianos, não *hare krishna*, o indiano pobre, semizumbi, que vi em Calcutá e Déli, camelô de rua, vendendo porcaria, que outros originários do Terceiro Mundo param para ver. Presumo que se venda alguma coisa, mas não vi operações sendo concretizadas.

Essa política da cidade é denunciada por articulistas do *Village Voice*, mas suponhamos que não existisse. A cidade já teria cerca de 30 milhões de habitantes, no mínimo, e seria, toda, uma favela irrespirável, como a Cidade do México, em que os ricos ou meramente sobreviventes viveriam em guetos policiados contra os pobres.

Nova York inteira tem apenas 7 milhões de habitantes. Não aumenta a população porque a prefeitura não deixa. Nada de ostensivamente violento. É apenas a violência de tornar impossível a sobrevivência pelo custo de vida mais alto do mundo.

22.05.1986

AS VERDADEIRAS CONFISSÕES DE NORMAN MAILER

Li *Os exércitos da noite*, de Norman Mailer, em 1968, num voo Nova York-Rio, quando ainda não era livro, mas ocupava uma edição inteira da revista *Harper's*. Nem comi (não que haja o que comer em aviões de passageiros) e muito menos dormi.

As confissões de Mailer não fazem feio ao lado das de Santo Agostinho (que deixa claro que na sua imensa sexualidade havia até desvios de mão), de Rousseau (que admite ser o ressentimento a força principal a movê-lo. Deve ser chato ter sido um burguês na era da aristocracia) ou de Benvenuto Cellini (que fez da vida o que Nietzsche só sonhou em fazer). Mailer, em ponto menor, certo, mas doendo para ele a mesma coisa, abriu a alma como esse célebre trio de confesionários.

O livro pode ser lido como a experiência de um intelectual de meia-idade, ex-trotskista, que se viu levado a tomar posição política um tanto contra a vontade pela imoral conduta dos EUA na Guerra do Vietnã; isso quando Mailer, obviamente, aos 41 anos, concebeu *Exércitos e* já tinha desistido de política; **é a idade certa de desistir: aos quarenta entramos nós, homens, numa depressão não muito diferente da menopausa feminina; queremos cuidar é da nossa alma, com ou sem aspas...**

CONTRA A GUERRA

Mailer critica a guerra, o Pentágono etc. Esteve envolvidíssimo no movimento contra os EUA no Vietnã. Na dedicatória do romance *Why Are We in Vietnam?* [1967] diz que Lyndon Johnson, o acelerador da guerra, fez com que a juventude tomasse conhecimento dele e o aplaudisse. Ou seja, Mailer era contra a guerra. Quem não? Posso citar alguns intelectuais. Prefiro poupar o espaço. Não merecem comentário.

Mailer está mais preocupado com a posição dele no mundo literário dos EUA. O Heitor, ou Aquiles dele, nessa “guerra”, é Robert Lowell (morto em 1977), que, à parte poeta tido como o maior dos EUA (caiu de prestígio depois da morte), é também membro de uma das mais aristocráticas famílias do país (do trio Lowell, Cabot e Lodge. A piada é “Os Lowells só falam com os Lodges, e os Cabots só falam com Deus”). Mailer chama Robert Lowell de príncipe. Inveja-o, deixa isso claríssimo, por ser poeta, que é algo mais que romancista, por ser aristocrata, por não ser filho de imigrante como ele, Mailer, e, inexpresso, mas, claro, por não ser Lowell judeu. É um sentimento que envergonharia muita gente. Mailer o expõe com tal coragem, com a coragem cheia de pavores da arte de Mailer, simpatizando com ele.

Mailer se amargura publicamente que só teve um *best-seller* (até 1968), *Os nus e os mortos*,¹⁹⁰ e que nenhum escritor, por mais elogiado pelos críticos, é tido a sério nos EUA se não for também *best-seller* (há *best-sellers* mil não levados a sério, mas isso não interessa ao autor). Preocupa especialmente Mailer a campanha que a *Time* move (movia; rendeu-se com esse livro) contra ele. Aqui é preciso explicar que em 1967 a influência de *Time* era enorme. Servia de “jornal nacional”, isso porque havia muito poucos jornais, como o *New York Times* ou *Washington Post*, fora das cidades onde aparecem, e *Time* funcionava como substituta e, claro, era lida pela burguesia, que Mailer despreza, intelectualmente, mas por quem quer ser admirado, como autor de sucesso. **A TV em cores, nos EUA, acabou com o prestígio de qualquer revista semanal, mas, em 1967, *Time* era o que Mailer diz que é. Não que ele respeite a revista. Já a atacara ferozmente em *Os nus e os mortos*, com o nome de *Space*, se não me engano. *Time* sempre foi odiada pela intelectualidade dos EUA como vulgarizadora-mor. Hoje é mais ou menos ignorada.**

PODER, CHARME E VENENO

Mailer admite que acha companheiros de esquerda, liberais, e respectivas mulheres chatérrimos. Nota que a direita tem as melhores mulheres, as melhores festas, a melhor conversa, porque monopoliza o

poder e o charme e o veneno que o poder confere aos portadores. Uma descrição de uma casa de um professor liberal, não nomeado, mas que certamente deve ter se identificado ao ler o livro, é uma das sátiras mais cruéis que já li. Ainda assim, não conseguimos ficar contra Mailer. Tudo o que ele diz está certo. Por que mulher de esquerda é tão chata, malvestida, ou arrumadinha e tediosa, e a boneca do milionário é tão interessante? Quando eu li essas páginas, me senti como se estivesse de volta à escola, me masturbando às escondidas, uma vergonha deliciosa.

O grande escritor em Mailer nota nos colegas esquerdistas uma profunda mediocridade, que procuram esconder assumindo causas populares. Bem...

Ele admira Lowell, porque este está livre, por nascimento, da obrigação de assumir posturas. Uma carta de Lowell ao presidente Lyndon Johnson, se recusando a comparecer a um “festival de artes” na Casa Branca, porque discordava da política do país na Indochina, foi o estopim da revolta geral dos intelectuais contra a guerra (já havia muitos protestantes, entre os quais Mailer). *Time* deu a carta na primeira página. Não daria uma de Mailer. É isso que ele inveja. E generosamente não nota que Lowell era psicótico, eu próprio o vi desabar e ser internado uma vez no Rio. Mas, enfim, Mailer, inferiorizado e competindo com Lowell, é o verdadeiro tema do livro. Ele literalmente converte um caso de agudo narcisismo em arte.

Suprema? Antes de morrer, Truman Capote disse que o problema de Mailer e Vidal é que nenhum dos dois tinha deixado uma obra-prima (ele, Capote, deixou *A sangue-frio*). Por isso o invejavam. Certo é que Mailer nunca escreveu um romance com o prestígio e a reverberação de *A sangue-frio*. Mas o mais próximo, pelo critério de durabilidade, é o exibicionismo de *Os exércitos da noite*, intrinsecamente repulsivo como todo exibicionismo, mas de leitura irresistível, uma grande confissão. Mailer quis ser o Hemingway da geração dele. Não foi, até hoje, ao menos, mas em *Os exércitos da noite* apertou as mãos da grandeza.

08.06.1986

EDMUND WILSON: VIDA INTELIGENTE NOS EUA E AGORA NO BRASIL

Rumo à estação Finlândia, de Edmund Wilson, que está sendo lançado no Brasil por uma nova editora, Companhia das Letras, é uma aventura intelectual que nossos jovens (e muitos marmanjos) não devem perder, porque é uma clara, concisa, brilhante e emocionante introdução ao que os homens tentaram fazer para criar um mundo de acordo com o humanismo moderno, desde a Revolução Francesa, em 1789, à chegada de Lênin à estação Finlândia, na então Petrogrado, em 1917, quando daria “início” à Revolução Soviética.

ANSEIO HUMANISTA

É uma história essencialmente intelectual porque Wilson analisa, de preferência, escritores que melhor expressaram e refletiram esse anseio humanista, começando em 1824, quando o historiador francês Jules Michelet “descobriu” Giambattista Vico, napolitano, que teria ensaiado a primeira análise abrangente da sociedade de caráter científico, rejeitando as interpretações sobrenaturais, ditadas pelo cristianismo e pela ordem divina dos reis. Isso, em 1725. Mas Vico não teria abandonado de todo o que Wilson chama de “ponto de vista teológico”, o que Michelet se encarregou de fazer, escrevendo a história da França à luz do humanismo emergente na Revolução de 1789.

Se isso parece um tanto árido, não é; no livro *Rumo à estação Finlândia*, Wilson considera a história narrativa, drama e exposição de pontos de vista opostos. Ele dramatiza, com enorme número de dados, a vida de Michelet e um pouco a de Vico, as opiniões em voga que eles tentaram derrubar, em suma, nos dá um variado banquete da melhor inteligência da época dos dois, como a sentimos no nosso século.

De Michelet, Wilson vai à decadência da tradição revolucionária francesa, analisando a personalidade e a obra de Ernest Renan e de

Hippolyte Taine (outro ensaio correlato, sobre Flaubert, foi omitido do livro, publicado em outra coleção), culminando com Anatole France, escritor que hoje ninguém mais parece ler, mas favorito do meu pai, morto em 1973, aos 73 anos, e lido por toda a geração dele, como ironista e homem de charme incomparável (Wilson, apesar de algumas restrições, partilha essa opinião).

HISTÓRIA DO SOCIALISMO

Depois, temos uma breve recapitulação da história do socialismo, com ensaios sobre Babeuf, que “prematuramente” queria socialismo na esteira dos eventos de 1789, Fourier e Owen, e, como Wilson ao publicar o livro (1940) ainda acreditava no excepcionalismo dos EUA (opinião que mudou precisamente em 1950), temos um fascinante exame de tentativas de estabelecimento de comunidades religioso-socialistas nos EUA, nos primórdios do século XIX.

Tudo isso, vale insistir, se pode ler como um romance na tradição de *Guerra e paz*, de Tolstói. Não há uma palavra de jargão, ou citações de sistemas de pensadores obscuros e ilegíveis, ou seja, nada tem em comum com a tradição acadêmica dominante. É uma história na tradição humanista de Michelet e, principalmente, do grande *whig*, do conservador esclarecido Thomas Babington Macaulay, inglês, a quem Wilson muito admira, apesar de detestar os ingleses, como povo e nação (abrindo exceção a escritores favoritos, já que ele, Wilson, era totalmente de ascendência inglesa).

Em seguida, Wilson se dedica (na minha edição, Farrar, Straus and Giroux, Nova York, 1971) a Marx e Engels, com capítulos riquíssimos sobre Lassale e Bakunin, que rejeitaram Marx e o marxismo, mas que se somaram marcantemente ao que houve de revolucionário no século XIX. O livro termina com 126 páginas sobre Lênin e Trótski, os autores da Revolução de 1917.

O leitor atento e cuidadoso terá, acredito, enorme satisfação com esses ensaios. Já os li e reli mais vezes do que me lembro. O livro é uma excelente introdução ao humanismo revolucionário. O subtítulo é “um estudo sobre como a história foi escrita e feita”. Que escrita venha antes de

feita não é acidental. Wilson foi um escritor e é como grande homem de literatura que a história o interessa.

ESCOLHA SUBJETIVA

Isso dito, é preciso lembrar que todos somos subjetivos. Por que Michelet, por que Vico? Aristóteles já previu um mundo natural em que o homem, e não os deuses, é o principal ator. Para não falar de Empédocles, que previu até a fissão nuclear... Wilson está perfeitamente ciente disso. Cita, por exemplo, a influência de outro “naturalista”, Francis Bacon, sobre Vico. Mas não cita a profunda dependência de Michelet dos chamados *philosophes*, como Rousseau, Voltaire e Diderot. Digo “não cita” não no sentido de não mencioná-los, mas sim de não lhes dar o devido peso. Escolheu Michelet, provavelmente, porque ele é um historiador ao gosto de Wilson, narrativo e dramático. Mas isso não é defeito. Ninguém pode escrever sobre tudo.

No prefácio da edição de 1971, Wilson admite que deveria ter incluído Jaurès e Zola na tradição socialista francesa. Afinal, o socialismo francês influenciou profundamente sobre Marx. Blanqui é citado, mas não Blanc. Mas Wilson recusa, corretamente, a meu ver, os neomarxistas, que descobriram um Marx “existencial”, em obras como *Grundrisse*. Wilson diz que Marx publicou o que queria (ou ao menos selecionou e encaminhou aos editores o que queria, o que exclui *Grundrisse* etc.).

SIMPÁTICO A MARX

O Wilson de 1971 não era o Wilson de 1940. Tinha deixado de acreditar em revoluções absolutistas. O fato é que *Rumo à estação Finlândia*, apesar de conter agudas e contundentes críticas a Marx (Wilson demole convincentemente o chamado “materialismo dialético” no capítulo “O mito da dialética” e reduz à metafísica - uma palavra insultuosa em 1940 - a mais-valia e outras “inevitabilidades” de Marx), apesar disso, repito, o

livro é extremamente simpático a Marx e ao marxismo. Os já referidos Renan e Taine, que Wilson admira, são tratados como pensadores burgueses complacentes numa era em que a burguesia ainda confiava em si própria, uma opinião que duvido permanecesse com Wilson, em 1971.

Sobre Marx, Wilson é quase sempre admirável, não só na exposição das teorias dele, como em apontar os buracos de lógica já citados na dialética, na mais-valia e também no desfecho da queda do capitalismo depois que cessou de funcionar socialmente, tornando-se supérfluo, “deficitário” e abrindo caminho a uma classe operária conscientizada e politicamente articulada. A meu ver, ele só falha em não ter percebido que eram menos as violências da mais-valia que indignavam Marx - que, afinal, ao contrário do pensador Ulysses Guimarães, considerava o desenvolvimento capitalista essencial ao socialismo - do que o fato, este, sem dúvida, “existencial”, de que o patrão pode dispor como bem entende do direito do trabalhador de sobreviver (*Trabalho assalariado e capital*^{91} analisa isso muito bem).

Nada disso, como dizem, empana o brilho e a acessibilidade desse esplêndido volume. *Rumo à estação Finlândia* não é um livro no sentido comum da palavra, ou seja, que um belo dia Edmund Wilson resolveu sentar e escrever. É uma coleção de ensaios que Wilson começou a escrever em 1934. Querendo saber mais da URSS, resolveu visitá-la em 1935. aprendeu russo, em 1937 publicou mais ensaios, até que, finalmente, em 1940, organizou o livro.

O CASTELO DE AXEL

Wilson tinha uma formação clássica, em latim e grego, numa escola de elite (Hill, Pensilvânia), chegou aos modernos em outra universidade de elite, Princeton (Nova Jersey), e queria ser poeta, romancista e dramaturgo. Foi as três coisas, sem muito sucesso (mas o melhor crítico americano de hoje, John Updike, tem grande afeição por *Memórias do condado de Hecate*, histórias pioneiramente sacanas, que terminaram banidas pela censura, nos anos 1930)^{92}.

A celebridade chegou a Wilson quando, em 1931, ele publicou *O castelo de Axel*,^{93} ensaios sobre Proust, Joyce, Valéry, Eliot e Gertrude Stein. Até hoje, nada conheço de igual. Ele deveria ter incluído Thomas Mann, mas por alguma razão - cisma - nunca o leu. Wilson analisou *Finnegan's Wake* quando estava incompleto, publicado em partes, como “obra em progresso”, isso sem falar de *Ulysses*, e, realmente, não é que não se possa dizer outras coisas sobre Joyce (o que inclui uma bobagem de Wilson, que ele era poeta menor. Era maior), mas nada de igualmente interessante. Vocês já leram o acadêmico Hugh Kenner sobre Joyce? Não perderam nada se o evitaram. Perder Wilson é um alto prejuízo, e, notem, repito que ele escreveu em cima das obras, coisa que acadêmico não ousa, em geral. Isso, quando em intervalos descobria, revelava o talento desconhecido então de Ernest Hemingway, reafirmava o talento real (isto é, depois que saiu da moda, para voltar à dita em 1946) de F. Scott Fitzgerald, amigo dele de faculdade. Não conheço ensaio também tão profundo nem abrangente sobre Proust, ainda que eu discorde que Proust “aviade” toda a sociedade. Proust sentiu o “podre” do nosso tempo de entropia mais fundo do que Wilson era capaz de percebê-lo, em 1931.

UMA VISÃO VARIADA

O ensaio sobre Eliot é perfeito sobre a poesia, mas com um ressentimento de patriota americano pelo americano que se tornou anglófilo. Não posso escrever este jornal todo, mas, em livros como *Os pensadores tríplexes*^{94} e *O arco e a ferida*,^{95} Wilson, influenciado aqui e ali por Marx e Freud, nos dá uma enormemente variada visão das riquezas da literatura moderna, indo encontrá-las em clássicos ratificados como Dickens e Henry James (não ratificado nos anos 1930, quando Wilson o “descobriu” para os acadêmicos...), em dúvida, como Bernard Shaw, ou rejeitados (na época), tais como Rudyard Kipling. E há os extraordinários volumes de resenhas, que cobrem do Marquês de Sade a Virginia Woolf, que destruíram a reputação de Somerset Maugham (em *Clássicos e comerciais*, “A apoteose de Somerset Maugham”).^{96} Este nunca se recuperou), ou que até hoje não nos permitem ler *Brideshead Revisited*

[1945],^{97} de Evelyn Waugh, sem rir desse autor que geralmente dava a última gargalhada sobre todo mundo.

Mas o que faz de Wilson o último homem de letras do nosso tempo não é apenas a pontaria certa e a profundidade das análises literárias dele.

DIÁRIOS

Wilson nos fala do túmulo. Comprei, mas não li, os diários dele (luminosamente editados e prefaciados por Leon Edel. Francamente acho esses prefácios melhores que a imensa biografia de Edel sobre Henry James, um elogio que Edel não apreciaria) sobre os anos 1920 (Wilson viveu de 1895 a 1972), os 1930 e os 1940. Mas comprei os 1950 e devorei. Agora estou lendo tudo, no momento terminando os 1930, em ordem inversa. É um dos grandes diários da história da literatura e sociedade do nosso tempo, algo no nível do velho Samuel Pepys, deixando longe os badalados e essencialmente triviais diários de Virginia Woolf, cuja vida, afinal, era de uma solteirona casada de subúrbio, ao contrário da de Wilson.

Como disse, Wilson começou a vomitar a sociedade americana na década de 1950. Jason Epstein, num ensaio simpático no último *New York Review*, diz que Wilson não se interessou pelos escritores depois dos anos 1940. Não é bem verdade. Não escreveu muito sobre eles, mas reconheceu o talento de James Baldwin e, para pasmo meu, a originalidade de J. D. Salinger.

Mas é fato que Wilson, sempre um internacionalista cultural, apesar do americanismo patriótico-aristocrático, saiu mundo afora física e intelectualmente. Aprendeu hebraico para escrever *Os papiros do mar Vermelho*,^{98} um audacioso ensaio sobre as origens de Jesus na seita (também rejeitada pelos judeus) dos essênios, se é que se escreve assim em português (*essenés*, em inglês). Leu os russos e escreveu apaixonadamente sobre eles em muitos ensaios, de Púchkin a Pasternak (por quem ele tem apreço excessivo, a meu ver).

Foi ao lugar mais chato do mundo civilizado, o Canadá, e nos deu um livro pungente, *O Canada*.^{99} Examinou a vida dos índios roubados e assassinados pelos brancos nos EUA e escreveu *Desculpas aos iroqueses*,

^{100} índios na vizinhança dele. Nunca deixou de frequentar a Europa Ocidental, e se sente o talento e a dignidade do homem quando reconhece o gênio de Genet, mas acrescenta que é uma prova da decadência da Europa que ele seja um escritor tão eminente.

UM LIVRO INDISPENSÁVEL

Essas obras todas, que esgotariam de longe os recursos intelectuais de qualquer universidade que eu conheça, foram culminadas com um dos poucos livros que acho indispensáveis à compreensão dos EUA, *Patriotic Gore*, que já li tantas outras vezes que está aos pedaços. Wilson reexamina o evento que realmente criou esta nação, a guerra civil de 1861-1865. Num prefácio que até hoje enfurece intelectuais convencionais, Wilson manifesta profundo desprezo por conglomerados de poder como os EUA e a URSS, dizendo que sempre levam a agressões ditadas por um processo bioeconômico em que o poder aspira sempre a mais poder. Pode ser que a história seja mais complexa do que essa formulação, mas eu, ao menos, a considero a premissa básica não só de qualquer estudo histórico; eu a considero a condição *sine qua non* da integridade intelectual.

Desapontado com as monstruosidades de Stálin, que pouco ainda conhecia quando *Rumo à estação Finlândia* foi publicado, em 1940, Wilson nem por isso guinou à extrema direita rancorosa. Epstein, em outro ensaio que não o citado, se lembra de Wilson com um botão McGovern, na campanha presidencial de 1972.

Wilson se casou quatro vezes, com Mary Blair, uma atriz que preferia o teatro, com Margaret Canby, uma gostosa idiota, cuja morte num acidente deu a ele profundo e duradouro sentimento de culpa. Mary McCarthy, linda mas *vagina dentata*, como se diz em latim, e xota de alicate em português, conta que Wilson a trancou num quarto até que ela terminasse *The Company She Keeps* [1942],^{101} o livro que a celebrizou. Que a fez desistir de ficção-lixo-fantasia e a curou de admiração excessiva por Aldous Huxley. Ela lhe deu um filho, Reuel; Mary [Blair], uma filha, Rosalind; e a última mulher, Elena Mumm (do champanhe, que é masculino), outra filha, Elena, hoje herdeira dos direitos autorais. O casamento com Mary

[McCarthy] durou oito anos, de porre mútuo, terminando quando ele deu um murro na cara dela, numa disputa indigna, mas típica de bêbados, sobre quem ia jogar o lixo fora...

Wilson sempre foi um bicho estranho. Mary [McCarthy] conta que, quando ele cismava com um assunto, não falava de outra coisa. Como Pound, de quem não gostava muito, Wilson um dia cismou que Walt Disney era o maior artista já produzido pelos EUA. Mary diz que foi à loucura ouvindo falar dia e noite de Bambi (Wilson tinha um cachorro com o nome do veado), Pato Donald etc. Acredito.

O próprio Wilson diz que ele e a última mulher, Elena, “lutaram juntos todas as batalhas da guerra civil”, que ele analisou em *Patriotic Gore*. Mas Elena era europeia e entendia melhor os homens do que as americanas. Nos diários ele descreve trepadas monumentais, minuciosamente, com todas as mulheres (menos Mary [McCarthy], porque viva) e outras, o que é um tanto chato. Mas ninguém é perfeito.

Wilson, um aristocrata americano, crente na velha república que durou de George Washington à guerra civil de 1861, tinha de se sentir um corpo estranho no nosso tempo. Chocado pela grande Depressão de 1929, que descreveu como ninguém em *Terremoto americano*,^{102} foi levado a Marx e cia. Não era do ramo, mas *Rumo à estação Finlândia* é uma obra-prima, pesados os prós e contras. À parte ser o que escrevi acima, nos dá longas e definitivas passagens sobre as relações entre Marx e Engels, sem falar do capítulo “Marx, o poeta das comodidades”,^{103} em que Wilson esclarece tudo que acha de certo e errado sobre Marx em 37 páginas prodigiosas de concentração intelectual e incisividade.

UM GUIA ADMIRÁVEL

Prefiro, pessoalmente, *Patriotic Gore*, mas, afinal, vivo nos EUA. E por que não ler tudo disponível de um intelecto desse nível, de que fizeram o molde e quebraram a forma? Marx, tão citado e pouco lido no Brasil, continua exercendo enorme influência no mundo. Por que não saber o que ele escreveu, de verdade? Wilson é um guia admirável. O último marxista com quem ele simpatizou foi Trótski, a “jovem águia”, que biografava brilhantemente pré-Deutscher, sentindo-lhe na medida as forças e fraquezas.

De Trótski, em cuja infância culpada pelos maus-tratos que o pai dele infligia aos camponeses Wilson encontra ecos de si próprio, ele foi a Oliver Wendell Holmes, o juiz da Corte Suprema, a quem dedica o último capítulo de *Patriotic Gore*; Holmes, homem de uma profunda misantropia, mas com enorme senso da tragédia da vida e uma dedicação profissional que o levou a atuar até os noventa anos de idade. O coração matou Wilson aos 72 anos, mas intelectualmente ele ainda ilumina nosso tempo de trevas crescentes.

02.10.1986

CLÁUDIO ABRAMO, AMIGO E JORNALISTA

Conheci Cláudio Abramo na década de 1950, apresentado por um amigo meu, Flávio Rangel, homem de teatro e jornal.^{104} Cláudio era o secretário de redação de *O Estado de S. Paulo*. Era o jornal mais noticioso e informado do país. O jornal que registrava tudo. O único a publicar um manifesto de Luís Carlos Prestes na eleição presidencial de 1960, na primeira página. O proprietário, Júlio de Mesquita Filho (“dr. Julinho”) era anticomunista, claro, mas conhecera Prestes nas confusões do governo Arthur Bernardes, nos anos 1920, eram amigos pessoais, apesar de adversários políticos. Cláudio se sentia perfeitamente realizado sendo o executivo desse verdadeiro império de notícias que era *O Estadão*. Nunca pretendeu ser mais do que um jornalista, ainda que tivesse qualificações intelectuais para ser muito mais.

Nossa compatibilidade foi imediata. Ele era alto, bonito e inteligente. Parecia um fidalgo florentino. Tinha uma gesticulação graciosa, que nunca perdeu, e que foi e é imitada (inconscientemente) por inúmeros amigos e discípulos. A muitos, Cláudio pareceu arrogante e grosseiro. É certo que, ao contrário do apóstolo São Paulo, ele não tolerava, de cara alegre, os tolos. Mas seus muitos amigos sabem que Cláudio era carinhosíssimo, de uma sensibilidade agudíssima. Amizade, para ele, era eterna. Tudo fazia pelos amigos e tudo tolerava dos amigos (alguns bem tolos, contrariando o que eu disse acima). A última vez que conversamos longamente, Cláudio estava tentando uma aliança entre o PT e os socialistas, numa dessas eleições que nada significam no Brasil. Eu, estarrecido que ele tivesse a paciência de conversar racionalmente com essa gente. Mas aquele era Cláudio, que, apesar de cético em face do que os acontecimentos nos mostram sobre o Brasil, nunca perdeu a fé num socialismo de igualdade, liberdade e fraternidade, com ênfase em fraternidade, de que é preciso muita para se fazer política em nosso país. “Odeio a burguesia”, ele me disse várias vezes. Claro, todo nobre despreza a burguesia. Prefere o proletariado.

Cláudio, como Camus, veio da classe operária. Seu avô era anarquista. O neto, mais instruído, foi trotskista, a variação (em verdade, dissidência) de marxismo em que se pode ficar só, com amigos selecionados e igualmente brilhantes (Cláudio pertencia à aristocracia trotskista de Lívio Xavier, Mário Pedrosa etc.), imprecando com lógica irrefutável contra a vulgaridade dos stalinistas.

Mas não o imagine uma pessoa solene. Seu humor era contagiante e orgasmático. Nunca transferiu para o papel, por delicadeza, o que dizia da estupidez humana, com que conviveu intimamente, mas nunca se dobrando, nunca “aderindo”. Ele se queixava muito da vida. Acho que exagerava.

Foi o maior secretário de redação de *O Estado de S. Paulo* e iniciou a reforma da *Folha* na década de 1970, *Folha* que passou a ser levada a sério a partir da gestão dele (que terminou em 1977). Em suma, ajudou a estabelecer os dois únicos jornais sérios de São Paulo. O que mais pode desejar um jornalista? Ele me convidou para escrever no jornal. Eu nunca sequer tinha olhado para a *Folha* antes. Hoje a *Folha* é o grande jornal liberal do Brasil. Muita gente teve mão nisso, mas a mão que iniciou a reforma foi a de Cláudio Abramo.

E a *Folha* é o lar dos perseguidos e feridos pelo sistema. Lembro de ver Cláudio conversando amavelmente com Samuel Wainer (que o proprietário do jornal, Octavio Frias, convidou para editorialista e articulista, salvando-o de um exílio interno injusto). Pensava: aí está, pelo menos, metade da história do jornalismo brasileiro. Este nosso jornal, tão jovem, tão jovem, que quando vou aí sinto vontade de usar uma bengala e óculos escuros, foi o lar de alguns “velhos” ilustres, que nenhuma história honesta do jornalismo brasileiro pode ignorar. Quando Samuel morreu, Osvaldo Peralva o substituiu. Peralva foi o primeiro a dizer claramente, com uma visão e argumentos de quem viveu o que dizia, o que era o Partido Comunista Brasileiro, num livro chamado *O retrato*.^{105} Mais história. Aqueles que não aprendem dos erros da história estão condenados a repeti-los.

Cláudio, o amigo, grande e excêntrico demais para caber na nossa sociedade provinciana. Lembro que em 1964, depois do golpe militar, estive uns tempos em São Paulo, porque no Rio, imaginava eu (erradamente), a situação estava quente para mim, sob o governo Carlos Lacerda, que todo mundo imaginava o único beneficiário do golpe (Lacerda terminou sendo

uma das maiores vítimas). Eu, deprimidíssimo. Cláudio me encorajando. Ele nunca perdeu o humor, nem durante a repressão-terror do general Médici, em que foi preso porque ajudava caridosamente os filhos de um adversário ideológico, um comunista. Cláudio sugeriu que fôssemos visitar um amigo dele, fotógrafo, Lenine. Chegamos à vila onde Lenine morava. Cláudio gritou: “Lenine!”. Eu disse baixinho, baixinho: “Você não acha que não é hora de gritar um nome desses? Podem confundir...”. Ele me olhou de cima para baixo. E repetiu: “Lenine!”.

Cláudio nunca examinou por escrito, que eu saiba, a experiência que teve como secretário de imprensa de Carvalho Pinto, ministro da Fazenda, em 1963, ou as conversas particulares que teve com Delfim Netto, quando correspondente da *Folha* em Paris. Sua fé socialista, baseada, repito, no conceito de fraternidade, era um breque contra certas realidades. Mas isso é um reparo que de maneira alguma diminui o amigo e o jornalista. Ao contrário: ter vivido tanto quanto ele viveu, ocupado os cargos que ocupou, sem nunca ter se avacalhado é uma honra que não se traduz em medalhas ou outros penduricalhos brasileiros, porque desconhecida em nosso país. Ele era uma pessoa rara, quase inexistente: um patriota sem ilusões. Temos tão pouca gente. Perdemos, em Cláudio, um bocado desse parco patrimônio.

15.08.1987

DIÁRIO DA CORTE

Marcas inconfundíveis do cafajeste: botar qualquer coisa em cinzeiro que não seja fumo. Causa uma impressão única de porcaria. Por quê, não sei, mas a gente sente a nojeira e quem não sente é cafona. E fazer ponto em frente de restaurante. Em restaurante você entra ou sai. Ficando na porta, você dá a impressão de que é parte do cardápio (não vou escrever *menu* porque me lembro da dívida brasileira. Sai, sai!).

Alguém está corrigindo muito bem meus escritos na “Ilustrada”. Obrigado. Cometo erros paca. Mas a perfeição nem sempre é uma virtude. Outro dia escrevi que tinham chamado Oscar Wilde de “sondomita”. Era isso mesmo. O marquês de Queensberry (por falar nisso foi ele que inventou as regras com que se joga, luta, boxe) não sabia escrever ou falar, como a maioria dos aristocratas ingleses (a não ser em cinema, quando falam como locutores de televisão. Nobre é chinfra. Come as últimas letras, como em *bein* em vez de *being*, e diz *ain't*, em vez de *aren't* ou *isn't*). Escreveu “sondomita”. Meu colega aqui mudou para “sodomita”, que é o correto, mas, no caso, não. Alfred Douglas, filho de Queensberry, era o menino de Wilde. O outro filho de Queensberry, lorde Roseberry, era também baitola, mas preferiu suicidar-se.

Outro dia vi televisão. Um documentário na Educativa (PBS) chamado *O almoço de dez anos no Algonquin*. Este último é um hotel em Nova York, na rua 44, entre a Broadway e a Oitava. Foi comprado pela cadeia de hotéis Caesar Park. Houve grande festa na imprensa brasileira. Compramos um hotel em Noviorque. A cadeia Caesar Park é japonesa. Muito obrigado.

Mas foi lá que entre 1919 e 1929 se reuniu um grupo de jornalistas e intelectuais que celebrizou o hotel. Se chamava a “Mesa Redonda” do Algonquin. A mesa era redonda. Nenhuma referência à mesa redonda do rei Arthur. Piada. *Jornalista ou intelectual sempre procura um botequim. Intelectual não vai à praia. Intelectual bebe. Ou pelo menos era assim antes que os intelectuais se tornassem os novos clérigos da academia, fazendo o papel que Umberto Eco diz que os teólogos fizeram na Idade Média, onde a*

barbárie grassava lá fora, e eles, nos monastérios (hoje universidades), preservavam a cultura ocidental até a Renascença. A comparação não me parece certa, porque a maioria dos acadêmicos hoje me parece parte da barbárie com seu relativismo crítico que tende à obscuridade (terrorista e niilista, disse Foucault de Derrida, esquecendo de se incluir nos adjetivos). Henry James e T. S. Eliot. Dois “assuntos” que dão pano para as mangas estruturalistas, desconstrutivistas etc. Mas Henry James passou de raspão por Harvard, nunca mais voltou e, mais significativamente, nunca escreveu nada a respeito. E Henry James foi “redescoberto” por Edmund Wilson e Philip Rahv, dois críticos definitivamente não acadêmicos.

T. S. Eliot se doutorou em Harvard com uma tese sobre a metafísica de Bradley. Disse não entender a própria tese anos depois... Fez pós-graduação em Oxford. Poderia ter ensinado nas duas se estalasse os dedos. Preferiu ser bancário. Trabalhou anos no Lloyd's de Londres (seção internacional. Hoje estaria cobrando a dívida do Brasil. Sai, sai!). Aldous Huxley foi visitá-lo no banco e disse que ele trabalhava numa sala sem janelas. Preferiu isso à academia. Donald Davie, o poeta, visitou mais tarde Eliot, quando este já era editor da Faber and Faber, ia para Oxford e pediu-lhe conselhos sobre a universidade. Eliot respondeu: “Você tem um bom par de ceroulas? Lá faz muito frio”. Hum...

Pouca gente se lembra da gente do Algonquin. Edna Ferber é autora de *So Big* [1924] e de um romance que deu no filme *Giant*,^{106} que Sérgio Augusto (ironicamente, ironicamente) disse que quer dizer em português “Assim caminha a humanidade”. George Kaufman escreveu dezenas de comédias perecíveis, mas comeu Mary Astor, na juventude dela, pelo que merece toda a inveja. Robert Sherwood escreveu melodramas como *A floresta petrificada*, que talvez vocês tenham visto na televisão com Bette Davis e Leslie Howard.^{107} Marc Connelly escreveu babaquices sobre a religiosidade dos negros nos EUA. Robert Benchley dizem que era muito espirituoso. **Para conferir eu teria de fazer uma pesquisa na Biblioteca Pública, o que nunca fiz ou farei.** Conheci-o como ator. Era horrendo, mas divertido, porque se via que ele tinha vergonha de estar diante das câmeras (é o jornalista bêbado do início de *Correspondente estrangeiro* [1940], de Hitchcock, com Joel McCrea, Laraine Day e George Sanders. Esses filmes passam aí na televisão, ao menos?).

Mas Benchley é autor de uma frase deliciosa sobre a mais ilustre algonquiana, Dorothy Parker, era apaixonado por ela, o que o documentário não diz. Dorothy Parker, como tantas amigas minhas, vivia se suicidando sem sucesso, naturalmente. Benchley lhe disse um dia: “Se continuar fazendo isso, vai acabar doente”. Outro apaixonado por Dorothy, e intermitente algonquiano, foi Ring Lardner, que fez uma obra de arte do *patois* judaico, irlandês, italiano, de Nova York. Sobrevive no musical *Guys and Dolls*, o que não é pouca porcaria, porque melhor musical não há. O filho, “Jr.”, fez *scripts* de sucesso em Hollywood, até que entrou na lista negra como comuna (já não era mais, mas não quis denunciar os amigos. A denúncia era um ritual. Os parlamentares estavam caindo de saber quem eram os comunistas de Hollywood, mas exigiam das testemunhas um ato de abjeção pessoal, de “dedagem”. Ring Lardner Jr., como alguns outros, se recusou a isso). Voltou e é o autor do *script* original de *m.A.S.H.* [1970], dirigido por Robert Altman (o único sucesso de bilheteria de Altman).

Dorothy Parker ficou. Alguns contos como “Big Blonde” (se não estou enganado) e poemas, metrificadas, com rima, entraram para o folclore americano. *Men seldom make passes at girls who wear glasses.*

Os homens raramente mexem com mulheres de óculos. Em inglês, rima. Mas a fama é enganadora. Dorothy em Hollywood (coautora do *script* de *Nasce uma estrela*. Escreveu o papel do marido bêbado, na primeira versão Fredric March, na segunda James Mason, o melhor trabalho deste em cinema. Dorothy entendia de bêbados) teve de explicar até o fim da vida que não escreveu que os homens nunca mexem com mulheres de óculos. Escreveu que raramente mexem.

Mas Dorothy ficou mais porque é uma das raras mulheres (célebres) que têm senso de humor. Sarcasmo e malícia muitas têm (Virginia Woolf, Mary McCarthy). Senso de humor, francamente, é difícil lembrar. Francês Donaldson (mulher) diz que é porque as mulheres têm mais imaginação do que o homem, que não conseguem isolar e rir do humor do palhaço sofrido, como os homens riem, porque veem no palhaço o ser humano sofrido. Rebecca West diz que é porque as mulheres são idiotas. Calma. Ela se refere à raiz grega de “idiota”, que é “pessoa particular”, ou seja, voltada para si própria. E ridiculariza a capacidade de abstração dos homens em assuntos públicos. As mulheres tomam tudo pessoalmente, em suma.

Dei as versões femininas mais ilustres, a moderada e a radical.

Dorothy parecia homem. O documentário cita um trocadilho dela com “horticultura”, palavra que nenhuma pessoa inteligente, claro, escreve. Mas em inglês *hort* tem mais ou menos o mesmo som que *whore*, puta, e *culture* é, naturalmente, cultura. Dizia Dorothy que se pode levar uma *whore* (*hort*) para a *culture*, cultura, mas não se pode fazê-la pensar. Não sei se é engraçado em português. Em inglês é, pelo trocadilho (uma forma menor de humor, como nos lembra Mark Twain).

Mas esse não é o melhor exemplo do que entendo do humor. O melhor é o que conta Lillian Hellman no seu ensaio sobre Dorothy Parker. As duas estavam numa sala com lareira acesa, em silêncio. No andar de cima da casa, Alan Campbell, o marido de Dorothy (duas vezes), tinha uma briga feroz com a mãe dele. Terminada esta, ele entrou na sala das duas e disse: “Está um inferno de quente”. Dorothy respondeu: “Para nós, órfãs, está bem”. Lillian diz que riu tanto e sem parar que Dorothy teve de contê-la, dizendo que se continuasse rindo ia passar mal.

O problema de Dorothy e de quase todos os algonquianos é que bebiam demais. Fumavam demais também (nenhum morreu de câncer do pulmão), mas foi o álcool que os danou. Nenhum “cumpriu a promessa” daqueles anos depois da Primeira Guerra. O documentário é pobre, entre outras coisas, porque nada nos diz da América daqueles anos, um país dominado por protestantes calvinistas soturnos, antiprazer e só pensando em ganhar dinheiro. Em que os imigrantes, ou filhos deles, eram tidos como párias e viviam segregados em guetos. Os americanos de origem inglesa, escocesa e holandesa eram duros com gente de fora. A única chance de imigrantes, ou filhos, entrarem na sociedade era por jornalismo, literatura e, principalmente, *show business*.

A Mesa Redonda do Algonquin, ainda que atraísse alguns “americanos de verdade”, como Alexander Woollcott, o crítico de teatro (do *Times*), era um refúgio de imigrantes, de humor contra uma sociedade severa, de desabafo pela bebida. Dorothy Parker se chamava originalmente Dorothy Rothschild. Se você é da família de banqueiros e financistas, tudo bem, se não é, o nome é uma inconveniência. Mas documentários da Educativa americana não podem tocar nesse assunto porque não ousam ofender qualquer grupo étnico. Dizer como vivem, como são vistos alguns grupos étnicos, pode ser uma maneira de humanizá-los. Mas na posição em cima do muro, de relativismo cultural, de hoje em dia, não se faz isso. Não é nem fica o dito pelo não dito. Nada se diz. O resultado é a monotonia

massificada da “cultura popular”. Preconceito de raça é, sem dúvida, muito jeca. Mas o desgosto que trazemos do berço, ou que nos é inculcado quando crianças, por gente diferente da gente, é uma realidade, que precisa ser enfrentada. Fazer de conta que não existe é uma evasão fútil e que resulta em gente como Jean-Marie Le Pen e, até, *iti extremis*, Hitler.

Mas o Algonquin nunca liderou em nada. Ou melhor, esteve por lá Harold Ross, o futuro fundador e editor da *New Yorker*, até hoje a publicação de massa (vende mais de 500 mil) mais inteligente do mundo.

Imprensa é sempre monótona, o dia a dia de quase todos que percebem que existe um dia a dia, sem trabalhar como um burro de carga, é quase sempre chato. Mas a *New Yorker* sempre tem uma ou outra coisa que quebra a rotina. Seja John Updike, o único crítico de música que se leva a sério (Andrew Porter), de dança, idem (Arlene Croce), George Steiner, o humor de Charles Adams, de Steinberg, que, falando nisso, esteve no Brasil em 1940 e não arranhou emprego (fez umas capas da velha *Sombra*). Não o achamos bom... O humor de James Thurber, no momento esquecido, mas que qualquer dia desses será ressuscitado (nós o publicamos adoidado na velha revista *Senhor*, de 1959-1962). E artigos que derrubaram preconceitos profundamente entranhados na sociedade americana, como *Eichmann in Jerusalem* [1963],^{108} de Hannah Arendt, a primeira vez que numa publicação popular o massacre dos judeus na Segunda Guerra foi confrontado a sério, ou *The Fire Next Time* [1963],^{109} de James Baldwin, que fez pelo negro o que Arendt fez pelo judeu, e *The Fate of the Earth* [1982],^{110} de Jonathan Schell, sobre a nossa condição “nuclear”.

A revista tem um tom discreto, conciso, factual, e evita o melodrama de mau gosto, mas é um braço forte neste país de cultura de segundo time, como diz o colaborador George Steiner. Todos os algonquianos escreveram alguma coisa para a *New Yorker*, se bem que a maioria acabou em Hollywood, ganhando bom dinheiro produzindo pipoca cultural para as massas. E bêbados, bêbados. É engraçado que a moda sejam campanhas gigantescas, inspiradas pelos diversos Estados, contra o cigarro e as drogas. Mais gente se arruinou ou morreu de alcoolismo do que por drogas e cigarro. Mas a estupidez é um fator histórico muito subestimado.

E a *New Yorker* abrigou os últimos anos, 1959-1963, do crítico de teatro mais cintilante da minha geração, Kenneth Tynan. Ele causava terror no teatro inglês e americano. Mas ser elogiado por ele era como ter uma

placa inaugurada em praça pública. Ele fazia o teatro parecer importante. Era cruel pra chuchu, mas todo mundo sabia que um elogio de Ken faria história. Esse tipo de crítico é mais admirado depois que deixa de escrever, o que é “normal”, pois Tynan largou a crítica e em 1964 foi o primeiro diretor literário do National Theatre inglês, com Laurence Olivier, ator e diretor. Infelizmente, ficou mais célebre como o organizador de *Oh Calcutta!* (um trocadilho de *Oh quel cu tu as*), aquela pobreza pornográfica. Ken acreditava, ou dizia acreditar, em revolução sexual e política (socialista). Foi o primeiro a dizer *fuck* na televisão inglesa, nos anos 1960, conversando com Mary McCarthy. Saiu uma biografia enorme dele, *The Life of Kenneth Tynan* [1987], da mulher dele, Kathleen Tynan. Li trechos em *Vanity Fair* e no *Sunday Times*, rival do *Observer*, de quem Ken foi crítico. Estou chamando de Ken porque o conheci pessoalmente. Era simpaticíssimo e frenético. Todo mundo sabia que ele gostava, ocasionalmente, de se vestir de mulher e ser chicoteado, mas é preciso a mulher dele para contar isso num livro. Ken não era homossexual. Era travesti, às vezes, e gostava de apanhar quando fazia sexo. Conheço várias pessoas, algumas célebres, que lhe partilham o gosto. E daí?

Na resenha do *Observer* o editor colocou que ele foi o crítico mais influente do século. Nucopardoca, George Jean Nathan foi mais influente, porque descobriu Eugene O’Neill e Tennessee Williams (Nathan tinha tanta força que fez um produtor montar, a contragosto, o primeiro sucesso de Williams, *The Glass Menagerie* [1944],^{111} porque queria que a menina dele, Julie Haydon, fizesse o papel da filha aleijada. Fez e brilhou. Nathan também impôs como a mãe Laurette Taylor, uma grande atriz, mas alcoólatra. Nathan tinha tanta confiança nela que na noite de estreia lhe enviou uma garrafa de champanhe. Laurette Taylor também foi um estouro. Tennessee Williams assistiu a tudo isso, “fazendo nas calças”, mas nunca escreveu a respeito, o que é falta de caráter, porque deve sua entrada no teatro a Nathan, que também conheci, em 1954, caindo de velho). E Eric Bentley foi muito mais mestre de todos nós do que Tynan. Mas nem por isso este deixa de ser admirável. Foi às touradas com Hemingway e visitou Fidel Castro, com Tennessee Williams, que não entendia nada. Falou besteira do “desespero ocioso” de Samuel Beckett. Não é que eu discorde. Mas por trás desse comentário está a sugestão de que Beckett não era engajado politicamente. Beckett sempre foi assim, como é, desde que

nasceu. E, ao contrário de muito esquerda festiva que anda por aí, Beckett foi parte da resistência francesa ao nazismo, embora não desse bola para política. Dava bola para amigos perseguidos, o que é mais digno.

Mas Tynan era uma festa de ler. Morreu de enfisema. Não quis deixar de fumar. Como Frank Loesser, o autor de *Guys and Dolls* e de outros grandes musicais, que estava numa tenda de oxigênio, a qual pediu que abrissem, para acender um cigarro, que fumou até morrer. Em certo sentido, temos o direito de escolher nosso destino. Esses homens e mulheres viveram numa época mais generosa e arriscada do que a nossa, com seus *yuppies* tentando sobreviver só comendo legumes cozidos e correndo pelas ruas para preservar ao máximo suas carcaças, que nenhuma marca deixam na Terra, que pode ser de merda, mas é a única que temos.

01.10.1987

ANO NOVO, VIDA VELHA

O “dr. Ulysses” está aqui passando as festas com uma sobrinha que é casada com um almirante que é observador naval na ONU, que, todos sabemos, tem uma grande frota, frequentemente engajada em importantes missões em todo o globo.

A curiosidade dos editores brasileiros sobre a masturbação política em Brasília é insaciável, e lá se foi o ínclito e bravo Nelson de Sá, correspondente da *Folha*, entrevistar o “dr. Ulysses”. Ele disse isso e aquilo, ou seja, não disse nada, como de costume.

Cito esse *media event* por um motivo. Durante a entrevista, o “dr. Ulysses” disse (manifestou, como diz a imprensa brasileira) ter interesse em conversar comigo. Hum... Por quê? Já até cansei de malhá-lo, há semanas que não malho, porque, para ser franco, desisti por cansaço e senso de futilidade. Lá fiquei eu matutando na causa desse convite gentil e inesperado. Fariamos um duelo de cuspe, como é frequente na Constituinte? Sobre o que conversaríamos? Teria eu a coragem de confessar que pela primeira vez na vida ele, “dr. Ulysses”, e Sir Ney me fizeram encarar com tímida simpatia o terrorismo, que sempre abominei e condenei?

Contei a um amigo brasileiro de Washington e ele me explicou logo. Disse que esqueci como são as coisas no Brasil, aonde não vou há um ano e meio (temendo ver o que vou ver). Meu amigo me lembrou que todo mundo acha que por mais que os jornalistas pichem, se o pichado tem um encontro pessoal com o jornalista, com o charme, o veneno e a graça de todo brasileiro, o jornalista muda de opinião. Claro, clarimundo. Lembrei a última vez que um amigo, sob os meus veementes protestos, me pôs no telefone com Jânio Quadros - cuja existência e atividades me fizeram descrer de qualquer possibilidade para o iluminismo - e Jânio me convidou para almoçar na casa dele, lembro ainda a voz-dicionário com que se despediu de mim, voz também de palanque, dizendo: “Eloá é quituteira”.

Por associação de ideias, Jânio me fez lembrar de meu velho amigo José Serra. Me disseram que ele é candidato a prefeito de São Paulo. Se

eleito, terá de discutir o preço de passagens de ônibus. Terá de ver esgotos. Terá de participar de festas de bairros, com todos aqueles discursos, cortar fitas, segurar bebês sujos e com o nariz escorrendo... Se me dessem o cargo, eu não aceitaria.

Eu me considero não só um intelectual, como um artista, e nessa última condição capaz de me colocar no lugar de outras pessoas, de qualquer pessoa. Lembro o entusiasmo febril com que li as discussões de Vronski, Ana Karenina e Karenin, como Tolstói (ele teria consciência disso?) estabelece um diálogo harmonioso entre Vronski e Karenin, apesar de estarem disputando a mesma mulher, diálogo de que Ana fica fora, e ter dito a mim mesmo “esta é a única verdade” e, romântico, um Stephen Dedalus dos pobres, haver imaginado que algum dia eu também seria capaz de escrever assim.

Mas, com políticos, embatuco. José Serra. Nos conhecemos no apartamento que Brizola alugava de Magalhães Pinto no Leblon, em cima do cinema Miramar, mas, quanto menos for dito sobre esse encontro, melhor. Éramos jovens. Acreditávamos que, se sacudíssemos a bananeira com bastante força, haveria fruta para todos.

O outro Serra que conheci foi aqui, acho que em 1978, com dois exílios nas costas, do Brasil, em 1964, e do Chile, em 1973. Ele era tristíssimo. Como já sou deprimido pela própria natureza, eu bebia demais para ficar alegre e não me deixar contaminar pelos olhos de Theda Bara do Serra. Mas em momentos sóbrios conversamos muito. A tristeza dele é que estava havia catorze anos fora do Brasil. Disse que tinha pai velho e queria revê-lo. Corajosamente, se foi para o Brasil antes da abertura, anistia etc. Deu tudo certo.

Mas, note, Serra não estava mal de vida. *Connaisseurs* diriam, como eu disse a ele, que, pelo contrário, estava muitíssimo bem de vida. Economista, ele trabalhava com Albert Hirschman, economista que acredita em soluções econômicas para a América Latina (hum...), muito conceituado, e, mais importante, no Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Uma explicação talvez se faça necessária. Esse instituto é a maior boca rica da vida acadêmica dos EUA. Foi o lar intelectual de gente como Einstein, Oppenheimer e George Kennan. Só aceita cobras. E só exige dos cobras que pensem e, se possível, deem uma luz ao mundo em livros (Kennan escreveu toda sua obra de história diplomática, indispensável à compreensão da

política externa dos EUA, no instituto). O instituto é o equivalente de Ali Souls em Oxford. Não há o inferno de alunos. Os professores ganham muito bem, têm moradia de graça e uma atmosfera de saber e cultura, em que podem se banhar até a morte.

Eu disse a meu amigo: “Serra, não volta para aquela merda. Aquilo não tem jeito. Fica aqui, faz um doutorado em economia, escreve uma análise comparativa da economia mundial, escreve o que você quiser, mas não se mete ‘naquilo’. Você está tendo a chance de ser um observador privilegiado do contraste entre civilização e barbárie”.

Não me deu a menor atenção. Se foi para o *heart of darkness...*, de que não há retorno, como Conrad escreve.

Tempos depois, indo dormir num hotel em São Paulo, reví Serra num programa de televisão, aparentemente não comercial, porque se falava sem parar, ou melhor, Serra falava sem parar para um sujeito gordinho e, talvez, careca. Baixava o chanfallo no Delfim. Eu também já esculachei o Delfim até verificar - sou intelectualmente modesto - que ele é que tinha razão. Ou seja, não critico Serra pelo que disse da política econômica do Delfim. É uma fase.

Depois eu soube que ele foi deputado, candidato a ministro da Fazenda, meu pasmo não tinha limites. Como é que aguenta essa gente? A classe política brasileira, desculpem o carioquismo, é pura Lapa ou praça Mauá, ou seja, gente que só víamos no Rio nesses locais sórdidos, de longe e o mais rápido possível. É preciso ter um estômago rabelaisiano para ouvir tanta besteira. E, agora, quer ser prefeito, encontrar aquela “gente incrível”, como diz Tom Wolfe, a quem uma vez faltaram adjetivos mais claros para definir o que estou falando. Não, não sou Tolstói, não entendo, pura e simplesmente.

Outro amigo me disse que tubarões andaram à caça de Sarney. Já comecei a babar diante dessa possibilidade, *JAWS*. Aí está uma solução... Mas tão emocionado fiquei que não entendi a história direito. Parece que Sarney estava numa lancha no Maranhão, num lugar chamado Urubu, ou Urupuca, o que é bem a cara dele, segurando uma cafeteira, “não, não é isso”, disse meu amigo, estava com um indivíduo chamado Cafeteira, quando os tubarões apareceram. Já imaginaram? Tento imaginar que eu me chame Cafeteira. Um amigo que não vejo grita na rua: “Ô Cafeteira”. Eu

morreria de vergonha. Mas eles estão vivos, vivíssimos, sonhando com a ferrovia Norte-Sul. *JAWS*.

Penso em Fernando Henrique, outro amigo. Algumas noites tomamos drinques, uma vez com Marcílio Marques Moreira, então um “mero” banqueiro, e não embaixador-fantasia, porque ser embaixador do Brasil é fantasia, e Marcílio é um dos mais preparados intelectuais brasileiros. Os dois tiveram numa noite, entre pipoca e Black Label, uma discussão sobre Max Weber. Jantávamos num restaurante francês, com garçonetes de vinte anos (é um baixo restaurante com garçonetes. Mas há compensações, quando elas têm vinte anos). **Fernando tinha o Cebrap, mas tinha os pés na terra em política. Marcílio, idem. Agora quando falam, em público, bem, tenho poucos amigos, o melhor é preservá-los.**

Fernando, me dizem, quer até ser presidente. É bonito e simpático. Sempre o achei uma versão revista e melhorada de Francisco Alves, o “cantor das multidões”. Mas ser presidente? Do Brasil? Nem dado. E o que deve ser para um intelectual ficar dizendo os lugares-comuns que todo mundo diz, porque “agradam”, e agradam porque são estúpidos e simplórios, porque somos um povo em que analfabetos predominam, porque o Brasil só tem tamanho e sacanagem. Posso me imaginar dando barretadas ao “dr. Ulysses”? Como disse uma amiga minha que foi presa e convidada depois para um *date* com o capitão que a interrogou, que nunca tinha conhecido uma mulher com a educação e a classe dela, prefiro virar penico (ela se mudou para Paris, acrescento).

Deve haver qualquer coisa no ar no Brasil, à parte os aviões de carreira e a Aids, que transforma as pessoas em caricaturas de si próprias.

Caricatura assumida é a única saída. A correspondente do *Wall Street Journal*, Mary Walsh, deu uma longa nota sobre o programa humorístico de Agildo Ribeiro (um dos melhores atores brasileiros, diga-se, mas, claro, nunca será aproveitado para voos acima da carniça do dia a dia do país), *Agildo no país das maravilhas*, dizendo que expressa o Brasil melhor do que tudo. Ter uma nota sobre a gente no *Wall Street Journal* é ser lido pela elite de 1,9 milhão que assina o jornal (valor *per capita* do leitor: 600 mil dólares). É um grande triunfo para Agildo, mas ele diz as coisas como são, como Fernando, Serra, Marcílio etc. Sabem que é o gaiato horrível que define e abrange a pátria amada.

Ouvi a história de que num comício para Fernando Henrique, quando candidato à Prefeitura de São Paulo, Serra teve uma explosão contra o público, que nada entendia do que ele dizia. Mas certamente a conteve e se ilude a si próprio, como os outros se iludem, de que é possível fazer alguma coisa para melhorar. Nem tubarão dá jeito. Oitenta milhões de pessoas vão votar. E parece que nem em 1988, porque o “Centrão”, a maioria dos desclassificados na Câmara, resolveu dar mais um ano a Sarney... As pessoas, me dizem, estão se desejando “feliz 1989”, pulando 1988. **Sempre há o humor brasileiro, mas a alternativa real é morrer engasgado ou dar no pé. Oitenta milhões de eleitores. A maioria ainda não compreendeu sequer que existe, o que é existir. E vão votar. Em 1989, duzentos anos de Revolução Francesa. Até quando, ó Senhor, até quando?**

02.01.1988

UM ANO DO DIABO

Viajei um bocado em 1968. A última viagem foi a mais chata, para o péssimo quartel da Polícia do Exército (PE), em dezembro, voltando de Nova York para o Rio. Instituíram o Ato Institucional 5 precisamente na noite da minha volta. Telefonei para vários amigos. Todos tinham sido presos, me informaram suas respectivas mulheres. **Fui preso no dia seguinte. O tenente “anfitrião” se disse assustado que eu carregasse algumas centenas de dólares em *travellers checks*. Ele não sabia que um *traveller check* requer duas assinaturas. Brasil. Passei o *Réveillon* na cadeia, ou me soltaram alguns dias antes? Não me lembro.**

Lembro-me muito bem de Alexander Dubcek, em Praga, quando o vi em abril, num conversível, e o público parou na rua, para abraçá-lo, beijá-lo. Em agosto, 650 mil soldados soviéticos derrubariam Dubcek. Tomaram a Tchecoslováquia em seis horas. O Pentágono ficou deslumbrado - tecnicamente, admiração de profissional, não estou insinuando que os militares americanos admirem comunistas. Não houve resistência.

Mas tcheco fala pra chuchu. Viajei com um amigo, do PC, e fomos recebidos por um ex-membro da representação diplomática tcheca, no Rio, que falava português e parecia um porquinho. Meu amigo começou a levantar dúvidas sobre o “socialismo” de Dubcek, pintado pela propaganda soviética na ocasião, e depois, como “agente da Alemanha Ocidental”. O comunista tcheco o interrompeu rudemente dizendo que ele não sabia do que estava falando, que Dubcek era o fim do Estado policial no país, que libertaria o povo do domínio soviético, que a vida antes era um inferno, sob o stalinista Antonov, que se chegou ao ponto de subserviência de tocar o hino nacional soviético no fim da noite, no rádio e televisão, encerrando a programação. Meu amigo ficou besta, mas é um bom sujeito, honesto e ingênuo (continua comunista), e aceitou a realidade da “primavera tcheca”, sob Dubcek, e se solidarizou com o tcheco, e passamos alguns dias muito agradáveis, um tanto frustrados por não entendermos a língua, porque todo mundo à nossa volta lia jornais sem parar, jornais da terra, que nos

afirmavam estar do escambau, contando coisas, pela primeira vez, sobre o que acontecera na ditadura stalinista instalada no país em 1948.

Não vimos o desfecho. Saímos de lá em plena “primavera”, crentes (eu não muito, para ser franco) de que poderia haver “socialismo com uma face humana”. Fomos à Alemanha Oriental juntos. Ditadura total (a Alemanha forneceria tropas auxiliares para a invasão soviética em agosto). Mas o país já era desenvolvido economicamente. Permanece o único, do grupo comunista, que saiu do subdesenvolvimento, não por ser comunista, mas porque é alemão (a Alemanha Oriental é a velha Prússia), que sabe fazer as coisas, sob qualquer sistema. Para que se tenha uma ideia desse Estado policial, conhecemos um comunista brasileiro, lá asilado e muito bem instalado, mas que, bom brasileiro, não resistiu a nos contar um troço engraçado. Ele, o comunista, era membro do comitê central do PC de Pernambuco. E cientista político. Homem de confiança. Mas quis ler Herbert Marcuse, na época, no auge da moda. Não havia nas livrarias, claro. Marcuse era tido - ainda deve ser - como “agente dos Rockefellers”, o que é tão veraz quanto Dubcek ser “agente da Alemanha Ocidental”. Seu pedido foi encaminhado ao comitê central do partido alemão. Foi debatido. Juro. Finalmente, concederam essa “estia” ao comunista brasileiro, ou seja, ler Marcuse, mas nas seguintes condições: ele teria de ir a uma “certa biblioteca”, vedada ao público, ser revistado antes e depois de ler Marcuse, e não poderia levar papel e lápis para tomar notas.

A essa altura, eu já estava no meu estado habitual, o que eu quero, realmente, como Camus, é morrer, e me separei do meu amigo comunista e viajei pela Polônia e Bulgária. Esta não é propriamente o que se poderia chamar de um centro de comunicações. Até as vacas se pareciam com Stálin. Lá ouvi que estudantes tinham se revoltado contra De Gaulle, mas, quando pedi detalhes, as caras se trancaram. Não dei muita atenção. Quem dá bola para revolta de estudantes? Nos EUA, os estudantes estavam protestando contra a Guerra do Vietnã desde 1964, no Brasil havia passeatas quase diárias contra a ditadura militar.

E foi para passar uns dias em Paris que preparei minha rota de volta à civilização. Era no fim de maio. Quando cheguei a Orly, notei que não havia táxis, mas atribuí à hora, manhã cedo, e subornei um tipo - acho que corso, como Napoleão - para me levar ao Ritz. Depois de todos esses países comunistas eu queria passar alguns dias num hotel de luxo. Vocês não vão

acreditar porque são todos filhos da Grande Inflação da década de 1970, mas a diária do Ritz era 15 dólares...

Quando cheguei ao Ritz o recepcionista pareceu muito surpreso. Conferi minha reserva. Não, estava lá, não era isso. Não explicou picas, mantendo a cara de espanto. Assinei o papelório e só mais tarde entendi a reação do cara. É que a gente de dinheiro, ou, ao menos, que frequentava o Ritz, estava fugindo de Paris, não chegando. Mandeí buscar *Le Monde* e tomando um suntuoso café da manhã (servido por um tipo vestido de gerente. Os garçons estavam em greve. Eu deveria ter notado, mas sou muito distraído) descobri que De Gaulle tinha “sumido”, que 10 milhões de operários estavam em greve, que os estudantes tinham tomado o Quartier Latin, na Rive Gauche, que estávamos aparentemente vivendo uma revolução. Dormi. É uma vergonha, mas foi o que fiz.

Acordei à tarde. A rádio (ORTF) avisava histericamente da ofensiva comunista e, daí, o espíquer passou a palavra a Georges Séguy, secretário-geral (chefe) do Partido Comunista Francês, que acusou um dos líderes da revolta estudantil, Daniel Cohn-Bendit, de pertencer a uma “conhecida” organização internacional e que eles, os comunistas franceses, já sabiam disso antes da advertência à nação do primeiro-ministro de De Gaulle, Georges Pompidou...

Sei que parece confuso, depois eu explico, estou aqui contando minhas experiências pessoais, com a mesma inocência de Fabrizio dei Dongo, que na *Cartuxa de Parma*, de Stendhal, se mete numa confusão danada e depois descobre que participou da batalha de Waterloo, que decidiu o destino da Europa, eliminando Napoleão.

Desci ao bar do Ritz, velho “ponto” meu, que sempre imagino frequentado por Hemingway e F. Scott Fitzgerald e espero ver a qualquer momento Proust todo encapado, como o fantasma da ópera, entrando pelo restaurante e pedindo ao *maitre* uma cerveja gelada.

As pessoas falavam baixo, mas tão excitadas que soavam como besouros, ou seriam abelhas? Com um coquetel de champanhe no cristal único do Ritz (eu deveria algum dia ter lido a inscrição no copo), dei uma grelhada no ambiente. Havia muito dinheiro ali. Lembro especialmente os cintos das mulheres, grossérrimos, as joias, as caras ultrapintadas como numa orgia de Cecil B. de Mille, a barriguinha dos homens e frases como “*Cohn-Bendit au four*” (ao crematório). Na passeata de ricos outro dia, não

mandavam o pobre Cohn-Bendit ao crematório, eufemisticamente gritando “*Cohn-Bendit à Dachau*”?

Resolvi à noite dar uma volta pelo Quartier Latin. Encontrei uma grã-fina brasileira, assustadíssima e dizendo cobras e lagartos do marido, que ficara de apanhá-la vindo de Londres e tirá-la das “mãos dos comunistas” e, hum, “antes que fosse tarde”... Acalmei-a, como pude, e convidei-a a dar uma volta no “covil dos comunistas”. Ela, a princípio, rejeitou a ideia, mas, mulher nunca se sabe o que vai fazer, de repente topou, só pedindo uns minutos, que imaginei fosse para o clássico pipi feminino, mas, não, ela foi ao quarto, trocou de roupa e saiu do vestido chiquérrimo que usava, estava de *blue jeans*, desfez o penteado e jogou os cabelos para trás e limpou a maquiagem. Devidamente disfarçada.

A Rive Gauche parecia uma festa. Tudo estava aberto. Os cafés, lojas etc. Havia árvores arrancadas - para barricadas - e paralelepípedos, para jogar na polícia, os ferozes CRS (Compagnies Républicaines de Sécurité), que bateram - e apanharam - feio nos estudantes, mas, note, ninguém morreu todo o mês da revolta, ao contrário do que acontece em Israel e Brasil, em ocasiões semelhantes. Só havia jovens. Eu tinha 37 anos e a mulher, digamos, 34, mas éramos coroas no meio daquela gente. Nunca vi tanta gente bonita junta. As meninas todas usavam cabelo longo, à *la* Brigitte Bardot, no estilo que Simone de Beauvoir descreveu como “puta de dez anos”, mas me pareceram todas umas gracinhas, até os sapatões, que se abraçavam efusivamente. Para aproximar a cena dos meus leitores da década de 1960 devo dizer que parecia aquela superiluminação dos filmes de Spielberg, e se cantava, gritava, dançava sem parar. Nem fomos notados. Andamos à vontade. Vi gente conhecida só de livros e filmes, ou de teatro, como Marguerite Duras, de cara feia, chamando atenção, Jean-Louis Barrault, de quem “expropriaram” o teatro Odéon, mas que aderiu, e, mais tarde, maldosamente, Malraux expropriou com a força do governo o mesmo Odéon, negando-o a um dos artistas mais completos do nosso tempo. Peguei uma casquinha visual de Sartre. Soube que ele falou. Não ouvi.

Alguns pôsteres ficaram célebres. “Tudo é possível.” “A imaginação no poder.” “É proibido proibir.” “Viva a comunicação, abaixo a telecomunicação.” “Anistia: um ato pelo qual tiranos perdoam as injustiças que eles próprios cometeram.” Muita ingenuidade, muita inteligência.

Consegui falar com Alain Krivine, o líder trotskista dos estudantes. Não era mais estudante, tinha 27 anos, o que os militares da repressão brasileira chamavam de “estudante profissional”.

Começaram a aparecer os chamados *groupuscules*, grupúsculos, cada um com ideias próprias. Eu, velho leitor da Revolução Russa, já senti então que ia acabar mal. Só dá pé quando o partido é único, eliminando todos os dissidentes, mesmo os mais amáveis, e tem um comando decisivo. Não gosto de Lênin, mas só ele soube fazer revolução.

Noutro dia De Gaulle foi ao rádio e anarquizou com os estudantes, dizendo que eles tinham feito um *chienlit*, que se traduz por “caca de criança”. Animou os oponentes da revolta, que desfilaram na Champs-Élysées. Nunca vi tanto Rolls-Royce e *minicars* (apesar de o tempo não estar para isso) na minha vida. Gritavam “*La France auxfrançais*”, o já referido “*Cohn-Bendit à Dachau*” e, mais importante, “Somos nós a maioria”; bem, aqueles que desfilaram não eram a maioria, mas a maioria queria ordem e De Gaulle venceu espetacularmente a eleição em junho (que não vi) e a esquerda parlamentar, comandada pelo eterno oportunista François Mitterrand, levou uma tunda. Acabou a festa.

Minha amiga, a última vez que a vi, no Quartier, dançava a *caramagnole* com os estudantes. Tinha aderido como Barrault e sem os resultados tristes que caíram sobre ele. Anos depois a encontrei e disse que não se lembrava de coisa alguma.

Hoje, sei que De Gaulle foi a Baden-Baden, na Alemanha, pedir apoio ao general Jacques Massu, seu inimigo pessoal, partidário da *Algériefrançaise*. Massu conseguiu soltar alguns companheiros da Organização do Exército Secreto, que De Gaulle prendera, e deu-lhe apoio condicional. Mas disse que não atiraria no povo francês. Li isso na época em *Le Figaro*. Por isso De Gaulle chamou eleições.

Quem decidiu a parada foi Pompidou. Reuniu-se com os principais líderes sindicais e deu-lhes 35% de aumento do salário mínimo (atingindo 2 milhões de trabalhadores), 10% de aumento para o resto e uma semana de trabalho de quarenta horas. Os líderes comunistas atacaram desde o primeiro dia a revolta dos estudantes. E melaram a adesão espontânea dos sindicatos com “palavras de ordem” e concessões já referidas. Sartre escreveu que o PC é o maior partido conservador da França.

Passei alguns dias em Nova York. Vi Bobby (Robert) Kennedy candidato à Presidência dos EUA. EU O tinha conhecido na casa de Sérgio

Bernardes no Rio, em 1965. Estava muito diferente. Na casa de Sérgio, ele parecia entediado com a “esquerda festiva” brasileira, que lhe pedia sem parar para assinar manifestos. Aqui, ou seja, nos EUA, estava falando uma linguagem de abertura social que não se ouvia desde Franklin Roosevelt. Tive um pressentimento de que ia acabar mal. Já tinham assassinado Martin Luther King Jr., em abril, e com ele morreu a popularidade e o poder da luta pelos direitos humanos dos negros. Kennedy ganharia a eleição de Richard Nixon, em 1968. Foi assassinado em 7 de junho de 1968, depois de ganhar a primária democrata da Califórnia. O candidato democrata acabou sendo Hubert Humphrey, que carregava todo o ônus da guerra no Vietnã.

Essa guerra foi perdida pelos EUA também em 1968.

Ano do diabo. No Brasil, se protestava contra a ditadura Costa e Silva. Houve passeatas mil. Nunca participei porque acho chato. Só eu permanecia no escritório.

Foi bonito em Paris durante algumas horas. Os vietnamitas têm sua nação miserável. Foi minha última causa, porque me indignei em ver o país mais rico do mundo massacrando um dos mais pobres. Acredito que os EUA nunca recuperaram a confiança em si próprios depois dessa humilhação. Hoje a maioria dos americanos prefere viver no mundo de fantasia que Reagan lhes proporciona.

O acontecimento mais repercutido a longo prazo em 1968 foi que a televisão em cores se estabeleceu nos EUA e, depois, alhures. Um pôster tolo de Paris tornou-se possível: confundir desejos com realidade...

22.03.1988

FREUD É O HERÓI DESTE SÉCULO

Freud é nosso. Está entranhado em nossa vida, sabemos disso ou não, queiramos ou não. Qualquer pessoa familiarizada com suas teorias reconhece na fala diária dos outros, e na sua própria, freudianismos, em vocabulários, conceitos, formulação de motivos, análises e ideias fixas. **Freud permeia a cultura ocidental inapelavelmente.**

Ele tem detratores poderosos, bem mais agudos do que Peter Gay deixa perceber na biografia *Freud: uma vida para o nosso tempo*.^{112} Peter Medawar, cientista, prêmio Nobel, que por falar nisso morou em Petrópolis, em criança, pensando que era um subúrbio do Rio, e que roía as unhas o tempo todo (morreu, nos privando do seu intelecto privilegiado), apõe testes de laboratório a Freud e este, como qualquer estudante incompetente, “vai ao pau”. Gay também passa de leve sobre as objeções de dois cientistas, Einstein e Karl Popper (filósofo da ciência). Einstein admirava o intelecto de Freud, mas não podia se convencer da autenticidade da psicanálise sem provas científicas, materialistas (curioso que, depois de demolir a possibilidade da existência de Deus, Einstein passasse o resto da vida procurando provar sua, “Sua”, existência). Popper formula melhor a objeção central a Freud. Toda hipótese científica, para ser válida, exige uma alternativa igualmente plausível que seja furada em contraste com a outra.

Em linguagem simples, cabe tudo em Freud. Não se pode desprová-lo. Se o menino adora a mãe, é porque quer possuí-la. Se detesta, é porque foi rejeitado e esconde sua paixão. Bem, assim não dá. Não haverá uma relação entre filho e mãe que seja logicamente correta e que não “prove” Freud?

É uma crítica muito forte a Freud, a que Gay responde um tanto timidamente, a meu ver. Limita-se a dizer que Freud chegou a todas as suas conclusões mediante testes clínicos, isto é, na psicanálise longa e minuciosa de seus pacientes. Sim, diria Popper (que ainda está vivo. Escreveu sua crítica a Freud aos dezessete anos de idade...^{113}), mas, se você tem ideias preconcebidas ao começar o exame do paciente, seja qual for o resultado, a teoria da psicanálise emerge intacta e improvável.

Mas há vários Freuds, o que Popper não analisa e que Gay descreve, mas sem enfatizar muito as diferenças. Há o Freud que em 1900 concluiu a interpretação dos sonhos, deduzindo que são aspirações inconscientes do ser humano, uma representação surreal do que nos aflige e do que desejamos. É esse Freud, que me parece legítimo, que Popper, Medawar e cia. abominam, porque é o antipositivista por excelência, demoliu de vez “verdades absolutas” em ciência, ou seja, a intocabilidade do materialismo, que todos os cientistas naturais prezam. Uma grande revolução no pensamento, ainda não percebida de todo em 1988. Há o Freud que descobriu a primazia do sexo como motivador do comportamento humano. Nascendo todos nós de um ato sexual e sendo o sexo a forma mais expressiva de comunicação entre dois seres humanos - a única que não se presta a uma multiplicidade de interpretações -, Freud poderia dizer de sua descoberta, como disse, que apenas transcreveu o que qualquer ama-seca sabe, que crianças têm atividade sexual, o que foi tido, na época e me pergunto se em alguns círculos até hoje, como difamação da inocência infantil.

Foi no fim do século passado que Freud, um neurologista (brilhante: dissecou o sexo da enguia pela primeira vez) pobre, judeu e, portanto, “alienado” da cultura católica do Império Austro-Húngaro, chegou a essas conclusões que, no clichê, estarreceram e ainda estarrecem o mundo científico. Mas era também médico, psicólogo, e precisava ganhar a vida, sustentar mulher e seis filhos. Daí desenvolveu o tratamento psicanalítico de neuróticos e psicóticos (por quem tinha asco físico). Por que funcionamos como funcionamos, se perguntou, e por que tanta gente é infeliz e não funciona? Freud descobriu o complexo de Edipo, em que o filho quer possuir a mãe e matar o pai, mas é contido pelo tabu do incesto, ancestral (muitos cientistas riram. Mas, como as bruxas, na velha piada, que existe o tabu do incesto, existe), pelo medo de ser castrado pelo pai e por todas as restrições que a civilização, a cultura, no sentido antropológico, *Kultur*, impõem ao homem. O que quer que se pense dessa teoria, Freud queria aliviar o sofrimento do homem. O objetivo da psicanálise é fazer com que o homem sofra menos... Uma das frases lapidares de Freud, que Gay não cita.

O Freud psicanalista, terapeuta, não está mais na moda. O que se chama de análise freudiana é em verdade análise kleiniana, a técnica de Melanie Klein, discípula de Freud, que o contestou em algumas questões-chave. Klein acha que a ligação do ser humano com a mãe, desde o ventre

ao seio materno, é uma influência mais forte do que o complexo de Édipo. E é dessa premissa que os analistas ditos freudianos desenvolveram sua terapêutica. Gay narra os conflitos de Freud com Jung, Adler, Rank e outros discípulos que o “traíram”. É uma história de briga de comadres, que muitas vezes nos parece ridícula, mas não dá a devida ênfase, a meu ver, a que Freud, exilado em Londres, em 1938, ouviu a radical heresia de Melanie Klein e não disse palavra, bateu palmas ao fim. É que ele realmente não estava interessado em psicanálise como terapia.

Gay explica muito bem que Freud se considerava um “conquistador”, em espanhol, o mesmo em português, e o que queria não era tratar de pacientes infelizes. Só os recebia porque precisava de dinheiro. Estava muito mais interessado em analisar a mente humana, como filósofo ou, se preferirem, como crítico radical de todas as filosofias. E é nisso, principalmente, que reside a sua grandeza.

A cabeça de Freud literalmente explodiu em criatividade depois da Primeira Guerra, 1914-1918, em que a farsa da racionalidade dos positivistas, dos racionalistas, ruiu por terra naquele massacre insensato. Foi então que Freud desenvolveu sua teoria da agressão inata do ser humano, o desejo de morte de todo ser humano (teoria recusada por todos os seus discípulos, mas que a nós, em 1988, com a entropia crescente da civilização, parece mais e mais plausível) e descreveu as complexas relações do inconsciente, *id*, do consciente, ego, e do superconsciente, superego, a censura e acumulação de restrições que a sociedade nos transmite pela cultura e por costumes entranhados na civilização.

Essa divisão, quando Freud primeiro a formulou, sugere um mecanicismo inaceitável hoje em dia, e Freud também o percebeu e escreveu que *id*, ego e superego se entrelaçam, que a cabeça humana está sempre em estado de guerra, que o homem não consegue distinguir com clareza o que é impulso inconsciente, conclusão consciente e crítica na sabedoria externa, adquirida, do superego. Isso explica de maneira superior a qualquer outra teoria do meu conhecimento por que, digamos, a tentativa de nos salvar do inferno dos cristãos, uma atividade do superego, escondeu no passado tirania e horrores contra o próximo, por que o moralismo professo e antissexual de pastores esconde taras sexuais, o inconsciente, portanto, se superpondo ao ego e ao superego, por que utopias como o comunismo degeneram em totalitarismo e violência.

É esse profundo pessimismo de Freud, porque ele considerava insolúvel, impacificável a luta entre instintos e civilização, o que deixa claro em sua obra-prima *A civilização e seus descontentamentos*,^{114} que afugenta os psicanalistas de consumo de nossos dias, da nossa cultura de propaganda, dos cultores do liberalismo bocó, em que tudo é possível a todo mundo. A visão de Freud é sombria demais para os aproveitadores dessas fantasias.

Gay descreve mais completamente do que seu melhor biógrafo anterior, Ernest Jones, o que foi a vida de Freud. Não sofreu as restrições de Jones, um dos maiores discípulos de Freud, que tinha a seu lado a filha predileta do fundador da psicanálise, Anna Freud, que exercia uma (natural) censura, “patrulha”. Não que o livro de Jones, escrito em três volumes, entre 1953 e 1967, seja desprezível. Ao contrário: é mais bem informado tecnicamente, em assuntos específicos de psicanálise, do que o de Gay. Mas Gay é um historiador e, como Freud, é judeu. Isto é, está muito mais à vontade sobre o ambiente histórico em que as teorias de Freud foram concebidas e muito mais a par da complexa relação de Freud com o judaísmo, de que se orgulhava como indivíduo na Viena antissemita, mas que criticou como religião no ensaio imperecível *Moisés e O monoteísmo*, sua última obra de desmistificação cultural.

Freud foi um homem sem ilusões. Um herói. Quando encasquetava uma ideia na cabeça não havia quem conseguisse fazê-lo desistir de expô-la, doesse a quem doesse. E o que ele escreveu doeu profundamente à humanidade. Num ensaio magistral, de 47 páginas, em corpo seis, que provavelmente resultariam em cem páginas se o corpo de impressão fosse dez, o normal, Gay analisa toda a literatura antifreudiana dos últimos cinquenta anos. É leitura indispensável e ele se sai muito bem. Não esgota o assunto, que é inesgotável. Não há quinzena em que não saia um livro ou ensaio novo sobre Freud no mundo civilizado. Mas isso só confirma a sua atualidade e deveria de uma vez por todas convencer todos os leitores de que a cultura moderna, suas percepções, se assenta, em grande parte, no que Freud descobriu e remexeu com um realismo incomparável. É por isso que ele é um herói.

21.05.1988

H. L. MENCKEN, SÓ DÓI QUANDO EU RIO

Henry Louis Mencken, a quem todo mundo, incluindo a mulher, Sarah, chamava de Mencken apenas, foi um jornalista e ensaísta muito famoso nas primeiras décadas do século XX. Mas fama e influência na imprensa não eram incomuns nesses tempos, até que a televisão forçasse na mídia uma homogeneização, uma simplificação e uma banalidade gritante no nosso tempo. Mas só houve um Mencken, nos EUA. Lendo *O livro dos insultos*, [{115}](#) de Mencken, o leitor brasileiro entenderá por quê.

Talvez precise de uma ajudinha, não para compreender o que Mencken escreve, porque seu estilo é claro e límpido como a água de um riacho impoluído, e sobre essa água o sol brilha com reflexos que ainda hoje deslumbram, mas para situá-lo historicamente. Na página 177, por exemplo, há uma nota sobre Mark Twain, que começa “Acredito que *Huckleberry Finn* seja uma das obras-primas da humanidade, equivalente a *Dom Quixote* e a *Robinson Crusoe*, deixando longe *Gil Blas*”. E termina com “Acredito que ele foi o verdadeiro pai da literatura neste país e o primeiro legítimo artista americano de sangue real”.

Bidu, dirá o universitário brasileiro que aprende sobre literatura americana. Todos sabemos disso. Sim, mas Mencken foi o primeiro a dizê-lo, em 1913. Mark Twain estava no chão, em prestígio, quando ele escreveu. Tinha falido editando as memórias (excelentes) do general da guerra civil americana, Ulysses S. Grant, *Huckleberry Finn* era tido como livro de crianças, e Twain, no fim da vida, em grande depressão, parecia um palhaço. Hoje, toda a crítica reconhece que *Huckleberry Finn* é a semente do estilo realista criador americano, que sem esse livro não teria havido a emergência de Hemingway, Scott Fitzgerald e John Dos Passos.

Na página 181, Mencken escreve sobre Joseph Conrad, em 1926, dois anos depois da morte do escritor. Põe Conrad nos cornos da lua. Mais uma vez, e daí? Sabemos que Conrad é emblemático do desespero modernista, que T. S. Eliot epigrafoou *The Waste Land*, o poema mais célebre do século, com uma frase de *O coração das trevas*, de Conrad. Mas, excetuando Eliot e alguns outros (Eliot usou a frase em 1922), Conrad morreu, em 1924, com

alguns admiradores ilustres, mas desconhecido e ignorado pela crítica acadêmica, que é a única que pode dar algum dinheiro a um escritor sério, pondo os livros dele no currículo escolar.

Mencken fez a reputação de Theodore Dreiser e de Sinclair Lewis. Ruy Castro, no entusiástico e quase sempre correto prefácio que escreveu sobre Mencken, diz que Mencken achava Dreiser “subestimado” e que acabou concluindo que merecia ser subestimado. Não é bem assim. Dreiser escrevia muito mal, sua forma era hedionda, e Mencken sabia disso, como também percebeu o poder dramático de Dreiser. O que ele detestava era o comunismo de Dreiser, comunismo de galinheiro, de dizer amém a Stálin em face das maiores monstruosidades deste último.

Com Sinclair Lewis, foi ainda pior. Mencken o odiava pessoalmente. Lewis era o que no Brasil chamam de “bolha”, e chamavam de “pele”. Perseguiu Mencken com adulação. Era altíssimo, ruço e tinha espinhas no rosto e, horror supremo para Mencken, era um jeca do Meio-Oeste norte-americano. Uma noite, Mencken entrou inteiramente bêbado no hotel, o Royalton de Nova York, onde morava seu amigo e coeditor, o crítico de teatro George Jean Nathan, e disse exasperado: “O pele conseguiu! O pele conseguiu!”. Nathan, estremunhado de sono, não entendeu e perguntou “que pele?” e “conseguiu o quê?”. Sinclair Lewis, prêmio Nobel futuro, tinha escrito *Main Street* [1920],^{116} sua obra-prima, e Mencken tinha lido e gostado.

Mencken sempre se considerou um repórter de jornal. Com o direito “divino” de falar à vontade sobre todos os assuntos. Até ficar incapacitado por um insulto cerebral, nos anos 1940, cobria todo quadriênio as convenções dos partidos que escolhem os candidatos à Presidência dos EUA. Cobri uma vez, em pessoa. Bastou. Ele adorava o espetáculo da estupidez humana, da fraudulência, da jequice florescente e da canalhice dos políticos. Vejam seu ensaio sobre democracia na página 108 do livro. Não há uma palavra a mudar, ri-se do princípio ao fim, ainda que com a ressalva de que democracia é o pior sistema que existe, mas não existe um menos pior.

Mencken nasceu em 1880, em Baltimore, Maryland, que é, diga-se de passagem, o Estado mais corrupto politicamente dos EUA. Ruy conta muito bem sua formação, filho de um fabricante de charutos, autodidata etc. É preciso acrescentar que, como (mais ou menos) seus contemporâneos Bernard Shaw, Thomas Mann, André Gide e William Butler Yeats, uma das

influências decisivas na vida dele foi Nietzsche, com sua teoria do super-homem, que Nietzsche, por falar nisso, tomou emprestado, e bordou maravilhosamente, de Darwin. Essa gente era pós-burguesa, por assim dizer. Isto é, ao contrário de Flaubert, Balzac ou Stendhal, não tinha de enfrentar o fantasma da aristocracia, com suas tradições e maneiras invejáveis. A aristocracia não piava mais com a força anterior à Revolução Francesa de 1789. A burguesia em toda parte dominava, ainda que *de jure*, legalmente, na maioria dos países, aristocratas permanecessem em tronos que eram, como disse Hannah Arendt, petrechos de opereta.

Esses intelectuais de sensibilidade finíssima, de Nietzsche a Mencken, que nunca teriam passado de bibliotecários de algum duque nos tempos da aristocracia, se mostraram muito mal-agraçados à burguesia, que lhes deu igualdade legal. Pintaram o sete com os pobres burgueses. Thomas Mann destruiu moralmente o burguês, Gide o fez desmonehar, Shaw provou que ele era um idiota congênito, Yeats, em verso, cantou memoralmente uma aristocracia secreta acima de classes sociais, e Mencken, num país que não tinha sequer uma aristocracia como espantalho, riu da burguesia nova-rica até estourar.

Eram pavorosos os EUA. O primeiro país jeca do mundo a ficar rico. Foi a chamada *golden age*, a era dourada dos Vanderbilts e Rockefellers (todos aventureiros), que posavam de aristocratas, depois de ricos, cometendo as inevitáveis gafes peculiares à gente que tem dinheiro novo. Toda grande fortuna é montada num crime, notou Balzac. Mas os crimes dos aristocratas verdadeiros, europeus, foram cometidos em 1300. Seus descendentes, por um processo que Freud chama de “sublimação” e Marx de “superestrutura”, se civilizaram e se refinaram à extinção (os aristocratas ingleses começaram a se desintegrar no século XX, perdendo os queixos. Os da Europa continental caíram todos na morfina). Nos EUA, não havia nada disso. Era o horror do novo-rico, jeca e excessivamente exibicionista, e do jeca que atingiu a classe média, em poder aquisitivo, mas manteve todas as suas superstições do interior, que Mencken castiga impiedosamente nesse livro, que foi tirado de seis volumes de ensaios chamados *Preconceitos*,^{117} escritos entre 1919 e 1927.

Ruy Castro conta o caso do “Julgamento do macaco”, título dado por Mencken ao processo contra o professor John Scopes, em 1925, professor do que se chamava até meu tempo de ciência natural (dando a entender que existe outra ciência, sobrenatural...). Scopes ensinava a evolução de

Darwin. No Estado de Tennessee, Darwin era proibido, a Bíblia era considerada a palavra de Deus e científica, e Scopes foi para a cadeia. Clarence Darrow o defendeu. Perdeu, porque a lei estava nos estatutos do Estado. Mas Scopes foi absolvido em instância superior. Mencken reportou o julgamento. Ruy nota que seus textos incendiaram o país. Incendiaram o mundo civilizado também, porque Mencken foi manchete em toda a Europa.

Agora, imagine um jovem sensível como Hemingway ou Scott Fitzgerald, num mundo em que os Vanderbilts e Rockefellers ditavam a moda, em que a classe deles, a média, era dominada por evangelistas, batistas e metodistas, ou por literatura “para moças”, com a respeitabilidade de Henry James, Edith Wharton, Thoreau e Emerson, pessoas de talento, mas devagar, devagar. Mencken, com seu iconoclasmo, pregando a liberdade de ideias de Bernard Shaw, ou realismo à *la* Zola, de Dreiser, ou fotográfico, à *la* Sinclair Lewis, deve ter sido o que Stendhal chamava “o tiro de pistola num teatro”. Dominou toda uma geração. O que ele escrevia, em revistas como *Smart Set* e *American Mercury*, era lei. Imagino que brasileiros que tenham tido a felicidade de serem jovens quando Drummond escreveu “No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/ no meio do caminho tinha uma pedra”^{118} tenham sentido efeito semelhante ao que Mencken causou nos futuros intelectuais americanos. Assim como Drummond, numa estrofe, pôs a nu a vacuidade da retórica de séculos, Mencken limpou a área para o modernismo americano.

Nem tudo o que ele diz é correto. Por exemplo, ridiculariza Wagner como compositor de ópera, deprecia os duetos do compositor (no de *Tristão e Isolda*, o de amor, *connaisseurs* contam sete “clímaxes” sexuais dos amantes) e diz que Wagner vale pela orquestra. Bobagem. Wagner só foi compositor de ópera. Se quisesse escrever sinfonias, em vez de ópera, teria escrito. Também não é fato que pintura seja uma arte de segunda classe. O fato mais aparente é que Mencken não entendia lhufas de pintura. Mas, mesmo errado, Mencken é sempre uma delícia. O livro está, no que chequei, muito bem traduzido por Ruy Castro, isso num país em que se traduz *La trahison des clercs* por *A traição dos clérigos*,^{119} para citar apenas um exemplo. E nada tenho a opor à seleção. Pena que não seja maior.

Mencken e Nathan fizeram o diabo pela cultura americana. Nathan, menos celebrado do que Mencken (há um retrato malicioso dele no filme *Ali About Eve*, com Bette Davis; Nathan é “interpretado” por George Sanders. O filme foi traduzido asinicamente para o português como *A malvada*), descobriu Eugene O’Neill, Arthur Miller e Tennessee Williams, sem falar que lançou Sean O’Casey nos EUA. Ele era o grande garanhão dos dois. Rara é a atriz bonita que não tenha tido fora do palco, no seu tempo. Casou-se, no leito de morte, com a belíssima Julie Haydon (que fez a irmã manca de Tennessee Williams em *A menagerie de vidro*,^{120} peça que Nathan obrigou, praticamente, um famoso produtor, Eddie Dowling, a montar para ela), também se convertendo ao catolicismo, para agradá-la. Era ateu, como Mencken.

À parte ensaios, *causeries*, reportagens e o diabo a quatro, Mencken escreveu, em 1919, *A língua americana*,^{121} uma tentativa, a que acrescentou suplementos até morrer, de mostrar as contribuições americanas ao inglês. É uma obra-prima. T. S. Eliot disse que era uma fantasia bem-intencionada e frustrada, mas disse-o, como diz o sr. Jânio Quadros, ambigualmente, porque, nascido americano, contribuiu muito para a língua inglesa com seu *patois* de St. Louis e Boston.

E quem há de discordar de Ruy Castro que, num país governado por Ronald Reagan e que tem Jerry Falwell como teleevangelista, Mencken é atual? E imagine Mencken, se falasse português, analisando vida e obra de José Ribamar Sarney.

Mencken era um tanto ascético em matéria de mulher, sobre as quais, mulheres, escreve brilhantemente, a meu ver, nesse livro. Nathan mexia muito com ele por causa disso. Mencken casou-se aos cinquenta anos com Sara Haardt. É um mistério ainda não devassado por biógrafos. Ela era tuberculosa, o que, em 1930, com raras exceções, significava condenada. Viveram juntos cinco anos, até que Sara morresse. Todos os observadores dignos de crédito dizem que ele foi de uma dedicação única. Isso era um troço que eu gostaria de saber mais a respeito, não por curiosidade vulgar, mas porque todo polemista implacável tem um ponto fraco, vulnerável, no sentimentalismo que é nossa herança comum. O de Mencken foi Sara. Como deve ter se sentido com uma mulher concreta, a seu lado, companheira, quando estava acostumado a julgar as pessoas e seus atos em abstrato?

Mas Mencken, como todos nós, fica não pelo que foi, mas pelo que fez.
E fez muito. Civilizou o quanto possível um país. É o seu epitáfio.

10.06.1988

DIÁRIO DA CORTE

O “jornal nacional” da melhor rede de televisão dos EUA, a CBS (Columbia Broadcasting Corporation), será rebaixado em setembro de sete da noite para as seis e meia. Sai do horário nobre, caindo na vala comum da programação da tarde. O horário nobre é das sete às onze da noite. O jornal já é mostrado no interior dos EUA às seis e meia, ou até mais cedo (há quatro fusos horários nos EUA). Mas era exibido às sete em Nova York, o centro das comunicações mundial. Uma questão de prestígio. O jornal vai ser substituído por um show de adivinhação e prêmios, com jecas por todos os cantos dando gritinhos.

Ontem, na primeira página do *New York Times*, havia um anúncio de uma linha (o jornal não aceita anúncios na primeira página, a não ser um ou outro, no pé, de uma linha). Dizia: “Você está irritado com a inexatidão do jornal da CBS? Telefone para o número tal”. A CBS é comumente chamada de a “Tiffany das emissoras”. Tiffany é uma joalheria, de que só há uma, em Nova York, símbolo de qualidade (só dá japonês comprando hoje em dia).

É o melhor jornal de TV dos EUA. OU melhor, talvez não seja no momento - acho que, apesar de tudo, ainda é mas tem um puta lastro. Começou com Edward R. Murrow, na Segunda Guerra Mundial, em rádio, fazendo propaganda descarada da Inglaterra contra a Alemanha, quando os EUA, de 1939 a 1941, ainda eram neutros (e a maioria da opinião pública era contra a guerra). Para encurtar, de 1962 a 1983, quando Walter Cronkite era o âncora, o apresentador-editor, não um mero locutor, era a voz de maior autoridade nos EUA. Maior, ponto. *Variety* publicou uma pesquisa sobre reconhecimento de pessoas nos anos 1970. A pessoa mais conhecida era Lucille Bali, de *I Love Lucy*, com 99%, depois vinha Cronkite, com 70%, e, em seguida, o presidente dos EUA, Richard Nixon, com 40%...

Dizem que Cronkite, durante a Guerra do Vietnã, ao ler das vitórias dos EUA contra o Vietcong e o Vietnã do Norte, arqueava uma sobranceira, e esse “significador” barthesiano desmentia o que lia. Não sei, não sou suscetível a essas coisas e sabia, pessoalmente, muito mais do que Cronkite dizia, mas não duvido de que fosse verdade.

É verdade que seu substituto desde 1983, Dan Rather, não consegue disfarçar muito bem suas origens interioranas (as gravatas são devastadoras e não combinam com os ternos, que são cortados caro, mas não chiques. Nasce-se chique). Não sabe rir à vontade. Parece sempre falso. É tensíssimo e sugere ser furtivo. Ganha 3,6 milhões de dólares ao ano. Mais do que Cronkite (não é preciso ter pena dele. É milionário). Tem um contrato de dez anos. Demiti-lo custaria caro. Nenhuma rede ainda ousou colocar uma mulher como âncora-apresentadora nos dias de semana. Eu poria Diane Sawyer e não sou suspeito porque ela casou com Mike Nichols (diretor de *A primeira noite de um homem*,^{122} quá, quá, e de *Quem tem medo de Virginia Woolf?*^{123}), me traindo.

Mas se mede melhor a CBS pelo ódio que provoca em certos círculos. Em Nova Orleans, passeando pelo auditório da Convenção, vi grupos de republicanos debaixo da cabine de Dan Rather, gritando em coro: “Filho da p...”. Várias vezes a extrema direita tentou comprar a rede, para destruir o jornal. É a única rede que não é de propriedade de um conglomerado. É de um cara só, Laurence Tisch, que não me parece boa bisca, mas é preferível ele a proprietários anônimos como a General Electric (NBC) e a Capitol Cities (ABC). Assim como se lê o *Times* ou o *Washington Post* quando o pau está quebrando sobre alguma notícia, se vê a CBS, cuja reportagem é de primeira ordem, verdadeiramente a elite dos jornais de TV dos EUA. É uma jangada no oceano tempestuoso da mídia de massa dos EUA, onde coisas horrendas como *USA Today* proliferam.

O jornal caiu das sete horas para as seis e meia em Nova York por motivos exclusivamente comerciais. É uma lástima e todos os intelectuais deveriam protestar. Show de adivinhações dá mais “ibope” e dinheiro para a emissora. Jornal nacional é um luxo intelectual. Tem satélites do mundo inteiro, de Rangoon, Seul, Chile etc., locais que a maioria dos americanos não tem a menor noção de onde ficam, já que a maioria pensa que a Declaração de Independência é um peixe. Jornal nacional dá más notícias sobre o presidente ou qualquer poderoso que seja. A CBS massacrou a escolha de Dan Quayle por George Bush. A maioria das pessoas não quer saber de más notícias. Ou de boas notícias. Ou de notícias. Quer fantasias. Jornal nacional é uma imposição da gente, mínima, com cabeça na televisão americana. É - tem-se de reconhecer - antidemocrático. O público prefere os jornais locais, de cada cidade. É uma pauleira só. Aids, crimes, jequices mil. É a nossa condição a doze anos do ano 2000.

Falando nisso, há um verdadeiro exército de mendigos em Nova York. Gente nos pedindo dinheiro pelas ruas. São chamados de *panhandlers*. É uma palavra mais gentil do que vagabundos. Esta foi banida do dicionário-biquíni da mídia, dominada pelos totalitários de esquerda (aqui os extremos liberais. No Brasil me parece que pelo PT, se bem que ainda sobra muita gente do Partidão). Não há vagabundos para a esquerda, isto é, gente que não quer trabalhar. “Quem não trabalha não come”, dizia o apóstolo São Paulo, muito antes do advento do capitalismo, em que a esquerda joga a culpa da vagabundagem. Não há necessidade de vagabundagem, nos EUA. Há cobertura e proteção federal, estadual e municipal para todo mundo. Cerca de 800 dólares por mês, muito mais do que o salário médio no Brasil. Fica na rua quem quer. Há muito maluco. Anos atrás, o *Times* estimou numa grande reportagem (dessas que ninguém lê) que havia cerca de 3 milhões de esquizofrênicos paranoicos nas ruas das grandes cidades do país. Falam línguas incompreensíveis na maior parte. Talvez nem seja língua alguma. Quando o prefeito de Nova York, Ed Koch, tentou recolher os loucos, foi atacadíssimo pela esquerda, que, como de costume, ganhou dele na Justiça, devolvendo os doidos às ruas. A Justiça federal é, na maior parte, de esquerda. A Justiça e a burocracia federal.

Agora mesmo uma corte federal de apelação manteve uma multa de milhão de dólares por dia na cidade de Yonkers, perto de Nova York, porque seu conselho municipal não quer aceitar um projeto de construir oitocentas unidades de moradia de baixo custo. Os moradores de Yonkers alegam que esse projeto arruinaria o valor das propriedades de Yonkers, trazendo a favela à cidade. Primeiro, um juiz federal multou a cidade em 100 dólares por dia, dobrando todo dia, o que, em vinte dias, dá 14 milhões de dólares de multa, e ameaçou pôr na cadeia os conselheiros municipais (que fazem, claro, o que seus eleitores querem), à parte tê-los multado em 3,5 mil dólares. Eles apelaram. Inútil. A corte de apelação federal deu ganho de causa ao governo, que subsidia o projeto, e impôs aquela multa de 1 milhão por dia. É improvável que a Corte Suprema dos EUA, em que Reagan conseguiu pôr alguns conservadores, ouse derrubar a decisão da corte de apelação. É o último recurso dos moradores de Yonkers. Vão perder. E são chamados de racistas e antipobres pela mídia. Nenhum jornalista que se preze mora em Yonkers, claro, são todos, como na música célebre de Johnny Cash, “liberais de Cadillac”, e a música está velha, porque hoje teria

de se chamar “liberais de BMW e Mercedes”, porque ninguém chique usa carro fabricado nos eua.

Os mendigos não me perturbam. As mulheres reclamam. Dizem que ouvem muita grosseria. Um mendigo eficiente ganha 200 dólares por dia, 6 mil dólares ao mês. Sem impostos... É verdade que há alguns doentes mentais e físicos, mas é, como aponte, inútil tentar recolhê-los. A Justiça derruba qualquer tentativa.

As grandes cidades, talvez a maior realização social do ser humano, como centros de comércio e cultura, estão acabando, porque todo o “Terceiro Mundo”, nativo e importado, quer morar nelas, e não tem instrução para ganhar a vida, na economia moderna. As partes habitáveis de Nova York vivem da altura dos aluguéis. Um quarto e sala, aluguel novo, está por 2 mil dólares ao mês. Senão, já haveria 30 milhões de mendigos aqui, a exemplo da Cidade do México. No Brasil, segundo me disseram, 43% da população moram em favelas nas grandes cidades. O país é um deserto. Antigamente o interiorano que ia para a grande cidade era o capacitado, que queria trabalhar, entrar na economia moderna. Hoje vai qualquer um. Esses imigrantes ilegais brasileiros apreendidos em Filadélfia são um exemplo típico. E há muitos milhões, mais espertos, que entram como turistas, e uma vez aqui é praticamente impossível ser apreendido, porque ninguém te pede os “documentos”, de resto facilísimos de comprar no mercado paralelo. Ganham a vida mendigando, no trabalho servil ou no crime. Os nossos patrícios, como revelado pelo repórter da *Folha* Fernando Rodrigues, mal falam português, que dirá inglês. São “protegidos” por uma rede de igrejas evangélicas, Fernando contou cem, que lhes abocanha 10% do que ganham, se tiverem emprego. Um *racket*, uma picaretagem, tornada possível pelo governo Sarney, que é a expressão sintética das sete pragas de Moisés ao Egito.

01.09.1988

AIDS E SUAS METÁFORAS

Susan Sontag lançou *Aids e suas metáforas*.^{124} É uma polêmica, um show de erudição e uma tentativa de consolar e animar alguns amigos da autora, que ela diz “próximos da morte”. A polêmica é, primeiro, contra o uso da metáfora “peste”, *plague*, para Aids. Segundo, contra a descrição da doença como “invasão” e os organismos como “defensores”. Sontag não gosta da conotação militar. Terceiro, contra o fatalismo médico. Sontag diz que gente que contraiu o vírus imunodeficiente, HIV, não vai necessariamente ter doenças relacionadas (conhecidas como *arc*) ou cair em Aids total e morte. Ela parece acreditar que a fúria da doença se deva à sua relativa “juventude” e que pode diminuir de intensidade e dos efeitos correlatos (Aids total).

Pode ser. Só se pode desejar que seja. Mas a evidência médica está contra Sontag. HIV, oito anos atrás, quando a doença foi identificada oficialmente (ela especula que existe há muito mais tempo, especulação que endosso) pela medicina, levava à Aids em 10% dos casos. A tabulação, hoje, oito anos depois de certificada a doença, é que se desenvolverá em 35% das vítimas. E, mais sério, não há um paciente que tenha sido curado.

Gente sobrevivia à peste bubônica, à cólera e à sífilis, mesmo antes da revolução sanitária e de antibióticos da medicina. E “peste” é a palavra certa, porque peste é algo contagioso, que uma vez contagiado é inescapável. A palavra é desagradável, sem dúvida, e deve afligir os já aflitos, mas me parece mais correta do que a preferida por Sontag, “epidemia”.

Quanto à metáfora militar, o tratamento de Sontag é típico da obra dela. Cita mil e um autores recônditos, o que revela grande pesquisa e cultura, mas parece não saber a origem da metáfora militar, cujo pai é Trótski, o primeiro a descrever (em 1900, cobrindo guerras nos Bálcãs, como jornalista) processos políticos em termos de estratégia, táticas etc.

Sontag reclama do excesso de medo que as pessoas têm da doença e do hábito de atribuir pestes, ou epidemias, ao “estrangeiro”, e de se referir à peste como castigo moral. Não é bem assim. Ela própria cita duas exceções, a paralisia infantil, que, antes da vacina, grassava adoidado. Mas explica

essa falta de estigma na poliomielite como sendo doença que afligia principalmente crianças e, portanto, inibiu os baixos instintos dos moralistas, OK, mas e a outra peste, a *influenza*, a chamada gripe espanhola, mencionada por Sontag? Matou mais gente do que a Primeira Guerra Mundial... Foi, como de costume (gripe *espanhola*), atribuída ao “estrangeiro”, à Espanha (onde apareceram os primeiros casos), mas ninguém pediu o linchamento dos espanhóis, ou que fossem submetidos à quarentena, e ninguém a julgou moralmente. Meu pai me contou que no Rio, em 1919, no auge da peste, passavam caminhões da Saúde Pública cheios de cadáveres empilhados.

Sontag não discute o assunto. Ela trata com o maior desdém a reação de religiosos, que atribuem a Aids à sodomia, notando rapidamente que a doença teve origem heterossexual, na África. Mas, boa moça que é, cita a resposta dos africanos, que atribuem à CIA a confecção do vírus para controlar a natalidade dos negros.

Mas Aids, para nós, ocidentais, está ligada à sodomia ou sujeira de agulhas infectadas. Duas das três grandes religiões do mundo, a judaica e a cristã, respectivamente Moisés e São Paulo, condenaram à danação os sodomitas. Não concordo com o argumento dos religiosos, mas acho natural que o usem. Se eu acreditasse nisso, também, ao menos, pensaria que Aids é retribuição divina pelos que pecaram contra a Bíblia e as Escrituras.

O ensaio de Sontag é interessante. Li-o absorto, mesmo quando discordo. Até os shows de erudição, apesar de obviamente narcisistas, me deixaram intrigados. Ela fala, por exemplo, da volta à moda de casamentos nas igrejas, Bouguereau e carreiras de banqueiros de investimento. Ah, a atmosfera rarefeita em que vivem intelectuais de Nova York. Quem é Bouguereau? Não sei e fui ver na *Enciclopédia Britânica*.^{125} Não tem. É com citações recônditas que muita gente ganha prestígio intelectual. E casamentos na igreja, sinagoga, mesquita etc., nunca saíram de moda, em todas as classes sociais, ainda que os noivos se divorciem 48 horas depois. E banqueiros de investimento. Não é possível sequer calcular em percentual o número ínfimo de pessoas para quem essa profissão é acessível e desejável.

Lembro, *en passant*, o comentário de Gore Vidal sobre Susan Sontag: “Susi, queres um busi?”. Provavelmente a piada não faz sentido para quem não é da nossa geração. Mas Sontag merece respeito. Teve um câncer no seio nos anos 1970. A prognose era fatal. Ela resistiu e venceu a doença e os

médicos. E fez um mea-culpa público em *A doença e suas metáforas*,^{126} de ter escrito em “What’s Happening in America”,^{127} um ensaio de 1966, que os “brancos são o câncer da raça humana”. É uma mulher corajosa, inteligente e humanista. Às vezes bobeia, mas quem não?

11.02.1989

CACILDA BECKER, ESTRELA E ATRIZ

Faz vinte anos que Cacilda Becker morreu, quando representava em *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, que não gosta de atrizes fazendo travestis em suas personagens, mas dois dos maiores sucessos de Cacilda foram travestis, o outro sendo o “menino ruivo”, “ruço”, de *Poil de Carotte* [1894],^{128} um monólogo longo, amargo e irônico de um menino de infância carente, tema que obcecava o autor, Jules Renard, e com que Cacilda encheu teatros por meses.

Ela foi uma grande estrela e às vezes uma grande atriz. No seu tempo, nenhuma mulher no nosso teatro lhe chegava aos pés em prestígio. Ao crítico não era difícil ver que Bibi Ferreira foi a primeira atriz a desenvolver o estilo, moderno, realista de interpretar, e vê-la em *A herdeira*, tirada do conto de Henry James (*Washington Square*) e feito por Olivia de Havilland, Montgomery Clift e Ralph Richardson no cinema,^{129} era uma experiência inesquecível, Bibi, digo, bem melhor que Olivia de Havilland, ainda que o espetáculo à sua volta não existisse. Ao crítico também era fácil perceber que a então muito jovem Fernanda Montenegro era muito mais regular e competente no uso de seu talento do que Cacilda, mas Fernanda apenas começava e Bibi se desinteressara. Cacilda era a rainha da minha geração de teatro.

Era baixinha, não era bonita (nem feia), não era boa de corpo e falava com um detestável sotaque paulista italianado, mas essas irritações desapareciam com o contato entre espectador e atriz, porque, inexplicavelmente, ou seja, por ser uma estrela, Cacilda conseguia obliterar todas as suas desvantagens criando um vácuo que preenchia às vezes com um gênio de que não tenho lembrança ou esperança de ver igualado no teatro brasileiro. Seu momento de drogada, numa *high*, em *A longa jornada do dia para dentro da noite*,^{130} de Eugene O’Neill, quando pede humildemente à criada da casa (Kleber Fernandes) que lhe faça companhia, era uma iluminação que reduziu ao silêncio de respiração presa até os grã-finos barulhentos e atrasados da noite de estreia do Rio.

Lembro-me de ter visto *Poil de Carotte*, com Brutus de Pedreira, um dos gurus do teatro brasileiro, no velho TBC de São Paulo, e que na saída ia desabafar sobre a chatice de Jules Renard como escritor, mas a imagem de Cacilda, carente, pedinte, aquela figurinha luminosa no palco, me reduziu a um silêncio incharacterístico.

Era uma mulher de paixões violentas, pró ou contra as pessoas, de uma alegria contagiante ou depressão suicida, e, talvez, sem que o percebesse, como toda atriz de grande talento, representava o tempo todo. Sabia ser carinhosíssima e uma virago. A última vez que a vi, quando meu querido amigo, também morto, Flávio Rangel, a dirigia, com Walmor Chagas, fiquei um tempo na escuridão do teatro olhando os dois. Quando me viram, Walmor me saudou, amigos que somos, até hoje, com o calor *à point*, mas Cacilda era toda uma onda de paixão e saudade, porque não nos víamos havia alguns anos e era extremamente agradável ser gostado por Cacilda Becker, um minuto (mais, talvez sufocasse).

Ela está morta e nós a lembramos como um monumento de trabalho e audácia no teatro, mas podemos nos perguntar o que acharia da cena teatral hoje. Mal acreditei em mim mesmo quando pensei neste artigo que nos anos 1950 e 1960 tínhamos um teatro de repertório regular, que não faria feio em parte alguma do mundo, o Teatro Brasileiro de Comédia, criação de um italiano a quem muito chamei de casca-grossa e novo-rico, Franco Zampari, mas que merece todo o meu respeito. Que tínhamos diretores e professores como Zbigniew Ziembinski, Luciano Salce, Adolfo Celi, Gianni Ratto e Ruggero Jacobbi, que nos ilustraram, dirigiram alguns espetáculos esplêndidos e formaram toda uma geração de diretores brasileiros e atores. E não foi só o TBC. Havia o Teatro Maria Delia Costa e, egresso do TBC, a Companhia Tônia-Celi-Autran, idem o Teatro Cacilda Becker (o TBC continuava funcionando em fase nacionalista, representando o melhor de Dias Gomes e Gianfrancesco Guarnieri), o Teatro dos Sete (Fernanda Montenegro, Ítalo Rossi, Sérgio Britto, Fernando Torres), o Oficina, o Teatro de Arena. Havia o que escolher, em qualidade e tendência estética e política.

Em parte foi a ditadura que matou todo esse teatro. Lembro a noite cômica em que deram ordem de prisão no Rio para Bertolt Brecht, morto há uma década. Cinema nunca deu em nada no Brasil. Cacilda, de resto, desprezava o cinema, tendo aparecido em poucos filmes, tais como

Floradas na serra,^{131} tirado do romance de Dinah Silveira de Queiroz e conhecido informalmente como “deflorada na serra”.

Mas há mais que ditadura e outros meios de expressão, pelo que me refiro ao domínio total que a televisão exerce na sociedade brasileira. Atores da geração de Cacilda ou pouco mais jovens, como Paulo Autran e Walmor Chagas, respectivamente, se queixam do baixo-astrol que impera no nosso meio artístico. Uma ou outra atriz de gênio, como Fernanda Montenegro e Marília Pêra, encena uma peça de sucesso e até excursiona pelo país. Mas não há mais o que chamávamos de “movimento teatral”, na nossa juventude, uma religião em verdade, porque estávamos dispostos a sacrificar tudo.

Não acredito que Cacilda pudesse se sentir realizada nessa atmosfera de decadência e desdém por tudo que se tornou o Brasil, em que cada um se esconde em sua casa com sua “cachaça”, seja lá qual for. Ela era uma mulher para grandes plateias, não plateias passivas, mas que participassem com seu suor e sangue das duas Antífonas (Sófocles e Anouilh, que representou em programa duplo). Havia na pior das hipóteses um gesto tentativo de grandeza no trabalho de Cacilda e companheiros. Com muita saudade de vê-la no palco e em pessoa, acho que morreu na hora certa, antes do dilúvio...

14.06.1989

O PASQUIM, COLLOR, BRASÍLIA

Um editor da *Folha* me pede uma nota sobre o vigésimo aniversário de *O Pasquim*. Uai, sô, pensei que não era mais publicado. Millôr Fernandes me falou qualquer coisa quando estive aí em janeiro sobre a compra do jornal, mas pensei que estava dormindo como Drácula, em face da luz do sol. Os últimos números que vi eram de puxa-saquismo horrendo de Brizola, quando este era governador do Rio, e presumo - concluo - que Jaguar ache que ser subsidiado por alguém que admira não é suborno. Jaguar era um idiota de gênio.

Quando Carlos Scliar, comunista (hoje ex), e eu, trotskista (idem), tentamos levá-lo para a esquerda, quando trabalhamos todos juntos na revista *Senhor* original, circa 1960, foi uma parada explicar a Jaguar a diferença entre célula e cédula (ele trabalhava no Banco do Brasil). Seu humor triunfava sobre as restrições políticas da esquerda. Quando houve um dos plebiscitos falsificados na Argélia, para ver se os nativos aceitavam a colonização francesa, Jaguar desenhou umas árabes gostosas, de véu, dizendo: “Não se pode dizer *non* a um francês”. É muito engraçado, mas, claro, Jaguar foi chamado pelo então editor-chefe da revista, Newton Rodrigues, que lhe explicou que a piada era contra o nacionalismo argelino.

Mas em 1969 Jaguar era apenas um dos de *O Pasquim*. Os nove colaboradores tinham cada qual seu feudo, inalienável. O jornal fez muito sucesso. Chegou a vender mais de 200 mil exemplares. Quando começou a pegar, aumentava a circulação 10 mil exemplares, o sonho de todo editor de publicação nova. Os melhores talentos humorísticos de várias gerações, de Millôr a Claudius, Henfil, Ziraldo etc., por lá passaram mar- cantemente (foi uma piada do amável Ziraldo que serviu de pretexto para nos colocar na cadeia dois meses em 1970. Ele e eu, por motivos que ignoro, éramos sempre os primeiros a ser presos, nunca tendo a chance de fugirmos antes que nos apanhassem. Eu estava em casa às duas da manhã, quando apareceram os caras. Eu estava por sinal corrigindo as provas de *O capital*, de Marx, que Ênio Silveira estava lançando).

Mas não acho que tenha sido o humor, por si, que tenha vendido tanto o jornal. Foi a censura que vendeu o jornal. Censurados, não podíamos espinafrar o regime - em 13 de dezembro de 1968 foi baixado o Ato Institucional 5, decretando total ditadura -, logo tivemos que dar asas à nossa imaginação, como dizem, e não cair nas reclamações monocórdias típicas da esquerda brasileira. Lembro ainda de uma reportagem que fizeram sobre nós em *Realidade* e, quando estávamos sendo fotografados na casa da Danuza Leão, em Ipanema, Sérgio Augusto, outro colaborador de destaque, me disse: “No dia em que levantarem a censura, estamos fritos. Vai começar todo mundo a escrever igual”. Batatolina.

Mas era engraçado mexer com a censura. Millôr fez um painel de duas páginas (centrais) chamado os “Vergéis floridos”, gozando a censura com uma página pastoral, o que a censura, obviamente, não percebeu, e no meio da mata um passarinho perguntava: “Você dá para mim?”.

Eu escrevia sobre política externa, criticando a intervenção dos EUA no Vietnã, que até hoje considero a indignidade suprema deste país. Mas em 1970 obtive visto de jornalista para os EUA. Na prisão, um interrogador, Brant, se não me engano um capitão na época, me acusou de insultar a dignidade do presidente dos EUA, Richard Nixon. Respondi que era muito engraçado ele dizer isso, já que a embaixada dos EUA me tinha dado visto de jornalista. Perplexidade. **Enquanto militar for considerado ente superior no Brasil, não teremos possibilidade de criar uma sociedade civil crível.** Li na *IstoÉ/Senhor* que Sarney não conclui o empréstimo de 600 milhões de dólares com o Banco Mundial porque, por conselho militar, como escrevem os repórteres Bob Garcia e Jorge Caldeira, não quer dar garantia de que o dinheiro não será usado no besteiro e cabide de empregos em Angra. E que também não quer trocar controle ambiental na Amazônia por parcelas da dívida, pelo mesmo conselho militar. Waaal, Sarney era presidente da Arena, partido do “Sim, senhor” nos tempos da ditadura. Nem ousou pensar onde pôs a língua. Não há motivo algum para supor que tenha mudado de opinião ou, como direi, de postura. Assim, não dá...

Mas, enfim, um a um fomos saindo de *O Pasquim*. Pouco sei da fase Millôr Fernandes-Ivan Lessa, 1974-1978, porque eu já tinha saído, mas até lá o jornal tinha boa circulação, apesar da censura extrema, cerca de 60 mil exemplares. **O jornal renovou a linguagem jornalística, pelo menos despindo-a do ranço acadêmico (persiste, sobreviveu), e inovou em**

entrevistas. Dávamos um pileque no entrevistado, éramos todos de resistência acima da média ao uísque, e a “vítima” soltava o verbo. In vino veritas. Mas várias vezes engavetamos por piedade das pessoas.

It was fun while it lasted.^{132} Está todo mundo por aí, brilhando. Só Henfil morreu dessa abominação que é a Aids por ser hemofílico e precisar de transfusão de sangue, que deram a ele contaminado. Aqui, a cadeia seria certa para o provedor. Aí, como de costume, a impunidade.

MENINO BONITO

E o Collor, hem? Resolvi chamá-lo de “Collôr”, porque Collor, como se pronuncia no Brasil, é muito “americano”. Este jornal quase diariamente encontra uma falcatrua na vida do cara. Bem, mas está, como dizem, empolgando. Não tenho a menor ideia de quem seja, que apito toca, o que pretende etc. Um amigo me conta que, em Aracaju, o governador (*who's He?*) tem 70% de popularidade. E apoia Aureliano Chaves, que, numa viagem a Nova York, falou aos jornalistas aqui radicados e em minutos ouviam-se roncões gerais. Mas Aureliano tem apenas 2% de ibope. Collôr tem 43%.

Mesmo que ele seja para ser levado a sério, isso não quer dizer que, eleito, poderá governar. Esse Congresso que aí está e que sabe, na maioria, que foi eleito pelo embuste do Plano Cruzado 1, e que não será reeleito em 1990. vai passar o último ano de poder no assalto a mão armada, isto é, vai intensificá-lo. E o Congresso tem essa Constituição grotesca de 345 artigos para castrar qualquer presidente. Collôr, claro, teria, se eleito, a autoridade do voto, mas Jânio em 1960 tinha obtido 48% - recordes - na direta daquele ano - votei em Lott, e não me arrependo - e encontrou a mesma barreira no Congresso.

O sucesso de Collôr não é, como diz Leonel Brizola, porque ele é a nova face da direita. Nada do que diz pode sequer ser caracterizado de direita, a menos que privatização - praticada pelo socialista Felipe González na Espanha e pelo socialista que é o primeiro-ministro da Áustria - seja agora considerada de direita. E, em verdade, o que há de mais progressista no Brasil. E, claro, Collôr, presidente, encontraria a maior resistência à

privatização dessas estatais improdutivas e deficitárias, que fazem da dívida externa brasileira um problema tão sério como a dívida externa dos militares que estão dando “conselhos” a Sarney, segundo a *IstoÉ/Senhor*, e dos apaniguados civis da atual oligarquia política. É essa gente que é “marajá”. O funcionário público, em sua maioria, ganha muito mal e às vezes até trabalha em condições péssimas. É o privilegiado, militar ou civil, que povoa empresas-fantasmas, à tripa forra, cujas mamatas são protegidas até a morte por Sarney e Mailson e esse bando de vagabundos que compõem o Executivo.

Acho que o sucesso de Collôr se deve a que ele fala diferente dos outros. De Aureliano a Lula, com nuances, todos são estatistas. Acredito que a maioria das pessoas já tenha percebido que gente do governo vive muito melhor do que quem tem de ganhar a vida na empresa privada. E sempre se vota contra. Nunca a favor. Isso é, mundialmente, comprovado. Logo, O entusiasmo que Collôr provoca só pode ser explicado pela sua mensagem antigoverno. Reagan ganhou duas eleições xingando o governo, a segunda, em 1984, quando ele era o governo. Logo, esse “menino bonito”, como foi chamado por um relatório do SNI (que ele promete fechar. Lacerda disse tudo sobre o SNI: faz uma colagem dos jornais e, agora, presumo, da televisão. É o que se chama em humor “polícia secreta de Niterói”), acertou na tecla que estava muda estes anos todos, os quatro anos de Sarney, que fez o Brasil regredir cinquenta anos em cinco; sei que ainda não completou os cinco com aquele festival nordestino de faixas, mas chega lá.

DELENDÁ BRASÍLIA

O fato é que já estou me repetindo sobre o motivo do sucesso do Collôr, mas, acreditem, não é um acidente, como diria Lênin (disse de Zinoviev e Kamenev; pouca gente lembra a origem da frase), porque diariamente os jornais falam do “fenômeno” Collôr, sem explicá-lo ou tentar sequer uma análise. E mandinga por mandinga há sempre a possibilidade de que, de repente, por motivos inexplicáveis, Collôr esvazie como um balão. Está ganhando mídia demais. Essas coisas costumam ter um *revertere*. Ninguém sabe por quê, mas acontece.

Mas posso acrescentar grátis um tema de campanha, para quem quiser adotá-lo, que deliciaria as massas. Como o velho Catão, ajeito a minha toga e berro: **DELEND A BRASÍLIA!** Acabemos com Brasília, como Catão queria destruir Cartago, e tanto falou que destruíram, dando mais de 2 mil anos de tranquilidade à Roma imperial. Brasília não é Cartago. Se tivesse de trabalhar, morreria de inanição, de frescura, talvez, mas é uma excrescência. Seus próprios donatários e *profiteurs* têm horror da cidade. Nos fins de semana, Brasília fica às moscas. O sinistrismo da cidade é tal que na primeira noite que passei lá amigos se lembraram de me avisar no telefone que não me suicidasse, porque todo mundo se sentia deprimido na primeira noite em Brasília. É mesmo a cidade totalitária, como disse aquele crítico italiano de arquitetura, Bruno qualquer coisa,^{133} quando se discutia a feitura da cidade, em 1959. De cima uma bela escultura. Embaixo a vida diária é impossível. Por isso é a capital da cartomante, já competindo seriamente em macumba com Salvador.

Foi uma ideia bem-intencionada desastrosa. Criar uma capital no centro do país que atraísse para lá atividade econômica. Não atraiu. Atraiu miseráveis (a população prevista para o ano 2000 na cidade era 2,7 milhões. Já tinha esses milhões em 1988) e burocratas. Estes fogem nos fins de semana para seus Estados de origem, mas bem que gostam do isolamento, da falta de mídia de primeiro time da cidade, porque podem se lambuzar do tesouro sem a vara curta que teriam no Rio ou São Paulo. Já se disse e com razão que o golpe militar de 1964 só durou vinte anos com a transferência da capital. Se fosse no Rio, a camada civilizada da população o avacalharia. Mas lá nos confins do judas é muito mais difícil. E não é à toa que o apelido do Ministério da Guerra é Forte Apache.

Sei, custaria muito desmontar aqueles prédios todos. Mas não. À parte despesas de transporte de pessoal, pessoal que deveria ser cortado em dois terços no governo, como todo mundo sabe, não seria necessário dismantelar os prédios. Poderia se relegalizar o jogo e fazer de Brasília a Las Vegas do centro do Brasil. O velho Tuta^{134} poderia, como Henry Fonda naquele filme, ser crupiê de faraó, alguns minutos, como atração turística. E guias de turismo explicariam: “Sim, sim, foi um dos líderes da Nova República e está conservado em formol. Colocamos uma máquina de fabricação nacional no coração dele, de informática, não admitimos equivalentes estrangeiros, e é ela que faz com que ele mexa os braços, sorria e faça

dengos para os turistas. Um grande sucesso da tecnologia brasileira”. Seria um final feliz.

17.06.1989

CINEMA À MODA DA CASA

O mal do cinema brasileiro é que ninguém sabe fazer cinema no Brasil. É difícil lembrar um filme que tenha ficado na memória da raça, como dizem. Talvez a segunda parte de *Deus e o Diabo na terra do Sol*, de Glauber Rocha, um talento real, estelar, e que nesse filme ao menos conseguiu harmonizar ambição intelectual com resultado estético. Mas é só e é pela metade.

Comercialmente, seria piedoso não tocar no assunto. Há filmes que se pagam no mercado interno, mas a grande maioria está fora do que se poderia chamar “sétima arte”, isto é, foi produzida por profissionais desambiciosos, que não pertencem ao *gratin* da Embrafilme, Cinema Novo etc., isto é, Os Trapalhões, Mazzaropi, Churrasco de Mãe, coisas assim. Deve haver algum filme “artístico” que se tenha pago, mas é certo que a maioria dá com os burros n’água, apesar da imensa tamanqueira nacionalista e protecionista, obrigatoriedade de exibição etc.

É evidente que o público prefere telenovelas. Pode vê-las de graça e provocam *frisson* nacional. Cheguei ao Brasil para uma visitinha este ano e só se falava de *Vale tudo*, da sra. Roitman e cia., e o último capítulo que vi tinha o formato de um romance de Balzac e Dickens, com trezentos personagens, quinhentos incidentes etc. Nunca um filme brasileiro provocou esse interesse mesmo nas classes mais sofisticadas (mais uma vez, o único a ser discutido pela elite foi o do pau para toda obra Glauber Rocha, *Terra em transe*, que, apesar de irrealizado esteticamente, nos deu um relance, em 1968, do Brasil gaiato horrendo de Sarney. Glauber foi profético).

Dirão: é a máquina da Globo. Sim, até certo ponto, que não poderia ser mais limitado. Telenovelas fracassam redondamente, são modificadas, às vezes capítulo a capítulo, acabam sendo coescritas de certa forma pelo público. Em suma, é o mercado que determina seu desenrolar e conclusões. As relações entre o cinema brasileiro e mercado são inexistentes. Um menino que carreguei no colo, Bruno Barreto, simpático e afável, com pai e mãe de quem sou amigo, conseguiu perder dinheiro com uma adaptação de

um romance de sacanagem de Jorge Amado, popularíssimo, *Gabriela*, com Marcello Mastroianni e Sonia Braga. É extraordinário. Não vi o filme, mas se fosse um sucesso “maldito” certamente eu teria sido informado.

Não vi de resto 2% dos filmes nacionais, o que talvez me desqualifique, nos olhos de alguns, para escrever este artigo. Mas acho que não. Também não leio todos os romances que saem e muito menos vejo o que a televisão dos EUA tem a oferecer. Escolho a dedo os filmes em Nova York. Mas é fatal que se perca alguma coisa, por desatenção ou desinformação, que eu seja informado pela mídia ou, mais certamente, por alguém que eu conheça e que seja interessado no assunto. Tenho notícia por amigos de todo filme brasileiro pretensioso que é lançado. É uma feira de fracassos artísticos e comerciais. Não sei, francamente, como alguns amigos meus, autores, *auteurs*, como se autointitulam, aguentam esse vexame, das vaias em Cannes aos cinemas vazios em toda parte do mundo. Admiro-lhes a cara de pau, ou o estoicismo.

E há, claro, a questão de furto. Minha informação, em confiança, de gente envolvida no setor é que a Embrafilme era uma cloaca, mais uma “estatal”, com tudo que isso implica de ineficiência (o insucesso crônico dos filmes) e safadeza, as mamatas. Segundo me contaram, de 1 bilhão de cruzeiros (antigos), o beneficiário embolsava 25% e gastava o resto no filme, que era fracasso certo. Não vou dar nomes porque meus informantes não se deixariam citar e não documentaram essas acusações. Mas acredito neles. Bem que o renomado crítico Moniz Vianna escreveu várias vezes que a Embrafilme terminaria em roubalheira. Não lhe deram - e me incluo - ouvidos. Acertou na mosca. Aqui, nos EUA, se faz isso também. Os filmes não custam o que é anunciado. Comissões ilícitas são cobradas, faturadas embaixo do pano por produtores e banqueiros. E os filmes servem frequentemente para lavagem de dinheiro da máfia. Robert de Niro, por exemplo, já deveria estar desempregado. Seus últimos filmes tiveram um déficit de 85 milhões de dólares, o bastante para tornar qualquer estrela “veneno de bilheteria”. Mas De Niro não para de trabalhar.

Mas nos EUA, bem ou mal, há cinema, no sentido de que ocasionalmente surge um filme que tira as pessoas de casa para vê-lo e que causa algum interesse da camada não boçal da população. Não que haja mais cinema-indústria. A televisão comeu tudo. E esta é a versão mais caridosa que se pode dar para o fracasso geral do nosso cinema. Os nossos

cineastas armaram um esquema de cinema-indústria na segunda metade dos anos 1960, precisamente quando Hollywood estava se desindustrializando à força sob o impacto da televisão (TV em cores foi o *coup de grâce* no cinema e revistas semanais ilustradas). **Perder o bonde parece ser nosso destino histórico.**

Deve haver gente de talento. Há, claro. Babenco fez *Pixote* [1981]. Era modesto mas competente. Não posso dizer que eu tenha vibrado e me comovido, apesar da minha admiração por Marília Pêra. Estou um tanto cansado de história triste de pobre. Mas vá lá. O filme deu dinheiro. Babenco incursionou pelo mercado internacional de cinema com *O beijo da mulher aranha* [1985] e *Ironweed* [1987]. O mercado está seco por talento. O mercado internacional, que paga em dólares. Se algum filme brasileiro fizesse sucesso em Paris, Londres e Nova York, seu diretor seria imediatamente contratado, como Babenco, porque a falta de talento é geral. A última era de cineastas que eram artistas, de Bergman e Fellini, e, para o gosto de alguns, Godard e Antonioni, Malle e Truffaut, está chegando ao fim. Se aparecer um brasileiro inocente do que esses caras disseram da natureza humana (do que Bergman disse, por exemplo, em *Vergonha* [1968], que revi outro dia), ganhará muito dinheiro e fama.

Mas parece que não tem jeito. Veja dá que a velha Embra, que me tinham dito falida, pagou 107 mil dólares em passagens de avião para alguns beneficiários do cinema brasileiro irem a Cannes sob o pretexto de que venderiam filme. Qualquer adulto informado dispensa maiores comentários. E em Cannes havia um filme do meu conhecido Ruy Guerra, chamado *Kuarup* [1989]. Não sei se foi baseado no romance de Antonio Callado, *Quarup* [1967], com “q”, mas sei que foi vaiado (é sina), que é incoerente, incompleto, e que custou 5,5 milhões de dólares. Tanto dinheiro num filme de índio sem nenhuma estrela? Entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Quem quiser que conte outra.

Glauber, de quem fui muito amigo, era magnífico na sua fúria baiana, no irracionalismo que converteu em realidade estética, na segunda parte de *Deus e O Diabo*. Mas Glauber era de esquerda. Queria dar mensagens de conscientização. Eu lhe contei de Auden, que, quando comunista, ainda assim confessou: “poetry makes nothing happen”.^{135} Cinema também não faz. Glauber era um médium do irracionalismo popular. Mas encheu a cabeça de submarxismo e das teorias de anticonceituação de Godard, este

que foi o maior farsante do meu tempo de cinema. Nunca admirei os filmes dele. Sempre os achei um embuste. Não têm mais sequer o efeito de choque do seu tempo. Revi *Alphaville* [1965], *Acossado* [1960], *Weekend* [1967] e *Pierrot le Fou* [1965] (o favorito de Glauber). Estão inteiramente datados e sempre foram chatos.

O que matou Glauber foi ele ter de viver fora do Brasil durante a ditadura, o compromisso que teve de assumir para voltar sem ser preso e a morte horrível de sua irmã, com quem tinha uma ligação profunda. Glauber daria um bom filme, mas, claro, sua biografia exige um realismo crítico inexistente no cinema brasileiro, que se especializa em populismo demagógico (fazer de conta que pobre é bacana ou sentimentalizá-lo em face de ricos de caricatura) ou em pornografia, nem isso, mulheres nuas, trepando sem mostrar muito gosto pelo esporte. O nu frontal, comum em nosso melhor cinema, aqui, diga-se, só é usado em filmes declaradamente pornográficos.

Essa falta de realismo crítico permeia a cultura brasileira, logo era inevitável que aparecesse no nosso cinema. Talvez o problema seja insolúvel. Quem fosse enfrentá-lo, por exemplo, teria de se arriscar a fazer um retrato sem retoques dos militares e sua ação no Brasil. A Embra, por sinal, floriu em plena ditadura militar. Esta que deu o dinheiro... É arriscado criticar militares no Brasil. Em livros ainda é possível porque pouca gente lê. Em cinema, quem se habilita? Gutiérrez Alea, em *Memórias do subdesenvolvimento*, em 1968, antes que a ditadura de Fidel Castro fechasse completamente a liberdade de expressão, fez um filme em que os contrastes entre o primitivismo da sociedade cubana e suas pretensões socialistas são expostos sem mercê. Isso, o equivalente brasileiro, me parece impensável. As pessoas achariam “reacionário”.

É esse sentimentalismo pútrido em face da nossa miséria (expressa de várias maneiras, o que inclui o clube do elogio mútuo, pela frente, pela frente...) que impede qualquer arranque artístico em nosso cinema. Posso identificar a causa, mas isso não é garantia alguma de que alguém tenha a capacidade de arrancar. Seria mais realista aspirar à condição da Índia, que faz setecentos filmes por ano, para consumo interno. Mas esse papel no Brasil foi tomado por completo pela televisão. Nosso cinema está num beco sem saída. Só o imprevisível pode salvá-lo.

18.06.1989

QUE DROGA

Eu estava com Bernardo Bertolucci jantando num restaurante em Nova York quando resolvi lhe mostrar a maneira de detonar, deflagrar, mandar, cafungar cocaína em público. Simples, põe-se um pouco no nariz com o dedo e se inala. Ninguém vai imaginar que é pó, coca, *snow*, a prima, como se dizia nos anos 1970. Bernardo ficou fascinado. Soube que agora ele está voltado para o hinduísmo, para ioga. Waaal, será mesmo que o homem não pode viver sem fé? Estou chegando aos 59 sem acreditar em nada. É... árido, mas a verdade me faz companhia. E o meu vício, a verdade, como me parece, para bem ou mal.

Lendo o besteiro totalitário ou meramente sensacionalista sobre drogas, fico me perguntando se é assim mesmo. Só se ouve falar do que a imprensa chama de “tragédia” (um uso totalmente equivocado da palavra como a entendiam Aristóteles e Hegel). Parece que ninguém nunca está numa boa. E mentira. Confesso. Podem me bater, podem me bater, que eu não mudo de opinião. Tomei todas as drogas, nunca me viciiei em nenhuma, e todas me deram o maior barato. Apenas nunca senti vontade de atrelar minha vida a uma substância, por uma falsa (ainda que gostosa) euforia (outro uso indevido da palavra, mas chega de pedantismo). Cocaína tomei, como contei no meu livro *Cabeça de papel*, antes que chegasse à turma do *milk-shake*, quando se tornou a porcaria de hoje. Ouvi falar nos anos 1950, no Anexo do Copacabana Palace, o hotel mais bacana que já houve ou haverá no Brasil, porque vivemos um fim de século minimalista, onde sob o pretexto de que todo mundo viva bem se conseguiu que todo mundo viva mal.

Durante o Carnaval, paulistas de quatrocentos anos ocupavam o Anexo. Cinquenta apartamentos e 250 quilos de cocaína, na frase feliz do diretor-geral do hotel, cujo nome não quero entregar, pois vivo e ativo ainda está. Os paulistas (também não vou entregar, mas todos tinham nomes exclusivamente brasileiros, isto é, portugueses) eram muito gentis e ofereciam aos nativos cocaína, assim como Caramuru deu miçangas aos

índios. Era uma delícia, os dentes trincavam anestesiados, nos sentíamos capazes de tudo, o que incluía falar 24 horas sem parar e pau duro por oito.

Mas a vida continuava. Os paulistas voltavam para São Paulo, para seus afazeres, mulheres (esposas) e filhos, e nós, nativos, continuávamos explorando a piscina do Copacabana, voltando ao uísque.

Nem saía nada na imprensa, que, em geral, está sempre uma década atrás das notícias. Nos anos 1960, Sérgio Porto, Flávio Porto (“Fifuca”), Antônio Maria, eu e outros que não vou citar tomávamos regularmente. Mentira que os três tenham morrido por “excessos”. Sabiam perfeitamente medir o uso. Maria tinha suspenso completamente a cafungagem quando um enfarte o abateu ao comer o segundo *toumedos* no Rond Point, em Copacabana, antes que esta se tornasse o Planeta dos Macacos.

Mas melhor falar de mim. Uma vez ou outra eu ia ao apartamento de Maria e passávamos a noite cheirando e bebendo e comendo etc. O que estou querendo acentuar é a normalidade da coisa, que, depois de repassagem pela mídia, parece um bicho de sete cabeças. Um Indiana Jones da mente, em aventura.

Lá pelos fins dos anos 1970 cortei o barato. Nenhuma falta me fez. Gente séria me assegura que cocaína destruiu pessoas, famílias etc., e certas pústulas são citadas como exemplo daquilo a que leva o excesso. Waaal, só posso responder que desconheço e suspeito que as referidas pústulas já seriam infecciosas a seco e que as pessoas e famílias destruídas se destruiriam com outra coisa, se cocaína não existisse. Ninguém fala mais que o “jogo destruiu a família brasileira”, conversa que ouvíamos muito antes da emergência da TV Globo, que parece ter acabado com “jogo em família”, fazendo os jogadores cativos das novelas... E também não se fala de álcool, quando, claro, todos nós temos amigos e amigas alcoólatras, que muito mais do que os usuários de cocaína do meu tempo se destroem à nossa vista (não vou citar os casamentos que sei fíndos por causa do álcool, ou aquele compositor que vai ao banheiro num restaurante do Rio e um garçom lhe passa um copázio de vodca, porque o cara tem de beber escondido da mulher). Tomei LSD com o mesmo Bernardo Bertolucci em Roma. A primeira vez vi tudo de cristal. Bonito. A segunda vez, nada. Era o mesmo ácido lisérgico. *Hash* e maconha são coisas de criança. Só têm o efeito em mim de me criarem uma obsessão de ouvir Wagner, que já é um barato mesmo sem droga, mas não passa disso. Uma vez, nos anos 1970, no

início, experimentei a “princesa negra”, como é chamada a heroína. Pelo nariz. Posso compreender que alguém se diga viciado nesta e é fato sabido que, à exceção dos ingleses, a maioria dos nobres da Europa vive no nosso mundo sujo, feio, pútrido, à custa da morfina, que é uma heroína mais fraca. Mas, com heroína, você move um dedo do pé e é um orgasmo, *à la* paraíso muçulmano, que não acaba mais. Não convém brincar com a princesa. Nunca mais tomei.

OK, pode ser que diferentes organismos e mentalidades, diferentes resultados. E, claro, não se deve permitir que antes da idade da razão, quando se é criança, esses troços sejam consumidos. Mas são. Porque são proibidos. Não há garoto não catatônico que não queira experimentar. É claro. Fruto proibido etc. Deveriam legalizar a droga, como legalizaram o álcool. E há mais gente viciada em Valium do que em todas as chamadas drogas ilegais.

Quem quer se suicidar com drogas vai se suicidar, sejam legais ou ilegais (a linha divisória do gramado é quase invisível na maioria das sociedades). Portanto, o lógico é legalizar as drogas, como as da indústria farmacêutica, ou o álcool e o tabaco, que rendem fortunas aos governos. Com isso, se eliminaria a componente de criminalidade, tão intensa que aqui é impossível andar em 50% da cidade sem o risco de receber uma bala “travessa” ou uma facada, de sobras de brigas dos outros. Em algumas áreas de comportamento sempre fazemos o que queremos.

13.08.1989

É HORA DE REVISAR

Estamos vivendo uma revolução na Europa Oriental, Oriente Médio e África do Sul. É garantido que nada houve de tão momentoso desde 7 de dezembro de 1941, quando os EUA entraram na Segunda Guerra, tornando-a mundial. Mas ninguém diria. No Brasil, então, é provável que só uma minoria de elite perceba o que está acontecendo, porque a chamada imprensa de qualidade não explica, por exemplo, que Israel, tendo já matado 550 palestinos (contagem de terça-feira passada), prendido 40 mil e deportado milhares (estou usando as estatísticas oficiais, que são omissas em especificar o número de deportações, todas, claro, expressamente proibidas pela Carta da ONU), continuará assim, alegre e fagueira.

Yitzhak Rabin, o ministro da Guerra, quando escrevo, estava com sua pinta de nazista de Hollywood da Segunda Guerra, com sotaque e tudo, visitando Mubarak do Egito, que parece um lavador de carros do Rio. Nenhum dos dois, claro, tem o mais remoto interesse em resolver a questão palestina, mas conversam porque, afinal, não têm também o que fazer, não sabem o que fazer. A revolução palestina é um fato consumado. Os territórios, a margem oeste do Jordão e Gaza, se tornaram independentes, precisamente porque os israelenses só podem entrar lá a bala e sua anexação cessou *de facto* de existir (há 150 mil projetos de anexação), isto é, os colonos estão acastelados sem poder ter acesso a suas terras a não ser a bala.

Pouco há na mídia sobre o assunto. É uma revolução cujo porvir é um enigma.

Na África do Sul, se a Namíbia for dada aos negros, a Sam Nujoma, que é semianalfabeto (entrevistei-o na ONU há dez anos), e se De Klerk, o novo primeiro-ministro da África do Sul, continuar tentando restabelecer o *apartheid* que havia antes de 1948, antes do demente Verwoerd, primeiro-ministro, e que acreditava nesse troço de raça, ou seja, se for restabelecido o *apartheid* à inglesa, hipócrita, mais a Namíbia, não há por que a situação não se aquietar ou por que não sofrer uma transformação qualitativa. Uma

coisa é certa: é improvável que os sul-africanos sejam depostos. A URSS e os EUA não querem mais uma república negra na África e inevitavelmente caudilhesca, a exemplo das demais repúblicas negras, e com morticínios tipo Biafra 1969, quando a maioria dos meus leitores chupava pirulito, mas me lembro bem, tribos africanas se matavam umas às outras como nenhum branco as matou, nem o famoso Leopoldo 11, rei da Bélgica, um dos grandes assassinos da história e que inspirou *Heart of Darkness*, de Conrad, e motivou algumas das mais brilhantes polêmicas da história, da parte de Roger Casement e André Gide.

A URSS não pode permitir uma África do Sul negra porque é a primeira produtora, a URSS, de ouro no mundo, e a África do Sul a segunda, e, se tivesse governo negro, esse governo faria com o ouro o que a gente do Quênia fez com a caça, e para quem conhece história nenhum comentário outro é necessário. Os EUA também não podem permitir que toda a África, afinal, caia no mundo pré-histórico do chamado Quarto Mundo. Seria a entropia do capitalismo democrático.

O maior vendaval é a leste da Europa. Realmente, não sei o que escrever, porque não ousou prever o que acontecerá na Polônia e Hungria, Tchecoslováquia e Alemanha Oriental. Na Romênia é mais fácil. A Romênia é o Paraguai do Leste Europeu ou o Haiti da América Central. Não faz parte das especulações de nenhum analista, assim como a Albânia, que, para efeitos políticos ou econômicos, nem consta dos mapas.

Mas acabou sem dúvida o marxismo-leninismo, ou seja, o stalinismo. Ceausescu, da Romênia, não pode ser comparado a Stálin. É mais um ditador tipo América do Sul. Empregou toda a família no governo, a mulher é a segunda no comando. Stálin mandou matar quase toda a família, um filho incluso. E muito diferente. Nunca houve marxismo-leninismo. É uma invenção de Stálin, e nossos comunistas, furrecas à moda da casa, nunca leram Marx, leram os *hand outs*, os *press releases* que a seção latino-americana do Comintern mandava para o PCB. Uma vez conversei com Arruda Câmara sobre Marx e o que ele disse era de morrer de rir, de tão inexato. Mas isso pouco importa. O fato é que o chamado “monolito” comunista, totalitário, está ruindo por terra. Nunca existiu, em verdade. E Hannah Arendt deveria ter se contido em *Origens do totalitarismo*^{136} e Orwell estudado (e Arendt também) economia, porque assim não teriam insistido na plausibilidade do totalitarismo.

Ninguém sabe o que vai acontecer. E nos países que resistem a mudanças, como a Alemanha Oriental, a situação é tão patética que, em breve, a única maneira de preservá-la será instituir “muros de Berlim” em todas as suas fronteiras.

Não há muitos jornalistas capazes de analisar o que está acontecendo. A grande mídia sabe que o comunismo está acabando, mas só se preocupa com a possibilidade de perder a sua plateia. A televisão dos EUA está procurando substitutos para “a ameaça vermelha”. Primeiro, foi a Aids. Não deu certo, porque tem alcance limitado e restrito (a menos que haja um acidente) a certos grupos sociais. Depois, foi o cartel de Medellín, um monstro devorador que “impõe” drogas a nossos filhos. Hum... Ainda estão tentando esse substituto de Stálin, mas não me parece ter também muito futuro, embora possa ser sempre mantido em cartaz. No entretenimento de massa, é preciso sempre haver um vilão global...

21.09.1989

A GRANDE TONTERIA

Mais um amigo por dentro e inteligente com quem almoço. Esse só sai de casa para ir ao aeroporto internacional. Mexe numas coisas por telefone. Já não tem mais quase um tostão aí. Pergunto-lhe quem vai ganhar a eleição. Lula. Temos de ir ao fundo do poço. Chafurdar. A ala albanesa dos petelhos, prevê meu amigo, proporá legislação, porque é uma das treze alas do PT. Marilena Chaui convocará reunião ministerial para determinar se é democrático que haja serventes que varram os ministérios.

Até na Bulgária, onde, que eu me lembre, só há vacas e aquele cassino, esqueço o nome, reservado para o p c e convidados, já começaram a notar que essa história de estatismo não dá certo. A Bulgária é o fim da picada. Pensávamos. Mas há um senhor de barbas, fantasiado de guerrilheiro, em Cuba, e um senhor orelhudo na Nicarágua, a farda é cópia da do barbudo, mas ele desistiu dos óculos de *designer* (que são, claro, engana-trouxa) que comprava em Nova York e colocou lentes de contato. Deve se imaginar um objeto sexual. Esses dois vivem completamente de subsídios, soviéticos ou de países social-democratas, que talvez paguem pela má consciência de ganharem tanto dinheiro (a Suécia, uma merdinha, tem 3% do comércio mundial. O Brasil, gigante deitado eternamente etc., tem 0,6%).

Lula nos coloca *au niveau* de Cuba e Nicarágua. É uma besta quadrada. Não sabe de nada do que está falando. Vai usar o dinheiro dos juros da dívida - que não pagamos - para aumentar o salário mínimo dos trabalhadores. Não dá. Alguém deve saber as quatro operações entre os petelhos, Weffort, Antonio Cândido e outros que poderiam fazer as contas para *El jefe*. Quer expropriar as propriedades mais produtivas. Foi o que li em *Veja*. O correspondente de *New York Times*, Brooke, escreveu que ele expropriaria os latifúndios improdutivos. Brooke deve achar que leu mal que Lula ia expropriar as propriedades mais produtivas. Mas leu certo. Karl Marx teria um enfarte se ouvisse Lula.

Há tanto tempo fora do Brasil não posso saber do que se passa onde conta. Há esse “lugar”, sim, em que não se lê jornal, mas só se fala ao

telefone com quem sabe das coisas. O normal na história brasileira seria, se Lula fosse eleito, não darem posse e, se dessem posse, não deixá-lo governar. Ele, no governo, enfrentaria o que há de mais poderoso na sociedade civil brasileira. Os militares não lhe cumpririam as ordens se mandasse expropriar os latifúndios produtivos. O que iria fazer? Uma milícia com Érudina à frente e dom Evaristo Arns de capelão contra os latifundiários produtivos? Jagunço não se assusta com tão pouco.

Mas Lula arruinaria o país, nos transformaria em Sudão, numa grande bosta. Se o Brasil, por exemplo, não chega a um acordo com os banqueiros internacionais, não terá crédito de lugar algum, nem de Japão, nem de Banco Mundial, nem de FMI, nada, neca, dulcineca. Teríamos de viver da poupança interna, que inexistente. E Lula quer o Estado em tudo, com a Petrobras falida, Volta Redonda perdendo 1 milhão de dólares por dia, o déficit do Banco do Brasil no último semestre foi de 1 bilhão de dólares, e, no entanto, o cangaço sindical de lá conseguiu aumento de 152,3%. Com Lula, seriam porteiras abertas. O cangaço se tornaria nacional e prestigiado pelo governo federal. As classes produtoras se defenderiam. Entropia. Sudão.

Já escrevi aqui várias vezes que todo mundo que conheço que pesa acha que Lula leva a eleição. Comentei o programa de TV dele. Achei esperto, apesar de demagógico, por ser positivo, enquanto Collor e Brizola baixavam o sarrafo em inimigos. É uma *donnée* nos EUA que *positive campaigning* leva à vitória. Tudo isso, claro, entremeado de exclamações de horror que estejamos para cair do meio da sarjeta, se bem que meio-fio me parece muito bom para Ribamar, o grande responsável pela catástrofe nacional, em cinco anos de matunguice sebosa e morfética.

Pois não é que “Mogadon” Suplicy, outro dia, escreveu à *Folha* dizendo que fiz troça da campanha de Lula quando tinha apenas 7% de apoio e que, no entanto, Lula era etc. Soube até que “Mogadon” está brilhando na Câmara Municipal, tendo conseguido expulsar dois corruptos (o velho tema pequeno-burguês que é subjacente a tudo no Brasil...), mas ele não lê nem mais jornal. Da, da, da, da, “Mogadon”.

Com Lula o dinheiro todo brasileiro já foi ou vai embora. Só quem não puder tirar é que deixará qualquer coisa aí. E as estatais vão falir e a hiperinflação vem. Ribamar, à parte nomear mais de duzentas mil pessoas, autorizar projetos dodivanas ou corruptos como a Norte-Sul e manter todo

esse absurdo complexo estatal, essa massa falida, apressa a declaração de falência porque congela periodicamente as tarifas de que hipoteticamente vivem as estatais. Duvido que Lula saiba do que estou falando. Mas tanto faz. A “negociação” que ele pretende da dívida externa é não pagar aos credores ricos do governo no over. Mas estes já terão transferido seus fundos para dólar antes da posse de Lula, que presidirá sobre uma Weimar cabocla, em que um caminhão de dinheiro comprará um maço de Olieu com filtro.

Ganhe ou perca, ele é uma desgraça, pois, na oposição, impedirá qualquer medida saneadora da economia. Terá cacife para isso, a menos que descubram mais Lubecas^{137} ou que a Érudíina continue espalhando suas asas. É só deixá-la trabalhar fazendo da mansão dos Matarazzos o museu dos trabalhadores.

O Brasil precisa reduzir a pó de traque essa máquina estatal, já falida, mas que consome 90% do arrecadado. E que deve progredir geometricamente, em face da pressão inflacionária. Mas nenhum presidente democraticamente eleito me parece capaz disso. Os *lobbies* que teria de combater seriam imensos. O mais forte é dos militares reformados, que ganham dois salários, o militar e o da estatal. Calculo de orelha que haja uns 100 mil nessa situação. Janio de Freitas citou estudos incompletos, notem, anos atrás, que falavam de 36 mil. Quem os demitiria? Ou melhor, que civil os demitiria? Só se aparecesse um líder militar como Lott e Denys, pessoas de que a presente geração nem ouviu falar.

Collor, ouço dizer, quer atrair a esquerda, trocando de vice-presidente. Falam de Fernando Henrique Cardoso. Epa. Devolvam Fernando a São Paulo, à academia, aos artigos brilhantes, ainda que discutíveis. Politicamente já é óbvio que ele é um pé-frio. Pensei que a experiência de Rio de Collor fosse maior.

Não encontro apoio a Collor. Esses meus amigos sábios dizem que preferem que ele ganhe a Lula, mas sem nenhum entusiasmo. É muito estranho. Até quando ele tinha maior dianteira nas pesquisas nunca apareceu aquele grande homem de negócios, o grande senador, digamos, se bem que no curral atual é difícil pensar nessa figura, ou na figura de *show business*, incontestável, que o apoiasse. Lula tem o eixo Ipanema-Morumbi. Chico Buarque certamente dará grandes festas para ele. A esquerda festiva é

imortal. Aqui já desistiu de política e está mais preocupada com questões sociais, Aids, feminismo, racismo etc.

Conseguiu ao menos impor - ditatorialmente - sua vontade porque se apossou na década de 1950 do Judiciário federal. A Corte Suprema dos EUA, sob Earl Warren (1953-1969), legislou sobre todas as questões que dividem o público, em favor dos liberais. Estou convencido de que isso é uma usurpação de poder, que, em essência, é uma violação da Constituição dos EUA, que determina que o Judiciário arbitre à luz da Constituição (é sempre uma das possíveis interpretações, claro), o que fazem Executivo e Legislativo, e não que legisle. Mas apoio essa usurpação, em parte, porque, é claro, não haveria um mínimo de justiça social para negros ou mulheres, por exemplo, se dependesse do Legislativo ou do Executivo.

Mas em se tratando de petelhos isso é dose para *cheval*. O que Lula tem com o meu Brasil? Nada. Alguém quer a classe trabalhadora no poder? Bem, não Lênin. Ler *Que fazer?*. E, falando de Lênin, estamos falando de coisas sérias, não do Brasil. Lula começou como deveria ter terminado, líder sindical de metalúrgicos, tentando obter melhores condições de trabalho para seus comandados. Como faz Lech Walesa, por exemplo, até hoje, porque está aqui implorando investimentos do “carro-chefe do imperialismo”, como devem chamar os EUA os “albaneses” de Lula, os seus trotskistas de galinheiro. Walesa enfrentou um sistema ditatorial que nunca deu a menor pelota à vida humana. A nossa ditadura matou muita gente, mas foi sempre envergonhada, e nunca dominou toda a sociedade, como o stalinismo polonês. Lula se encontrou com Walesa na Itália. Não conheço detalhes. Mas sei que se deram muito mal. Claro. Um sabe o que é o stalinismo. O outro flerta com um carbono caboclo dessa besteira, que atrasou o Leste da Europa cinquenta anos e de que Gorbachev quer se descartar. Mas no Brasil, por certo, o que acontece na Europa deve ser considerado “notícia de jornal”, algo de remoto que nada tem a ver com a realidade brasileira.

Todos os meus amigos dizem que o país acabou, que não dá mais pé. Acho isso humilhante e mais humilhante ainda ter de escrever sobre essa gente. Tenho de participar de uma mesa-redonda na New York University sobre as “implicações” da eleição. Nem sei o que dizer. Que tal estamos entre a cruz e a caldeirinha?

Golpe militar é muito chato, porque vêm censura, tortura etc., sem falar do fato de que não parece haver mais o grupo Castello, nas Forças Armadas,

isto é, que favorecia a adoção de uma economia liberal, inspirada nos EUA, porque é a economia mais bem-sucedida do mundo. Todo mundo agora parece ser nacionalisteiro. Mas não seja por isso. Alguns pensam que os EUA não apoiariam o golpe. Os EUA não têm mais força para derrubar Noriega e já estamos de qualquer forma na *shit list* de Washington, em economia. A força de que estou falando é política e moral, e não militar, obviamente. A Guerra do Vietnã acabou com a autoridade do Executivo neste país.

Mas mais uma vez estou entrando em assuntos sérios. Lula, leio, se compara a Salvador Allende, em 1973. Está enganado. Allende era um homem instruído, um socialista autêntico e temido ao horror. O que houve no Chile foi uma luta de classes que se poderia definir pelo marxismo. Com Lula, o medo é mesclado ao desprezo e o medo não é da “classe”, ou seja, da burguesia contra o socialismo, mas de que Lula reduza o país a uma taba, que o Brasil, como o Haiti, volte aos tempos bíblicos do boi e do arado.

Li também que Ribamar ficou impressionado com a votação alta de Lula no Nordeste e que disse: “O povo votou com raiva”. De quem o povo terá raiva, minha Nossa Senhora, oxente?

Adverti daqui o leitor de que não dissesse “pior do que Ribamar não pode haver”. Há Lula. Os petelhos, Érundina, que se parece com Jeff Chandler, a República do paraíba, do pé-rapado, e, como diz *Veja*, Lula se assemelha ao eleitor médio...

Lembro dos presidentes que conheci, Getúlio, Dutra, Juscelino, Jânio e Jango. Presidentes eleitos, Jango por plebiscito, *faute de mieux*. Deve ser a maior dor de Brizola. Afinal, se ele perdesse para um desses, ou para seu nêmesis, Carlos Lacerda, seria uma derrota honrosa, mas o que está aí é a escumalha, a alienação, a boçalidade no sentido físico da palavra. As elites brasileiras implodiram. E o país também vai implodir. Subvertemos a segunda lei da termodinâmica: entramos em entropia sem nos termos desenvolvido ao máximo. Saravá.

23.11.1989

PATRULHAS DO LULA

Caio Túlio Costa foi um bocado condescendente comigo no domingo passado. Me pergunto se tem currículo ou gabarito para isso.^{138} Acho que não tem, não. Ele talvez considere essa franqueza “incontinência verbal”, uma frase suburbana, lugar-comum, que tomou emprestado de Sérgio Augusto. Para mim é linguagem de macho.

Que faz falta na prosa sem vida, às vezes (ou quase sempre?) incompreensível da imprensa brasileira de hoje, mais preocupada com paginação e ficar em cima do muro do que em informar e contestar os poderes do dia. E estou habituado à franqueza da imprensa dos EUA, em que, se eu tivesse 10 centavos por vez que Reagan foi chamado de “débil mental”, estaria rico, ou que Bush foi chamado de “débil”, ponto, *wimp*, idem. A imprensa brasileira, com exceções antiquadas como eu, parece escrita e elaborada no Clube das Vitória Régias.

Caio Túlio Costa está ensinando jornalismo mal aos jovens da *Folha*. Se digo “besteiras”, como ele escreve, que aponte as besteiras. Se “saco dados”, que idem.

Até os elogios de Caio Túlio me caíram mal. Ser chamado de “irreverente”, *really*, a esta altura da minha vida profissional. O leitor não só nunca encontrará essa palavra num texto meu, como pergunto: a que se deve ser reverente? A Ribamar, a esse nome de polvo e ponta-esquerda, esse semianalfabeto, com o charme discreto do proletariado, que é Lula? Ele, de resto, que não é “patrulha” de si próprio - como Caio Túlio parece ser, de Lula. A menina que me leu o que escreveu ao telefone, e se babava de satisfação com os ataques a mim, me deu uma boa resposta. Que eu estou há tanto tempo fora do país que não entendo mais de Brasil. Valeu, como se diz em televisão. Quem vive no século XIX mental que é o Brasil de hoje acaba se acostumando e raciocinando nos termos dessa bobagem tamanho família.

Lula me disse que fui eu que o fiz fazer política, quando nos encontramos pela primeira vez aqui. Lula leu um relatório do Banco Mundial, rotineiro, mas que naquele tempo, 1979, se não estou enganado,

era proibido divulgar no Brasil pela ditadura. Fiz o relatório à *Folha*, que o publicou. Achei simpático que um líder sindical lesse jornais e quanto mais relatórios do Banco Mundial. *Eppursi muove* etc., mas, em verdade, a única revelação desse relatório é que a inflação no Brasil era o dobro da declarada oficialmente por Delfim Netto, potoca tradicional de todos os governos e que não surpreende mais a ninguém por dentro das coisas. Mas, enfim...

Como a linguagem de Caio Túlio é imprecisa, quero deixar bastante claro que não fui “chamado em auxílio”, o que quer que isso signifique em português, para mudar a imagem supostamente petista (eu diria petelha) deste jornal. Li o que me é possível tragar sobre os resultados da eleição e por minha conta enviei à “Ilustrada” minha opinião sobre Lula, a meu ver plenamente fundamentada em fatos incontestáveis, tais como se ele for eleito o país ficará ainda mais paralisado em greves do que está, isolado do mundo, e corre o sério risco de se tornar o Sudão da América do Sul, porque Lula não tem a mais remota ideia do que seja inflação, da importância do comércio internacional na riqueza das nações etc. Ele é um candidato de “sopa dos pobres” com alguns canapés subcomunistas recolhidos no Morumbi e em Ipanema. Só um imbecil chapado, por exemplo, proporia expropriar as propriedades rurais mais produtivas do país, como Lula, mas isso, me parece, é troço de padre, que entende tanto de economia como de sexo.

É isso que Caio Túlio chama de “Francis ficcionista, o cronista dos tempos” (o que quer dizer “cronista dos tempos”? Nada).

Tenho a impressão hilariante de que ele acha que está passando a mão na minha cabeça.

O que me lembra quando Otto Rank brigou com Freud e perguntou: “Alguém sentado na cabeça de um gênio não enxerga mais adiante do que ele?”. Freud respondeu: “Se for um piolho, não”.

Eu, se fosse, como Caio Túlio, um humanista e eleitor de Lula, que trará ao Brasil as alegrias do socialismo, ora celebradas no Leste Europeu, não me daria com uma pessoa “preconceituosa e vulgar”.

Caio Túlio está convencido de que só ele recebe telefonemas de leitores. Cita 38 simpatizantes petelhos que lhe telefonaram para reclamar de mim. Waaal, não contei, mas minha secretária eletrônica estava estourada (grava quarenta minutos) de recados, todos, sem exceção, elogiosos, no tom de “enfim, alguém disse etc.”, e recebi também telexes e

telegramas. Acho que a função de *ombudsman*, palavra horrenda, por sinal, subiu à cabeça de Caio Túlio. Ele é jovem demais para receber tanta adulação. É preciso ser um “ranheta-mor” como eu para viver sendo adulado e tratar os adutores no relho quando necessário.

Certamente a redação da *Folha* está infestada de petelhos, como todas as outras. É gente jovem. Seu problema é afetivo, sexual, em suma. Filhos ou filhas que se ressentem de maus-tratos dos pais, inseguros de sua identidade sexual, perplexos e assustados em face do mundo complexo dos adultos, e a soma desses sentimentos se traduz em revolta que pode tomar várias formas, desde a esbórnica ao pseudorradicalismo político. Freud explica. Ou é aquilo que Churchill disse: quem não foi socialista até os quarenta anos não tem coração, quem foi socialista depois dos quarenta não tem cabeça. A *Folha* é um jornal muito jovem.

Mas, ao contrário de Caio Túlio, acho corretíssima a posição do jornal em não apoiar candidatos, ser, como ele diz, “contra todos”. A função principal do jornalismo é informar com substância bastante para que o leitor forme sua opinião. Jornais de país civilizado (a França nisso não é civilizada. É a imprensa mais atrasada do mundo rico, famosa pela corrupção) não apoiam candidatos, ou apoiam como o *New York Times*, mostrando as mazelas dos disputantes e dizendo que esse ou aquele é o menos pior, na opinião do jornal.

No caso, a “opção” brasileira, entre Collor, que não se sabe direito o que é, e Lula, que se sabe demais quem é, o melhor é manter uma posição realista e crítica em face do primeiro e permitir o debate polêmico sobre o segundo. É o que me parece que o jornal está fazendo. Mesmo que as cartas no “Painel do leitor” sejam na maioria contra o jornal. Há vezes em que o jornal tem de ir contra o público. E duvido que seja isso. Caio Túlio está impressionado demais com a gente que o adula, pensando que é uma amostra demonstrativa da população brasileira. Esta vê, na sua imensa maioria, televisão e não lê jornais. Morri de rir com o coro de crioulos pedindo a minha cabeça. Cantaram, ao menos, alguma coisa?

E qual é a opinião de Caio Túlio sobre a eleição? Ele deve estar sendo cumprimentado pelas “patrulhas” de Lula na redação, disso não tenho a menor dúvida. Mas para o público, afinal, que compra o jornal, que nos sustenta a todos, fica apenas a esculhambação - nem ao menos completa, cheia de “por outros lados” - porque ataquei o Lula. Patrulha pura.

O mais curioso nisso tudo é que Caio Túlio esteve comigo várias vezes a sós, como editor e colega correspondente, e nunca disse nada do que escreveu. O mais vulgar no artigo dele é o final, em que me chama de Narciso. Não está sendo original, mas copiando uma menina boboca, chamada J. Teodoro da Silva, que escreveu um tatibitate qualquer a meu respeito sobre “falta de compaixão” e narcisismo, que ela, como Caio Túlio, não tem a mais remota ideia do que seja. Lembro-me de ter rido e ele também da pobre J. ao telefone. Agora copia a moça. De resto todas as críticas dele são de fontes já manjadas e nem sempre identificadas como tais. Só faltou me chamar de “metralhadora giratória”.

Lula não serve para presidente da República. Sua ignorância é ilimitada. Dizer, por exemplo, que vai usar os juros da dívida externa para aumentar o salário mínimo dos brasileiros revela um desconhecimento singular de duas das quatro operações. Minha “brutalidade”, como dizem esses frescos, é sempre fundamentada em fatos. Mario Vargas Llosa, um dos maiores escritores vivos, que foi militante do PC aos dezenove anos, que se virou contra Fidel Castro por causa de presos políticos, é candidato a presidente do Peru. Parece que vai ganhar. Diz que se tornou candidato quando Alan Garcia, o presidente, anunciou que iria estatizar os bancos. Por trás dessa medida, diz Vargas Llosa, estão o censor e o Estado policial. Alan Garcia desistiu de estatizar os bancos...

Essa progressão, dos bancos estatizados ao Estado policial, pode não parecer óbvia ao fedelho desinformado que é o típico eleitor brasileiro, mas nós, adultos, sabemos que é inexorável.

Nem é certo que Lula, eleito, tome posse. Haveria provavelmente reação militar e, ao contrário da maioria dos eleitores, eu não estava pulando amarelinha quando houve a ditadura militar no Brasil, que, por sinal, não durou *de facto* vinte anos, mas onze, de 1968 a 1979. É muito chato. Ou, pior ainda, eleito e empossado, seria colhido pela realidade econômica. Seus programas todos são “piroquetagem” de subintelectuais desempregados, gente que desconhece como o mundo funciona, que ainda acredita em “marxismo-leninismo”, ou seja, a coisa velha e de segunda mão que parece ser o destino do Brasil. Um “governo Lula” seria a paralisação do país, a menos que ele mudasse radicalmente de posição. Mas o tempo que se perderia com tudo isso, com esses “movimentos de massa”, acabaria de arruinar o país. Os petelhos deveriam ler ao menos *Sputnik* e *Moscow*

News, que Fidel Castro prudentemente proibiu em Cuba. O que contam sobre o que galhofeiradamente chamavam na década de 1920 o “experimento soviético” é o que já sabíamos, mas sempre é bom ter a confirmação oficial. Os arquivos estão sendo gradualmente abertos na URSS. Mas quem se interessa por isso? Não os 75% que, segundo *Veja*, ganham menos de dois salários mínimos. É desses pobres-diabos que Lula e indiretamente Caio Túlio se aproveitam.

P.S.: Terminei este artigo terça-feira à tarde, quando recebi uma correspondência de Caio Túlio com um bilhete que terminava “com um abraço saudoso”. Perdoai-os, Pai, eles não sabem o que fazem? Não tenho a menor vocação para Jesus Cristo. Comigo é ferro na boneca. A propósito: falei com umas vinte pessoas no Rio e São Paulo, entre domingo e terça-feira. Todas leem jornal e comentaram os meus dois artigos de análise do Lula, que acharam *sautées*... Ninguém me disse uma palavra sobre o artigo de Caio Túlio, que só consegui ler na segunda-feira, porque, no domingo, a moça que me leu ao telefone o artigo estava tão afrontada (hum...) que não entendi patavina. Pedi-lhe que me mandasse um fax. Mandou. Mandou errado, naturalmente, com a parte chamada “retranca” da coluna de Caio Túlio. Que li. Leio tudo. Caio Túlio, inconscientemente ou não, está tentando assumir o papel pretendido por Cláudio Abramo, de mediador das disputas, de “guia” das esquerdas. Waaal...

Mas o fato é que nossos públicos são diferentes. O dele, obviamente, é composto dos frangotes típicos de toda redação, revoltados com a insuficiência da sua vida afetiva, ou os “humildes” como esses pobres crioulos (mas nem ao menos dançaram um pouco?) e petistas telefônicos. Interessante que não tenham pedido que alguém me contestasse, o que é sadio, porque alimenta o debate político. Não, querem que eu seja censurado, que eu não possa escrever. Espero que Caio Túlio lhes tenha dado uma aula sobre liberdade de imprensa, ou citado a pobre Rosa Luxemburgo, que disse “a liberdade é quase sempre exclusivamente a liberdade de quem discorda de nós”. É por isso que temos tão pouca liberdade real no mundo, que não seja sentimento de horda. Mas é fácil prever que no “governo Lula” teríamos nas redações um “comissário dos trabalhadores” pegando nossos artigos, lendo (mais ou menos...) e dizendo “é menas verdade o que o sinhô disse”.

Este meu artigo será lido pelo que chamarei de “gente do mundo”. Ou seja, mais uma vez lustro uma obscuridade respondendo a um ataque, o que

havia jurado não mais fazer há anos. Mas não me incomodo de confessar que acho uma grande vileza, no meu próprio jornal, eu ser atacado de maneira tão fuleira e insolente por um colega e suposto amigo.

Fim do p.s.

30.11.1989

LULA LÁ LÁ É O FIM

Digam o que disserem as pesquisas de opinião, essa desculpa que a imprensa arranjou para se omitir da sua responsabilidade de analisar e de opinar, Collor deu uma lavagem em Lula no debate de anteontem.

Lula deveria perguntar a um psicanalista o que significa uma pessoa, quando acuada, ficar esfregando uma mão na outra. A resposta não será lisonjeira.

Lula marcou alguns pontos. Collor é dono de Alagoas. But... *who cares?* Quem se interessa? Quase vomito quando Collor fala que é “temente de Deus”, ou do hino nacional. O virundu, eu, hem?

Mas no que conta foi um nocaute. Collor diz a besteira que remetemos 5% do nosso produto nacional bruto todo ano aos banqueiros. É 1,5% ao ano. A informação está disponível no Itamaraty. Delfim explicou zombeteiramente, seu hábito, como as coisas funcionam, no seu artigo na *Folha* de quarta-feira. Mas errou dizendo que o saldo comercial e os juros da dívida geram um déficit de 2% do PIB. É apenas 1,5%, diferença importante quando se trata de bilhões de dólares. E nota Delfim que esse déficit deveria ser coberto pelo governo com um superávit igual, cobrado de preços e tarifas dos setores beneficiados com a dívida, que a amortizassem. Mas nem dona Zélia nem seu Mercadante sabem disso. São amadores. Caímos na jecaria e no amadorismo.

Collor, ao menos, sabe que a causa principal da inflação é a diferença entre receita e gastos do governo, que tem de emitir para pagar sua estroinice em favor dos compadres do Executivo, Legislativo e Judiciário. É Brasília contra o resto do país. Não é à toa que Lula ganha fácil em Brasília e no Rio, cidades parasitárias de burocracia federal, porque acha espantosamente - se cabe a palavra em relação ao seu bestunto - que o governo está bom do tamanho que está.

Li no excelente artigo de Newton Rodrigues, também na quarta-feira, demonstrando que Collor e Lula são minoritários, que Weffort, um dos crânios de Lula, disse que no Brasil há uma tal estatização que se a democracia avançar teremos uma sociedade socialista. É um asno ou um

nécio? Povo nenhum quer ou jamais votará socialista. Votou uma pluralidade comunista na Tchecoslováquia, em 1948, e no Chile, com Allende. Mas no primeiro caso a KGB interveio para comunizar, dando um golpe, em que “suicidou” Jan Masaryk, o ministro do Exterior e filho do fundador do Estado, Thomas Masaryk. Hoje, o povo está nas ruas. Conheço pessoalmente o líder, Václav Havel, que não fugiu para Paris, como seu (ex?) amigo Milan Kundera, porque, me disse, dedicou sua vida a livrar seu país da praga do socialismo (sic), que embota a alma humana e não funciona economicamente. E, no Chile, sabemos o que aconteceu com Allende. A maioria da sociedade se revoltou contra ele. A maioria. Pinochet matou gente pra diabo, talvez cerca de 30 mil pessoas. Mas hoje o Chile é rico, ostensivamente, sua economia cresce 5% ao ano e sua inflação é de 16% ao ano! Clóvis Rossi diz que O Chile está assolado (sic) pelo neoconservadorismo. O fato é que a esquerda que se elegeu sabe que socialismo não dá certo. Até a próxima geração doidivanas que não tenha memória...

Como nós não temos. Quando Allende caiu, O PC italiano, o mais inteligente da Europa, se reuniu e decidiu não tomar o poder pelo voto. Não tomar, exatamente. Porque sabia que no máximo conseguiria uma pluralidade e que o resto da sociedade se revoltaria contra o que Weffort chama de socialismo. E decidiu fazer o que chamou de “compromisso histórico”, uma aliança com a Democracia Cristã. Em nenhum órgão de imprensa brasileira encontro uma analogia entre a situação italiana e a nossa. **Mogadon Suplicy me critica porque chamei Lula de “perigosíssimo”. Claro. Ele vai governar como líder sindical, o mesmo líder sindical, e nada mais, que se revelou no debate a cada soco certeiro de Collor. É afinal o que ele é. Lula vai mexer com o Partido Verde. Não é aquele dos veados. É o que tem dragonas e estrelas no ombro. Estou muito velho para aguentar outra ditadura, porque intelectuais desocupados, como notam Roberto Campos e George Orwell em “Inside the Whale”,^{139} pessoas razoavelmente instruídas, não se sentem recompensados pela sociedade brasileira, cuja pobreza cultural é igual à material, e querem um emprego rico pago pelo Estado. Ou porque intelectuais ricos querem um substituto para a fé religiosa que perderam e se prostram diante do totalitarismo como a Baal. Eu poderia dar nomes, mas estou cansado de fazer inimigos.**

Lula e Mogadon acham que no Leste da Europa estão querendo socialismo com face humana, como o de Dubcek, em 1968. Estive lá, na Polônia e Hungria. Como Lula ousa dizer que o Solidariedade quer socialismo? Quer investimentos estrangeiros e o capitalismo democrático, de consumo, e não essa tamanqueira estatal, que sempre acaba falida, como a nossa já está. Weffort, francamente. Joelmir Beting citou os números: 97% do arrecadado é para pagar ao funcionalismo. Vai estourar com qualquer presidente.

Como Lula ousa dizer que é a dívida que traz miséria ao povo? O Brasil não está pagando juros, como não pagou sob a moratória, e a miséria aumentou. Lula está repetindo o que algum comuna irregenerado lhe enfiou na cabeça, que os EUA, o “imperialismo”, são o inimigo número um e que é preciso destruí-los economicamente, tese de Stálin, dos anos 1950, que Kruschev já começou a abandonar no início dos anos 1960, e que Gorbachev, claro, renegou por completo. Gorbachev quer entrar para o FMI e Lula quer sair. Collor disse certo que Lula não sabe a diferença entre uma fatura e uma duplicata.

O CANDIDATO DOS RICOS

As pesquisas mostram claramente que Collor atinge as classes C, D e E, a pobreza, e Lula, em 45%, as classes a e b. Bem, nos velhos totalitários é banzo religioso, nos jovens a culpa é de papai e mamãe, Freud explica, e, em geral, é a autoflagelação da classe média.

Mas Lula é um pelego estatal. Ganha mais do que eu, que abrilhanto com o suor do meu rosto publicações e televisão. Pelo menos no câmbio oficial. Ele vai ganhar 200 mil cruzados, disse Collor, e não foi contestado. E há, claro, mil mordomias. Não corre o risco de perder o emprego, como nós, da iniciativa privada. É o sonho de todo medíocre, disfarçado em nacionalismo, que é mania de grandeza e complexo de inferioridade, misturados.

SUGESTÕES CONSTRUTIVAS

Que ninguém reclame que não ajudei o novo governo, se for de Lula, como dizem. Ele propõe, por exemplo, estreitar relações com a África negra e cortar relações com a África do Sul. Esta tem muito dinheiro e paga suas contas. É a segunda produtora de ouro do mundo. Maltrata os seus negros, que, falando nisso, cantam e dançam quando protestam, ao contrário dos que vêm à *Folha* pedir minha cabeça.

Apesar disso, há 1 milhão de negros na África negra trabalhando ilegalmente na África do Sul, porque ganham mais do que nos seus respectivos países. A África negra, rica de recursos, está falida, roubada por tiranos pseudopopulistas. Bokassa e Amin são a regra e não a exceção.

Sabe-se, não pela ONU, que é cúmplice, que esses países estão em grande parte revertendo ao canibalismo. Sabe-se porque está nos relatórios confidenciais da comissão conjunta de informações da Câmara e do Senado dos EUA.

Logo, Lula nada tem a comprar ou vender à África negra. Em Angola, falta sabão desde 1988... Sugestão: que Lula exporte burgueses gorduchinhos e que sejam contra sua república sindicalista. Variariam o *menu* dos negros. É possível imaginar: “coxas à carioca”, “peito de paulista” ou “espeto de nordestino”. Este último ficaria a cargo do presidente do PT no Paraná.

Lula, presidente, vai criar o seu “DIP”, o tal de “Controle Social das Comunicações de Massa”. Censura. Tenho um candidato para dirigir esse órgão. Dou um videotape do debate para quem adivinhar quem é.

Lula vai governar com um Politburo à margem do Ministério e do Legislativo. Imagino que frei Boff faça parte. Li, finalmente, parte de um artigo dele no *Jornal do Brasil*. É um comunista amador. Como disse Lênin de Bukharin, não manja picas da dialética. Mas descobri que João Paulo n é um liberal. Fosse eu papa, já teria excomungado esse cara na primeira.

Villas-Bôas Corrêa lavou minha alma no debate. Disse o que qualquer jornalista decente sente em se prestando a levantar a bola dessa dupla. Jecaria e amadorismo. É nossa sina.

16.12.1989

COLLOR DE MELLO

Conheci e gostei, OK, estou disposto a revisar minha opinião se os fatos assim o provarem. Mas impossível levar a sério essa carga toda que fazem contra ele. E o que me leva a escrever esta nota é a falta de simancol da esquerda brasileira. Nova York é uma cidade extremamente cínica, mas o que me disseram foi “putz, como é bacana teu presidente, alto, bonito, com uma mulher interessante e articulado, com boas ideias”, OK, corta as “boas ideias” para não ofender os petelhos.

Agora, se Lula tivesse sido eleito, o dólar já estaria a 80 e a inflação a 100% ao mês, e o que resta de dinheiro no Brasil, removível, já teria sido mandado para o exterior. E pense: Collor fala como a gente, isto é, como as pessoas com quem convivo. Os nossos “ilustres” em geral estariam melhor num circo. É alto, bonito e branco, branco ocidental. É outra imagem do Brasil, com que fui criado, francamente. Se um marciano descesse no Brasil e visse o presidente, diria “putz, o Brasil deve ser um país formidável”. É um julgamento estético, por certo, mas que julgamento e que veredicto fazer, por exemplo, de Ribamar? Cruz-credo, te esconjuro.

27.03.1990

LAMÚRIAS DA GALERIA

Um editor da *Folha* me conta que, no sábado passado, quando fechava o jornal, recebeu um telefonema de mulher aflita, chorosa, que pedia minha cabeça, dizendo que preciso de um médico, porque sou racista. O motivo dessa eclosão é que escrevi uma notinha sobre Collor - deixei o espaço, antes de fechar a coluna, para primeiro conhecê-lo -, dizendo que “ele é alto, bonito e branco, branco ocidental”.

Assim não dá, neguinha (sem intenção de trocadilho). Que inocência. Você acha que há um branco, branco ocidental, que já não tenha dito isso sobre Collor? A única diferença é que eu escrevo. E se isso é racismo, todos precisamos de um médico e não haverá “esculápios” suficientes para atender os milhões de pacientes.

E, francamente, como escrevi, essa, a de Collor, é a imagem do Brasil com que fui criado. Não é nada contra crioulo *per se*. Crioulo, como indivíduo, me é, como direi, tão palatável como qualquer ser humano. Minha receptividade às pessoas é individual. Formo minha opinião de indivíduos, e não de raças. Racismo é jeca. Mas, em geral, as pessoas preferem viver, conviver com gente de sua raça. Acho que desde o governo Geisel, porque os “americanos” quiseram cortar esse fuleiro programa nuclear que aí está (e cujo objetivo real é fazer uma bomba nuclear) e porque divulgaram relatórios negativos sobre direitos humanos no Brasil no Congresso dos EUA (o presidente dos EUA, jimmy Carter, era obrigado a divulgá-los, por lei do Congresso, chamada de 502b) e porque Kissinger não quis vender óleo a Azeredo da Silveira, ministro do Exterior de Geisel, a preços mais baixos do que os do mercado interno daqui, houve uma guinada na política externa do Brasil. Viramos, de boca, terceiro-mundistas. Esse mesmo Azeredo, nordestino, naturalmente, mas não saneado como muitos de meus amigos e o próprio Collor (que é do Rio, *by the way*), resolveu propor que o Brasil fosse o primeiro dos países do Terceiro Mundo.

Nós nos afastamos da nossa herança cultural, que é o Ocidente do Iluminismo, os EUA, nosso par em tamanho na América do Norte e que, desde Franklin Roosevelt (1933-1945), querem que sejamos seus parceiros na América do Sul, e entramos de cabeça no “navio negro” - é brincadeira, neguinha, porque fica engraçado citar Castro Alves nesse contexto. Você leu a plataforma do pobre Lula, dos petelhos? Estreitar relações com a África negra. Para quê? Não tem dinheiro para comprar e quase nada para vender, que se possa negociar ao menos. E Lula queria cortar relações com a África do Sul, que é o único país da África que tem dinheiro.

Complexidades, neguinha. Eu já fui à África do Sul. É organizadíssima e os brancos vivem muito bem. Os negros são segregados, cada vez menos, com esse novo primeiro-ministro, De Klerk, e todo mundo diz que o ou “a” *apartheid* é uma chaga na nossa civilização. Waaal, moralmente é. Não se devem segregar as pessoas racialmente. Mas, com toda a franqueza, eu não quero que os crioulos tomem o poder na África do Sul.

Ninguém ciente das condições do país quer, mas as patrulhas impedem que essas pessoas “iluminadas” falem. Porque não há, em primeiro lugar, negros, essa generalização sem sentido algum e sem individualizar ninguém. Há negros de diversas tribos que se odeiam e que, uma vez no controle do país, entrariam em guerra civil interminável, com os zulus, por exemplo, matando, certamente, muito mais gente do que os *Afrikaners* mataram em séculos. Uma boa choradeira sobre o destino cruel de Nelson Mandela sempre rende aplausos fáceis. Mas eu me lembro dele solto (uma das raras vantagens de se ser de uma certa idade) e queria estabelecer o marxismo-leninismo, vulgo stalinismo, na África do Sul. Nem de longe é o líder dos quase 20 milhões de negros do país. É o líder de uma das muitas facções, tribos. Gente admirável, como o arcebispo Tutu, que faz o que pode para conter a violência tribal, não sobreviveria a uma luta pelo poder entre Mandela, zulus etc., porque, já dizia Mao Tsé-tung, o poder nasce do coldre de um revólver.

Sou racista por isso? Sou favorável a uma gradual imersão dos negros na vida política da África do Sul e acho que devem ter todos os direitos, o que inclui a oportunidade de se tornarem mão de obra qualificada e ganharem direito de tomar o poder. Talvez se devam criar câmaras municipais para eles, como foram criadas para os indianos (a quem os revolucionários negros querem matar). Olha, neguinha, eu disse claramente

o que pensava dos *Afrikaners* a eles próprios, em conversas em “Jo’burg”, como chamam a cidade mais civilizada do país, mas fui forçado a reconhecer as realidades de poder acima. Há situações para que simplesmente não existe uma solução clara e sentimentalmente satisfatória. Isso, aliás, só existe nas confraternizações petelhas, de gente primitiva que conhece muito pouco o mundo e que quer “menas miséria”.

Mas voltando a *the cold cow*, à vaca fria, Collor fala em abrir o país ao capital estrangeiro, o que considero essencial ao desenvolvimento do país, em quebrar esse estúpido cartório da informática - e o reitor da USP, me contam, diz que os computadores da universidade estão quinze anos atrasados (o que equivale, no setor, a séculos de atraso, neguinha) -, fala em negociar a dívida externa e interna a sério e, principalmente, em trazer o Brasil de volta ao mundo ocidental, que é do qual extraímos o nosso saldo comercial (e não da África negra, da Nicarágua, Cuba e outros paraísos condenados para sempre, sempre, ao atraso) e com o qual temos nossa dívida. E dos EUA, Europa e Japão que temos de importar a tecnologia que pode nos fazer uma potência de alguma relevância e, tão importante, formar tecnologicamente nossa jovem população e criar-lhe empregos decentes que a façam ganhar bem mais de dois salários mínimos, o que *Veja* diz que 75% dos brasileiros ganham, ganham menos (!), no momento.

Em suma, morte ao tropicalismo. Aqui, proponho uma *glasnost*. Quem gostar do tropicalismo cultural, lambada etc., OK, mas eu luto por um espaço para o que considero a cultura de ponta, para usar essa expressão ridícula. Por que a *Folha* tem trezentos críticos de rock (incriticável, a meu ver, basta dizer que é uma mistura bastarda de jazz e música de jeca dos EUA. Os jecas roubaram o património do jazz dos negros) e nenhum de música real? À literatura dá-se espaço, mas à música, não. Por quê? Neguinha, um rapaz aqui me escreveu que os Beatles eram compositores famosos mundialmente de *lied*, como Schumann. Waaal, não nos círculos que frequento, em que o maior compositor de *lied*, por falar nisso, é Schubert, seguido de Richard Strauss, mas, se não há críticos de música de verdade, como se vai distinguir o barulho que os Beatles fazem com pedras dentro de uma lata e a música real?

E meu apoio a Collor é condicional. Minha “tese” é que eu fico, e presidentes, como Ribamar e outros, passam... Espero que Collor cumpra o que me disse. A conversa foi boa e um certo formalismo em jornal me impede de usar precisamente as palavras empregadas, e ele me pareceu

acreditar no que diz e ter confiança de que vai fazer o que prometeu. Se não fizer, logo veremos, e então conversaremos. E minha *glasnost* é que cada um tenha o direito à liberdade de expressão, sem pedir a cabeça de quem diz o que não queremos. A liberdade é sempre exclusivamente a liberdade de quem discorda de nós.

03.02.1990 Um canalha menor

Novembro do ano passado a “banda de música” da imprensa brasileira estava a toda a favor de Lula, que tinha unido as esquerdas contra Collor. Não as direções dos jornais, que tentavam sustar o petelhismo em nome, pelo menos, da objetividade. Mas é difícil conter contrabando ideológico em redação, ainda que tenha havido até demissões.

Achei demais e soltei os cachorros em cima de Lula. Ele, claro, é iletrado. Suas ideias são pré-século XIX. Criaria uma guerra civil no Brasil e caos incontornável. Seríamos o Sudão da América Latina. Um desastre. A *Folha* chamou o artigo em primeira página. A repercussão foi enorme. É o que dizem pessoas tão diferentes como o senador Marco Maciel e alguns esquerdistas conhecidos, que propuseram sérias dúvidas sobre a minha legitimidade.

O próprio Lula teve de responder.^{140} O que fez com elegância.

Ué, não é que nosso *ombudsman*, cuja função, creio, é comentar erros e deficiências do jornal, e não a opinião de articulistas (porque seria um não mais acabar. E quem determinaria a opinião “correta?”), saiu com um artigo contra mim? Era artiloso, hum, claro. Disfarçava mencionando outros desafetos meus, como uns pitorescos negros que não cantam ou dançam e que são caçadores da minha cabeça (talvez deversem ser mandados para a instituição Smithsonian, como raridades), mas o objetivo era salvar a cara de Lula. Caio Túlio Costa é um quadro do PT e estava cumprindo o que se chamava no velho PC de “tarefa”, não servia a este jornal, mas ao PT.

O artigo era extremamente presunçoso. Caio Túlio se propunha, do alto de sua superioridade, explicar aos leitores petelhos do jornal quem era eu, com as minhas “excentricidades”, e que eu não devia ser levado a sério como jornalista. O maior insulto que se pode fazer a um jornalista.

A princípio pensei não responder. Afinal, quem é Caio Túlio? Desponta para o anonimato. Só é conhecido de um círculo restrito de redações de São

Paulo; no Rio não convém arriscar uma pergunta sobre sua identidade. É ignorada.

O artigo dele não contestava um único fato enunciado por mim sobre a calamidade-Lula. Não, Lula é indefensável. Não, o objetivo, como notou Vargas Llosa, era minha “satanização”. Não se podendo discutir a mensagem, o negócio é desmoralizar o mensageiro.

Havia também o fator pessoal. Eu sou bom. Caio Túlio é ruim. Eu sou famoso. Ele é obscuro. Ganho muito mais do que ele e, por ter ocupado um cargo de chefia neste jornal, Caio Túlio sabe. Eu estou no ápice da minha carreira. Ele é apenas um bedel de jornal.

Poderia não ser um bedel ridículo, que, me dizem, dedica uma coluna à importância das palavras cruzadas na imprensa moderna. Mas Caio Túlio não é jornalista e é extremamente ignorante, nada sabe de relações internacionais, por exemplo, em que se analisa o peso de um país em face do outro. Jamais se encontrará um artigo dele sobre o assunto - apostado no escuro - porque nada sabe a respeito. De economia, lembro de penosos telefonemas meus quando ele era secretário em que eu tentava explicar a relação do Brasil com os credores institucionais e particulares. Da parte dele, havia “brancos” prenhes de ignorância no telefone. Logo, como pode comentar a cobertura econômica? E a própria política de “p” pequeno, essa fuleiragem de se Zélia vai ser ou não ministra, para ele é uma questão de tarefa, também, da opinião que os quadros do PT devem ter sobre as pessoas.

Acabei dando-lhe uma lambada em resposta ao primeiro artigo, não continha um único ataque pessoal. Era violento, mas intelectualmente.

Ele não respondeu. Botou o galho dentro, como se diz. Fico imaginando aquela cara ferrujosa de lagartixa pré-histórica se encolhendo às minhas pauladas. Caio Túlio me causa asco indescritível, não posso garantir que se o encontrar não lhe dê uma chicotada na cara ou, não, palmadas onde guarda seu “intelecto”.

Porque é um canalha menor. Medrou em face do meu primeiro artigo, mas esses quatro meses, de novembro a fevereiro, passou na tocaia esperando uma oportunidade. Arranjou a desculpa mais esfarrapada, uma suposta nota que não saiu na *Folha*, mas em *O Popular*, de Goiânia, a que um leitor dessa vibrante folha informativa lhe chamou a atenção. Vai mal esse rapaz. Que solidão. Quando se precisa do amparo de leitores de *O Popular*, de Goiânia, é que se está no fim.

Nesse artigo ele tenta me deixar mal com a direção da *Folha* e da TV Globo, minhas duas fontes de subsistência. Tenta me intrigar com as duas empresas. É a autodefinição do alcaguate e do canalha menor.

Quer, como os seus admiradores petelhos, me calar. Sua fúria, mal reprimida, me ameaça com mais de cem anos de prisão, se a Lei de Imprensa fosse cumprida, pelos meus preconceitos contra homossexuais, negros e feministas. **Se tivesse um mínimo de cultura saberia que é nos preconceitos que revelamos com mais clareza nossos instintos e simpatias. Mas o que é Pascal para um petelho?**

Quando escrevi o primeiro artigo sobre Caio Túlio fui surpreendido. Afinal, era mais contra Lula do que contra ele. E 99% da redação da *Folha* votaram em Lula. Logo, eu não esperava o que aconteceu. Quando o artigo chegou, não havia xerox que bastasse (mando meus artigos para a “Ilustrada” com dois dias de antecedência). Toda a redação queria ler o artigo antes de publicado. Recebi quatro telefonemas, dois anônimos, pobres jovens, acostumados a uma geração de alcaguetes, dizendo que eu havia lavado a alma da redação. Caio Túlio é menosprezado e ridicularizado por todos os seus colegas, a quem persegue com mesquinhas subterfugas de bedel. Nunca ouvi uma opinião favorável. **Não inspira ódio. Só se odeia quem se respeita.**

Mas quem é ele? Quando o conheci enfeitava a editora Brasiliense. Lá conheceu Cláudio Abramo, que sabia jornalista e puxou-lhe brilhantemente o saco. Foi parar na *Folha* por obra e graça do generoso Cláudio Abramo. Ríamos de que ele fosse nomeado editor da “Ilustrada”. Ele fingia rir também, porque afinal não era mesmo jornalista. Não é. Há o que aqui se chama *on the job training*, aprendendo enquanto se faz.

Mas guindado à secretaria era difícil saber sua capacidade, exceto a intelectual, nenhuma, como demonstram meus telefonemas supracitados.

Mas ganhou o cargo de correspondente em Paris. Era sua chance de se celebrar. Uma praça de primeira classe mundial. Um teste que não permite desculpas. Bem, seus amigos, como direi, enrubesciam com a ruindade do que mandava. Disse a mim, quando cobrimos juntos a cúpula econômica, que não era jornalista, não sabia escrever, que essa não era sua vocação. Sua mulher, filho e sogra devem ter cansado de ouvi-lo. Concordo.

Até hoje encontro quem se lembra vividamente do que escrevi na *Última Hora*, em 1963, e em *O Pasquim*, em 1969-1970. Meus livros foram

todos comentados por críticos do porte de Alceu Amoroso Lima, José Onofre e Franklin de Oliveira, intelectuais perto dos quais Caio Túlio não poderia participar de conversa que não fosse sobre futebol. Nenhum vendeu tanto como Tom Wolfe, como ele diz “ironicamente”, mas venderam entre 20 e 30 mil exemplares, nada mal em terra de analfabeto, mas alguém se lembra de qualquer coisa que Caio Túlio tenha escrito em qualquer época?

Caio Túlio voltou de Paris um homem ridículo. Evita seus mais íntimos amigos, pois sabem por que ele é ridículo, e sua presença aumenta seu ridículo pela lembrança. Não me cabe comentar esse assunto, que é particular. Registro apenas o canalha menor.

22.02.1990

UM EPISÓDIO MELANCÓLICO

Quero pedir desculpas aos leitores por duas vezes ter escrito sobre o ocupante do cargo de *ombudsman*. Não costumo frequentar a sarjeta em que vive esse tipo de gente. Se ele me houvesse atacado como simples colunista é provável que eu não lesse e é certo que não responderia.

Mas logo na primeira vez, há quatro longos meses, senti que tinha sido atacado por uma instituição criada pela diretoria do jornal. E o que todo jornalista profissional e experiente também acreditou. Perguntei a vários. Não há opinião discordante.

Não é o que me dizem o diretor, os editores e os meus melhores amigos na *Folha*. Acham que o ataque do *ombudsman* foi uma opinião pessoal do titular, e não expressão institucional da *Folha*. Notam que o *ombudsman* tem o direito à liberdade total de opinião para que não precise se sentir coagido pela diretoria do jornal.

Sim, mas qual é o troco? Com essa liberdade, quais as suas responsabilidades? Obviamente, tem de restringir-se à crítica técnica, à orientação jornalística da *Folha* e a assuntos que a tornem um veículo falho de informação e opinião.

Nunca poderia ser, é claro, a contestação de opiniões de articulistas do jornal. Contra estas, se forem ofensivas a grupos e pessoas, a *Folha* poderia, deveria chamar, e chama, partidários da parte agredida. Não pode ser função de *ombudsman*, que deve ficar imparcial em questões de opinião, que é, afinal, ou tem sido até hoje, livre na *Folha*.

Estou me referindo especificamente a um artigo que escrevi contra Lula depois da eleição de 15 de novembro, em que ele se classificou para o segundo turno e, em seguida, conseguiu unir as esquerdas em torno do seu nome. Ataquei-o porque acho que seria um presidente-catástrofe. Teve grande repercussão. Não duvido que eu lhe tenha tirado milhares de votos. Não é bazófia. Muitas pessoas me contaram que votaram em branco depois de lerem o artigo.

Nada mais justo que um intelectual do PT, como Antonio Cândido ou Francisco Weffort, respondesse na *Folha*, que certamente lhe abriria as páginas. Mas não. O *ombudsman* saiu com um artigo em que, primeira infâmia comprovável, disse que fui chamado em auxílio (sic) da direção do jornal para limpar a imagem petista da *Folha*. Não consultei ninguém e por ninguém fui consultado sobre o artigo. Quanto à imagem petista, contei, em particular, ao diretor do jornal, Otávio Frias Filho, que, fazendo uma palestra para banqueiros em Olinda, fui perguntado em microfone como eu obtinha permissão (sic) para escrever aqueles artigos contra Lula, na *Folha*. Fiquei perplexo. “Permissão?” Respondi que a *Folha* era um jornal liberal, onde todas as opiniões razoáveis eram publicadas. Hospedado no Ca’d’Oro, em São Paulo, desconhecidos (o Ca’d’Oro, diga-se, é muito frequentado por homens de negócios) me cumprimentavam por me opor com decisão ao petismo na *Folha*. Otávio sorriu e disse que isso era facciosismo, me citando uma pesquisa em que a *Folha* não era tida pela maioria dos seus leitores como favorável ao PT.

Mas o artigo do *ombudsman* dizia que eu não era para ser levado a sério como jornalista, e sim como ficcionista, piada que ele roubou de *Veja*, em outro contexto, mas deixa para lá. Não pode haver pior ofensa para um jornalista do que dizer que ele não é para ser levado a sério profissionalmente. A coincidência desse ataque do *ombudsman* com o meu ataque a Lula dispensa comentários. Dei-lhe uma lambada de volta, mas, repito, só porque me pareceu estar sendo xingado por uma instituição do jornal, já que o autor do artigo me parece desprezível e insignificante.

Quatro longos meses se passaram. Um dia vi uma manchete tola na *Folha*, que a inauguração de um McDonald’s teria ofuscado a visita de Collor a Moscou. Todo mundo que valha a pena ter como leitor sabe que não é bem assim. E numa coluna de comentários variados critiquei a manchete, acrescentando que esperava que um dia o jornal tivesse um crítico interno sério que chamasse às falas o autor da manchete.

Otávio Frias Filho interpretou da pior maneira possível o que escrevi. Enviou-me um fax em que me acusava de pretender contestar a autoridade da diretoria do jornal. Telefonei de volta e lhe assegurei que não tinha sido essa a minha intenção, e sim fazer uma brincadeira irônica em torno do inegável espírito anti-Collor das redações brasileiras. Ele me pareceu reassurado de que eu não tinha sido movido pelos chamados “motivos

ulteriores” ao escrever o que escrevi. E por que não? Farei em 1990 quinze anos de *Folha*. Não há uma acusação de indisciplina ou de delinquência em meus deveres. Nunca faltei a um dia de trabalho. Apesar de o *ombudsman* ter mentido de que caí de nível de leitura, de 96 a 36, fui imediatamente reassegurado por quatro editores de que ele tinha mentido, que o que havia mudado era o método de aferição, que todos os colunistas mais lidos do jornal estão agora na casa dos 30.^{141} O leitor tem todo o direito de achar que o competente e respeitado Joelmir Beting é quem dá o tom da *Folha*.

Mas, mais uma vez, o *ombudsman* teve acesso a um intercâmbio entre mim e o diretor do jornal, de onde montou um ataque pessoal à minha seriedade profissional e integridade pessoal. Embaixo, citava o diretor do jornal como que em apoio do que escreveu. O diretor do jornal me assegurou várias vezes que não endossava o ataque. Isto é, foi usado pelo *ombudsman*, na sua tentativa de transformar uma coluna de crítica jornalística em promoção pessoal e desabafo dos derrotados do PT, de que ele é, obviamente, um quadro.

Não há órgão de imprensa que não me tenha telefonado com a pergunta do que acho de ser atacado pelo *ombudsman* do jornal com endosso do diretor. Não respondo, ou quando respondi, uma vez, foi dizendo que o diretor me havia assegurado não ter dado o aval ao ataque a mim.

Mas permanece o fato de que pela primeira vez, em quinze anos de *Folha*, fui censurado. Não em assunto muito importante, mas censura foi. Várias vezes me pediram para amenizar certos textos e para retirar passagens (não políticas) por motivos estratégicos da empresa. Acedi a todos os pedidos, porque os achei razoáveis. **Liberdade de imprensa, sim, mas liberdade absoluta é uma quimera e nem faz sentido prático. Só o ombudsman parece tê-la na Folha por motivos contratuais, sem as correspondentes obrigações e responsabilidades que o restrinjam. Um bom jornalista, num bom jornal, com esses poderes, poderia se tornar um líder político importante. Felizmente, com o atual ombudsman não corremos esse risco, porque já dizia o português: quem não tem competência não se estabelece.**

25.02.1990

DIÁRIO DA CORTE

Por que alguém não põe Brian De Palma para dormir caridosamente aplicando-lhe uma injeção? Ele escolheu Tom Hanks, que tem cara de garoto suplicante, como cachorrinho, para fazer Sherman McCoy de *A fogueira das vaidades*.^{142} McCoy é bobo, mas se acha esperto. Hanks é bobo e espera que tenham pena dele pela bobice. Pior ainda Bruce Willis, como o inglês, o jornalista Fallow, que bebe, deve e debocha adoidadamente: é a melhor criação do romance. Willis é tão capaz de fazer um inglês como Bill Cosby uma loura sueca. Na foto que vi, os dois estavam juntos. McCoy e Fallow nunca se encontram no romance. Talvez injeção seja bondade demais para De Palma.

Hollywood permanece a capital mundial da cretinagem. Essa bichinha simpática, Pedro Almodóvar, diretor do delicioso *Mulheres à beira de um ataque de nervos* [1988], que, agora, lança aqui *Ata-me* [1990], uma comédia sobre masoquismo, contou que Hollywood o convidou, sim, para dirigir um filme chamado *O exterminador do futuro*, com Arnold Schwarzenegger. É o mesmo que convidar Michelle Pfeiffer para fazer King Kong, o macaco, e não a moça. Almodóvar é uma estrela mundial. Mostra a entropia latina, que nada faz sentido nas nossas porcarias de países, mas com humor carinhoso. **Não aparece um cineasta brasileiro capaz de fazer um filme que tenha plateia mundial. Falta de talento, má consciência pelo saque da Embrafilme devem ser as principais razões. Um amigo me sugere outra causa possível. Os cineastas brasileiros se tornaram parte da roda de alguns grã-finos, desses que saem em revistas, e se sentem intimidados de satirizar o que imaginam a alta sociedade brasileira. Waaal, hum, rá, rá, rá.**

NOSSO MACHADO

Na saída de *Die Walkiire*,^{143} avistei Susan Sontag, com sua mecha branca de cabelo protuberante, aplaudindo de pé James Morris, que é, sem dúvida, o Wotan dessa geração. A voz, a arte, a postura, a resistência física estúpida para cantar quase cinco horas mais alto que a orquestra e sem microfone, tudo é perfeito em Morris. Falta-lhe, a meu ver, apenas malandragem. Afinal, Wotan é pai de Siegmund e Sieglinde, coonesta o incesto dos dois, e é claro que suas relações com Brünhilde são incestuosas. Que tal rir um pouco, malandro? Me ocorre que cada ato de *Die Walkiire* tem mais música do que a maioria dos músicos já produziu e que é lamentável que o antissemitismo de Wagner tenha inibido alguns *scholars*. Não inibe músicos judeus. A cara de James Levine, regendo, de quem eu estava bem perto, era de êxtase puro, cantava a música, se portava como um garoto com a cara enfiada numa caixa interminável de chocolate.

A noite prenunciava desastre. Jessye Norman adoeceu. Caiu um cenário em cima de Hildegard Behrens, domingo passado, e ela também fez *forfait*. Mas arrumaram uma polonesa, Hanna Lisowska, para Sieglinde, substituindo Jessye, e uma americana, Sharon Sweet, para ser a Brünhilde, que seria Behrens. Waaal, eu já ouvi Régine Crespin e Birgit Nilsson nesses papéis e é melhor não comparar, e Susan e eu estávamos no teatro para ouvir o dueto de Christa Ludwig, Fricka, e James Morris, Wotan, marido e mulher, Minna, primeira mulher de Wagner, e o distinto, *ipsis litteris*, verbalmente, e em matéria de música sempre que o ouço lamento não conhecer profissionalmente música para tentar ao menos descobrir como Wagner consegue fazer certas coisas. Christa Ludwig comemorava trinta anos de Metropolitan. No intervalo do segundo ato, uns aristocratas wasps, inaudíveis para fúria nossa, da plateia, a elogiaram e todos nós aplaudimos de pé. Ludwig é a maior Kundry, a sedutora de Parsifal, que já ouvi. Acho que não tem tamanho - e quem tem hoje em dia? - para Isolda, mas no mais é sempre perfeita. Cantor, depois dos cinquenta, em geral, pifa. Ludwig tem mais de cinquenta, mas com um prodígio de disciplina e dedicação e técnica sempre aparece em papéis relativamente pequenos como Kundry, Waltraute (em *Götterdämmerung*, que comentei aqui o ano passado e em que ela foi o ponto alto) e Fricka. O dueto de Fricka e Morris, que os dois executaram à

perfeição, é incomentável, faltam-me recursos críticos para tanto. Valeu a noite e os 150 mangos de entrada.

Mas Susan, esta semana, honra nosso Machado de Assis, num ensaio na *New Yorker*; “Afterlives: The Case of Machado de Assis”.^{144} Susan o considera o maior escritor da América Latina, com Borges como segundo (como diria Philip Larkin, *who is Jorge Luis Borges?*). Susan diz que leu muito Machado em tradução e que não faz sentido que os cucarachas, da América hispânica, sejam condescendentes com os brasileiros, porque falam português. Waal, a condescendência é recíproca. Estou longe de me babar por estrelas como Borges ou Garcia Márquez, prefiro Cortázar, apesar da derivação óbvia de Joyce, e Vargas Llosa, apesar de não lhe perdoar ter batoteado nosso melhor livro, *Os sertões*. Euclides da Cunha escreveu a obra-prima de nossa literatura, de que Susan, aparentemente, nunca ouviu falar. Chama-se em inglês *Revolt in the Backlands*, e Robert Lowell disse à *Esquire* lamentar não ter tido tempo de aprender português, porque considerava *Os sertões* melhor que *Guerra e paz*. Borges, diz Susan, nunca leu Machado, e *Memórias póstumas* só foi traduzido para o espanhol nos anos 1960...

É o único livro dele que ela parece ter lido, a fundo, e cita semelhanças com Sterne (*Tristram Shandy*),^{145} mas Machado as menciona, ele próprio, num trecho transcrito por Susan, o mesmo Xavier de Maistre, com o que todo mundo leu *Memórias à volta do meu quarto*.^{146} É Xavier, ou Joseph, o grande reacionário, que se refugiou da Revolução Francesa, na Rússia? Isso explicaria o pessimismo de Machado, de Maistre, digo, que é de arrepiar os cabelos quando fala de o que o “povo” vai fazer da civilização acumulada pelos séculos, em que os eruditos escreviam em latim (descobri um que falava português fluentemente, Spinoza, um dos meus filósofos favoritos. Mas não escreveu em português, infelizmente).

Português era originalmente um dialeto de Castilha e não é tão espantoso que seja uma língua agonizante, esquecida aos poucos pelo crioulo ex-colonizado da África, que voltará a seus dialetos; português sobrevive o quanto possível em Portugal, com escritores talentosos, e nas últimas no Brasil, onde ler qualquer jornal ou revista, com raras exceções, é penoso. Machado é um fenômeno.

Susan parece ignorar por completo o ensaio de um crítico bem mais famoso do que ela, Victor (v. s.) Pritchett, em *A Man of Letters* [1985], chamado “Machado de Assis, a Brazilian”. Susan só cita *Memórias*

póstumas e *Dom Casmurro*, prefere o primeiro ao segundo, mas Pritchett também leu *Esflú e Jacó*, obras-primas como “A missa do almirante” e “Missa da meia-noite”.^{147} Ninguém toca no livro mais bem escrito de Machado, o mais bem escrito em português, que é *Memorial de Aires*. Acho que Susan prefere *Memórias* porque é uma disquisição modelar de um homem, enquanto, pela atração dos opostos, prefiro *Dom Casmurro*. Capitu é tão indelével como *Madame Bovary*. Não há um escritor dos EUA que tenha atingido a grandeza de Machado nas suas últimas obras. Poder-se-ia aqui abrir uma polêmica em favor de Henry James, mas eu o acho superestimado e intraduzível, não faz sucesso em língua alguma exceto inglês, ao passo que Machado fica bem em qualquer língua. Para encontrarmos rivais e superiores a Machado temos que ler os russos, alguns franceses e ingleses, estes do século XIX, e Proust. É isso aí.

Mas o mistério supremo, que Susan e Victor desconhecem, é como o autor do soporífero *Helena* escreveu *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas*. Se há alguma biografia crítica que explique, desconheço. Claro, se Machado fosse americano, sairia uma biografia “definitiva” sobre ele por ano, milhares de ensaios de todos os tipos. Imaginem, um mulato, casado com uma branca, que se fingia de branco, que *brownnosed*^{148} alguém para ser funcionário público. Tenho até a quase certeza de que o veredicto seria contra ele, pelas modas bocós da época do asno, que é como chamarei o advento de Lula. Afinal, Machado rejeitou sua cor e tinha cinquenta anos, diz Susan, quando foi proclamada a emancipação. Seu Machado, onde está o orgulho negro, o poder negro? É fácil compará-lo a Flaubert ou a Turguêniev (melhor do que). E ninguém mais europeizado do que Machado, sua obra é uma recusa só do que seria chamado Terceiro Mundo e suas tolices e pretensões. E, no entanto, é o nosso maior escritor com exceção de Euclides da Cunha, que é de primeiro time. E Euclides era também modernizador. Falando nisso, a bichinha, aquela, Almodóvar, disse que Gabriel Garcia Márquez não é cinematográfico. Nunca tinha pensado nisso e, agora que penso, concordo. Machado também não é, acho que como Proust.

MULHERES

Opera é um dos lugares em que ainda se encontra gente fina, a escondida *upper class*, fácil de identificar pelos traços, a certeza de que ninguém usa roupas de costureiro, mas os alfaiates são excelentes. E Wagner, claro, atinge gente mais cultivada. Não há um aplauso supérfluo ou fora do lugar. Deixam o maestro silenciar antes de se manifestarem.

Waaal, mas ópera é também um centro de excentricidades. Conversando com um europeu, amigo de amigos meus, no Brasil, examinávamos rindo, discretamente, nos intervalos, uma senhora com um capacete de valquíria, um jovem de camiseta (faz um certo calor para mim. Está fresco, para Brasil) de meia, e, a meu lado, um armênio-americano, ou sei lá de que procedência *wop* (que começam em Calais, segundo os ingleses...), com uma loura extraordinariamente bonita, de uns vinte anos, perfeita de corpo e cara, usando um tomara que caia e de minimédia. A pintura era apenas caprichada e cuidadosamente usada, mas a moça tinha um *je ne sais quois* de *escort Service*, fiquei imaginando o michê, ando meio desatualizado nessas coisas (não sou consumidor desde os dezessete anos), calculo que uns mil dólares mais uma noite na cidade, isto é, ópera, ceia, champanhe etc. Mas o pobrezinho vestia um xadrez claro, com gravata cocô e um lenço cor-de-rosa no paletó, não poderia ser mais xangai, e ninguém acredita, claro, que a mulher seja dele, por mérito.

Entre o natural e o bonito, prefiro o bonito, claro. Fico pensando, por exemplo, que se ela fosse boa para o Brasil poderiam outras mulheres dar uma aula à nossa Zélia, que não é de se atirar no rio da Guarda (destino de alguns mendigos nos anos 1960, no Rio), mas que poderia ser muito mais bem tratada. Mas comunista ou coisa parecida, provavelmente “coisa parecida”, ela não deve querer se arrumar muito.

Outro dia jantei com uma velha amiga, rica, bem-nascida, e que parece sempre jovem, linda e encantadora, e fiquei pensando no que Norman Mailer teve a coragem de escrever em 1968, em *The Armies of the Night*, quando ainda pretendia, com muitas ressalvas, que aumentaram desde então, ser de esquerda; Mailer, talvez o leitor se lembre, quer fazer sua passeata contra o Pentágono, mas voltar a tempo de ir a uma festa onde vai encontrar mulheres bem-vestidas, lindas, venenosas, encantadoras e que, claro, não vão discutir com ele sobre as infâmias que os EUA cometeram

contra os vietnamitas. Nesse ínterim, epa, Mailer visita uma casa de liberais, isto é, gente de esquerda, e nota que mulher de esquerda é sem charme ou jaburu. Precisou um bocado de coragem para escrever isso, mas é a pura realidade. **O feminismo foi uma saída maravilhosa para os jaburus. Os homens, alguns cúmplices porque são covardes ou não querem se chatear, ficam dando corda aos jaburus, ainda que pensem igualzinho a Mailer, em 1968. A vida é cruel.**

Todo mundo me diz que o Plano Collor é horrendo e se esborracha dia a dia em realidades. Acho que vou ter de ir aí para ver, porque nossa imprensa, exceto um e outro, está sempre em cima do muro. Não sai uma nota em jornal estrangeiro que eu leia. Conversas particulares geram sarcasmo e irritação. Nem mil funcionários públicos demitidos. E todos, claro, votaram contra Collor, querendo continuar vivendo à custa dos miseráveis. Quem tinha alguma coisa votou em Collor, e foi essa gente que ele expropriou. **Sei que o Brasil bagunçou com a Segunda Lei da Termodinâmica, entrando em entropia antes de se expandir ao máximo, mas isso é demais.**

POP, WATT, ADENDOS

Há um livro muito erudito de Roberto Schwarz sobre Machado, mas li-o e esqueci-o, como não esqueci Boswell sobre Johnson.^{149} Mas, como disse, é difícil para qualquer pessoa que queira ser conceituada pela “turrma” intelectual escrever a sério sobre Machado de Assis. Ele é o antitabu. Outro livro de que não me lembro o nome, de um certo Gledson, tinha interesse, mas era esquecível também. A biografia crítica do nosso maior, devo dizer o único, escritor permanece por ser escrita. O que será que fazem esses cabras de USP e PUC, à parte copiarem orelhas de Barthes, Derrida, Lévi-Strauss, e cantarem Lula-lá-lá, à cata do *status* de marajá? Quem não publica na academia americana perece. Na brasileira, pelo visto, basta entrar e gozar até a morte de sombra e água fresca. Não temos uma ética de trabalho.

Encontrei outro dia numa livraria do Soho uma versão em *paperback* de *The Rise of the Novel*, de Ian Watt.^{150} Foi publicado em 1957. É a obra

sine qua non para conhecer como nasceu o romance moderno, nasceu de Defoe, Richardson e Fielding. Dois, primeiro e último, são muito conhecidos: Defoe por *Robinson Crusóé* (Marx esbaldou-se, dizendo coisas brilhantes e erradas) e Fielding por *Tom Jones*, de que ao menos se viu o filme (Fielding queria escrever teatro. A censura era tal que ele se voltou para o romance. Shaw diz que perdemos um segundo Shakespeare). *Clarissa*, de Richardson, é um primor. Watt vai de Homero a Joyce, em linguagem acessível, sem o menor jargão. É o tipo de livro que quem entende de romance, se não leu, é mulher do padre.

Watt só escreveu um segundo estudo, que dizem definitivo sobre Joseph Conrad, mas não consegui ler, porque Conrad é dose para *cheval*.

Muita gente me escreve, à parte o cangaço sindical do Banco do Brasil e petelhos que pedem minha cabeça à *Folha*, com razão, porque se eu pudesse lhes cortaria a cabeça, metaforicamente, ao menos. Muita gente me escreve perguntando como se começa a ler. Watt é a chave do romance. Não há professor tão prestigiado, e o romance é uma invenção inglesa, os romances epistolares franceses não têm a dimensão social do inglês. Não é à toa que Marx ficou extasiado com *Robinson Crusóé*.

Twin Peaks, a minissérie de que falei outro dia, foi, de repente, inundada de comentários pela mídia de Nova York, que, em geral, dá o mínimo de atenção à TV, restringindo-se às sessões especializadas, com pouco espaço. Descobri o motivo. Nova York lidera em tudo, mas não é um bom mercado para televisão (10% da bilheteria nacional). “Sucesso” é 8% ou 10%, nas finais esportivas. Pois bem, na estreia de *Twin Peaks*, a audiência nacional foi 21%, altíssima, porque é muito dividido o público entre os diversos canais. Mas, em Nova York, foi a 28%. Inédito que eu saiba e só posso imaginar igual se Bush declarasse guerra nuclear à URSS.

Por uma vez, justiça foi feita. A minissérie é *talk of the towti*, os sinais de vida inteligente na televisão americana nunca foram tão fortes. Lynch e Frost são gente de outra ordem e conseguem criar num meio tão difícil, tão nivelado por baixo. No último capítulo, tivemos um anão que falava ao contrário, um clone sensual de uma personagem assassinada e fetiches de pé e cinto extraordinários, que imagináramos num filme de Bunuel, mas nunca em “horário nobre” de TV nos EUA. Ainda há milagres.

05.05.1990

MONÓLOGO INTERIOR

Toda época é ruim, quando vivemos algum tempo nela. É assim que o mundo acaba, não com uma explosão, mas com um gemido.

Não sinto mais minha infância, mas lembro minha solidão inelutável. Não saberia como explicar aos adultos que, de qualquer forma, pareciam estar noutra, e me arriscaria ao ridículo e vergonha.

Contamos em código aos amigos que fizemos, crianças como nós, em solidão inexprimível também, e estabelecemos uma relação de “novela” com nossos contemporâneos. Eles respondiam em código semelhante.

Em suma, como novelas, dizemos besteira, mas o subtexto é sobre o cerne de nossas feridas, que nunca vem à tona. Mas há dividendos. As amizades mais profundas vêm desse sofrimento a dois, ou a três. Nunca dissemos nada de importante, mas criamos uma ponte emocional, subterrânea, com os amigos da infância, que, em geral, sobrevivem às intempéries e à corrosão do tempo.

Lembro os anos 1950, a era da ansiedade do poeta Auden e do romancista Arthur Koestler, que enfrentaram a besta-fera. A maioria, não. É da época o minimalismo, a vida do bostinha da esquina, circunscrita à bosta circum-ambiente. As incríveis complicações e desditas que caem sobre ele são, claro, o grande tema, subcutâneo, que aflige o autor.

Foi o tempo do Absurdo, com maiúscula. Encontraram na ininteligibilidade de Samuel Beckett a metáfora da época. Ionesco e Pinter supriam a comédia, sinistra, claro.

Quando Steiner, personagem de Fellini, em *La dolce vita*, mata a família e se suicida, um tanto prematuramente, em retrospecto, para fugir do holocausto nuclear, o filme vira a conversa dos botequins.

Era uma forma pop de suplementar as rumações de Camus sobre a proeminência do suicídio como preocupação moderna, sobre o niilismo de André Gide (hoje esquecido), cujos *Diários* eram publicados. Bebíamos à morte.

Já nos anos 1960, quando se viu que Kennedy e Krushev, EUA e URSS, não iam explodir um ao outro, o desbunde foi geral. Todas as

repressões a que não demos vazão, como seria natural, no fim da guerra de 1945, vieram à tona.

Professores universitários, caretérrimos, ficavam nus na faculdade, para estarem na “sua”, se sentirem à vontade no meio ambiente, que antes viam apenas como o doente que espera a catástrofe nuclear.

Um som que não deixava ninguém falar, que nos rompia os tímpanos, de que ninguém entendia o “cantado”, a incoerência levada à “n” potência, tomou conta: o rock. Era a entropia sonora...

O dos Beatles, engraçadinho, com laivos de nostalgia da era edwardiana, em seus cabelos e cortes de roupa: bolação do gerente deles, Epstein.

Elevaram o princípio de que quem não chora não mama ao *sine qua non* da existência social. Andavam sempre em grupos. A individualidade lhes era intolerável, insuportável no seu peso contra o Leviatã.

A cocaína, que só era tomada por *playboys* e iniciados, desceu à turma do *milk-shake*, para ficar. A cocaína, me contou Chico Pedro Leão Veloso Salles Pinto, um *playboy* famoso, que ele trazia escondida no chassis do seu Maserati, em 1920. A polícia lhe ia no encaço, mas não tinha ainda esses malditos cachorros com faro de cocainômanos.

Com grande auxílio da pílula, inventada por um homem, a mulher se libertou da gravidez. Mas a mulher passou de ouro a estanho. Coibida pela sua inacessibilidade, é tão fácil que quase ninguém quer. Ninguém pensa em se sacrificar por água ou ar, que são de graça, embora ninguém viva sem água e ar. Os jovens, muito mais apavorados e solitários do que nós, porque enfrentam um mundo pós-nuclear, de possibilidades cada vez mais horroríficas. É uma Babel de gritaria e incoerência, de violência cada vez mais nua e crua, de ceticismo e niilismo barato. Não foram conquistados no confronto com a vida, são atitudes da moda, cuja falsidade nos imberbes dispensa comentários. É a maquiagem do seu medo.

“Os melhores não têm convicção alguma, enquanto os piores estão cheios de intensidade passional.”

É fácil reconhecer nosso mundo nessas linhas de Yeats.

MORENO COMO VOCÊS

Não estou imune. Sinto a barra como vocês e também procuro sair de debaixo do seu peso.

Escapei por um mês e meio escrevendo um romance. Nada de tão satisfatório como ficção para mim. Esqueci por completo meu dia a dia, minha mortalidade, minhas broncas inenarráveis, pois, como na infância, nossa solidão é total. A diferença é que, adultos, sabemos lidar melhor, acomodar a fera.

Bertrand Russell, que se não fosse filósofo seria o novo “dom Juan”, tem como epígrafe de sua autobiografia a solidão indevassável do ser humano.

Comecei por um motivo trivial. Tinha recebido um adiantamento havia mais de um ano do editor. Tristezas não pagam dívidas, mas eu pago as minhas. Uma questão de honra. Ou devolvia o dinheiro, ou escrevia.

Em julho, quando chegou aqui Luiz Schwarcz, resolvi tentar. Por que não? Excessivamente precavido como é do nosso estilo hoje em dia, atemorizado de fracasso, eu me dizia, se não der certo, ponho de lado e nunca mais olho, ou melhor, num computador, apago.

Mas foi um jorro inestancável. Se dizia de certos bairros do Rio, de prostituição, que se podia patinar em sêmen. Waaal, eu precisaria de três computadores para me conter...

Uma das poucas certezas, minha descrença no sobrenatural, está abalada.

Quando sentei onde estou agora e comecei a escrever, tinha duas ideias. Fazer parte do romance se passar na rebelião dos estudantes em Paris, em maio de 1968, que foi um divisor de águas em nosso tempo, sedimentando feminismo e ecologia, por exemplo; e uma moça bonita e gordinha que cometia um grande ato de paixão, que não é sexual. Só.

Não é exagero dizer que 98% do livro se escreveu. Ao fim de cada dia, ou noite, eu olhava pasmo a tela desse computador, puxando para cima e para baixo, chegando a duvidar que aquilo fosse meu.

Certamente não tinha a menor intenção prévia de escrever o que escrevi. Veio não sei de onde. Se impôs, irresistivelmente.

Pensei em dois coadjuvantes da minha heroína, um jovem *normalien* brasileiro, também em Paris, simpaticista da esquerda, a quem eu queria tratar bem e, por isso, fiz anarquista. Impossível tratar comunistas ou trotskistas sem deboche. Achei que ia crescer e tomar conta do livro. Não. Pensei em outro coadjuvante, um banqueiro jovem e moderno, desses que *Veja* entrevista nas páginas amarelas.

Revelou-se um Genghis Khan. Onde seu cavalo passava, a grama não crescia mais. Desci-lhe aos subterrâneos da vida, dos bancos, da alta finança. Nada premeditado, juro. Se escreveu a si próprio.

E os personagens me importunavam o tempo todo. Quando eu não estava em outro trabalho me cobravam seu crescimento e participação, às vezes obsessivamente. E importunam ainda. Terminei o livro às 21h05, em 25 de agosto, 22h05, hora do Brasil, aniversário do meu irmão mais moço, Paulo Gustavo.

Mas fui jantar ontem com um amigo, e uma mulher me apareceu na imaginação, numa sala confortável, e ela muito bem tratada. Depois de alguma hesitação, telefonou para um homem. Os dois são personagens do livro. O homem não queria ouvir dela. Tinha estado muito doente. Ela, delicadamente, cumprimentou, disse que não foi visitá-lo no hospital porque ficava chato ir sozinha e seu marido não queria ir. O homem respondeu com equanimidade, e, se quiserem saber mais, comprem o livro.

Essa cena não está no romance. Estará, porque a mulher insiste e o homem não se opõe, realmente.

Isso é só o meu inconsciente? Não tem relação visível comigo. Seria energia psíquica dispersa no Universo? Procuo explicações racionais.

Depois de *Filhas do segundo sexo*, duas novelas de 1981, que escrevi sem narrativa na primeira pessoa, o que incomoda profundamente a jecaria nacional, que acha que eu sou eu, invariavelmente, e escreve artigos de péssimo jornalismo destinados a provar minha ubiquidade ficcional, decidi não escrever mais ficção. Mas não por isso...

O livro vendeu bem para Brasil, quase 20 mil exemplares. Os outros, idem, *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*.^{151} Entre 15 mil e 30 mil exemplares, cada um. *Cabeça de papel*, onde usei mais os recursos do modernismo, vendeu mais que todos, o que é um pouco difícil de entender, porque tenho amigos sinceros que dizem não entender minha ficção.

Um tomou notas copiosas, mostrando a maneira fria como descrevo cenas de alta violência e sexualidade. E da disjunção, um assunto abruptamente separado e irrelacionado do outro. Claro, isso são coisas banais do modernismo, que morreu com Apollinaire, nas trincheiras da Primeira Guerra...

Fico me perguntando se apesar do movimento famoso, de Drummond, dos dois Andrades que se detestavam um ao outro, e da banda de música

dos Campos, José Lino Grünewald, se o modernismo penetrou na pátria amada.

Acho que não. As vacas do compadre Ermelindo e tudo que é bucólico, mulheres que ninguém quer inventando grandes e “complexos” amores, a inocência intocável dos pobres e o resto da tralha que Rousseau lançou no mundo continuam dominando.

O problema é o livro vender 100 mil, pelo menos. Se não vender, penduro as chuteiras.

Mas o freguês tem sempre razão, e desta feita (hum, fiu, fiu, irra...), me fiando em Tom Wolfe, resolvi voltar à narrativa de uma coisa atrás da outra, apesar de todo jornal de televisão trazer as disjunções de que meu amigo se queixou. E parágrafos curtos, como os *sound bit es* da televisão. E episódios autossuficientes, como na linguagem de, adivinhem, televisão. Sim, sim, rendição incondicional ao que a freguesia quer.

Ainda não tenho título: pensei em *Os degolados*, mas verifiquei que nem todo mundo sabe o que é; *Cabeças cortadas*, mas é o nome de um filme do meu querido Glauber. Waaal, eu poderia usá-lo, aproveitando para saudar e dar crédito a Glauber. Mas o livro não é nada disso. É *upbeat*, uma história de sobreviventes. No momento, estou pensando em *Cabeça fantástica*, ou em guilhotinar tudo e sair para outra. [{152}](#)

Nota da redação: Eu não participo em momento algum. Quando muito, como o deus de Spinoza, estou na natureza e nas pessoas, oculto por eclipse.

30.08.1990

UM DIA EM NOVIOORQUE

Fomos, um jornalista famoso e eu, ao hotel Plaza, em Novioorque. Eram 12h15, e o jornalista sentiu fome. Não queria esperar até o almoço, marcado para “tipo” uma da tarde. Entramos no Palm Court, um dos quatro restaurantes do Plaza, onde ele pediu uns aspargos com presunto.

Dois outros jornalistas vieram se sentar conosco. Pedimos, nós que não queríamos comer, uma Perrier. Fomos atendidos por um crioulo engalanado com o uniforme do Palm Court, que, de resto, se pronuncia “páam” e não “paume”; sempre me perguntam a pronúncia correta. Waaal, o crioulo encarou o jornalista famoso que pediu o presunto e aspargos, e perguntou: “Você está no hotel?”. Bem, *you*, em inglês, serve tanto para tu ou vós, ou para você e senhor. Depende da entonação, inflexão. Eu diria que o crioulo estava chamando o jornalista famoso de “você”.

O jornalista respondeu: “Não”. Crioulo: “Querida avisar que a consumação mínima neste restaurante é 12 dólares”. Jornalista: “Eu tenho os 12 dólares”. É literal a tradução, mas soa muito mais engraçado em inglês, não sei o motivo. Há qualquer coisa de judaico na resposta, apesar de o jornalista ser góí, porque o judeu transforma a agressão a ele em humor mordaz. É uma forma de escapar do opróbrio.

Pensei logo numa chibata. Ando pensando muito em chibata e rifle. Há um dia e meio, por exemplo, buzinas trombeteiam na Segunda avenida, onde moro. E moro muito alto, mas agora mesmo estou ouvindo esses histéricos. E, pior, as sirenes da polícia e ambulância, principalmente à noite, quando o tráfego reflui um pouco, e cortam o nosso desejado e abençoado silêncio com seus uivos. Um dia vou me atirar da janela e levar alguns desses boçais comigo. Estou convencido de que é puro exibicionismo, o *show off* falado, e não necessidade. Boa manchete: “Brasileiro enlouquece e abre fogo”.

Mas a chibata. Não é porque fosse um crioulo. Seu semblante nem era agressivo. Boa palavra, “semblante”. O tom era nova-iorquino, mas, claro, tudo depende... Quando se podia ir ao Village, antes de virar uma das maiores bocas de fumo da cidade, o Coach House, na era pré-novos-ricos,

apelidada caridosamente de *yuppie*, o serviço era todo de crioulos e impecável. Estilo velha plantação do sul dos EUA. Claro, estavam representando escravos. Era muito chique o restaurante.

Mas nem por isso deixa de ser espantoso um crioulo no Palm Court, e, ainda por cima, grosseiro. No início do século, quando o Plaza foi construído, imitando a arquitetura do reino inglês de Edward VII (1902-1910), o Palm, cheio de palmeiras nanicas, não sei se artificiais, era o ponto de encontro das debutantes e seus galantes. E, às tardes, as senhoras mais elegantes tomavam um chá lá, como se fazia, e faz, com cuidado, no Ritz de Londres, onde Rebecca West teve um ataque de histeria contra Tony West, o filho dela com H. G. Wells, e teve de ser carregada, manietada, pelos garçons, espumando de ódio. Mas isso é pitoresco, o crioulo, não.

Há muito tempo, é verdade, “ninguém” mais vai ao Plaza. Desde 1966? Foi quando Truman Capote deu um baile convidando toda a gente ilustre da época, em homenagem a Katharine Graham, *publisher* do *Washington Post*. Vi fotografias nas revistas, e depois aqui, cenas de televisão. Estava todo mundo e seu pai lá, e fantasiado. Truman, como artista, deve ter pressentido que era *après moi, le déluge*,^{153} do Plaza, de Nova York, neste mundo em que a CIA gasta por ano 30 bilhões de dólares e Saddam Hussein continua forte e sacudido (como será a rendição? Suicídio? Cadeia, com o anonimato forçado de Noriega?).

O jornalista famoso comentou baixinho comigo que decaem muito os serviços neste país. No mundo em geral, eu diria.

O Plaza, deformado que está, ainda é muito bonito.

Cary Grant frequentava um bar e restaurante do Plaza, o Oak Room, aposento de carvalho, se é preciso tradução, porque o restaurante é todo revestido de carvalho. Chiquérrimo, quando estive aqui em 1954. Só podia entrar homem. Era um clube masculino. Em 1968, Betty Friedan entrou no bar e pediu um uísque. O garçom, que conheci pessoalmente, serviu, apavorado. Betty liberou o Oak. Hoje, você vai lá e a frequência é de homens de oitenta anos e meninas prostitutas de dezoito anos, de língua atlética. Simplesmente não dá pedal.

Os quartos e suítes de que Cary Grant gostava eram imensos. Foram repartidos em três, e os preços, inflacionados, subiram 300%. Quando eu não tinha dinheiro, gostava muito de ficar num hotel de luxo, caro, acima das minhas posses, mas ficava só dois ou três dias, para sorver a “dora da vida”, de que meu pai me falava, no período entreguerras, 1920-1939, que

minha geração não pegou. Lembro de um *breakfast* extraordinário que tomei numa suíte no Gotham, 1968, na rua 56 com Quinta avenida, numa suíte em que se podia jogar futebol, de tão grande. Hoje, o Gotham é um dos Méridiens que andam por aí, quartos encolhidos, de preços triplicados, sem nenhum caráter.

O velho Plaza, chique, pode ser visto no filme de Hitchcock, com Cary Grant, *North by Northwest*,^{154} um título tirado de *Hamlet*, que virou um besteirol qualquer em português.

Collor deu um almoço no Edwardian Room, o mais caro dos restaurantes do Plaza (não é o melhor, nem de longe). Um amigo me conta que teve de avertir (sic) o *maître*, porque Collor, claro, comia mais devagar que os outros, crivado que estava de perguntas. Esse amigo viu um garçom, jovem, tentando tirar o prato de Collor, que não tinha ainda terminado, e que resistiu, e outro garçom, mais velho, servindo outros pratos aos convidados. O furrecol de bayer, travestido de novo-rico, não poderia ser maior.

ROSEMARY'S BABY

Até o que é bom não é garantido. O bebê de Rosa Maria, sim, “Ele”, tomou conta dessa cidade. Quando vi o filme, no Brasil, não entendi, porque você precisa estar aqui... Levo Wagner Carelli a jantar num dos meus restaurantes favoritos. Wagner é um bom amigo e pessoa decente. Não reclame da banalidade. Não é fácil apor o adjetivo decente ao substantivo jornalista.

O *maître*, Giovanni, está louco, há muito tempo, o que é comentado, com bom humor, pelos *habitués*. Mas estou cansado e é chato. A gente pede um antepasto e ele traz dois: quer, à força, que eu saia da minha dieta, porque não se lembra de mim recusando petiscos, e é um empurra-empurra amável, que termina cansativo. Tenho de me desculpar com Wagner porque estou falando muito alto. É o jeito Noviorque. Se berra.

Antes fui à ótica Cohen buscar umas lentes. Não estavam prontas. Nada está pronto, em Noviorque, no dia combinado. Iam entregar uma mobília aqui, segundo telefonaram, pela manhã. São três da tarde e não chegou. O colapso dos serviços.

Paguei uma extorsão pelas lentes. Me cobraram adiantado, claro, como tudo, aqui, de aluguel em diante. Já é a segunda semana que me cozinham. Pegam, claro, mais serviço do que podem dar conta, como todo mundo em Nova York, por ganância, e, quando o freguês reclama, vem o que se chama aqui o *hustle*, vigarice tipicamente nova-iorquina, se pronuncia “r” forte, “rúcel”. Começam a fazer perguntas, cobrando de você, a vítima, coisas que nada têm a ver com sua encomenda, pela qual você pagou, repito, adiantado. Querem te desconcertar, te intimidar.

Tem de se ser implacável e falar mais alto. Não ceder em coisa alguma. Interessante nessas duas jovens broacas da Cohen é que, ao mesmo tempo que tentavam, agressivamente, me aplicar o *hustle*, me mediam sexualmente, e é provável que tenham concluído que, pagando tal furto pelas lentes, eu possa pagar as contas delas, único interesse que, em geral, as mulheres daqui têm nos homens. Há exceções, claro.

E até faziam um certo charme, um subproduto das vulgaridades que Marilyn Monroe e imitadoras, como Madonna, ensinaram às massas. Mas não dei quartel, como dizem, e aí elas puseram a culpa na que trabalha de manhã, que não estava lá na hora. Na postura nova-iorquina você nunca admite um erro, está sempre com a razão, ou a culpa é de alguma outra pessoa, não daquela com quem você está falando.

Viver aqui não é fácil e se, como a maioria dos brasileiros, no que incluo grande parte dos “recórteres” da nossa mídia, não se sabe falar inglês, a vida fica muito limitada: um canalzinho mexicano no fim da tarde, copiar alguns tabloides para iletrados, jornais que não chegam ao Brasil (ao contrário do *New York Times*, *Washington Post* e *Wall Street Journal*) e a turminha brasileira, que picha, mas picha mesmo os gringos...

Não se iluda com o nome Cohen. É tudo japonês. Os japoneses compram tudo. Compraram agora a Music Corporation of America, a MCA, que aqui é a senhora *show business*, um vasto conglomerado, que se passa como a Columbia Pictures, a CBS discos e outras menos votadas, para o império do sol nascente... A MCA é a única prova de corrupção palpável de Ronald Reagan, que foi um dos seus contratados, quando era, waaal, ator. E Reagan foi também presidente do sindicato dos atores e, como tal, permitiu que a MCA tivesse, então, acesso a outros bons-bocados do *show business*, o que é ilegal, porque aqui é cada macaco no seu galho, tudo é muito separado para evitar tentativas de monopólio. Ainda assim, minhas

saudades da maneira Reagan de resolver problemas. No inquérito da MCA, Reagan disse que não lembrava...

Levo Wagner ao centro de entretenimento perto do Bloomingdale's. Mendigos saindo pelo ladrão. Há um deles, perto do Palm, restaurante, não o do Plaza, que fala coisas que não entendo. Vejo esse cara há seguramente dezoito anos. E suas barbas não embranqueceram. Deve pintar as ditascujas, milionário que é. A maioria não incomoda muito nem é perigosa. É, em verdade, parte do batalhão de loucos mansos que governos estadual e municipal soltaram em Noviorque, alegando falta de verbas. Não acredito. Querem o dinheiro para empregar currais eleitorais, parentes e amigos. Esta cidade é cafiolada pelos Democratas, com maiúscula, desde os anos 1960.

Precisávamos de um prefeito Genghis Khan, um republicano, tipo Reagan. Como estamos, de Dave Dinkins, que não faz nada, nada, a não ser passar em revista as “minas” que têm trabalhando para ele, ou de gente como Érundíina, não há salvação.

Há um restaurante excelente no Plaza, que é o Oyster Bar. Fui lá almoçar um dia. Não havia viva alma conhecida. É típico. Um amigo e eu levamos a bela Lygia^{155} e Fernando Sabino e eles adoraram. Waaal...

29.09.1990

POSFÁCIO

PAULO FRANCIS CONTRA OS JECAS

Luiz Felipe Pondé

“Os melhores não têm convicção alguma, enquanto os piores estão cheios de intensidade passional.”

W. B. Yeats, citado por Paulo Francis, em coluna de 30.08.1990

Paulo Francis dizia que “vivemos uma solidão indevassável”. Era assim em sua época e continua em nosso tempo. Por isso mesmo, é urgente voltarmos a ele.

Nessa citação, ele pensa na solidão essencial do homem. O Paulo Francis filósofo era um pensador trágico: ser homem é coisa para gente grande e corajosa, porque a vida parece não ter sentido, e, para piorar, estamos atravessados por contradições psicológicas insolúveis - a compreensão que ele tinha da teoria freudiana da pulsão de morte era própria de um profissional. Mas há outra solidão para quem gosta de ler e de escrever em nossa época: a inteligência, ela mesma, está só, num mundo tomado pelo politicamente correto e pela jequice que marca a sensibilidade da classe média.

Devemos retornar a Paulo Francis, antes de tudo, porque ele era corajoso, com sua metralhadora giratória em mãos, coisa rara no meio intelectual, comumente repleto de covardes, carreiristas e oportunistas de todos os tipos, que pensam mil vezes antes de escrever algo, com medo do totalitarismo dos bem-intencionados.

Para gente como eu, que o lia pelos corredores da USP, às vezes “escondido”, ele era o que eu queria ser quando crescesse. Seguindo uma clara tradição de polemistas como Machado de Assis, Carlos Lacerda e Nelson Rodrigues, Francis foi um agudo moralista - no sentido francês do termo, isto é, um dissecador da alma humana. E foi um duro rival das crenças de uma sociedade dominada pela sensibilidade “de pobre” e por

uma intelectualidade preguiçosa, que encontrou nos mitos da esquerda um refúgio para o velho puritanismo hipócrita. Aliás, como diz Vargas Llosa, “a esquerda foi derrotada em tudo, menos no seu domínio sobre a cultura”.

Entre as qualidades de Francis como colunista, uma delas, essencial, era sua capacidade para o discernimento sutil das causas e das consequências dos dramas contemporâneos - coisa rara no debate intelectual, pautado por todo tipo de comunidades militantes de humilhados e ofendidos (os “frescos”, segundo Francis).

A sutileza costuma confundir mentes submetidas a ideologias partidárias ou a chaves teóricas que gostam de unanimidades. Aliás, para os acadêmicos, Francis tinha uma metáfora precisa: “Hegel de bolso”. Eles são como pregadores empobrecidos, afeitos a teorias simplistas que supostamente “explicam tudo”. Lidam mal com as contradições infernais da realidade, que é arredia a qualquer ideia única e definitiva. Aqui, o jornalista quase ecoa o grande crítico de Rousseau, Edmund Burke, que em suas *Considerações sobre a Revolução na França* descreve o filósofo francês como o ancestral da esquerda, o criador de “teorias de gabinete”.

Francis se transformou num liberal de direita, acríptico com relação às contradições do capitalismo? Era um ressentido misógino? Combatia os direitos *gays*? Era a favor de mulheres na cozinha? Detestava negros e pobres? Existem nuances em seu pensamento que podem escapar ao senso comum apressado.

Sua virada à direita foi fruto de amadurecimento intelectual e de sua capacidade um tanto profética de perceber as mazelas da crítica social e política mais banal, ou seja, o senso comum da esquerda profissional - “que lê pouco e quase não leu o próprio Marx” e ainda domina de forma feudal o mundo da cultura, como ele dizia. Sua simpatia pela esquerda na juventude é algo quase banal, porque “todo mundo inteligente” era então de esquerda.

Sua atitude foi próxima à de Nelson Rodrigues, poucas décadas antes: Paulo Francis foi um “ex-covarde”. Nelson Rodrigues usava essa expressão para se referir ao fato de que ele não tinha mais medo. Mas do quê? Não tinha medo da patrulha ideológica, que já nos anos 1960 mostrava seus dentes e que dos anos 1970 para cá assumiu certos traços específicos, mas não menos autoritários.

Alguns desses traços específicos, que assolam nossa vida intelectual, são apontados de maneira bem clara nos textos de Francis: a tendência ao controle das palavras, em respeito aos direitos dos “frescos” (lembramos as

recentes tentativas de exclusão de certos termos em obras clássicas, em nome do combate ao preconceito); a repressão a ideias discordantes das cartilhas “progressistas” (por exemplo, reconhecer que o lugar onde se tem maior liberdade são os Estados Unidos, país ainda objeto de ódio de grande parte da intelectualidade brasileira infantilizada); e o respeito opressivo à sensibilidade do “consumidor de cultura” (o capitalismo e a democracia necessariamente levariam ao poder o homem comum e sua “estética da pobreza” indignada).

A crítica de Francis a Luiz Inácio Lula da Silva não foi equivocada, ao contrário do que dizem alguns “especialistas”. O líder que ele conheceu não foi o Lula cor-de-rosa que chegou ao poder, assimilando as lições da economia de mercado e do Plano Real. Mas, ainda assim, nós, que vivemos sob o governo do Partido dos Trabalhadores, sabemos que o partido inchou a máquina do governo, como toda oligarquia atrasada faz. Francis anteviu que o PT criaria a própria oligarquia, contaminando os escalões inferiores e técnicos do governo com tarefas de cunho ideológico - uma espécie de tráfico de influência justificado pelos teóricos de plantão do partido. Quando a imprensa criticou esse tráfico petista, o governo partiu para o combate à mídia, “denunciando-a” como manobra da direita.

Lembremos que Francis previu em grande parte a vocação do petismo para o controle da TV, dos jornais, das universidades, da literatura, enfim, dos meios materiais de produção e reprodução da cultura e do pensamento em nome da “defesa dos direitos humanos”, quando ele escreveu que “teríamos nas redações um ‘comissário dos trabalhadores’ pegando nossos artigos... De lá para cá, poderíamos talvez somar outros comissários: de negros, feministas, *gays*, aborígenes e golfinhos?

Outra marca que facilmente aponta o caráter profético de Francis a respeito do PT no governo foi a diplomacia ideológica que o Itamaraty levou a cabo em suas simpatias para com o Irã e seu bando de fundamentalistas religiosos - a “turma de toalha amarrada na cabeça”, de que falava Francis -, a Venezuela de Hugo Chávez - um típico cangaceiro de esquerda - e os restos de Cuba - um governo de Neandertal. Qualquer país civilizado sabe que diplomacia nunca pode ser ideológica. Francis poderia tranquilamente descrever tais atitudes como sendo atos do “Sudão da América do Sul”.

Existe “comunidade *gay*”? “Não”, responde Francis. Homossexuais são como todo mundo: pessoas completamente diferentes umas das outras, que têm em comum apenas o desejo por gente do mesmo sexo. Por várias vezes,

ele criticou o ódio aos “invertidos”, expressão freudiana que gostava de usar, lembrando que muitos dos grandes homens da história do Ocidente talvez fossem dessa tribo, como Platão, Alexandre Magno e Da Vinci.

O objeto de sua crítica era a intenção de construir uma “mítica da cultura *gay*” - uma comunidade de pessoas que, por serem vítimas de preconceito, seriam necessariamente detentoras de alguma forma de bondade pura perdida pelos heterossexuais. Essa mítica hoje é um fato.

O mesmo processo de construção de mitos de falsa superioridade moral (algo semelhante ao que o filósofo francês Alain Finkielkraut chama de “culto da vítima”) foi identificado por Francis no caso do feminismo, para ele um movimento equivocado, que nada entendia do mundo feminino.

O jornalista via a banalização das mulheres no mercado das relações amorosas como consequência da atitude das feministas de pressioná-las para serem “livres sexualmente”. Essa “liberdade” as condenaria à desvalorização de si mesmas e de seu corpo, porque tudo que é “de graça, como água e ar” não vale o esforço. Não se trata aqui apenas do crítico social das “novas esquerdas” em ação, mas também do Francis freudiano, lembrando-nos de que o sexo sem repressões e neuroses, sejam elas privadas ou públicas, é sexo sem gosto.

Os cangaceiros da contracultura adoravam lixo cultural em nome da liberdade absoluta, o que, claramente, só podia dar em tédio. Francis pressente grande parte da verborragia pós-moderna e de seu enfado em relação aos ganhos da sociedade liberal. Para ele, bom mesmo seria jogar essa moçada do “tatibitate” da contracultura nas mãos dos fundamentalistas islâmicos, com sua “boçalidade do Corão”.

Ele se tornou um claro defensor do modelo ocidental de democracia liberal de mercado e chegou a ridicularizar abertamente as sociedades tribais, como as africanas (“cantaram e dançaram?”), indo contra a sensibilidade política das “novas esquerdas” de localizar nessas culturas periféricas um oásis de superioridade moral. Apesar disso, Francis sabia bem que o Ocidente é estúpido quando assume que seu modelo de sociedade é definitivo e superior, mesmo em comparação, por exemplo, ao chinês e seus 5 mil anos de tradição mais ou menos estável e contínua.

Parte da causa da derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã Francis atribuía à ignorância do *staff* americano do fato de que aqueles povos do Extremo Oriente guerreavam entre si havia milênios. Francis era

um sofisticado crítico social, mas o “culto da vítima” o levava à loucura, daí sua retórica agressiva.

Enfim, seu grande pecado confesso: a vocação aristocrática. Francis detestava a sociedade de consumo e sua boçalidade feliz como valor. As “confissões mútuas sobre os segredos da cama do casal” em festinhas de novos-ricos eram para ele um horror. Achava que a qualidade de vida pioraria à medida que “tudo ficasse ao alcance de todos” (e nem chegou a ver os aeroportos de nossos dias). Odiava também a vocação da democracia para a repressão da inteligência, em nome da mediocridade bem-comportada, fazendo eco a Tocqueville, que em seu *Democracia na*

América levanta a hipótese de que, no regime democrático, a igualdade ama o medíocre, que, por sua vez, detesta a liberdade, pois esta denuncia sua preguiça.

Para Francis, liberdade é conflito. Ser adulto é lidar com fracassos afetivos (o coração da personalidade) e não crer em redenções políticas. É não mentir e não ser medroso. Um dos grandes riscos do pensamento público hoje vem daqueles que falam em liberdade, mas de fato a detestam. Como ele mesmo gostava de dizer, citando Rosa Luxemburgo, “a liberdade é quase sempre, exclusivamente, a liberdade de quem discorda de nós”.

FONTE DOS TEXTOS NA FOLHA DE S.PAULO

- Televisão, o grande eleitor americano. "Ilustrada", 20/1/1976, p. 38.
- A vez da arte no caso Watergate. "Exterior", 4/4/1976, p. 18.
- Reafirma-se o espírito liberal de 1776. "Exterior", 4/7/1976, p. 14.
- A Broadway de ontem e de hoje. "Ilustrada", 15/8/1976, p. 61.
- Vi e não gostei. "Folhetim", 10/4/1977. p.15.
- Adivinhe quem veio para jantar. "Ilustrada", 8/6/1977, p. 35.
- Romance - uma saída para o populismo literário de Jorge Amado. "Ilustrada", 22/8/1977. p.17.
- A Revolução Bolchevique - sessenta anos de Lênin, Trótski e Stálin. "Exterior", 6/11/1977, p.12.
- Como vivem os ricos. "Ilustrada", 2/2/1978, p. 44.
- Diário da corte. "Ilustrada", 14/3/1978, p. 35.
- Não quero saber da sua vida. "Ilustrada", 8/5/1978, p. 19.
- Loucos (trecho). "Ilustrada", 21/11/1978, p. 36.
- Intelectuais nova-iorquinos. "Ilustrada", 01/08/1979, p. 28.
- O Apocalipse, segundo Francis Ford Coppola. "Ilustrada", 26/8/1979, p. 45. Pivetes, Glauber, retoques. "Ilustrada", 25/1/1980, p. 42.
- Bobos: jornalistas (originalmente: "Bobos (11): jornalistas"). "Ilustrada", 5/4/1980, p. 20.
- Paschoal merece uma biografia honesta. "Ilustrada", 29/5/1980, p. 27.
- Os Estados Unidos não são o único lobo mau. "Folhetim", 13/7/1980, p. 8.
- Comigo não, violão. "Ilustrada", 13/9/1980, p. 22.
- A aurora da minha vida. "Folhetim", 9/11/1980, p. 3.
- Rockefeller sabe como cuidar do Brasil. "Economia", 14/11/1980, p. 14.
- Cinco tiros abrem novos negócios. "Ilustrada", 10/12/1980, p. 31.
- Nelson nunca foi um intelectual. "Ilustrada", 28/12/1980, p. 31.
- Um acordo mundial para suspender tudo. "Ilustrada", 7/2/1981, p. 23.
- Viagem, teste que não deve ser ignorado. "Nacional", 11/2/1981, p. 5.
- Ontem, hoje, sempre racista. "Folhetim", 26/4/1981, p. 3.
- Um raro brasileiro de gênio. "Ilustrada", 24/8/1981, p. 21.
- A mal-amada língua que falamos. "Ilustrada", 11/9/1982, p. 31.

John Updike, um talentoso escritor sem nenhum caráter. "Ilustrada", 16/10/1982, p. 33.

Um relato sobre Leonel Brizola. "Ilustrada", 9/12/1982, p. 29.

O delírio do sexo nos Estados Unidos. "Ilustrada", 7/5/1983, p. 25.

Caetano, pajé doce e maltrapilho. "Ilustrada", 25/6/1983, p. 51.

A agonia brasileira. "Ilustrada", 16/7/1983, p. 52.

A esquerda americana. "Ilustrada", 6/8/1983, p. 45.

Vida breve de um brasileiro. "Ilustrada", 17/9/1983, p. 49.

O'Neill ficou, e quem mais... "Ilustrada", 26/11/1983, p. 54.

Nosso 1984 foi em 1964. "Ilustrada", 5/1/1984, p. 36.

Jango e justiça (trecho). "Ilustrada", 12/4/1984, p. 42.

A criação de Gore Vidal. "Ilustrada", 3/6/1984, p. 77.

Truman Capote: criador do romance moderno da literatura americana (originalmente: "Criador do romance moderno da literatura americana"). "Ilustrada", 27/8/1984, p. 19.

TV e nossos políticos. "Ilustrada", 13/10/1984, p. 40.

O guerreiro Roberto Campos. "Ilustrada", 9/2/1985, p. 46.

Burocracia ou modernização, o dilema de Gorbachev. "Exterior", 17/3/1985, p. 20.

O espírito de Noviorque. "Ilustrada", 6/6/1985, p. 42.

No reino maravilhoso de Sir Ney. "Ilustrada", 20/6/1985, p. 44.

O anticomunismo em flor. "Ilustrada", 18/7/1985, p. 31.

Prefeitos de São Paulo e Rio. "Ilustrada", 16/8/1985, p. 37.

Old Ez, um velho safado. "Ilustrada", 31/10/1985, p. 48.

Paulo Francis por ele mesmo. "Ilustrada", 9/1/1986, p. 48.

Woody Allen, o hilariante hipocondríaco. "Ilustrada", 17/5/1986, p. 74.

Diário da corte (trecho). "Ilustrada", 22/5/1986, p. 51.

As verdadeiras confissões de Norman Mailer. "Ilustrada", 8/6/1986, p. 110.

Edmund Wilson: vida inteligente nos EUA e agora no Brasil. "Ilustrada", 2/10/1986, p. 79.

Cláudio Abramo, amigo e jornalista (trecho). "Ilustrada", 15/8/1987, p. A-36.

Diário da corte. "Ilustrada", 01/10/1987, p. A-50.

Ano novo, vida velha. "Ilustrada", 2/1/1988, p. A-22.

Um ano do diabo. Caderno especial "Vinte anos depois", 22/3/1988, p. 8. Freud é o herói deste século. "Livros", 21/5/1988, p. D-i.

H. L. Mencken, só dói quando eu rio. "Ilustrada", 10/6/1988, p. A-33.

Diário da corte (trecho). "Ilustrada", 01/9/1988, p. E-16.

Aids e suas metáforas (trecho de "Carnaval, assassino e morte"). "Ilustrada", 11/2/1989, p. E-10.

Cacilda Becker, estrela e atriz (originalmente: “Cacilda Becker, estrela e atriz, morria há 20 anos”). “Ilustrada”, 14/6/1989, p. E-3.

O *Pasquim*, Collor, Brasília. “Ilustrada”, 17/6/1989, p. E-12.

Cinema à moda da casa. “Ilustrada”, 18/6/1989, p. E-12.

Que droga. “Folha d’”, 13/8/1989, pp. 4-5.

É hora de revisar (trecho). “Ilustrada”, 21/9/1989, p. F-14.

A grande tonteria. “Ilustrada”, 23/11/1989, p. F-14.

Patrulhas do Lula. “Ilustrada”, 30/11/1989, p. F-16.

Lula lá lá é o fim. “Ilustrada”, 16/12/1989, p. F-10.

Collor de Mello (trecho de “Diário da corte”). “Ilustrada”, 27/1/1990, p. E-10.

Lamúrias da galeria (trecho de “Lamúrias da galeria e *glasnost*”). “Ilustrada”, 3/2/1990, p. E-10.

Um canalha menor (trecho de “Pobres-diabos, como nós”). “Ilustrada”, 22/2/1990, p. E-3.

Um episódio melancólico. “Política”, 25/2/1990, p. A-6.

Diário da corte. “Ilustrada”, 5/5/1990, p. E-12.

Monólogo interior. “Ilustrada”, 30/8/1990, p. E-16.

Um dia em Noviorque. “Ilustrada”, 29/9/1990, p. F-3.

Copyright © 2012 Três Estrelas - selo editorial da Empresa Folha da Manhã S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Empresa Folha da Manhã S.A., detentora do selo editorial Três Estrelas.

EDITOR Alcino Leite Neto

EDITORAS-ASSISTENTES Rita Palmeira e Mell Brites

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA Mariana Metidieri

PRODUÇÃO GRÁFICA Íris Polachini

CAPA Flávia Castanheira

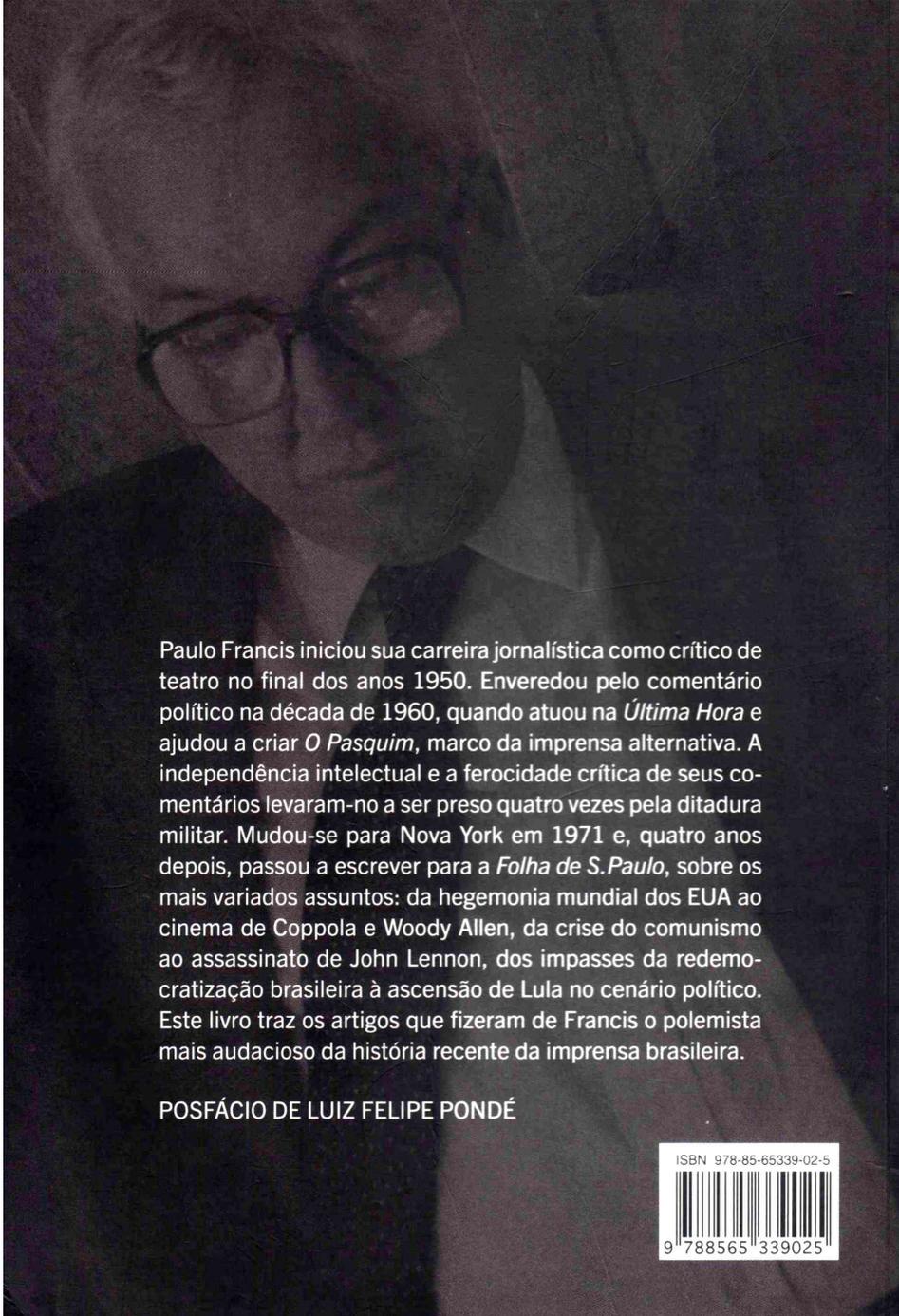
FOTO DA CAPA Derly Marques/Folhapress

PROJETO GRÁFICO DO MIOLO Mayumi Okuyama

PREPARAÇÃO Mareia Menin

REVISÃO Luís Curro

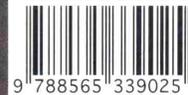
ÍNDICE REMISSIVO Cacá Mattos



Paulo Francis iniciou sua carreira jornalística como crítico de teatro no final dos anos 1950. Enveredou pelo comentário político na década de 1960, quando atuou na *Última Hora* e ajudou a criar *O Pasquim*, marco da imprensa alternativa. A independência intelectual e a ferocidade crítica de seus comentários levaram-no a ser preso quatro vezes pela ditadura militar. Mudou-se para Nova York em 1971 e, quatro anos depois, passou a escrever para a *Folha de S. Paulo*, sobre os mais variados assuntos: da hegemonia mundial dos EUA ao cinema de Coppola e Woody Allen, da crise do comunismo ao assassinato de John Lennon, dos impasses da redemocratização brasileira à ascensão de Lula no cenário político. Este livro traz os artigos que fizeram de Francis o polemista mais audacioso da história recente da imprensa brasileira.

POSFÁCIO DE LUIZ FELIPE PONDÉ

ISBN 978-85-65339-02-5



9 788565 339025

- {1}. *Todos os homens do presidente* (1976), dirigido por Alan J. Pakula.
- {2}. Bernstein, Cari; Woodward, Bob. *Os últimos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- {3}. *Kennedy's Children* (1973), de Robert Patrick.
- {4}. *Noivo neurótico, noiva nervosa* (1977).
- {5}. *O dorminhoco* (*Sleeper*, 1977); *A última noite de Boris Grushenko* (*Love and Death*, 1975).
- {6}. A polêmica foi causada pelo filme *Di* (1976), em que o cineasta registrou o velório de Di Cavalcanti. Vencedor do Prêmio Especial do Júri para curta-metragem em 1977, o filme foi proibido no Brasil, a pedido da família do pintor, [N.O.]
- {7}. Refere-se ao lançamento de *Tieta do Agreste* (1977) pela editora Record.
- {8}. “Contra o elitismo”, *Veja*, 17/8/1977.
- {9}. “Com mão de mestre”, *Veja*, 17/8/1977.
- {10}. *Opinião pessoal: cultura e política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- {11}. *Júlia*, dirigido por Fred Zinnemann; *Momento de decisão*, dirigido por Herbert Ross; e *Noivo neurótico, noiva nervosa*, dirigido por Woody Allen, todos de 1977.
- {12}. *A violentada* (1976), dirigido por Lamont Johnson.
- {13}. *Retrato de um casamento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- {14}. Tradução literal de *The Deer Hunter* (1978), lançado no Brasil como *O franco-atirador*.
- {15}. *A grande ilusão* (1937).
- {16}. *O poderoso chefão 2* (1974).
- {17}. “Os homens ocios” (1925). In: Eliot, T. S. *Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- {18}. *Coração das trevas* (1902), de Joseph Conrad. Há várias edições disponíveis no país.
- {19}. Em 1968, a ofensiva do Tet, iniciada no ano novo lunar (Tet) do Vietnã, foi uma campanha militar vietnamita que surpreendeu as forças americanas. Apesar de contida, mudou a percepção da guerra na opinião pública dos eua. [N.O.]
- {20}. Francis se refere a uma resenha de Merquior publicada no *Jornal do Brasil* duas semanas antes, sobre a coletânea *Achados e Perdidos* (1979), do crítico literário Davi Arrigucci Jr. No livro, Arrigucci analisa o romance *Cabeça de papel* (1977), em transcrição do debate “Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente”, [N.O.]
- {21}. *No Brasil, Pretty Baby - Menina bonita* (1978).
- {22}. Ibad (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), fundado em 1959, e Ipes (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), criado em 1961, eram organizações anticomunistas que

reuniam empresários e intelectuais e tiveram maior atuação política durante o governo João Goulart, [N.O.]

{23}. Jayme Maurício foi crítico de arte do *Correio da Manhã*, a partir dos anos 1950, e Áureo Nonato, secretário do Teatro do Estudante do Brasil, no final dos anos 1940. [N.O.]

{24}. “Uma praga sobre seus três instrumentos”, ecoando Mercutio, em *Romeu e Julieta*, “Uma praga sobre suas duas casas”. [N.O.]

{25}. “O crepúsculo dos deuses”, quarta parte da tetralogia *O anel do nibelungo*, de Wagner.

{26}. *O bebê de Rosemary* (1968).

{27}. Canção de Mick Jagger e Keith Richards do álbum *Their Satanic Majesties Request* (1967).

{28}. Primeira banda de John Lennon, com nome inspirado em sua escola, Quarry Bank High School. [N.O.]

{29}. “Helter Skelter”, canção de Paul McCartney/John Lennon, do disco *The Beatles* (1968), também conhecido como *The White Album*.

{30}. O cardeal dom Hélder Câmara, lembrado no Rio como padre Hélder, foi inspiração para o “padre de passeata” das crônicas de Nelson Rodrigues, [N.O.]

{31}. United Press International, agência de notícias, [N.O.]

{32}. *The Thirties: From Notebooks and Diaries of the Period* (primeira edição em 1975).

{33}. Robert White era embaixador em El Salvador em 1981, quando foi dispensado depois de criticar o governo e os militares salvadorenos pela repressão, no início da guerra civil, [N.O.]

{34}. Apelido da cantora Wanderléa. [N.O.]

{35}. Em 1980, Lula comandou uma greve na região do ABC, em São Paulo, e permaneceu preso no Departamento de Ordem Política e Social (Dops) por 31 dias, de 19 de abril a 20 de maio. No ano seguinte, foi condenado pela Justiça Militar, por incitação à desordem, mas recorreu e foi absolvido, [N.O.]

{36}. Glauber Rocha havia morrido em 22 de agosto de 1981. [N.O.]

{37}. Raimundo Wanderley, Dico, foi um dos produtores de Terra **em transe**, [N.O.]

{38}. Anecy Rocha, que atuou em filmes como *O amuleto de Ogum*, de Nelson Pereira dos Santos, morreu aos 34 anos ao cair no fosso de um elevador, em 1977. [N.O.]

{39}. *O centauro*. Rio de Janeiro: Record, 1974.

{40}. *Casais trocados*. São Paulo: Círculo do livro, 1970.

{41}. *Rabbit is Rich* (1981) foi publicado no Brasil como *O coelho está rico* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982) e depois como *Coelho cresce* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992). Os outros livros da tetralogia sobre o personagem Harry Angstrom, ou

“Rabbit”, são *Rabbit, Run* (1960), *Rabbit Redux* (1971) e *Rabbit at Rest* (1990), respectivamente *Coelho corre*, *Coelho em crise* e *Coelho cai*, todos lançados em 1992 pela Companhia das Letras.

{42}. *O golpe*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

{43}. “O nadador”. In: *28 contos de John Cheever*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

{44}. *O complexo de Portnoy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

{45}. O compositor participou de uma entrevista com Mick Jagger no programa *Conexão internacional*, conduzido pelo jornalista Roberto D’Ávila. [N.O.]

{46}. A jornalista Ellen Willis (1941-2006) foi a primeira crítica de música da revista *The New Yorker*, mantendo sua coluna “Rock, etc.” entre 1968 e 1975. Foi também colaboradora de *Rolling Stone*, de *Village Voice*, entre outras revistas, e publicou diversos livros, nenhum deles lançado no Brasil, [N.O.]

{47}. *O afeto que se encerra*, livro de Francis publicado em 1980 pela Civilização Brasileira.

{48}. *Tender is the Night* (1934), de F. Scott Fitzgerald; no Brasil, *Suave é a noite* (Rio de Janeiro: Casa Jorge, 2001).

{49}. *Long Day’s Journey Into Night* (1956), peça também traduzida como *Longa jornada noite adentro* (São Paulo: Peixoto Neto, 2004).

{50}. *Por um fio* (Rio de Janeiro: Bloch, 1967); *Agarre a vida* (Rio de Janeiro: Rocco, 1986).

{51}. *Animal Farm: A Fairy Story*; no Brasil, *A revolução dos bichos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

{52}. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

{53}. Escrito por Raymond Radiguet em 1923. A tradução a que Francis se refere foi publicada como *O diabo no corpo*, em 1957, pela Difusão Europeia do Livro, e republicada, em 1985, na coleção “Grandes escritores” da Abril Cultural. Há também uma tradução de Maria Ignez Duque Estrada: *Com O diabo no corpo; O baile do Conde d’Orgel* (Rio de Janeiro: Contraponto, 1995).

{54}. *O caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

{55}. *John Maynard Keynes: Hopes Betrayed, 1883-1920* (1983).

{56}. A revista *Playboy* publicara uma condensação da peça *Jango*, escrita por Glauber Rocha pouco antes de morrer. Na peça, em torno de João Goulart, no exílio, desfilam ídolos brasileiros, “na batucada de um sambomba”. [N.O.]

{57}. O grupo Sorbonne reunia oficiais que haviam sido professores ou estagiários da Escola Superior de Guerra, como Cordeiro de Farias, Lyra Tavares, Ernesto Geisel e

Golbery do Couto e Silva. Era mais moderado do que o grupo “linha dura” de Costa e Silva, que sucedeu Castello Branco, [N.O.]

{58}. *Criação* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006); *Duluth* (Rio de Janeiro: Rocco, 1987); e *Lincoln* (Rio de Janeiro: Rocco, 1986).

{59}. *Myra: homem e mulher... até certo ponto*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

{60}. *Juliano*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

{61}. *Kalki*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

{62}. Francis se refere à tradução de 1966, publicada pela Nova Fronteira. Há também a tradução de Sergio Flaksman, lançada em 2003 pela Companhia das Letras.

{63}. *Other Voices, Other Rooms* (1948).

{64}. *Bonequinha de luxo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

{65}. *The Berlin Stories* (1945) reúne duas novelas publicadas separadamente no Brasil: *Adeus a Berlim* e *Os destinos do sr. Norris* - ambas lançadas pela Brasiliense em 1985.

{66}. *Cabaret* (1972), dirigido por Bob Fosse.

{67}. *A harpa de erva*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

{68}. *House of fbwers* (1951), antes de se tornar peça de teatro, foi lançada como narrativa breve, incluída em *Breakfast at Tiffany's*; no Brasil, “Uma casa de flores”, em *Bonequinha de luxo*, op. cit.

{69}. *A canção do carrasco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

{70}. Lançado no Brasil como *Os exércitos da noite - Os degraus do Pentágono* (Rio de Janeiro: Record, 1968).

{71}. Lançado no Brasil, com o mesmo título, pela L&PM em 1987.

{72}. *Music for Chameleons* (1980); no Brasil, foi publicado pela Companhia das Letras, em 2006.

{73}. O livro *Answered Prayers* foi publicado postumamente nos Estados Unidos. O ensaio “La côte basque” faz parte do volume.

{74}. *O grande Gatsby*. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

{75}. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

{76}. Em 28 de junho de 1969, homossexuais que frequentavam o bar The Stonewall Inn, no Village, reagiram violentamente a uma batida policial. O acontecimento marca o início do movimento pelos direitos dos homossexuais. As primeiras paradas gays ocorreram um ano depois, em 28 de junho de 1970, em Nova York, Los Angeles e Chicago, [N.O.]

{77}. *Death wish*, desejo de morte, é uma das expressões usadas em inglês para o conceito freudiano “instinto de morte”. É também o título de uma série de filmes com Charles Bronson, popular nos anos 1980, *Desejo de matar*, [N.O.]

{78}. *Judgment at Nuremberg* (1961), dirigido por Stanley Kramer.

- {79}. *The Pisan Cantos* (1948); no Brasil, “Os cantos pisanos”. In: *Os cantos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- {80}. “La fraisine” (1909). In: *Personae: Collected Shorter Poems* (1926).
- {81}. Na tradução de Ivan Junqueira, “A terra desolada”. In: Eliot, T. S. *Obra completa: poesia*. São Paulo: Arx, 2004.
- {82}. *Os cantos*, op. cit.
- {83}. Pound, Ezra. *Poesia*. São Paulo/ Brasília: Hucitec/ Editora da UnB, 1983.
- {84}. “Hugh Selwyn Mauberley”. In: Pound, Ezra. *Poesia*, op. cit.
- {85}. Idem, ibidem. 234
- {86}. Francis estreou na TV Globo, de início como colaborador, em 1981. [N.O.]
- {87}. Expressão que pode ser traduzida como “aceito crítica assim como critico”, [N.O.]
- {88}. *Diabo a quatro* (1933), dirigido por Leo McCarey.
- {89}. *Gremlins* (1984), dirigido por Joe Dante; *Goonies* (1985), dirigido por Richard Donner.
- {90}. *The Naked and The Dead* (1948); no Brasil, foi publicado pela Record, em 1976.
- {91}. *Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- {92}. *Memoirs of Hecate County*, lançado em 1946, foi banido até 1959; no Brasil, saiu pela Companhia das Letras, em 1999.
- {93}. *Axel's Castel: A Study of Imaginative Literature of 1870-1930* (1931); no Brasil, a edição mais recente saiu em 2004 pela Companhia das Letras.
- {94}. *The Triple Thinkers: Ten Essays on Literature* (1938); *The Triple Thinkers: Twelve Essays on Literary Subjects* (1948).
- {95}. *The Wound and The Bow: Seven Studies on Literature* (1941); no Brasil, publicado como *Raízes da criação literária* (Rio de Janeiro: Lidador, 1965).
- {96}. “The Apotheosis of Somerset Maugham”. In: *Classics and Commercials: A Literary Chronicle of the Forties* (1950).
- {97}. *Memórias de Brideshead*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- {98}. *The Dead Sea Scrolls 1947-1969* (1955); no Brasil, foi publicado pela Companhia das Letras como *Os manuscritos do mar Morto 1947-1969*, em 1993.
- {99}. *O Canada: An American's Notes on Canadian Culture* (1963).
- {100}. *Apologies to the Iroquois* (1960).
- {101}. *Dize-me com quem andas* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967). Paulo Francis assinou a orelha do livro.
- {102}. *The American Earthquake: A Chronicle of the Roaring Twenties, the Great Depression, and the Down of the New Deal* (1958).

- {103}. Na tradução brasileira, “poeta das mercadorias” (*poet of commodities*).
- {104}. O jornalista Cláudio Abramo havia morrido em 14 de agosto de 1987, aos 64 anos. [N.O.]
- {105}. *O retrato*. Rio de Janeiro: Globo. 1962.
- {106}. O romance *Giant* (1952) foi lançado no Brasil como *Gigante* (São Paulo: Mérito, 1954); o filme *Assim caminha a humanidade*, de George Stevens, é de 1956.
- {107}. A peça teatral *The Petrified Forest* (1935) foi adaptada para o cinema em 1936, com direção de Archie Mayo.
- {108}. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- {109}. *Da próxima vez, ofogo: o racismo nos EUA*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1967.
- {110}. *O destino da Terra*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- {111}. *À margem da vida*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.
- {112}. *Freud: A Life For Our Time* (1988); no Brasil, foi publicado pela Companhia das Letras, em 1989.
- {113}. Karl Popper, filósofo austríaco naturalizado britânico, morreu em 1994. [N.O.]
- {114}. *O mal-estar na civilização* (1930); no Brasil, a edição mais recente é a publicada em 2010 pela Companhia das Letras (*Obras completas*, v. 18).
- {115}. *Damn! A Book of Calumny* (1918); no Brasil, foi publicado pela Companhia das Letras, em 1988.
- {116}. *Rua principal*. Porto Alegre: Globo, 1948.
- {117}. *Prejudices: The Complete Series* (2010).
- {118}. “No meio do caminho”. In: *Alguma poesia* (1930).
- {119}. Francis se refere à tradução literal do título do livro de Julien Benda de 1927. Na edição atual, *A traição dos intelectuais* (São Paulo: Peixoto Neto, 2007).
- {120}. *The Glass Menagerie*; no Brasil, *À margem da vida*, *op. cit.*
- {121}. *The American Language* (1919).
- {122}. *The Graduate* (1967).
- {123}. *Who’s Afraid of Virginia Woolf?* (1966).
- {124}. *Aids and its metaphors* (1988); no Brasil, foi publicado pela Companhia das Letras, em 1989.
- {125}. William-Adolphe Bouguereau (1825-1905) foi um pintor francês, [N.O.]
- {126}. *Illness as Metaphor* (1978); no Brasil, *A doença como metáfora* (Rio de Janeiro: Graal, 1984). Os dois ensaios foram depois reunidos em um só volume: *Doença como metáfora/ Aids e suas metáforas* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2007).

{127}. Incluído em *Styles of Radical Will* (1969); no Brasil, *A vontade radical: estilos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987).

{128}. Francis se refere à montagem de Ziembinski: *Pega fogo* (1950).

{129}. *Tarde demais* (1949), dirigido por William Wyler.

130 *Long Day's Journey Into Night* (1956), peça também traduzida como *Longa jornada noite adentro* (ver nota 49).

{131}. O romance de Dinah Silveira de Queiroz é de 1939. O filme a que Francis se refere é de 1953 e foi dirigido por Luciano Salce. [N.O.]

{132}. “Foi divertido enquanto durou.” [N.O.]

{133}. Bruno Zevi, historiador da arquitetura, esteve no Brasil em setembro de 1959 para o Congresso Internacional de Críticos de Arte, quando fez críticas severas ao projeto de construção de Brasília, [N.O.]

{134}. Francis usava a expressão, referência à múmia de Tutancâmon, para sublinhar a idade do líder do PMDB, Ulysses Guimarães, [N.O.]

{135}. “Poesia não faz nada acontecer.” Ver: “In memory of W. B. Yeats”. In: *Another time* (1940).

{136}. *The Origins of Totalitarianism* (1951); no Brasil, saiu pela Companhia das Letras em 1989.

{137}. Em 1989, um funcionário da construtora Lubeca disse ter pago a Luiz Eduardo Greenhalgh, então vice e secretário da prefeita Luiza Erundina, pela aprovação de um projeto. O dinheiro seria destinado à campanha de Lula. Embora o caso tenha sido arquivado, o vice-prefeito foi afastado da secretaria, [N.O.]

{138}. Caio Túlio Costa, então *ombudsman* da *Folha de S.Paulo*, havia escrito em 26 de novembro de 1989 que “não se deve cobrar jornalismo” de Francis. Em suas colunas, argumentava, ele seria “mais o Francis Accionista”, que “chuta alguns dados”, [N.O.]

{139}. Artigo de Orwell publicado em *Inside the Whale and Other Essays* (1940); no Brasil, *Dentro da baleia e outros ensaios* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

{140}. Francis havia escrito em 23 de novembro de 1989 que Lula colocaria o Brasil no nível da Nicarágua (ver “A grande tonteria”). No dia seguinte, o petista respondeu na *Folha de S.Paulo* que o jornalista “está há muito tempo vivendo em Nova York para falar” com propriedade sobre a campanha, [N.O.]

{141}. Houve uma mudança na pesquisa Perfil do Leitor, daí não se poder afirmar que tenha havido queda no percentual de leitura. Em 1985, eram apresentados nomes aos entrevistados. Em 1989, a resposta passou a ser espontânea, [N.O.]

{142}. O filme *The Bonfire of The Vanities* (1990), dirigido por Brian De Palma, baseia-se no livro homônimo de Tom Wolfe, de 1987.

{143}. *A valquíria*, ópera de Richard Wagner.

{144}. “Afterlives: The Case of Machado de Assis” [“Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis”], *The New Yorker*, 7/5/1990, depois incluído no livro de ensaios de Sontag *Where The Stress Falls* (2001); no Brasil, *Questão de ênfase* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

{145}. *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman (1759-1767)*, de Laurence Sterne; no Brasil, *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998).

{146}. *Voyage autour de ma chambre* (1795), de Xavier de Maistre; no Brasil, na tradução mais recente, *Memórias em volta do meu quarto* (São Paulo: Hedra, 2009).

{147}. Francis refere-se aos contos “Noite de almirante” e “Missa do galo”, respectivamente.

[N.O.]

{148}. O mesmo que “bajulou.” [N.O.]

{149}. O livro de Roberto Schwarz, lançado em 1977, é *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000) e o livro de James Boswell é *Life of Samuel Johnson*, publicado em 1791.

{150}. *A ascensão do romance: Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

{151} *Cabeça de papel* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977); *Cabeça de negro* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979). Ambos foram reeditados em 2002 pela editora Francis.

{152}. *Carne viva*, o terceiro volume da trilogia iniciada por *Cabeça de papel* e *Cabeça de negro*, só foi publicado postumamente, em 2008, pela editora Francis.

{153}. “Depois de mim, o dilúvio.” [N.O.]

{154}. *Intriga internacional* (1959).

^{155} Lygia Marina de Moraes, mulher de Fernando Sabino. [N.O.]